

CARINA FIOR POSTINGHER BALZAN

CARL WINTER: UM ALEMÃO EM SANTA FÉ

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul. Linha de pesquisa: Literatura e Cultura Regional.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves

Caxias do Sul
2008

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Cássio, pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves, a quem muito admiro, por ter guiado minhas idéias com sabedoria e paciência.

Aos demais professores do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, pela colaboração e incentivo durante todo o processo de construção da dissertação.

Aos colegas de aula, principalmente à Lisiane Delai, Cinara Fontana Triches, Karina Lucena e Antonio Evaristo Zanchin de Campos, pelas divertidas conversas nos intervalos e pela amizade, que será para a vida inteira.

À Ariela, pela dedicação e simpatia com que atende a todos.

À minha família, pela confiança sempre depositada.

EPIGRAFE

Somente aos olhos de outra cultura que a cultura alheia se manifesta completa e profundamente.

Mikhail Bakhtin

RESUMO

Esta dissertação investiga a representação do imigrante alemão no Rio Grande do Sul em *O Continente* (1949), de Erico Verissimo. Para tanto, analisa os recursos narrativos empregados pelo escritor na construção da personagem imaginária e aborda a importância do texto literário ao propor uma perspectiva do processo histórico. A pesquisa apresenta uma discussão interdisciplinar da questão História e Literatura, admitindo contribuições teóricas da Sociologia e da Antropologia.

PALAVRAS-CHAVE:

Erico Verissimo; *O Tempo e o Vento*; Carl Winter; personagem imaginária; História e Literatura; imigração alemã no Rio Grande do Sul

ABSTRACT

This study investigates the representation of the German immigrant in Rio Grande do Sul in *O Continente* (1949), by Erico Verissimo. For that, analyses the narrative resources used by the writer in the construction the imaginary personage and approaches the importance of the literal text to propose a perspective of historical process. The research presents a interdisciplinary discussion of question History and Literature, admitting theoretician contributions of Sociology and Anthropology.

KEY-WORDS:

Erico Verissimo: *O Tempo e o Vento*; Carl Winter; imaginary personage; History and Literature; German immigration in Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O IMIGRANTE ALEMÃO NO RIO GRANDE DO SUL	13
1.1 Breve histórico da imigração alemã no Rio Grande do Sul	13
1.2 O perfil do imigrante alemão	25
1.3 Contextualização da personagem Carl Winter no panorama da imigração	37
2 A PERSONAGEM CARL WINTER NA NARRATIVA DE <i>O TEMPO E O VENTO</i>	42
2.1 A personagem	42
2.2 O fundamento histórico	45
2.3 A biografia imaginária	48
2.4 A formação	53
2.5 O estrangeiro cruza a fronteira	76
2.6 Carl Winter no mapa social/humano de Santa Fé	84
2.7 A expressão do pensamento	91
2.7.1 Os diários	92
2.7.2 A correspondência	94
2.7.3 Discurso direto e discurso indireto livre	104
2.8 A questão da verossimilhança	110
3 O OLHAR DO FORASTEIRO	116
3.1 “Uma sociedade tosca e carnívora”	116
3.2 Destruição e preservação	143
3.3 Admiração e rejeição	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS: HISTÓRIA E LITERATURA	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	185

INTRODUÇÃO

Adentrar no âmago de uma personagem literária e tentar desvendar-lhe as minúcias não constitui uma tarefa simples. Primeiramente porque a personagem é um ser fictício, um ser criado, baseado ou não em um modelo real. Em seguida, há a questão do criador, o escritor, que concebe a personagem atribuindo-lhe certas características pré-definidas, de acordo com a função que lhe será estabelecida dentro da estrutura narrativa. Isso significa que a dimensão das personagens não é ditada unicamente pela capacidade de análise e interpretação do leitor. Dependendo das intenções e, principalmente, de sua perícia, o escritor vai manipular o discurso, construindo essas criaturas, que, depois de prontas, fogem ao seu domínio e permanecem no mundo das palavras à disposição das interpretações que esse discurso possibilita aos incontáveis leitores. Sendo assim, aventurar-se no mundo de um ser fictício requer uma cuidadosa interpretação dos recursos utilizados pelo escritor para construir a personagem de modo que ela cause uma impressão de verdade, atentando para as pistas fornecidas pelo texto literário, único dado concreto para a análise.

Beth Brait (1999) já dizia que, ao lembrarmos de personagens ao longo da tradição literária, algumas nos tocam de tal forma que temos a impressão de terem existido numa dimensão que as torna imortais e capazes de falar eternamente das possibilidades da existência humana. E, quando nos deparamos com essas personagens, reportamo-nos necessariamente ao poder de caracterização de seus criadores. Através deles, segundo a autora, chegam-nos personagens cuja consistência aponta para uma escritura que, espelhando os movimentos da realidade, cria e impõe seus próprios movimentos. Assim, a sensibilidade do escritor, a sua capacidade de observar o mundo e captar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realiza-se na articulação verbal.

É mediante o uso da linguagem que o escritor dá vida ao ser fictício, articulando seus movimentos e pensamentos, caracterizando seu modo de ser, definindo sua visão do mundo. A personagem, ser de linguagem, somente realiza a passagem do texto literário à vida, no momento em que sua existência se concretiza na mente dos leitores. E tanto mais ela dará a impressão de um ser real quanto maior for a capacidade de caracterização do escritor.

Assim como os seres humanos, as personagens são caracterizadas física e psicologicamente, são envolvidas pela engrenagem dos acontecimentos, vivenciam as mais diversas situações, deixando transparecer sentimentos como amor, ódio, compaixão, saudade, desprezo, vingança, alegria, melancolia.

Antonio Candido (1998) explica que as personagens encontram-se integradas num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes precisam decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações limites em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos.

Nesse sentido, a obra literária é o único lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações similares as da existência real. Segundo o autor:

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude de sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (CANDIDO, 1998, p.48).

Por meio das personagens o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permitiria viver. Ele envolve-se com a personagem, comove-se com ela, chora com seu sofrimento e se alegra com seu triunfo, projeta nela suas expectativas e desejos mais recônditos.

Ao lembrarmos de personagens que marcaram a literatura rio-grandense, algumas configuram-se em nossa imaginação como se realmente tivessem existido; é o caso de Ana Terra, de um certo Cap. Rodrigo Cambará, de Bibiana, Rodrigo Terra Cambará, Floriano, protagonistas da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo. Tamanha é a força de caracterização dessas personagens que a obra do escritor gaúcho tornou-se um campo profícuo tanto para os estudos literários quanto para os estudos sobre cultura regional.

O Tempo e o Vento, por ser um romance histórico, representa a formação e o povoamento do Rio Grande do Sul num período compreendido entre 1745 e 1945. Nessa obra, a história individual das personagens, cada uma em sua época, se desenrola ao mesmo tempo em que é narrada a História do Rio Grande do Sul, com suas guerras e revoluções. Assim, ficção e realidade se entrelaçam para compor o projeto de Erico Verissimo de interpretar a História da Província de São Pedro, na tentativa de desmistificá-la.

Nesse processo, o escritor denuncia a decadência e a falência do sistema oligárquico e patriarcal da sociedade gaúcha, baseado no binômio: grandes latifundiários e estancieiros *versus* escravos, peões e assalariados, sucessivamente. Através de uma multiplicidade de vozes narrativas e da justaposição de grupos dominantes e setores marginalizados, Erico Verissimo cria uma tensão entre elementos contrastantes: masculino/feminino; poder/rebeldia; ricos/pobres. Esses contrastes, que ocorrem tanto no nível de conflitos individuais quanto no nível histórico através das gerações, servem para desmistificar a “grandeza” no conjunto sócio-econômico rio-grandense que perdurou até meados do século XX. Assim, a presença de personagens mais humildes na narrativa subverte, pela miséria permanente da sua condição, os momentos de suposta grandeza das camadas hegemônicas.

Dentro do grupo de personagens que contrastam com os representantes do patriarcalismo rio-grandense estão os imigrantes açorianos, alemães e italianos, cuja trajetória na narrativa reflete sua importância para a formação e constituição da sociedade gaúcha. Nesse sentido, surge a necessidade de se realizar um estudo mais aprofundado sobre essas personagens, que não são classificadas como protagonistas da narrativa, mas sem as quais não seria possível a análise crítica do Rio Grande do Sul, proposta por Erico Verissimo.

Visto que a maioria dos estudos sobre a obra do escritor gaúcho se detém na análise dos protagonistas, pretendemos, nesta dissertação, analisar o processo de construção da personagem Carl Winter, um elemento crucial entre os imigrantes alemães, presente no romance *O Continente*, primeira parte da trilogia. Dessa forma, evitamos abordar questões já bastante esmiuçadas, o que tornaria o trabalho redundante, e direcionamos nosso olhar para uma temática até então pouco explorada dentro dos estudos sobre *O Tempo e o Vento*.

Dentre a galeria de personagens criadas por Erico Verissimo, o Dr. Carl Winter merece uma atenção especial. Através dos comentários dessa personagem, um estrangeiro de cultura européia, Erico Verissimo encontra uma forma de comentar o âmbito cultural dos moradores de Santa Fé e, freqüentemente, criticar os mitos mantidos pelas forças dominantes da sociedade gaúcha.

Atendendo aos requisitos do Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, da Universidade de Caxias do Sul, nossa pesquisa segue a linha dos estudos literários e necessita de um quadro teórico baseado na Teoria da Literatura. No entanto, a questão que analisamos torna-se um pouco mais complexa: Carl Winter é representante de uma temática histórica, a imigração alemã no Rio Grande do Sul, e observa a sociedade gaúcha com base em outra cultura, a européia, o que nos incita a buscar auxílio teórico em disciplinas como a História, a Antropologia e a Sociologia, configurando o caráter interdisciplinar desta investigação.

Assim, pela ausência de uma teoria norteadora única, a dissertação em forma de ensaio crítico permite um diálogo entre as diversas disciplinas que contribuíram para a análise da construção da personagem em questão. Além do mais, pela análise da personagem Carl Winter, evidencia-se o poder do texto literário de iluminar os estudos culturais, já que também trabalha com representações da humanidade. Para uma melhor organização de nosso estudo, dividimos o trabalho em três grandes capítulos, subdivididos em itens.

Intentamos, primeiramente, esboçar um panorama da imigração alemã no Rio Grande Sul, a fim de entender suas causas e conseqüências para o Estado, bem como traçar o perfil dos imigrantes que deixaram a terra natal para iniciar uma nova vida no Brasil. Dessa maneira, entendendo o fato histórico pudemos relacionar a personagem Carl Winter a essa temática, verificando em que medida ela corresponde ao perfil dos imigrantes alemães que se estabeleceram no Rio Grande do Sul. Nessa primeira parte, a História ofereceu-nos os subsídios teóricos, principalmente através dos estudos de Jean Roche (1969).

O segundo capítulo é destinado à análise dos recursos narrativos empregados por Erico Verissimo na construção da personagem Carl Winter. Nessa parte, com base na Teoria da Literatura, verificamos como o escritor caracteriza a personagem através de dados biográficos, perfil físico, formação intelectual e cultural, participação no enredo de *O Continente*, relação com as demais personagens e meios empregados para expressar seus pensamentos, como diários, correspondências, discursos direto e indireto livre, atentando à contribuição desses recursos para a questão da verossimilhança da personagem e da narrativa. Sendo Carl Winter representante de uma temática histórica e proveniente de uma outra cultura, neste capítulo contamos com a contribuição de teóricos da Antropologia e da Sociologia.

No terceiro capítulo dedicamo-nos à análise das observações que a personagem, munida de uma formação intelectual e cultural, realiza da sociedade rio-grandense. Carl Winter observa a sociedade rio-grandense de “fora para dentro” e revela aspectos da cultura local impossíveis de serem percebidos por alguém que está no interior dela. Ele analisa de forma crítica o papel dos homens e das mulheres na formação do Rio Grande do Sul, a questão das guerras, do analfabetismo, do isolamento em que se encontrava a região sul em relação ao centro do país. Mais uma vez, aqui, recorreremos à complementação teórica das disciplinas auxiliares.

A parte final destina-se a uma reflexão, baseada na personagem analisada, sobre a relação entre História e Literatura, apontando a diferença entre as duas, mas ressaltando a contribuição que ambas podem prestar aos estudos culturais. Apontamos a importância da

História para a Literatura, como fonte de inspiração para a criação literária, e a relevância do texto literário como forma de interpretação do evento histórico, podendo apresentar uma nova versão para o fato ou até mesmo desconstruir a versão do relato historiográfico.

A partir deste estudo, enfim, pudemos perceber que o interessante de um bom texto literário é que ele nunca está esgotado em sua plurissignificação. Mesmo adotando como objeto de análise uma das obras mais estudadas da literatura rio-grandense, *O Tempo e o Vento*, enfrentamos o desafio de lançar um novo olhar sobre suas personagens, revelando o Dr. Carl Winter como um elemento crucial dentro da estrutura narrativa, tirando-o do segundo plano e elevando-o à categoria de personagem principal, ao lado de Ana Terra, Capitão Rodrigo, Bibiana e Floriano Terra Cambará. Dessa forma, contribuímos para a fortuna crítica de Erico Verissimo bem como para os estudos culturais, já que relacionamos a personagem à formação histórica do Rio Grande do Sul.

1 O IMIGRANTE ALEMÃO NO RIO GRANDE DO SUL

1.1 Breve histórico da imigração alemã no Rio Grande do Sul

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo cria um grupo de personagens que servem para contrastar com a classe patriarcal gaúcha, composta pelos grandes estancieiros, detentores do poder econômico, político e social do Rio Grande do Sul. Dentre essas personagens encontra-se aquela que é objeto de estudo da presente dissertação de mestrado: o doutor Carl Winter, um imigrante alemão, que passa a residir em Santa Fé, território imaginário que constitui o cenário da narrativa de Erico Verissimo. Dessa forma, antes de iniciarmos a análise da personagem, faz-se necessário realizar um breve estudo sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul, a fim de facilitar a compreensão da organização social e da cultura que abriga Carl Winter.

Não pretendemos, contudo, realizar uma análise aprofundada sobre um tema tão complexo como o da imigração alemã, limitando este estudo a um breve histórico da imigração, suas causas e conseqüências para o Rio Grande do Sul, além de algumas referências a respeito da organização econômica e social das primeiras colônias formadas pelos cidadãos de origem germânica em nosso Estado.

A história da imigração de europeus para o Brasil inicia-se somente em princípios do século XIX. Até então, o povoamento brasileiro havia se realizado através da vinda espontânea de colonos brancos, em sua maioria portugueses, da importação de escravos e da incorporação de indígenas. Não havia, portanto, correntes imigratórias organizadas por uma política intencional do governo. Os poucos casos de imigração provocada por uma política oficial, ocorridos antes do século XIX, tiveram como objetivo povoar e ocupar regiões de valor estratégico, refutadas pela imigração espontânea, já que não eram propícias à produção de gêneros tropicais de grande valor comercial na época, como o açúcar e o café.

Esse povoamento aconteceu, por exemplo, nas zonas fronteiriças que estavam expostas à concorrência espanhola – Santa Catarina e Rio Grande do Sul – cuja posse a Metrópole pretendia assegurar. Essa região era muito disputada entre Portugal e Espanha, sobretudo porque a linha de Tordesilhas fixava como limite do domínio português Laguna, em Santa Catarina, ficando o sul praticamente sob o domínio espanhol. Mesmo depois da revogação deste Tratado, as hostilidades entre os dois países continuaram pela posse da terra.

A essa disputa acrescia-se o fato de estar o sul do país distante do núcleo político colonial e nacional, constituído por Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Distância que propiciava o isolamento dos grupos que aí viviam, fazendo com que tivessem uma vida política, social e econômica própria e relativamente estável, compartilhando inclusive seus interesses com os da vizinha região do Prata.

Para amenizar a independência do sul em relação ao centro do país, através da iniciativa do governo brasileiro, foram recrutados povoadores entre as camadas mais pobres da população portuguesa, facilitando-lhes a vinda através da concessão de grandes vantagens: pagamento do transporte, demarcação prévia das terras e fornecimento gratuito de instrumentos agrícolas, sementes, animais, etc.

Por outro lado, a organização social brasileira de princípios do século XIX quase não oferecia oportunidades à instalação de imigrantes europeus, os quais se defrontariam com a concorrência da mão-de-obra servil, com a inexistência de mercados internos e de equipamento industrial, com a ausência de meios de comunicação, com a penúria das terras devolutas. Dessa forma, como apontam Aldair Marli Lando e Eliane Cruxên Barros (1996, p.11), a questão da imigração européia para o Brasil está intimamente ligada ao problema da escravidão. O sistema escravista vigente no país consistia num sério obstáculo à expansão capitalista inglesa, já que nessa forma de trabalho o escravo era privado de poder aquisitivo, limitando a expansão do mercado. Sendo assim, tornava-se necessária a abolição da escravatura.

Defendendo seus interesses, a Inglaterra pressionou Portugal a comprometer-se em abolir o sistema de produção baseado na mão-de-obra escrava. Além do mais, a existência do regime de escravidão tornava-se um empecilho ao fluxo imigratório, o que se verifica nas leis do Governo Central ou das Províncias, onde havia certas medidas proibindo a coexistência de escravos e estrangeiros numa mesma colônia: “ A cada uma das Províncias do Império ficam concedidas no mesmo, ou em diferentes lugares de seu território, seis léguas de terras devolutas, as quais serão exclusivamente destinadas à colonização e não poderão ser roteadas por braços escravos”¹.

A necessidade de intensificação do povoamento nas zonas fronteiriças do sul do país, a estrutura montada pelo sistema de colonização oficial, concedendo vantagens à imigração estrangeira, ao lado da elaboração de leis favoráveis a este processo, a inexistência de concorrência entre a atividade que se desenvolvia no latifúndio e a que seria desenvolvida na

¹ Lei nº 514 de 28/10/1848, art.16. In: Coleção das Leis do Império. Tipografia Nacional, 1949, tomo 10, parte 1. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). *RS: Imigração e Colonização*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p.11.

pequena propriedade e a exigência de consumo dos centros urbanos, constituíram fortes fatores que impulsionaram o processo de imigração europeia ao Rio Grande do Sul, favorecida também pelo número reduzido de mão-de-obra escrava que ali se encontrava.

Dessa maneira, os imigrantes que se dirigiram ao Rio Grande do Sul foram atraídos por uma política governamental que pretendia, fixando-os a terra, formar colônias que produzissem gêneros necessários ao consumo interno. Além disso, localizadas próximas de um centro urbano, mas suficientemente distantes dos grandes latifúndios, as pequenas propriedades rurais não representariam uma ameaça à hegemonia política e econômica do patriarcalismo rio-grandense.

No entanto, Loraine Slomp Giron (2004, p.58), aponta ainda outro motivo, defendido pelos eugenistas, para o incentivo das correntes imigratórias ao Brasil. De acordo com ela, “a vinda da mão-de-obra europeia branca e livre deveria, em algumas dezenas de anos, branquear a população pela própria superioridade racial, ou seja, por meio da seleção natural”.

A compra de escravos africanos que serviu aos interesses da Inglaterra nos séculos XVI e XVII, bem como aos dos grandes latifundiários e donos de engenhos de açúcar do Brasil, aumentou o número de não-brancos que, somados aos indígenas, deixaram a raça branca em minoria. Dessa forma, a política de imigração e colonização adotada pelo Império, teria também a intenção de branquear progressivamente a população, formada pela intensa miscigenação de brancos, índios e negros, acreditando melhorar, assim, as condições da civilização nacional.

Já na Europa, conforme apontam Sílvio Aloysio Rockenbach e Hilda Agnes Hübner Flores (2004, p.11-12), vários acontecimentos no século XIX também favoreceram a emigração para o Brasil, como as guerras napoleônicas, os movimentos socialistas de 1848 e as guerras de unificação da Alemanha, em 1871, que causaram mortes, devastação de plantações e fome. Além disso, o serviço militar durava três anos ou mais, os impostos eram elevados, as famílias numerosas não mais sobreviviam com a agricultura, pois sucessivas divisões hereditárias transformaram as propriedades em frações de terras muito reduzidas, que também eram improdutivas pela contínua exploração. Ao mesmo tempo, o processo de industrialização, iniciado na Inglaterra no século XVIII e estendido ao centro da Europa, provocou profundas alterações na estrutura sócio-econômica, fazendo o camponês transferir-se para a cidade, onde passou à condição simples de operário, obrigado a trabalhar muitas horas por dia por um salário medíocre, vivendo em péssimas condições de saneamento.

Nesse contexto, a falta de empregos gerada pela criação de máquinas que substituíam o trabalho de dezenas de operários e a superpopulação tornaram-se fatores de grande

apreensão e fome, fazendo milhares de europeus deixarem a pátria em busca de uma vida melhor.

O ano de 1824 marca o início da imigração alemã no Rio Grande do Sul, com a chegada e instalação de trinta e oito imigrantes à Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual cidade de São Leopoldo, terras que eram propriedade da coroa, exploradas até então, sem sucesso, com mão-de-obra escrava. Sob ordem de D. Leopoldina, de origem germânica, esposa de D. Pedro I, coube ao major Jorge Antonio Schaeffer, a responsabilidade de recrutar agricultores alemães para as colônias do Estado, ocultando entre eles soldados para formar os batalhões estrangeiros contratados desde 1823 para defender a recém-formada Nação Brasileira das tropas portuguesas que, mesmo depois de proclamada a Independência, resistiam em retirar-se.

De posse de uma procuração que o nomeava “Agente de afazeres políticos do Brasil”, Schaeffer encontrou inicialmente grandes dificuldades em contratar soldados na Alemanha. A exportação de soldados era proibida, desde o Congresso de Viena em 1815, pois as grandes potências européias (Prússia, Inglaterra, Áustria e Rússia) temiam o surgimento de um outro “Napoleão” no mundo, e D. Pedro I, com a Independência do Brasil, fora considerado um usurpador do poder, um rebelde traidor do próprio pai.

Porém, enquanto que em alguns Estados alemães havia a proibição, em outros os cidadãos tinham direito à emigração, principalmente nos Estados da atual Renânia onde, pela proximidade com a França, a destruição provocada pela guerra havia sido maior e onde mais se fizeram sentir os efeitos do fim do feudalismo. Cerca de 50% dos imigrantes que chegaram ao Brasil eram provenientes dessa região, mais precisamente do Hunsrück, quadrilátero compreendido entre os rios Reno, Mosela, Nah e Saar.

Segundo Egídio Weissheimer (2007), para não chamar a atenção das autoridades, eram embarcados soldados disfarçados e imiscuídos entre famílias de camponeses. Para angariar os emigrantes, Schaeffer havia nomeado diversos subagentes na Alemanha encarregados de providenciar a documentação dos colonos e o transporte das suas localidades até o porto de embarque, em Hamburgo, onde eram submetidos à quarentena e ao exame da documentação, entre eles o “certificado de cidadania brasileira”, contendo a renúncia expressa da cidadania alemã. Essa medida tomada pelas autoridades alemãs impediria que emigrantes arrependidos voltassem à terra natal.

Embora o início da viagem significasse para os alemães a despedida definitiva da família e dos amigos, uma aventura marcada pelo medo de atravessar o Atlântico e aportar em uma terra desconhecida, por outro lado, representava também o abandono de uma pátria com

instabilidade institucional, democracia precária, explosão demográfica, recessão econômica e terras exauridas e improdutivas. Em cada uma das vinte e sete expedições que Schaeffer organizou entre 1824 e 1829, os imigrantes contavam com um “comandante de transporte” ou “chefe da expedição”, que zelava pela disciplina, pela higiene a bordo, bem como pelos direitos e deveres dos passageiros. Em cada navio havia um médico cirurgião, um farmacêutico e enfermeiros, encarregados de cuidar da saúde e da higiene, evitando a erupção de epidemias. Evidentemente ocorreram mortes nas viagens, mas estas foram decorrentes de causas diversas, e não devido à má alimentação ou à falta de higiene da embarcação ou dos passageiros.

De acordo com Jean Roche (1969, p.146)², para atraí-los mais facilmente, Schaeffer oferecia-lhes condições extremamente favoráveis: os colonos viajariam às custas do Governo Brasileiro, seriam logo naturalizados, teriam liberdade de culto, receberiam como livre propriedade 160.000 braças quadradas de terra (77 hectares) por família, e animais como cavalos, vacas, bois, etc., instrumentos agrícolas e sementes; durante um ano, receberiam uma ajuda, em moeda corrente, de um franco por cabeça, e de cinquenta cêntimos durante o segundo ano; seriam isentos de todo imposto e de toda prestação de serviço pelo espaço de dez anos. A única condição que lhes seria imposta era a inalienabilidade de suas terras por dez anos.

No entanto, nem todas as promessas foram cumpridas pelo governo brasileiro. A própria Constituição do Império opunha-se à concessão imediata e automática da nacionalidade brasileira e proclamava como religião do Estado a católica. Além disso, a concessão das terras permaneceu incerta e a ajuda financeira foi suprimida a partir de 1830.

Mesmo com o não cumprimento de todas as promessas feitas aos alemães para embarcá-los, estima-se em 48.037 o número de alemães ingressos no Brasil entre 1824 e 1914 (ROCHE, 1969, p.146). As dificuldades no novo país, as saudades da terra natal e as frustrações misturavam-se com alegrias e esperanças. A conquista da terra própria, o pequeno galpão, os primeiros animais, o galinheiro, o potreiro e o chiqueiro, alimentos no paiol e a casa melhorada, configuravam um sonho que lentamente se concretizava, anunciando o tão desejado futuro melhor.

Conforme Jean Roche (1969, p.94), a História administrativa da imigração e colonização alemã sofreu a influência da história política do Brasil e divide-se em duas fases:

² A fundamentação teórica desse fato histórico baseia-se principalmente na obra canônica de Jean Roche, *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* (1969). Devido ao fato dos demais estudiosos da imigração alemã também buscarem subsídios nessa obra pioneira, optou-se por pesquisar diretamente na fonte, justificando-se, assim, o constante emprego de citações de Jean Roche.

uma vai do começo da colonização até a queda do Império, outra corresponde à República. Contudo, cada uma dessas fases abrange diversos períodos, conforme as correntes da opinião pública e os projetos dos governos da Alemanha.

No primeiro período (1824-1847), o governo Imperial organizou e dirigiu a imigração; as colônias estavam baseadas em uma economia de subsistência, com a instalação e organização da produção, na qual havia a importação de manufaturados mínimos exigíveis e o recebimento de subsídios do governo para sustentação. No segundo período (1848-1874), a colonização passou a ser responsabilidade da Província, quando houve a criação de novas colônias alemãs. Com a distribuição de sementes e instrumentos, a agricultura de subsistência produziu excedentes comercializáveis em troca de alguns produtos necessários ao consumo dos colonos. Já o terceiro período (1874-1890) foi marcado pela frieza do governo local com respeito à colonização, assumida novamente pelo governo central. Houve uma redução significativa do fluxo de imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul, o que não impediu o surgimento de uma agricultura comercial especializada e a ampliação do mercado consumidor dos produtos coloniais que, até a fase anterior, se restringia a Porto Alegre e, a partir de então, atingiu o centro do país. No quarto período (1890-1914), a competência administrativa, em matéria de colonização, foi ainda disputada entre os governos central e local, que tinham concepções diferentes e cujos interesses divergiam. Esse período é caracterizado pelo rápido desenvolvimento dos núcleos coloniais herdados do Império ou fundados pelo Estado a partir de 1890. O quinto período (a partir de 1914) marca o fim da imigração européia oficial, inclusive a de alemães. O Governo Central passou a preocupar-se com a colonização, isto é, pretendia fixar o elemento humano a terra, aproveitar economicamente a região e elevar o nível de vida, de saúde, de instrução e de preparação técnica dos habitantes das zonas rurais.

Os imigrantes alemães que no século XIX entraram no Rio Grande do Sul contribuíram para aumentar o índice populacional, já que se instalaram sem intenção de retorno. O Estado acolheu, sobretudo, alemães originários de zonas rurais diferentes, de maneira que apresentavam grande variedade de tipos. Física e mentalmente, os imigrantes rurais apresentavam diferentes traços.

Por outro lado, também chegaram antigos cidadãos que possuíam técnicas mais avançadas ou tinham outra cultura e um mais vivo espírito empreendedor. Essa imigração de origem urbana reuniu artesãos e burgueses desejosos de deixar a Alemanha por motivos econômicos ou políticos. Conforme a origem e a data de partida, entre os imigrantes cidadãos houve diversidade de profissões, desigualdade de nível cultural e diferença de mentalidade. Chegados ao Rio Grande do Sul, a maioria custou a adaptar-se à vida rural, por isso, foram os

primeiros a desejar estabelecer-se nas cidades, logo após um estágio nas colônias agrícolas ou mesmo desde o desembarque. Nelas, foram os iniciadores do processo técnico, e sua função cresceu principalmente no final do século XIX, há muito tempo, porém, superada pela dos camponeses, ainda mais numerosos. De acordo com Jean Roche (1969, p.158-159):

desde a origem da colonização, existiu grande heterogeneidade dos elementos humanos. Certamente, fundiu-se por vezes, sob a influência dos grupos majoritários, mas provocou, com muito mais freqüência, aglutinação dos imigrantes que tinham a mesma religião; contribuiu, ainda, a limitar o raio de seu horizonte de vida e a conservar as tradições familiares ou regionais; fortaleceu a tendência à segregação, que a orientação essencialmente rural da colonização só favoreceu em demasia.

Seguindo essa mesma idéia, Carlos Fouquet (1974, p.69) aponta que se revela uma lenda dizer que o imigrante, em sua totalidade chegava pobre, só aqui fazendo fortuna. Havia pobres entre eles, mas também havia pessoas com boas condições financeiras ou até mesmo ricas. Essas, viajando em camarotes, traziam tudo consigo: implementos agrícolas, ferramentas para o ofício, louça para a cozinha, instrumentos, livros, dinheiro e móveis; e no local escolhido, continuavam a trabalhar da maneira como estavam acostumadas. Muitos desse grupo de imigrantes e seus descendentes com o tempo se tornaram influentes na vida econômica, políticos de relevo, funcionários públicos, militares, religiosos, cientistas e profissionais liberais.

Contudo, devido ao fato da maioria dos imigrantes terem se instalado nas zonas rurais, é que o Rio Grande do Sul deve o ressurgimento de sua agricultura. Os imigrantes alemães e seus descendentes corresponderam largamente ao desejo e à esperança da administração brasileira, que encorajara sua imigração para povoar as zonas até então abandonadas pelos luso-brasileiros, para explorá-las, desbravando-as e cultivando-as depois.

Entre 1824 e 1875, a agricultura foi a atividade característica exclusiva dos imigrantes alemães, inicialmente de subsistência, evoluindo com o passar dos anos e das gerações até representar, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, dois terços, pelo menos, da produção agrícola do Rio Grande do Sul. Dentre os produtos agrícolas essencialmente “alemães”, podemos encontrar aqueles que eram ou haviam sido cultivados no Rio Grande antes da chegada dos imigrantes, e que estes adotaram, e, depois, os que eles ali introduziram.

Entre os gêneros alimentícios, as culturas de subsistência foram a batata-inglesa, ao lado da batata-doce, cujo consumo permaneceu considerável entre os imigrantes e descendentes, originando-lhes inclusive o apelido de “alemão batata”, mas que não tinha nenhuma importância antes da vinda desses colonos. O feijão-preto, que era produzido pelos índios e que os alemães desenvolveram além das necessidades da população, alimentando os mercados do Rio Grande, do resto do Império e até do Rio do Prata. O milho, outro produto cultivado pelos índios, que os alemães adotaram e fizeram dele sua principal cultura, servindo para alimentar o gado, as aves e, moído, fornecia farinha para o pão. Podemos citar ainda outros produtos secundários como o trigo, o centeio, a cevada (para a fabricação da cerveja), a abóbora, o amendoim e o aipim.

Como principais produtos agrícolas das colônias alemãs, podemos mencionar as culturas industriais de cana-de-açúcar, base do açúcar bruto e do melaço, usado no café e na *schmier* (espécie de doce consistente composto de frutas e mandioca), na alimentação do gado, além de fornecer a aguardente; e o fumo, que foi cultivado pelos colonos desde a chegada destes e muito além de suas próprias necessidades, como atesta o fato de em 1832, já se instalarem pequenas fábricas de charutos em São Leopoldo e Porto Alegre.

Jean Roche (1969, p.357) afirma ainda que a agricultura dos imigrantes alemães teve caráter essencialmente pioneiro. Após o desmatamento da floresta, o solo ficou empobrecido, obrigando os descendentes das gerações seguintes a emigrar para novas zonas a desbravar ou, mais recentemente, para os centros urbanos. Contribuiu ainda para essa migração interna, o aumento da população devido à alta taxa de natalidade e a partilha da pequena propriedade rural entre os filhos. O autor explica que desde essa época implantou-se entre os alemães o hábito de comprar, pelo menos, um lote de terra para cada um dos filhos e, ao mesmo tempo, o de empregar as economias em aquisições de terras virgens, costume que contribuiu para manter a vocação agrícola, mas também para rarear o dinheiro líquido e reduzir as outras formas de investimentos.

Devido a isso, da antiga colônia de São Leopoldo, desmembraram-se mais de trinta municípios, situados nos vales do Rio Caí, entre eles Novo Hamburgo, Estância Velha, Sapiranga, Campo Bom, Dois Irmãos, Montenegro, São Sebastião do Caí, Ivoti, Porto Lucena, Santa Maria do Herval e Feliz. A Colônia Provincial de Nova Petrópolis, fundada em 1858, recebeu numerosos pedidos de concessão de terras, procedentes de filhos de imigrantes, jovens nascidos em São Leopoldo e desejosos de obter um lote para casarem e formarem suas famílias.

O raio das migrações aumentou atingindo também territórios mais distantes da sede, abandonados pelos luso-brasileiros, dando origem a novos povoamentos: na região litorânea (São Pedro e Três Forquilhas), na região de São Lourenço (Canguçu e Pelotas), na área do Rio Taquari (Estrela, Lajeado, Teutônia, Venâncio Aires, Taquari), na área do Rio Pardo (Santa Cruz), nas áreas do Planalto, nas áreas centrais do Estado (Ijuí, Não-Me-Toque e Panambi), na área do Alto Jacuí (Cruz Alta, Passo Fundo, Cachoeira do Sul), na área oeste, no Alto Uruguai (Santa Rosa e Três Passos).

O desenvolvimento das colônias, porém, não transcorreu de forma linear devido às constantes guerras e revoluções travadas no território rio-grandense. Quando tudo parecia transcorrer bem nas colônias, os imigrantes produzindo boas colheitas, cuidando da escola para os filhos, construindo templos, se comunicando em *hunsrückisch*, alheios à política, pois nunca tinham votado na Europa, nem tampouco reclamavam cidadania brasileira, jovens alemães foram surpreendidos pelos exércitos e recrutados a força, muitos sem nunca terem pegado em arma de fogo antes, as famílias foram obrigadas a entregar a produção agrícola, moradias e animais em favor de uma causa que nem sequer tinham conhecimento.

Cerca de três mil colonos foram envolvidos na Guerra dos Farrapos (1835-1845), dos quais poucos retornaram. São Leopoldo parou de produzir, ao menos até 1841, quando as lutas se deslocaram para a fronteira. Terminado o conflito, em 1846, a colônia de São Leopoldo foi elevada a município e os imigrantes receberam a cidadania brasileira prometida por Schaeffer na Europa. A meta, a partir de então, era iniciar a reconstrução, esquecer a guerra e retomar o ritmo de crescimento.

Durante a Guerra do Paraguai (1865-1870), novamente centenas de alemães e descendentes integraram o corpo “Voluntários da Pátria”, lutando contra o ditador paraguaio Solano Lopes, que desejava expandir seu território invadindo o Brasil.

Mais uma vez a riqueza das colônias alemãs chamaria a atenção, durante a Revolução Federalista (1893-1895), pela quantidade de animais, estoque de alimentos e homens aptos a lutar. Muitas colônias foram invadidas, tendo as vendas saqueadas, os animais roubados e os filhos dos imigrantes recrutados à força.

Inevitavelmente essas revoluções exigiram por parte dos imigrantes a reorganização das colônias, a reconstrução dos bens, a recolocação das colheitas perdidas, agora com menos homens para trabalhar, e a criação de novos animais, na tentativa de dar continuidade ao processo de desenvolvimento interrompido.

Com relação à atividade comercial desenvolvida pelos imigrantes, Jean Roche (1969, p.403) aponta que, desde sua fundação, as colônias alemãs do Rio Grande do Sul constituíram

grupos rurais com uma estrutura muito mais complexa que a da sociedade luso-brasileira da campanha, pois, estando espalhada a população rural e não possuindo os peões um poder aquisitivo significativo, o comércio era reduzido no interior da zona pecuária, havendo mais dificuldade em comprar do que em vender. Já nas colônias acontecia o contrário: comprava-se mais facilmente do que se vendia. Contudo, era preciso vender e o comerciante, dono da venda e único agente das trocas, na ausência de mercados e feiras, tornou-se muito poderoso na comunidade.

O desenvolvimento do comércio, originado nas colônias, somente foi possível através das trocas, cuja influência foi decisiva na produção e na economia locais. O sistema comercial da troca/permuta funcionava da seguinte maneira: da venda, para onde trazia alguns produtos como batata, feijão, milho, ovos, banha, o imigrante levava sua contrapartida em artigos fabricados ou em gêneros alimentícios.

A evolução das vendas feitas na zona rural acompanhava a do nível econômico dos colonos. Assim, os produtos que podiam adquirir aumentavam em quantidade à medida que, graças ao desenvolvimento dos meios de transportes, podiam vender mais os produtos por eles cultivados. Dentre os produtos adquiridos pelos colonos, estavam, em ordem de importância, os gêneros alimentícios (sal, açúcar, café, arroz, charque, vinho, vinagre e, mais tarde, as farinhas de trigo, de milho e de mandioca), produtos necessários à vida cotidiana (pólvora, óleo, sabão e o fumo preparado), utensílios elementares e tecidos.

Pouco a pouco, o número dos produtos multiplicava-se para atender à procura dos fregueses, ao mesmo tempo em que sua qualidade melhorava. Assim, dentro de poucos anos, já podiam ser encontrados produtos como a cerveja, a aguardente, biscoitos, caramelos, latas de conserva, cigarros, perfumaria, travessas, pratos, talheres, chapéus e roupas feitas, entre outros.

Desde sua formação, as antigas colônias tiveram como único mercado Porto Alegre, que veio a ser a principal praça comercial do Rio Grande do Sul, exercendo influência decisiva sobre a cotação dos produtos da agricultura e da pecuária. Era para Porto Alegre que convergia toda a produção agrícola das colônias, assim como era dali que saíam as mercadorias importadas e distribuídas entre as vendas rurais.

A “venda”, como explica Jean Roche (1969, p.574), tornou-se o centro das vendas e das compras, o ponto de reunião, o abrigo das quermesses, a parada dos viajantes. Para os colonos que viviam isolados em seus lotes, foi o lugar de descanso e o elemento de coesão, o fator social por excelência.

Além da venda, merece destaque também o papel do caixeiro-viajante, surgido nas colônias alemãs entre 1860 e 1865. A extensão da área agrícola, a dificuldade das comunicações e a multiplicação das casas comerciais nas picadas secundárias, tornavam o comércio mais complexo. Por isso, o caixeiro-viajante tornou-se o intermediário imprescindível entre Porto Alegre e a Serra, entre o atacadista e o varejista. Ele andava pelas colônias apresentando amostras, fechando negócios e efetuando a cobrança dos fornecimentos precedentes. Era o portador de novidades, de notícias dos centros urbanos e de outras colônias, contador de anedotas. Certamente as qualidades de sua conversa garantiam o êxito de sua missão comercial.

Na sela, inverno e verão, seguidos da mula que carregava as duas pesadas sacolas de amostras, galgando colinas, atolando-se nos vales, molhados pela chuva ou pela passagem dos arroios a vau, queimados pelo sol, deviam chegar flamejantes, animados, de bom humor, com espírito alerta. Era-lhes necessária a força física para resistir a uma vida esgotante, e a coragem pessoal para garantir o transporte de consideráveis somas (alguns pereceram assassinados). (ROCHE, 1969, p.432).

Embora recebendo a visita contínua dos caixeiros viajantes e tendo aumentado a oferta de produtos no comércio, a necessidade de fazer economia de toda espécie impelia os próprios imigrantes a produzirem a maior parte dos artigos utilizados, comprando apenas o essencial para a sobrevivência. Cada família fiava e tecia o linho e o algodão, fabricava a farinha, o óleo de sementes de abóbora, o açúcar mascavo, preparava seu fumo, cabaças substituíam as louças e, a serra, o machado, a foice e o enxadão bastavam para o arroteamento ou para a construção dos rústicos casebres, dispensando-se os serviços de pedreiros e ferreiros.

Passados alguns anos, esse trabalho familiar foi substituído por uma nova organização econômica, pois assim que os imigrantes venceram as primeiras dificuldades, surgiu o artesanato. As primeiras atividades artesanais continuaram a suprir as necessidades essenciais: alimentar, alojar e vestir os homens. Ao lado dos tecelões, que produziam tecidos, apareceram alguns alfaiates, sapateiros e também seleiros, já que o cavalo era indispensável à locomoção nas colônias.

Decorridos trinta anos da chegada dos primeiros imigrantes, aqueles que se dedicavam exclusivamente à agricultura, já começavam a apelar para outros que se tornaram ou voltaram a ser artesãos. Ao lado dos ferreiros, apareceram serralheiros, funileiros e pedreiros. O desenvolvimento das construções trouxe a prosperidade das fábricas de tijolos e

telhas; as marcenarias fabricavam o mobiliário rudimentar, substituindo os caixotes utilizados como mesas e cadeiras pelos imigrantes, as tanoarias forneciam tonéis para os líquidos e outros produtos. Em seguida vieram chapeleiros, relojoeiros, joalheiros.

Assim, os ramos artesanais especializados na transformação dos produtos agrícolas ocuparam importante lugar na economia das colônias, como os moinhos de farinha e a produção da banha. Esta última pode ser considerada um dos produtos mais importantes, pois exigia múltiplas manipulações, e logo, com vistas à exportação, passou aos artesãos, assim como a charcutaria, os salgados e as primeiras conservas em lata.

Dessa forma, as mais prósperas produções artesanais foram as estimuladas por uma orientação comercial, as que permitiam exportar os produtos valorizando-os, graças à sua preparação e transformação.

É interessante notar que foram os artesãos instalados nas cidades desde os primeiros anos de sua residência no Brasil, não participantes da vida da colônia alemã, e não os artesãos rurais, que formaram a base do desenvolvimento de pequenas oficinas em manufaturas ou em fábricas. De certa forma, a fragmentação da pequena propriedade, forçando os filhos dos imigrantes a buscarem outras alternativas de vida que não a agricultura, favoreceu o desenvolvimento do artesanato. A atividade artesanal esteve intimamente ligada à falta de terra e à falta de trocas, fazendo com que o mesmo indivíduo exercesse, muitas vezes, além da agricultura, dois ou três ofícios simultaneamente.

A indústria rio-grandense também recebeu influência direta dos imigrantes alemães que trouxeram variados ofícios da Europa. Porém, de acordo com Jean Roche (1969, p.503), é importante salientar que não foi o artesanato que gerou a indústria. Apenas algumas raras oficinas de artesanato urbano transformaram-se em fábricas. O empreendimento industrial esteve ligado a um complexo econômico, no qual ocorreu a diversificação na aplicação e origem do capital, acompanhado de fusões e associações. Na diversificação de atividades destaca-se o comércio, cuja atuação favoreceu o surgimento e evolução da indústria.

Com exceção de um estaleiro fundado em 1850 (Só e Cia.), os primeiros estabelecimentos industriais do Rio Grande do Sul foram criados por alemães, que graças ao comércio haviam acumulado capital. Mas, enquanto nas colônias a atividade artesanal era intensa, a indústria esteve, até 1875, fracamente representada. O primeiro estabelecimento industrial alemão foi uma fundição destinada a construir desde peças para a construção de navios até peças para máquinas, fundada em 1856 por J. Becker. O segundo foi o de J.C.Lang, em Pelotas, onde eram utilizados subprodutos das charqueadas para fabricar sabão e velas.

Em 1874 não havia em todo o Rio Grande do Sul mais de trinta e quatro empresas, chamadas indústrias, dirigidas por alemães. Entre elas: oito serrarias, três marcenarias, três fábricas de viaturas, cinco fundições, quatro fábricas de vinagre, uma fábrica de azeite e quatro fábricas de charutos. No mesmo ano, a fundação da primeira grande fábrica alemã, a fiação Rheingantz, marcava o início da indústria rio-grandense.

Levando-se em consideração o que foi exposto, é inegável a contribuição dos imigrantes alemães e seus descendentes para a formação social e para o progresso econômico do Rio Grande do Sul. O trabalho pioneiro dos imigrantes, que enfrentaram o medo do desconhecido, desafiando as dificuldades impostas pelo meio em função da própria sobrevivência, retomou a agricultura com a formação de pequenas propriedades rurais num território anteriormente explorado apenas pela atividade pecuária, desenvolveu o comércio e impulsionou a industrialização, lançando as bases para a atual configuração do Estado.

1.2 O perfil do imigrante alemão

O Brasil e os imigrantes alemães não encararam a migração da mesma forma. Os recém-chegados conservaram intacta a lembrança da pátria distante, com tudo aquilo que simbolizava sua natureza familiar, parentes e amigos, casas carinhosamente cuidadas, templos veneráveis nas aldeias e cidades, usos e hábitos típicos, costumes consolidados, agricultura, artesanato, profissões, comércio, arte e ciência em plena atividade. No Brasil, os imigrantes desde logo sentiram-se em ambiente estranho, cercados por plantas diferentes, outras espécies de animais, novas constelações, usos e costumes diferentes dos seus. Ninguém havia a quem pudessem fazer uma confidência, lugar algum que lhes fizesse recordar o passado, nenhuma igreja ou escola para os filhos.

Como explica Carlos Fouquet (1974, p.91-92), os imigrantes experimentaram nos primeiros anos um permanente tatear, procurar, começar da estaca zero tudo o que na Europa já estava ordenado e demarcado. Enquanto lá, a paisagem podia ser apreciada em sua beleza cultivada e até bosques eram plantados e cuidados, aqui a natureza exuberante se manifestava pelas florestas virgens e pelas campinas incultas, povoadas de animais estranhos, bravios e alguns venenosos. Enquanto na Europa os imigrantes pertenciam a um povo praticamente uniforme, cuja formação se processara através dos séculos, a população do Brasil era

constituída de enorme mescla de povos diferentes, falando idiomas oriundos de quatro continentes e se comunicando por intermédio de um português conquistado a duras penas. Se lá, era oprimente a falta de espaço vital, forçando os indivíduos a emigrar, havia aqui uma terra gigantesca que os necessitava e os acolhia prazerosamente.

No Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e seus descendentes transformaram a antiga sociedade: camponeses constituíram novas classes, cidadãos integraram-se nas classes pré-existentes, modificando a estrutura original e influenciando-a social e economicamente. Contudo, não foi fácil a esses imigrantes integrarem-se na sociedade gaúcha, não apenas por causa de sua origem, mas também pelo desprezo com que era tido o trabalho manual no momento em que forneciam nova mão-de-obra para a agricultura.

Dessa forma, a célula social que protegeu o imigrante alemão foi a família, que unida, de sol a sol, incansavelmente lutou para vencer as dificuldades impostas pelo meio, pela fome, pelo cansaço. Os homens, as mulheres, e muitas vezes as crianças eram absorvidos, da manhã à noite, no desbravamento da floresta, apenas tomando o tempo para realizar a pobre refeição.

O isolamento em que o imigrante alemão vivia o fez constituir uma classe social independente. Segundo Jean Roche (1969, p. 571), “em virtude da distribuição geográfica das colônias, bem como da impermeabilidade das duas zonas – pecuária e agricultura – os imigrantes achavam-se livres da influência quase feudal dos grandes proprietários”, assim, no século XIX, as colônias agrícolas formavam ilhas no meio de regiões ocupadas por grandes áreas de pecuária e o colono não estava submetido a uma estrutura socioeconômica e política de dependência.

O fato de serem proprietários da própria terra, assegurando-lhes a independência econômica e social, conferiu aos imigrantes uma estrutura e mentalidade especiais. As dificuldades de instalação e o processo da adaptação eram os mesmos para todos os imigrantes, fossem eles de origem urbana ou rural, aristocrata, burguesa ou popular, já que todos deviam aprender a desbravar a mata e se estabelecer na nova terra. A necessidade de sobreviver, a pobreza e a dificuldade das tarefas a cumprir, apagavam as antigas distâncias sociais e aumentavam a solidariedade entre todos, pelo menos nos primeiros anos. Contudo, à medida que o progresso ou a fortuna marcavam a vitória do vizinho, esses laços de camaradagem estabelecidos no combate à hostilidade do meio afrouxaram. Foi, então, essa diferença baseada nos resultados materiais obtidos por alguns colonos que substituiu a antiga estratificação social do título ou da função que haviam conhecido na Alemanha. A nova

hierarquia, medida pela fortuna adquirida, que se estabelecia dentro do grupo étnico homogêneo comparava-se à da sociedade gaúcha pré-existente.

No entanto, a partir de meados do século XIX, os mais ricos habitantes das colônias eram os comerciantes. A superioridade de seu patrimônio em relação ao dos agricultores acentuava-se com o passar dos anos. Entre os pequenos proprietários rurais o patrimônio constituía-se do lote de terra e casa, capital imobiliário cuja renda era mínima. Já entre os comerciantes, o patrimônio era composto, na maior parte, pelo capital investido no negócio, o que assegurava lucros incomparavelmente superiores aos da agricultura.

Devido à sua posição econômica privilegiada, os comerciantes exerciam grande influência na orientação da produção agrícola, regularizando as trocas e levando os imigrantes a cultivarem produtos destinados à exportação, como a cana-de-açúcar, fibras têxteis ou árvores frutíferas. Assim, os comerciantes souberam adaptar-se a situações novas e criar uma prosperidade estável, não só em suas empresas, como também nas vilas onde residiam.

Por outro lado, os imigrantes que se aventuraram a penetrar nas classes pré-existentes procuravam-nas nas cidades. Ali existiram operários, empregados, industriais, comerciantes, advogados, médicos, professores ou funcionários de origem alemã, que se distinguiam por suas características antropológicas, mas, sobretudo, na medida em que permaneciam fiéis à cultura germânica. Sua ascensão social somente pôde realizar-se depois da aquisição da cultura nacional, depois da obtenção de diplomas oficiais, o que não os impedia de serem bilíngües e estarem, por vezes, imbuídos do sentimento da superioridade racial.

Os imigrantes e seus descendentes, que não possuíam nem as mesmas características físicas, nem a mesma língua, nem a mesma religião e nem a mesma atividade que os rio-grandenses, tinham motivos suficientes para formarem uma mentalidade à parte. No entanto, um mundo novo constituiu-se de uma geração a outra: os hábitos e os costumes dos velhos rio-grandenses influenciaram os dos descendentes de alemães e inversamente. Certamente, as aquisições não foram iguais, e os recém-chegados tiveram de fazer mais concessões. Do vestuário aos hábitos alimentares, foram necessárias adaptações por parte dos imigrantes, impostas pelo meio e pela sociedade.

Os primeiros imigrantes desembarcavam, às vezes, com seus trajes regionais, espessas roupas de lã e roupa interior de linho, duráveis na Europa, mas muito pesadas para uma região subtropical, assim, a modificação do vestuário foi uma das primeiras necessidades impostas pelo novo ambiente. O traje de tecido de lã foi substituído pelo traje de cotim; a camisa de linho foi trocada pela de algodão; o chapéu de palha substituiu o de feltro, pelo

menos para o trabalho, e as chinelas de couro substituíram os sapatos, trazidos agora somente aos domingos e dias de festa.

Na colônia, o vestuário masculino de trabalho foi composto de calça de cotim raiado, de camisa de algodão e, por vezes, do colete de um velho traje; sem suspensórios, mas com cinta de couro que segurava a faca do gaúcho na bainha. No vestuário feminino, os pesados vestidos escuros foram substituídos por fazendas mais leves e mais claras; as mulheres jovens andavam com a cabeça descoberta, as mais velhas cobriam-na com um lenço; no trabalho geralmente usavam anáguas, saia e corpete. A roupa de baixo, as meias, os sapatos eram usados em dias festivos, bem como as únicas jóias que possuíam: uma cruz com corrente e a aliança, como os homens. A roupa das crianças não sofreu muitas transformações. Contudo, o mais notável dessa transformação indumentária é a que esteve associada à adoção do cavalo, principal meio de locomoção e elemento unificador, adotando-se também o equipamento do cavaleiro gaúcho como a sela, os arreios ornados, as pesadas esporas, a larga cinta.

Nas cidades, os descendentes de imigrantes vestiam-se como os outros habitantes da mesma classe social. As senhoras e as moças procuravam acompanhar a moda vigente; os homens, por sua vez, mostravam-se um pouco mais sóbrios. Também nas cidades, nas classes mais abastadas, propagou-se o hábito germânico de jantar café com leite, pão com manteiga ou doce, salsichas, frios e bolo. Tratava-se de um retorno às tradições ancestrais, quando as condições econômicas o permitiam, pois essa refeição custava mais caro que a dos velhos rio-grandenses. Assim, manifestou-se uma diferença bastante clara entre a alimentação dos cidadãos e a dos camponeses.

As condições geográficas e econômicas não permitiram que os recém-chegados conservassem a alimentação de origem: o trigo e o centeio, a batata-inglesa, os legumes verdes e a carne de porco. Eles aprenderam então a cultivar e a consumir o milho, a mandioca, a batata-doce, legumes locais como a abóbora e o chuchu, o feijão-preto, o arroz seco e o charque. Apesar da repulsa que sentiam, tiveram que adotar a alimentação local, pois era uma questão de sobrevivência. A cerveja e o vinho também tiveram de ser substituídos pela água pura e pela aguardente.

Entretanto, a abundância das colheitas logo possibilitou aos imigrantes um retorno ao consumo de grande parte de seus alimentos tradicionais, como a batata-inglesa e a carne de porco, que abastecia a colônia com produtos como a banha e frios defumados (presunto e salame). As aves apareceram na mesa aos domingos, assadas ou em guisado com arroz. E ao cabo de alguns anos surgiram a manteiga e o queijo em todas as casas; a cerveja começou a

ser fabricada nas próprias colônias, bem como alguns doces como a *schmier* e a *Kuchen* (cuca).

Entre os descendentes de imigrantes alemães, todas as refeições eram compostas de um pouco de porco e pratos de origem local: arroz, feijão-preto, farinha de mandioca, batata-doce cozida, pão de milho. Nos dias de festa servia-se carne assada, aves com molho, pão de trigo. Eles também adquiriram dos rio-grandenses o gosto pelos doces, de consumo quase diário como massa doce, bolos de mandioca ou de amendoim, bombons. O chimarrão tornou-se hábito e o churrasco foi permitido nas festas oficiais. Jean Roche (1969, p.638) diz a respeito disso: “É a prova da adoção, por parte dos colonos, de um prato essencialmente gaúcho; parece aliás, que essa adoção está ligada, como a de elementos do trajar, a um desejo de imitar o grupo socialmente considerado superior.”.

Cabe referência especial ao papel feminino na colônia. A mulher alemã era multifacetada: limpava a casa, costurava, remendava, cuidava da cozinha, do jardim, da horta, do pomar, ordenhava a vaca, tratava das aves e ajudava o marido no trabalho da lavoura, além de ter a obrigação de educar os filhos. Com todas essas atribuições, trabalhando em igualdade de condições ao homem, a esposa gozava de certos direitos, como tomar decisões juntamente com o marido, numa posição mais de igualdade que de dependência. À noite, quando todos dormiam ou nos fins de semana, ela encontrava tempo para bordar, ponto a ponto e a vivas cores, panos de parede com dizeres e pensamentos da cultura germânica, que pendurados atrás do fogão ou pelas paredes da cozinha e da sala, esses dizeres ajudavam a nortear a vida e a educar os filhos. A imigrante alemã procurava manter a casa limpa e em ordem para mostrá-la às visitas em sinal de cordialidade. Nas paredes da sala, havia uma galeria de retratos de família e estampas sacras com temática moralista e educativa. O jardim era muito bem cuidado, com o cultivo plantas e flores coloridas.

A maneira de viver e a mentalidade dos imigrantes alemães distinguiam-nos, ainda dos rio-grandenses de outra origem, na medida em que permaneciam fiéis aos seus costumes, embora estes se tenham transformado de uma geração a outra. Dentro das tradições familiares encontram-se os rituais que, tradicionalmente, acompanhavam todas as etapas da vida, constituindo o que de melhor se conservou nas colônias.

O nascimento de uma criança suscitava a curiosidade das vizinhas que a visitavam trazendo-lhe presentes. O batismo era administrado diante de um padrinho e uma madrinha, entre os católicos, dois padrinhos e uma madrinha, ou inversamente, um padrinho e duas madrinhas, entre os protestantes. O laço de amizade entre os compadres e comadres era

mantido e reafirmado em outras ocasiões como na primeira comunhão ou confirmação e no casamento, quando era servido um banquete a parentes, amigos e vizinhos.

Quanto ao namoro, a escolha do par entre os alemães, era iniciativa dos jovens. O namoro começava nos bailes de *Kerb* e, persistindo o par por dois ou três bailes, constituía-se compromisso sério, passando o rapaz a freqüentar a casa da moça. O namoro durava em média dois anos, seguido de meio ano de noivado, no qual a moça preparava o enxoval, incluindo belos panos de parede bordados.

A endogamia foi preponderante na totalidade das colônias alemãs, pois estas constituíam ilhas perdidas no meio da população luso-brasileira, cercadas pela floresta. Por mais longe que pudesse ir o pretendente, só encontrava moças da mesma origem, da mesma profissão, e estas, não podiam esperar outros noivos senão os próprios vizinhos. Assim, aponta Jean Roche (1969, p.611), “não era a influência de uma tradição étnica, mas de uma espécie de fatalidade geográfica que circunscrevia o horizonte familiar dos colonos dentro da endogamia”. Por essa circunstância, a endogamia não pôde diminuir até o momento em que os indivíduos entraram em contato com elementos de origem étnica diferente, nas vilas, na periferia de certas colônias, na vizinhança de luso-brasileiros ou outros imigrantes como os de origem italiana.

O casamento realizava-se na entressafra, quando havia mais tempo disponível para os preparativos, realizados com a ajuda de parentes e vizinhos. Os homens matavam animais e preparavam a lingüiça, enquanto as mulheres limpavam a casa e preparavam bolos, cucas e guloseimas. O número de convidados traduzia a importância das famílias, seu nível econômico e social. A comida era abundante, englobando almoço, café da tarde, jantar e, durante a madrugada, uma fatia de bolo da noiva. A dança, que podia durar até o amanhecer, somente era interrompida por cantos e declamação de versos apropriados à ocasião. Assumido com compromisso selado na igreja, o casamento gerava uniões duradouras e numerosos filhos, que garantiam mão-de-obra barata e eficiente para a lavoura.

Quanto ao enterro, realizava-se dentro das vinte e quatro horas que seguiam ao falecimento, no qual, depois de vigília fúnebre, que contava com a participação de parentes e amigos, todos os colonos da vizinhança iam, pela última vez, prestar homenagem ao defunto. O ofício era freqüentemente acompanhado de música ou canto coral. Amigos e parentes colocavam o caixão no carro fúnebre, carregavam-no ao cemitério e ajudavam a enterrá-lo. Se era uma criança, seus colegas de escola participavam do cortejo, auxiliando a levar o caixão; sendo uma menina, eram os rapazes que conduziam; tratando-se de um menino, as moças.

Segundo Jean Roche (1969, p.640), “todas essas cerimônias, solenemente celebradas, permitiam que os colonos manifestassem sua solidariedade ao mesmo tempo que sua fidelidade aos usos e práticas seculares.”. No entanto, é nas festas religiosas que se nota claramente a originalidade dos imigrantes alemães em relação ao resto da população do Rio Grande do Sul, rituais que conquistaram também os meios luso-brasileiros.

O costume de armar uma árvore na época de Natal, tanto na casa como no templo, foi trazido pelos protestantes alemães no século XIX. Transplantava-se um pinheirinho, ou na falta deste, uma outra árvore, em um recipiente com areia, cascalho e água, enfeitando-o, em seguida, com cintilantes bolas de vidro e festões de papel colorido. Nas portas da casa também era colocada uma coroa de folhagem verde, ornada de fita vermelha, tradição trazida da Europa setentrional.

O Primeiro de Janeiro era saudado com tiros de espingarda, bombas e sirenes, quando trocavam-se votos e expressões de afeto. Em algumas comunidades, um grupo de pessoas percorria os lares declamando poesias do folclore alemão, cantando e recebendo guloseimas da parte dos moradores e confraternizando com eles. Algumas poesias reportavam ao folclore medieval, apontando para as raízes seculares do evento.

Na Páscoa, o costume do Coelho da Páscoa fazia as crianças arrumarem, no Sábado Santo, ninhos dentro de casa ou no jardim, onde eram colocados ovos coloridos e recheados de amendoim, bombons e doces.

Dentre todas essas festividades, porém, a mais típica das colônias era a festa votiva da paróquia, o *Kerb* (abreviatura de *Kircheweihest*). Embora tenha perdido progressivamente seu caráter essencialmente religioso, para tornar-se a festa da povoação, reunindo sempre protestantes e católicos, é a que menos mudou desde o início da colonização. A homenagem ao padroeiro da igreja rendia três dias de festa com missa ou culto pela manhã, imensas mesas fartamente guarnecidas de comida, para comportar toda a família e parentes, uma quermesse à tarde, com estandes e jogos e, à noite, o esperado baile, quando dançavam-se valsas e marchas. A sala de festas era ornamentada com ramagens, folhas de palmeira, flores; as moças traziam vestidos e sapatos novos, os rapazes estreavam o terno.

Todas as festas, celebradas com muita comida, bebidas, cantos e danças, constituíam uma ocasião para os alemães se reunirem, matarem as saudades de parentes e de amigos vindos de longe, de esquecer o duro trabalho cotidiano.

Ao lado da família, a igreja, a escola, as associações e a imprensa formaram o alicerce da cultura alemã e constituíam os instrumentos por meio dos quais os imigrantes construíram seus valores e os transmitiram aos descendentes. O longo período de isolamento

das colônias, até a Segunda Guerra Mundial, permitiu-lhes estruturar em bases sólidas os valores étnicos e culturais.

Os imigrantes alemães e seus descendentes distinguiram-se do resto da população rio-grandense também pela devoção e pelo zelo religioso. Essa religiosidade parece ter aumentado em virtude da coesão familiar e do controle exercido pela comunidade dentro do relativo isolamento de sua vida pioneira. Sobre isso atesta Jean Roche (1969, p.671): “A importância da vida religiosa nas colônias assinala-se, pois, pela profunda piedade individual e até mesmo pelo misticismo, assim como pelo papel das comunidades culturais do lugar e pelo vínculo da religião com a consciência étnica.”.

A religião evangélica trazida pelos alemães quebrou o monobloco da igreja católica existente no país. Diferentemente do índio e do negro, o imigrante alemão não se submeteu ao catolicismo oficial, pois vinha com a promessa de liberdade religiosa. Embora a religião oficial do país fosse a católica-romana, as demais religiões eram toleradas. As comunidades tão prontamente se estabeleciam, começavam a construir seus templos, com a condição de não possuírem aparência externa de igreja, ou seja, não poderiam ter torre nem sino.

Enquanto a construção do templo não era finalizada, a longa distância entre um povoado e outro, fazia com que os poucos pastores percorressem, a cavalo, as linhas e picadas de tempos em tempos, para realizar casamentos e batismos coletivos, ficando hospedados em casas particulares. No entanto, por muitos anos os registros de nascimentos, casamentos e óbitos efetuados por pastores foram considerados sem validade. Somente em 1863, D. Pedro II, concedeu aos pastores evangélicos os mesmos direitos dos padres católicos, embora mantida a exigência de nos casos de casamentos mistos os filhos devessem ser educados na religião católica.

Os imigrantes católicos, apesar de estarem sob a religião oficial do país, vieram desacompanhados de padres e não entendiam os sermões do padre português, situação que perdurou até 1840, quando chegaram os padres jesuítas. Até que se realizasse a construção do templo, rezavam missas e cultos nas escolas.

As igrejas também monitoravam a educação em suas paróquias, através do ensino de religião e canto, considerados importantes para a formação da criança. Nas escolas comunitárias cultivava-se a germanidade por meio do uso da língua alemã, da comemoração de datas cívicas, de festas e costumes germânicos.

Apesar do choque psicológico que os imigrantes sofreram quando se instalaram no Rio Grande do Sul, tiveram imediatamente o cuidado de assegurar o ensino e a educação a seus filhos e transmitir-lhes seu próprio patrimônio. As primeiras escolas surgiram nas

próprias residências dos imigrantes. Confiavam-se as crianças a uma pessoa idosa ou incapaz de cultivar a terra, um pouco mais capacitada que as outras em leitura, escrita e cálculo, encarregada de ensinar as primeiras noções. A escolaridade era curta, geralmente um ano, muitas vezes interrompida pelos trabalhos agrícolas. As crianças mais afastadas iam à escola a pé ou a cavalo; as mais velhas traziam a tiracolo uma espingarda, com a qual podiam abater uma caça pelo caminho.

As escolas protestantes, criadas pelos pastores que eram os responsáveis pelo ensino, foram as mais antigas. Essas escolas tinham classe única e asseguravam somente o ensino primário, com um progresso na duração da escolaridade, em média de dois anos em 1903, de quatro anos em 1924, de cinco às vésperas da Segunda Guerra Mundial. O estudo elementar dos filhos era completado com o aprendizado de alguma profissão. Católicos e evangélicos criaram a Associação de Professores, que visava a melhorar a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, além da criação de livros didáticos em alemão. Porém, na ocasião da Segunda Guerra Mundial todo o acervo foi apreendido.

As comunidades alemãs resolviam problemas de infra-estrutura construindo igrejas, escolas e abrindo estradas, além de criar centenas de clubes culturais e recreativos. Dessa forma, o clube garantia a convivência e a recreação em grupo aos domingos. Houve profusão de sociedades de canto, de leitura, de música, de atiradores, de lanceiros, de tiro-ao-alvo, de bolão e de clubes femininos.

Dentre essas sociedades, as de canto merecem destaque. Presente nos momentos de alegria e tristeza, o canto era a ligação do imigrante com seu passado cultural, pois através dele aliviava a saudade da pátria, atenuava privações e renovava suas forças para continuar a construção de um futuro melhor. A temática das canções visava à formação moral e à elevação do nível de instrução. Outros temas como disciplina, honra e fidelidade eram cantados para delinear o modelo a ser vivido nas comunidades em formação.

Conforme aponta Jean Roche (1969, p.643), contrariamente ao que se poderia pensar, as sociedades alemãs não foram constituídas pelas primeiras levas de imigrantes, visto que durante os primeiros decênios, os imigrantes haveriam tido apenas preocupações materiais, teriam lutado somente para assegurar a sobrevivência biológica e os comerciantes reuniam-se irregularmente, em cafés ou lojas de um deles, apenas para tratarem de negócios. A primeira sociedade foi criada somente em 1855, em Porto Alegre. Em seguida, quando os comerciantes adquiriram certa prosperidade, as associações progrediram, proliferando-se nas colônias.

O desenvolvimento da imprensa em língua alemã, no Rio Grande do Sul, conheceu, sozinho, a importância da clientela de que não podia prescindir, mas constituiu, também, um dos agentes mais eficazes da manutenção da língua e cultura alemãs. Raros e efêmeros foram os jornais editados nas próprias colônias, dado que a imprensa constituiu-se um fenômeno eminentemente urbano, porém convém mencionar sua difusão no mundo rural e sua influência na evolução dos grupos.

Anterior ao rádio, ao cinema e à televisão, o jornal transmitia as novidades e ajudava a estruturar mentalidades nas comunidades alemãs. Conforme Carlos Fouquet (1974, p.199), o jornal orientava o leitor de maneira hábil e apropriada a respeito de acontecimentos da época, suscitando amor e compreensão em relação à nova pátria, à sua gente, ensinando-os a enfrentar problemas que lhes apresentava a natureza estranha e o clima a que ainda não estavam habituados, incitando-os a cumprirem com suas obrigações e os esclarecendo em relação a seus direitos. Assuntos de agricultura, indústria, comércio, ciência, arte, religião ou literatura, também eram tratados.

Segundo Jean Roche (1969, p.660-661), o primeiro jornal em alemão, *Der Kolonist*, que circulou em Porto Alegre entre 1852-1853, ironicamente foi iniciativa de um brasileiro, José Cândido Gomes, redator do “Mercantil”. Ele esperava assim, conquistar grande influência sobre os colonos alemães de São Leopoldo, naturalizados em massa em 1846, e explorar essa influência com vistas às próximas eleições. Gomes redigia os artigos em português e mandava um colaborador de origem alemã, Lindenberg, traduzi-los.

O *Deutsche Zeitung*, de Karl von Koseritz, entretanto, foi um dos mais importantes e duradouros jornais para a defesa da germanidade. O católico *Deutsches Volksblatt* transmitia o pensamento do líder Hugo Metzler. O jornal *Der Bote* era evangélico, bem como o *Deutsche Post*, do pastor Wilhelm Rotermund, de conteúdo político. O *Lehrerzeitung*, dos católicos, fundado em 1898, e o dos evangélicos, fundado em 1901, eram de orientação didática e de apoio à escola comunitária e aos professores.

Os *Kalender* eram almanaques anuais, úteis para o lar, possuindo calendário e páginas pautadas para anotações, registro de dias santos e feriados. Eram indispensáveis ao leitor em geral os conselhos para o cotidiano em matéria de saúde, cozinha e jardim, para a agricultura e o artesanato. Entre eles existiu o *Koseritz Deutscher Volkskalender* (1873-1891), o *Kalender für Deutscher in Brasilien* (1881-1939), o *Fahne des hl. Ignatius*. O *Musterreiters Kalender* era dos caixeiros viajantes.

A Segunda Guerra Mundial, que determinou a proibição da língua alemã em território brasileiro, constituiu um golpe fatal na imprensa diária em alemão, pois nenhum

jornal reapareceu e só a *Tipografia do Centro*, em Porto Alegre, continuou a publicar uma edição alemã, semanal, de seu jornal *A Nação*.

À medida que transcorria o tempo desde a chegada dos primeiros imigrantes, uma dupla evolução operava-se nos seus costumes e de seus descendentes: o apego às tradições germânicas lhes permitiu conservar boa parte de seus usos e mesmo transmitir alguns deles aos rio-grandenses de outra origem, em compensação, a influência do meio acentuou-se com o tempo e, de certo modo, transformou sua maneira de viver.

É interessante notar, segundo Jean Roche (1969, p.650-651), que o isolamento no meio da floresta estreitou o horizonte cultural dos colonos. A necessidade de sobreviver e o desejo de melhorar uma posição social precária, orientaram o imigrante e seus descendentes para preocupações essencialmente utilitárias, resultando numa mercantilização da vida, uma espécie de egoísmo materialista. Deploravelmente, ocorreu não só o abandono das virtudes morais individuais, mas também a perda do sentimento de solidariedade étnica, pois a competição econômica dividiu a comunidade antes de opô-la a outros grupos de origem diferente.

Essa concepção materialista da vida teria provocado um obscurecimento da consciência étnica, uma regressão da instrução, uma queda no nível cultural, uma ignorância sobre as coisas e as pessoas da Alemanha. Imigrantes recém-chegados da Alemanha ficavam chocados ao se depararem com os colonos vindos anos antes. Encontravam homens da mesma origem, mas de nacionalidade brasileira, que se comportavam como brasileiros, que falavam português, que tinham costumes muito diferentes, que lhes pareciam bárbaros. Evidentemente se diferiam dos outros rio-grandenses, mas já não eram “alemães”. Ao cabo de alguns anos, os recém-chegados eram adotados pela comunidade, no momento em que eles mesmos se adaptavam ao Rio Grande. O meio, portanto, exerceu sobre os grupos sociais evidente e rápida influência.

Outro fenômeno muito complexo foi a evolução da língua falada dentre os imigrantes alemães. No começo da colonização, eles não praticavam a forma padrão do alemão (*hoch deutsch*), mas os dialetos usados em seus Estados ou Províncias e cuja conservação se explica pelo seu isolamento e seu agrupamento mais ou menos espontâneo, conforme a região de origem: Pomerânia, Vestfália, Hunsruck, Renânia. Alguns adquiriram o caráter de língua de comunicação, por exemplo, o renano. Apesar de suas insuficiências, esses dialetos dominantes tiveram tal força assimiladora que os imigrantes de etnia diferente que, por ventura, se fixaram numa zona de povoamento essencialmente germânico, adotaram a língua local, isto é, um falar alemão. Esse falar modificou-se sob dupla influência, a do meio

rio-grandense e a do grupo alemão quando este tomou, ou o fizeram tomar, consciência de sua existência como coletividade.

Ao se formarem as primeiras colônias na borda da Serra, o isolamento condenava os imigrantes a conservar o uso de sua própria língua. Sem contatos com os elementos luso-brasileiros, não tinham nem necessidade nem oportunidade de aprender o português. Essa ignorância do português era, por volta de 1875, quase total nas colônias, prolongando-se o emprego exclusivo do alemão além do fim do Império.

A influência do meio foi marcada pela adoção de palavras e gírias de origem brasileira, geralmente relacionadas com a vida cotidiana: noções geográficas, animais, plantas cultivadas, alimentação, vestuário, casa e utensílios, pesos e medidas, profissão, justiça e política. Esse aprendizado corresponde à formação de interesses em torno de elementos da cultura material. Já, a adoção de termos brasileiros de parentesco e amizade, revela nova função da vida social.

Acredita-se que não foi apenas a necessidade de adaptar sua linguagem aos elementos do gênero de vida que fez o imigrante manifestar a preocupação em aprender a língua nacional. Um segundo motivo indica que a língua portuguesa foi adotada voluntariamente pelos teuto-brasileiros, seduzidos pelo prestígio de um símbolo da civilização urbana, do poder político pertencente à classe dominante.

Entretanto, os progressos com a língua portuguesa começaram somente com o desenvolvimento dos meios de comunicação, com a multiplicação dos contatos entre as diferentes etnias e com a instalação de novas colônias no Planalto, no meio da zona luso-brasileira. Continuaram depois com a instauração dos tiros de guerra e, posteriormente, do serviço militar obrigatório. Por fim, os avanços tornaram-se decisivos com a disseminação das escolas públicas.

Um dos mais importantes meios de propagação do português, todavia, foi o rádio, como afirma Jean Roche (1969, p.655):

Sem ter sido pedido, sem aplicar nenhum sistema, sem exercer nenhuma coação, o rádio tem, talvez, feito mais que a escola pela expansão da língua nacional nas colônias, não só entre as crianças, completando-lhes e vivificando-lhes as aquisições escolares, mas principalmente entre os adultos que não podiam ser recambiados à escola.

Assim, passado mais de um século desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães, estes e seus descendentes foram inseridos em menor ou maior grau no contexto

social rio-grandense, recebendo influências e influenciando culturalmente a sociedade que os abrigou. Como foi exposto, chegando ao Rio Grande do Sul imigrantes de diferentes ofícios, níveis sociais e culturais, alguns se estabeleceram e permaneceram na zona rural, desenvolvendo a agricultura; outros se estabeleceram ou logo se transferiram para a zona urbana, onde tornaram-se comerciantes, industriários ou profissionais liberais como médicos, advogados, engenheiros e professores.

Certamente, essa separação contribuiu para que os dois grupos manifestassem perfis e modos de vida distintos. Do vestuário à alimentação, passando pelo nível cultural, as diferenças são evidentes entre os camponeses e os cidadãos. No entanto, ambos compartilham o mesmo passado histórico, a mesma experiência de abandono da terra natal, as constantes e saudosas lembranças do Velho Mundo, a luta pela adaptação num país povoado por tão diferentes etnias, características que inevitavelmente os manterão ligados a uma mesma condição: a de serem imigrantes. E, principalmente, a de enxergarem a terra que os adotou com olhos de imigrantes.

1.3 Contextualização da personagem Carl Winter no panorama da imigração alemã

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo representa a formação do Rio Grande do Sul num período de tempo compreendido entre 1745 e 1945. É sabido que, para desenvolver uma narrativa que abarcasse duzentos anos de história, foi necessário, por parte do autor, um estudo aprofundado, que lhe fornecesse informações sobre fatos sociais, políticos e econômicos ocorridos no Estado, bem como, que lhe proporcionasse conhecimentos sobre a constituição do povo e sua cultura.

No entanto, somente a pesquisa sobre a História rio-grandense não constituía recurso suficiente para realizar o ambicioso projeto literário do escritor. Fez-se fundamental, então, a apropriação dos fatos históricos para a criação do enredo e personagens, de forma a garantir a impressão de verdade, a verossimilhança, característica imprescindível de um bom texto literário.

Essa apropriação de fatos históricos pela Literatura, recurso que Erico Verissimo desenvolve ao longo de toda a trilogia, também contempla a personagem que é objeto de estudo desta investigação, o Dr. Carl Winter, presente em *O Continente*. Representante da cultura germânica, essa personagem insere-se na História do Rio Grande do Sul ao repercutir

o evento da imigração alemã, iniciada em 1824 e estendida até as primeiras décadas do século XX.

De acordo com os estudos de Jean Roche (1969), desenvolvidos no livro *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*, material que serviu de fundamentação teórica para este primeiro capítulo, a corrente imigratória trouxe ao Estado milhares de alemães descontentes com o sistema sócio-político-econômico da Europa em vigor na época, na tentativa de recomeçar a vida na América, atraídos pela distribuição de terras cultiváveis, das quais seriam eles mesmos os donos, e por um mercado de trabalho pouco competitivo para aqueles que queriam desenvolver outros ofícios.

Chegados ao Rio Grande do Sul, a grande maioria desses imigrantes, camponeses na Europa, mantiveram a profissão, desenvolvendo a agricultura nas pequenas propriedades rurais e dando, assim, origem às colônias. Entretanto, a personagem Carl Winter não está incluída nesse grupo majoritário de pioneiros desbravadores de florestas, destinados ao cultivo da terra. Desde o início do romance, o escritor define o perfil de imigrante alemão representado por Carl Winter: “não era um ‘colono’ como os outros alemães que se haviam estabelecido às margens do Rio dos Sinos. Não viera à procura do El-Dorado nem da Galinha dos Ovos de Ouro.” (VERISSIMO, 2002, p.40).

Carl Winter não era um camponês, era um médico, portanto, não viajara ao Brasil motivado pelos mesmos interesses da maioria dos imigrantes alemães. Definitivamente, não era um integrante desse grupo de camponeses, que permaneceram isolados em suas colônias durante décadas, comunicando-se exclusivamente na língua materna e vivendo num ambiente hostil e miserável, sem qualquer contato com a vida social do Rio Grande do Sul, que Erico Verissimo precisava para desempenhar a função concebida para a personagem na narrativa. Era necessário alguém capaz de conviver em meio aos nativos da Província, com certo grau de instrução, apto a aprender a língua portuguesa e comunicar-se fluentemente com os rio-grandenses, e dotado de um nível de conhecimento suficiente para observar a realidade tendo condições de analisá-la criticamente.

Com esse intuito, Carl Winter foi caracterizado pelo escritor como representante de um pequeno grupo de imigrantes citadinos, chegados ao Rio Grande do Sul juntamente com os camponeses, mas que possuíam técnicas mais avançadas ou tinham um maior nível de escolarização, bastante ou algum conhecimento da cultura erudita e um vivo espírito empreendedor.

Esse grupo de imigrantes alemães, segundo Jean Roche, diferentemente daqueles provindos da zona rural, custou a adaptar-se à vida nas colônias recém-formadas, tornando-se

os primeiros a desejar estabelecer-se nas cidades, dando início à atividade comercial e industrial ou desempenhando profissões liberais nos centros urbanos mais desenvolvidos do Estado.

Quanto às causas de sua emigração para o Brasil, Carl Winter foi motivado por uma desilusão amorosa e conseqüente envolvimento em uma revolução, o que tornou inviável sua permanência na Alemanha. Essa situação também confirma sua origem não-camponesa e uma intencionalidade diferente dos demais compatriotas que se aventuraram no Novo Mundo.

Nesse sentido, Carl Winter não viera ao Brasil para fugir dos impostos e melhorar as condições de vida, mas sim para solucionar problemas de outra ordem, certamente afetivos, pois nada melhor que a distância e o tempo para curar as mágoas de um amor não correspondido. Diferentemente também dos demais imigrantes que deixaram a Alemanha sem esperança de retorno, o médico alemão acreditava em uma permanência temporária no Brasil e, assim que sentisse vontade, retornaria à sua terra natal.

A procedência urbana da personagem também é acentuada pela caracterização do vestuário. Erico Verissimo representa Carl Winter como cidadão pelo uso, pelo menos durante os primeiros anos de residência no Rio Grande do Sul, de roupas de veludo em cores extravagantes, colete e chapéu alto, moda em voga nos grandes centros urbanos da Europa na época, distinguindo-as das roupas usadas pelos camponeses alemães ao desembarcarem no Estado, descritas por Jean Roche: espessas roupas de lã, roupa interna de linho e chapéu de feltro.

Apresentando-se à vila de Santa Fé em 1851, embora o narrador não precise a data de desembarque no Brasil, Carl Winter não veio com as primeiras levas de imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul, mas sim, conforme mostra Jean Roche, sua chegada corresponde ao segundo período da corrente imigratória, de 1848 a 1874. A própria narrativa confirma esse período ao mencionar que, à época em que Carl Winter esteve em São Leopoldo, o núcleo colonial já estava constituído e havia alcançado relativo grau de desenvolvimento econômico, com a produção de boas colheitas e a expansão das propriedades, o que levava algumas famílias a iniciarem o processo de colonização de terras mais distantes desse núcleo original.

Em visita à Colônia de São Leopoldo, Carl Winter depara-se, não sem certa perplexidade, com o processo de assimilação, por parte dos imigrantes alemães, de hábitos e costumes dos rio-grandenses, o que indica que a fase inicial de isolamento das colônias, progressivamente, dava lugar a um maior contato entre as diferentes culturas.

Como afirma Jean Roche, o meio social exerceu enorme influência sobre os costumes germânicos trazidos pelos imigrantes. A partir do momento em que alemães e rio-grandenses começam a interagir, opera-se uma transformação cultural, com a aquisição por parte dos alemães de hábitos da região. O próprio Dr. Carl Winter não permanece neutro a esse processo. Após certa resistência pela manutenção de características que o definiam como pertencente à cultura alemã, garantindo-lhe a identidade, ele também se deixa influenciar pelos costumes da terra, adaptando-se ao vestuário, à alimentação, aos cheiros, à organização social dos rio-grandenses.

Ainda dentro da temática que origina a personagem Carl Winter, Erico Verissimo apropriou-se de uma figura real, transformando-a em personagem da narrativa. Trata-se do também imigrante alemão Carl von Koseritz, apresentado ao leitor como amigo e confidente de Carl Winter. Os dois conhecem-se já no Brasil, num hospital de Rio Grande, onde Koseritz estava internado depois de integrar, como soldado, as tropas brasileiras que lutaram contra o ditador Rosas.

Nesse ponto da narrativa, Erico Verissimo novamente recorre à História, pois Koseritz fazia parte dos *Brumers*, um batalhão de mil e oitocentos soldados alemães contratados em 1851 para combater o ditador argentino que invadiu o Brasil na tentativa de aumentar seus domínios. Depois da guerra, Koseritz permaneceu no Rio Grande do Sul, alimentando o sonho abrir uma escola, ensinar e fundar um jornal, o que de fato vem a se confirmar anos depois, consagrando-o como um dos mais importantes jornalistas e defensores da germanidade. Um dos primeiros homens cultos entre os imigrantes, Koseritz dominava a língua portuguesa tanto oralmente quanto por escrito, fazendo do *Deutsche Zeitung* um dos mais duradouros jornais, dedicados à cultura alemã, que circularam no Estado.

A amizade entre as duas personagens será demonstrada através das cartas que Carl Winter envia à Koseritz, narrando-lhe suas impressões sobre o povo da Província de São Pedro e compartilhando com ele seus pensamentos mais íntimos. Porém, pensando nessa relação, percebe-se que a presença dessa segunda personagem germânica é fundamental para o desenvolvimento da narrativa. Ao caracterizá-la como confidente do médico alemão, Erico Verissimo dá oportunidade para que o próprio leitor tome conhecimento dos pensamentos de Carl Winter que, na falta de um amigo suficientemente instruído em meio àquela gente simples de Santa Fé, escreve a Koseritz, e ninguém melhor e mais apto para compreendê-lo do que um indivíduo pertencente ao mesmo grupo étnico e com nível intelectual equivalente.

A partir da apropriação pela Literatura de personalidades e espaços reais e, principalmente, de fatos históricos, Erico Verissimo consegue realizar seu projeto de criação

de um romance sobre a formação da sociedade gaúcha num período de dois séculos, formação na qual, o evento da imigração alemã contribuiu fortemente seja no aspecto econômico, político ou cultural.

Sendo assim, a contextualização de Carl Winter dentro do panorama da imigração alemã no Rio Grande do Sul contribui para a posterior análise dos recursos narrativos empregados por Erico Verissimo na construção de uma personagem que, embora imaginária, tem a capacidade de representar uma temática histórica. Através das características físicas e psicológicas atribuídas à personagem, sua relação com as demais personagens da narrativa e a manifestação de seus pensamentos em relação à sociedade gaúcha, podemos verificar qual era a visão que Erico Verissimo possuía desses imigrantes e, além disso, através de sua versão da imigração alemã na Literatura, torna-se possível questionar a versão defendida pela própria História.

2 A PERSONAGEM CARL WINTER NA NARRATIVA DE *O TEMPO E O VENTO*

2.1 A Personagem

Se na História o ser humano é o sujeito por excelência, aquele que pratica a ação, agindo sobre o meio e inscrevendo-se no tempo, na Literatura, o elemento indispensável para o desenvolvimento do enredo de um texto é a personagem, que desencadeia as ações e dá dinamismo ao processo narrativo.

A origem etimológica da palavra personagem é *persona*, derivada do verbo *personare*, “soar através de”. *Persona* era o nome da máscara que os atores gregos usavam, para dar-lhes a aparência que o papel exigia, amplificando sua voz e permitindo que fosse ouvida pelos espectadores.

Aristóteles, o primeiro a tocar na questão da personagem, refere-se à semelhança existente entre personagem e pessoa, conceito centrado na *mimesis*, traduzido como “imitação do real”. Segundo o teórico (1996, p.71), “o imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, apreende as primeiras noções) e os homens se comprazem no imitado”. Assim, a *mimesis* se explica como uma tendência congênita do homem, ao qual apraz tanto produzi-la quanto contemplá-la, pois envolve uma aprendizagem (conhecimento) e um reconhecimento (identificação com uma forma original).

No entanto, é preciso entender o conceito de *mimesis* não no sentido de reprodução servil da realidade, mas no sentido de construção, por parte do artista, de algo que a ela está ligado, e de alguma forma a reproduz. Para Lígia Militz da Costa (1992, p.6), a partir de Aristóteles, de ontológica a arte passa a ter uma concepção estética, não significando mais “imitação” do mundo exterior, mas fornecendo “possíveis” interpretações do real através de ações, pensamentos e palavras, de experiências existenciais imaginárias.

Dessa maneira, a preocupação de Aristóteles não se restringia apenas ao que é “imitado” ou “refletido” num poema, mas atentava para a própria maneira de ser do poema e com os meios utilizados pelo poeta para a elaboração de sua obra, apontando dois aspectos principais em relação à *mimesis*: a) a personagem como reflexo da pessoa humana; b) a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto.

A personagem, na concepção de Aristóteles, portanto, é tomada como um ser fictício, um ser que, embora esteja relacionado a um ser real, não tem existência real. O problema da verossimilhança³ no romance, segundo Antonio Candido (1998, p.55) depende da possibilidade de um ser fictício, isto é, uma criação da fantasia, comunicar a impressão da verdade existencial. Assim, o texto literário estaria baseado numa relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Conforme o autor, na vida real costumamos formular algumas concepções sobre as pessoas com quem nos relacionamos e, na tentativa de compreendê-las, atribuir-lhes certas características. No entanto, nesse ser uno que a visão ou o contato nos apresenta, a convivência espiritual mostra uma variedade de modos-de-ser, de qualidades às vezes contraditórias, impedindo-nos de abranger a personalidade do outro com a mesma unidade com que abrangemos sua configuração externa. Logo, a percepção que um ser tem do outro ser é limitada e sempre incompleta:

As pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinadas, apresentando-se como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais somente alguns podem ser “colhidos” e “retirados” por meio de operações cognoscitivas especiais. Tais operações são sempre finitas, não podendo por isso nunca esgotar a multiplicidade infinita das determinações do ser real, individual, que é inefável. (CANDIDO, 1998, p.32).

Ao elaborar uma personagem, o escritor retoma, no plano da técnica de caracterização, a maneira incompleta e fragmentária com que elaboramos o conhecimento de nossos semelhantes. Porém, existe a diferença de que na vida real, a visão fragmentária é imanente à nossa própria condição e a interpretação que fazemos de cada pessoa se dá pela experiência, variando de acordo com o tempo ou com as condições de conduta; já no texto literário, podemos variar apenas relativamente a nossa interpretação da personagem, pois ela foi criada e dirigida pelo escritor que lhe conferiu uma estrutura elaborada com características próprias, delimitando sua existência e a natureza do seu modo-de-ser.

Como explica Antonio Candido (1998, p.59), essa estrutura limitada, constituída pelas orações, é obtida pela escolha e combinação de alguns elementos de caracterização (cujo número é sempre limitado se comparado com o máximo de traços humanos impressos no modo-de-ser das pessoas), organizados segundo uma lógica de composição, e não pela

³ O conceito de verossimilhança será explicado detalhadamente no item 2.8 deste capítulo.

admissão caótica de inúmeros elementos, criando, assim, a ilusão do imitado. Justamente por se tratar de orações e não de realidade, o escritor pode realçar aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, conferindo às personagens um caráter mais nítido do que a observação da realidade oferece, conduzindo-as através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida.

Dessa forma, graças aos elementos que usa para descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar impressão de vida, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito em sua riqueza. Contudo, o leitor apreende essa riqueza e toma a personagem como um todo coeso diante de sua imaginação. Conforme o Antonio Candido (1998, p.59), “a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que vem da existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo.”.

Assim, sendo o criador da realidade que apresenta, o romancista pode dominá-la, delimitá-la, mostrá-la de modo coerente, comunicando-a ao leitor como um tipo de conhecimento que, em consequência é mais coeso, completo e satisfatório do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que é oferecido nas relações com as pessoas. O modo pelo qual o escritor conduz nosso “olhar”, através de aspectos selecionados de certas situações, da aparência física, do comportamento, da intimidade das personagens, torna-as até certo ponto, novamente inesgotáveis e insondáveis, refazendo o mistério do ser humano.

Tomando a perspectiva de Antonio Candido, podemos dizer que no romance *O Continente*, a personagem Carl Winter vai sendo esculpida não por imitação de um imigrante alemão real, mas através de uma seleção de informações fornecidas quer pela experiência, quer por meio de relatos historiográficos e de viajantes, e pelo trabalho de criação do escritor, em que entra uma alta dose de imaginação. Na construção dessa personagem fictícia, Erico Verissimo empenha-se em resgatar, pela linguagem, uma criatura possível, dentre os milhares de imigrantes que desembarcaram no Brasil durante o século XIX.

A personagem é o elemento mais atuante, mais comunicativo no texto literário, porém, só adquire pleno significado no conjunto da obra, na construção estrutural do texto. Dessa forma, uma investigação minuciosa da personagem Carl Winter deve contemplar não apenas os recursos narrativos que o escritor utilizou na sua construção, mas deve levar em conta o contexto geral da obra, a relação da personagem com os demais elementos constitutivos do texto literário. Como lembra Antonio Candido (1998, p.75):

a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que a constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, idéias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade de um modo-de-ser, duma existência.

Adentrar no universo de uma personagem, isto é, de uma criatura fictícia, constitui uma tarefa instigante e reveladora, pois reconhecemos nesta, características de pessoas reais com quem convivemos, nos deparamos com os meandros da alma humana, com sentimentos de alegria, saudade, tristeza, frustração, solidão, sondamos as profundezas de um ser criado, na tentativa de desvendar a nossa própria interioridade.

2.2 O fundamento histórico

A crônica histórica da formação do Rio Grande do Sul de 1745 a 1945 configura o projeto de Erico Verissimo ao escrever *O Tempo e o Vento*. Sabe-se que as fontes de pesquisa utilizadas pelo escritor na construção de toda a trilogia forneceram-lhe uma base concreta para realizar esta interpretação do passado. Além de livros de Geografia e História, esse material constituiu-se, principalmente, de relatos de viajantes estrangeiros que percorreram o sul do Brasil durante o século XIX, como Auguste de Saint-Hilaire, Nicolau Dreys e Arsène Isabelle, os quais deixaram depoimentos providos de objetividade científica, expondo com clareza os traços primitivos e elementares do meio social em formação. (CHAVES, 1994, p.53).

Na construção da personagem Carl Winter, como mencionamos anteriormente, Erico Verissimo buscou referências em um evento histórico ocorrido no Rio Grande do Sul: a imigração alemã. O fato de ter se apropriado dessa temática e construir uma personagem representativa do imigrante alemão, contudo, não significa uma tentativa do escritor de relatar o processo da imigração alemã no Rio Grande do Sul, tarefa esta atribuída ao historiador.

Tratando-se de um texto literário e não de um relato historiográfico, a narrativa de *O Continente* não pretende, através da personagem em questão, recontar a saga de camponeses alemães que, insatisfeitos com os altos impostos, a terra escassa e exaurida, emigraram para o

Brasil, encontrando aqui a promessa de uma vida melhor. A apropriação do evento histórico da imigração alemã pelo texto literário constitui, antes, um recurso estrutural da narrativa, que utiliza um fato da realidade para contextualizar um enredo ou, nesse caso, uma personagem, atribuindo-lhe uma origem, uma biografia, traços físicos e uma personalidade, caracterizando-a como integrante de uma determinada cultura.

Nesse sentido, o elemento histórico é tomado como fator da própria construção artística, utilizado no nível explicativo e não ilustrativo, tornando-se um elemento entre outros que interfere na economia da obra literária, juntamente com os lingüísticos, psicológicos, religiosos, etc. No entanto, é importante salientar que, no caso de Carl Winter, o elemento histórico não oferece simplesmente material para a construção da personagem, vai além disso, torna-se fator que atua no que há de essencial na obra, ou seja, associa-se à função desempenhada pela personagem dentro da narrativa.

Assim, o Dr. Carl Winter não é apenas um imigrante alemão caracterizado pelos seus traços físicos, vestuário e linguagem, é, acima de tudo, um estrangeiro, alguém egresso da cultura européia, capacitado intelectualmente para analisar de forma crítica a cultura do povo gaúcho. Daí sua caracterização, realizada por parte do escritor, utilizar o evento histórico (fator social) em benefício da função da personagem na narrativa.

O fator social, no caso a imigração alemã no Rio Grande do Sul, integra a narrativa de *O Continente* como um elemento constituinte de sua própria estrutura interna. Antonio Candido (2000, p.4), ao falar da integridade da obra literária, afirma que texto e contexto fundem-se numa interpretação dialeticamente íntegra, combinando-se como momentos necessários do processo interpretativo. Nesse sentido, o elemento externo (social/histórico) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Entretanto, ao se analisar o fator social como constituinte da obra de ficção, deve-se ter consciência, segundo Antonio Candido (2000, p.12), da relação arbitrária e deformante que o fazer literário estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a *mimesis* é sempre uma forma de *poiesis*. O escritor, através da imaginação, combina e cria ao devolver à realidade, e essa liberdade, própria da criação literária e artística, pode modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva, constituindo-se no leitor a impressão de verdade.

Nessa perspectiva, o recurso utilizado por Erico Verissimo tem maior contribuição para a verossimilhança da narrativa do que para a crônica histórica da formação do Rio Grande do Sul, para a qual a imigração alemã contribuiu significativamente. Como diz

Moysés Vellinho (2001, p.127), os elementos da formação rio-grandense que despontam no enredo de *O Tempo e o Vento*, aparecem menos como argumento histórico do que como material rigorosamente depurado para efeito romanesco. É na habilidade com que Erico Verissimo assimila esse material histórico e o incorpora na trama de ficção que se percebe sua autenticidade de romancista, pois em torno da vida e da ação de suas personagens, ele coloca o leitor em contato com o desenrolar dos acontecimentos que foram urdindo e sedimentando a crônica da formação rio-grandense. “Homens e acontecimentos se misturam na mesma argamassa em que se está construindo, entre rasgos fulgurantes e mudas provações, o destino de uma província.” (VELLINHO, 2001, p. 127).

O fator social, intrínseco à obra, não está, portanto, radicado na mera transcrição da realidade, de um evento histórico, mas no mundo das personagens fictícias, na sua dinâmica, que terá de ser apreendida e interpretada pelo leitor. Como coloca Flávio Loureiro Chaves (1976, p.85), tudo o que Erico Verissimo capta da dinâmica histórica se assimila à natureza fictícia da obra que constrói, importando mais o “processo” do que o “fato”, o “mecanismo” mais do que a “natureza” ou o “conteúdo” dos acontecimentos.

Sendo assim, Erico Verissimo recorre, para a construção da personagem Carl Winter e de todo o romance, a um processo tradutor do argumento histórico. É por meio desse recurso tradutor de um fato real recriado pelo escritor que se estabelece um diálogo entre a História e suas possibilidades. Todas as comparações e imagens que vão dando forma à personagem, só podem ser decodificadas a partir da imigração alemã recuperada e inventada pelo escritor, e não por meio da transcrição rigorosamente fiel do evento histórico.

Como explica Antonio Candido (1998, p.75), originada ou não da realidade, baseada mais ou menos num evento histórico real, a construção da personagem depende da estrutura da obra literária, da sua situação em face das demais personagens, ambiente, duração temporal e idéias. Sua caracterização depende de uma convencionalização, ou seja, de uma seleção e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade de uma existência.

A impressão de verdade da personagem Carl Winter, portanto, não depende apenas da relação com modelos reais propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada; depende, sim, da função que exerce na estrutura do romance, tornando-se uma questão de organização interna.

2.3 A biografia imaginária

Ao contextualizar a personagem Carl Winter dentro da temática da imigração alemã ocorrida no Rio Grande do Sul, o escritor atribui-lhe uma origem em território europeu e uma biografia, ambas imaginárias. Esses dados, além de conferirem maior veracidade à personagem, tornam-se indispensáveis para seu posterior desenvolvimento dentro da narrativa de *O Continente*, constituindo informações que fundamentam as ações e pensamentos da personagem e regem sua visão do mundo.

Tais informações, constituídas pela linguagem escrita, projetam para o leitor a imagem de um ser com existência real. Como explica Antonio Candido (1998, p.14-15), a estrutura do texto literário compõe-se de uma série de planos, dos quais o único real, sensivelmente dado, é o dos sinais tipográficos impressos no papel. Embora essencial à fixação da obra literária, este plano não tem função específica na sua constituição, estando em situação de dependência em relação à atividade concretizadora e atualizadora do leitor. Assim, por meio das orações, são “projetadas”, através de determinadas operações lógicas, “contextos objectuais”, isto é, relações atribuídas aos objetos e suas qualidades. A partir desses contextos objectuais, constitui-se um plano intermediário de certos “aspectos esquematizados” que, quando especialmente preparados, determinam concretizações específicas do leitor. Esses aspectos esquemáticos, ligados à seleção cuidadosa e precisa das palavras com suas conotações peculiares, podem referir-se à aparência física ou aos processos psíquicos de uma personagem, salientando movimentos visuais, táteis, auditivos, etc.

Dessa forma, uma das funções da oração é projetar, como correlato, um contexto objectual que transcende o mero conteúdo significativo da oração. O correlato da oração pode referir-se tanto a um ser real, que exista independentemente da oração, como pode permanecer sem referência nenhuma à realidade. No entanto, segundo Antonio Candido (1998, p.16), essas objectualidades, puramente intencionais, tendem a se constituírem como “realidade”, projetando o objeto como um “ser independente”. No prosseguir da narração, a personagem se emancipa de tal modo das orações, que os contextos objectuais, embora estejam pouco a pouco constituindo e produzindo a personagem, parecem ao contrário apenas revelar pormenores de um ser autônomo.

É como um ser autônomo, aparentemente real, que a personagem Carl Winter desponta do enredo de *O Continente*, constituindo um elemento estrutural indispensável para a economia da narrativa. O imigrante alemão é apresentado ao leitor, logo nas primeiras

páginas do segundo volume, por meio de uma nota do *Almanaque de Santa Fé*, jornal organizado pela personagem Dr. Nepomuceno, juiz de direito da vila. O ano era 1853:

A ciência de Hipócrates está representada entre nós pelo ilustrado Dr. Carl Winter, natural da Alemanha e formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg e que fixou residência nesta vila em 1851, data em que apresentou suas credenciais à nossa municipalidade.” (VERISSIMO, 2002, p.11).

Nesse breve relato já constam informações substanciais a respeito da personagem: uma origem européia, um título de doutor e o adjetivo “ilustrado”. O tempo verbal pretérito, utilizado nas últimas orações, apesar de em certos casos ter cunho fictício do “era uma vez”, tem aqui mais força “realizadora” e “individualizadora” do que a voz do presente, sugerindo que a personagem já existia antes da oração assinalar esse fato. A partir deste momento da narrativa, o imigrante alemão está autorizado por seu narrador a atuar no espaço de Santa Fé, ao mesmo tempo em que o leitor começa a visualizá-lo em sua imaginação. Essa visualização, esse efeito de realidade vai ganhando forma a partir da descrição minuciosa de traços que apontam para a nominalização, para a figura física, para a minúcia dos gestos, para as roupas, para a linguagem.

No entanto, são necessários mais detalhes sobre a origem dessa personagem de modo a justificar a função que ela exercerá dentro da narrativa, dados que justifiquem seus pensamentos e atitudes. O recurso utilizado pelo romancista para que o leitor tome conhecimento dessas informações, se dá através da memória da própria personagem. De maneira nostálgica, deitado em uma cama nada confortável, numa casa cheirando a picumã e mofo, no interior do Rio Grande do Sul, Carl Winter, à espera do sono, relembra sua cidade natal e refaz mentalmente o itinerário que o trouxe até Santa Fé.

Seu nascimento ocorre na pequena cidade alemã de Eberbach, na região de Baden-Württemberg, cuja paisagem é caracterizada pelo Rio Neckar, a Serra de Odenwald e antigos castelos. O último item indica um espaço povoado por uma civilização historicamente constituída, característica comum ao continente europeu e, se comparada ao sul do Brasil, mais avançada em todos os níveis. Em seu livro de memórias *Solo de Clarineta*, Erico Verissimo conta como escolheu o lugar de origem para a personagem:

Onde nasceu ele? Pedi a um amigo, o Dr. Herbert Caro, uma lista de nomes de pequenas cidades alemãs, de preferência de origem medieval, e que

tivessem um certo pitoresco. Dos quatro ou cinco que ele sugeriu, escolhi o de Eberbach. Decidi que essa seria a terra natal do Dr. Winter. (VERISSIMO, 1994, p.299).

Sobre a procedência familiar e a infância de Carl Winter nenhuma informação é dada pelo narrador. No entanto, essa omissão de informações não compromete a construção da personagem, já que o escritor opera, como já foi mencionado, com uma seleção de dados, dos quais utiliza somente aqueles que tem relevância para a função da personagem na narrativa. O que o narrador não deixa de informar, porém, é que a personagem concluiu seus estudos na cidade de Heidelberg, conhecida por sediar a mais antiga e famosa universidade de medicina da Alemanha, a *Heidelberg Ruprecht Karl*. Fundada em 1386, por Ruprecht I, e refundada em 1803, pelo duque Karl-Friedrich de Baden, essa universidade representava um dos centros culturais mais movimentados da época, conhecida por receber poetas e escritores renomados como Johann Wolfgang Goethe, Clemens Brentano e Joseph von Eichendorff. Além de ter convivido em um ambiente impregnado de intelectualidade, Carl Winter ainda percorreu outras cidades da Alemanha como Munique, Hamburgo, Berlim, e viajou para outros centros culturais da Europa prestigiados na época como Viena e Paris, citados ao longo da narrativa.

É provavelmente ao longo de sua formação escolar, de seus estudos universitários e através das viagens que realiza pela Europa, que Carl Winter adquire um vasto conhecimento da cultura erudita, da música, das artes e da literatura, além de dominar ciências como a História, a Biologia e a Geografia. Na narrativa, são mencionadas como conhecidas da personagem: a mitologia grega, as tragédias de Sófocles, as obras dos escritores Heine (seu preferido), Goethe e Hoffmann, as sonatas de Mozart, Haydn, Beethoven e Schubert.

Caracterizado por uma intensa formação intelectual e cultural, Carl Winter emigra para o Brasil não pelos mesmos motivos que levaram milhares de alemães a deixarem sua pátria, mas pelo envolvimento em uma Revolução, o que o impediu de continuar na Alemanha. Sabe-se, entretanto, que sua adesão à guerra originou-se após uma decepção amorosa, cuja ferida ainda doía, como a personagem confessa a si mesma:

“Estou aqui principalmente porque Gertrude Weil, a Fräulein que eu amava, preferiu casar-se com o filho do Burgomestre. Isso me deixou de tal maneira desnortado, que me meti numa conspiração, que redundou numa revolução, a qual por sua vez me atirou numa barricada. Ora, essa revolução fracassou e eu me vi forçado a emigrar com alguns companheiros.” (VERISSIMO, 2002, p. 40).

Se consultarmos a historiografia, veremos que o ano de 1848 foi marcado por uma série de revoluções na Europa central e ocidental, que eclodiram em função de regimes governamentais autocráticos, de crises econômicas, de falta de representação política das classes médias e do sentimento de nacionalismo, despertado na maioria dos países. Esse conjunto de revoluções foi iniciado por membros da burguesia e da nobreza que exigiam governos constitucionais, e por trabalhadores e camponeses que se rebelaram contra os excessos das práticas capitalistas.

Em grande parte dos Estados alemães ocorreram revoltas populares exigindo um parlamento nacional eleito que projetasse uma Constituição em defesa de uma Alemanha unificada. As manifestações e os comícios tornaram-se diários, houve choques entre soldados e manifestantes e logo surgiram barricadas, onde lutavam unidos membros da burguesia, pequenos burgueses e operários. Levando-se em consideração a época aproximada em que Carl Winter chega ao Brasil, provavelmente é a essas revoluções que ele se refere na narrativa.

Dessa forma, ao contrário da maioria de imigrantes alemães que deixaram a Alemanha em busca de uma vida melhor no Brasil, onde trabalhariam a terra da qual seriam eles próprios os donos, conscientes de que jamais voltariam à pátria, Carl Winter, saindo de Berlim, chega ao Brasil, desembarcando no Rio de Janeiro com seu diploma, sua caixa de instrumentos cirúrgicos e algum dinheiro, decidido a estabelecer-se na capital do Império, montar sua clínica e logo que juntasse alguma fortuna e esquecesse Gertrude Weil, retornar à Alemanha.

Porém, não se adaptando ao ambiente carioca, incomodado pelo calor, pelo “excesso de mosquitos e mulatos”, o médico embarca num patacho com destino à Província de São Pedro, animado por conselhos de encontrar um clima similar ao do sul da Europa. Chegando em Rio Grande, oferece-se para trabalhar no hospital da cidade, ocasião em que encontra o compatriota Carl Von Koseritz, que viria a ser seu amigo e confidente.

Mantendo contato com o amigo através de correspondências, Koseritz aconselha Winter a transferir-se para Porto Alegre, onde ficaria próximo da colônia alemã de São Leopoldo e, assim, perto de seu povo. Hostilizado pelos médicos locais e decepcionado com seus conterrâneos de São Leopoldo, que começavam a assimilar os hábitos da terra, o Dr. Winter resolve então procurar a zona rural do Rio Grande do Sul, onde não havia núcleos coloniais alemães. Seu objetivo inicial era conhecer as ruínas das reduções jesuíticas, mais a oeste da Província, cujas lendas o haviam encantado. Nesse percurso, antes de atingir a zona missioneira, de povoado em povoado, aperfeiçoando seu português, Carl Winter chega ao

vilarejo de Santa Fé, num entardecer de maio, onde haveria de permanecer até o fim de sua vida.

Inexplicavelmente, Carl Winter sentia-se atraído por aquele vilarejo pobre e rude: “Por uma razão misteriosa Santa Fé lhe parecera uma vila familiar, que ele conhecia dum sonho ou duma outra vida: tinha a impressão de haver cruzado aquelas ruas num passado muito remoto e só agora descobria que sempre desejara voltar ali.” (VERISSIMO, 2002, p.43).

Passavam-se semanas, meses, anos, e Carl Winter ia se deixando ficar em Santa Fé, como se a vila possuísse uma espécie de poderoso sortilégio, que o impedia de seguir viagem, de tomar outros rumos. Por mais que pensasse, Carl Winter não conseguia apontar algum motivo razoável que o fizesse ficar:

Ficar era absurdo, não havia nenhuma razão ponderável para isso. Podia ir para Buenos Aires, ou voltar para qualquer capital européia onde houvesse teatro, música (que falta sentia de teatro e de música) e museus onde de quando em quando pudesse encher os olhos e o espírito com a beleza das obras dos grandes mestres. Queria um lugar que lhe oferecesse conforto e oportunidades de agradável convívio humano. (VERISSIMO, 2002, p.44).

Santa Fé não lhe oferecia nem uma coisa nem outra. A vila era totalmente diferente dos ambientes que Carl Winter costumava freqüentar na Europa. A carência de conforto e, principalmente, a carência cultural na nova terra era o que mais o alemão lamentava. No entanto, nada o prendia ali. Não tinha mulher nem filhos, não tinha sequer uma clínica onde trabalhar, atendia os pacientes em suas próprias casas. Mas desanimava-se com a idéia de percorrer longas distâncias a cavalo ou sacolejando dentro de uma “diligência desconjuntada” para chegar a Porto Alegre e tomar um navio. Às vezes, ficava à espera de um acontecimento para o qual havia sido convidado: um casamento, um batizado, uma festividade, cavalhadas, etc. “Mas a verdade era que ia ficando por pura inércia.” (VERISSIMO, 2002, p.44).

No entanto, o que Carl Winter apreciava em Santa Fé e contribuía para prolongar sua permanência, ele encontrava na natureza exuberante, na beleza das pequenas coisas, na tranquilidade da vida e nos hábitos daquela gente simples. Eram as laranjas e bergamotas que as geadas faziam amadurecer, o leite morno saído direto do úbere da vaca, os churrascos com farinha que Gregória, sua escrava, lhe preparava, o pinhão cozido, bolo de polvilho, a conversa depois do almoço na loja do Alvarenga, as partidas de xadrez e as discussões com o

juiz ou com o vigário, os serões no Sobrado, os longos passeios a pé pelo campo de manhã, a paisagem, o pôr-do-sol.

Na paisagem ele descobrira então o mais poderoso motivo de sua permanência em Santa Fé. É que ela lhe dava uma vertiginosa sensação de ser livre, de não ter peias nem limites. De certo modo naquela vila ele realizava pela primeira vez seu velho ideal de não assumir compromissos definitivos com ninguém nem com coisa alguma. Não ter amo nem mestre, e poder – ah! Principalmente isso - poder de vez em quando dar-se o luxo da solidão, da mais absoluta e hermética solidão, eram positivamente coisas voluptuosas! (VERISSIMO, 2002, p.45).

Esse apreço pela solidão e pela liberdade, caracterizando uma personalidade individualista, são na verdade qualidades selecionadas intencionalmente pelo escritor na construção da personagem. Uma pessoa erudita, solitária e sem família para sustentar, poderia dedicar-se quase que exclusivamente à análise da vida alheia.

São nesses momentos de solidão que Carl Winter fará reflexões sobre Santa Fé, para si mesmo ou através de cartas para Koseritz. Esses momentos de silêncio em que Carl Winter é colocado, contudo, não prejudicam o andamento da narrativa, pois o narrador dá conta de seus pensamentos, transmitindo-os ao leitor. De acordo com Antonio Candido (1998, p.32), em um romance, a personagem pode permanecer calada durante bastante tempo, porque as palavras ou imagens do narrador se encarregam de comunicar ao leitor os seus pensamentos, ou simplesmente, os seus afazeres, o seu passeio solitário.

Dessa forma, caminhando pelo campo, admirando a paisagem, ou no interior de sua tosca casa, Carl Winter refletirá sobre si mesmo, sobre seu destino, e analisará a peculiar sociedade com a qual está convivendo, tirando suas próprias conclusões.

2.4 A formação

Carl Winter chega ao Brasil como um refugiado político, porém, mais do que fugir de sua pátria após uma revolução perdida, ele procura escapar de uma desilusão amorosa, de um amor fracassado, que o lança para o desconhecido, para a aventura na América, para um

exílio voluntário. E nada melhor que um lugar exótico, ainda pouco explorado pelos europeus, de gente estranha e natureza praticamente intocada, para reorganizar os sentimentos e a vida.

A insatisfação perante os acontecimentos e a tentativa de fugir à realidade que o perturba na Alemanha, fazem da viagem de Carl Winter ao Brasil uma forma de evasão no espaço. Esses e outros comportamentos manifestados pela personagem já em terras brasileiras, como a procura por lugares remotos, a busca da solidão, a contemplação da natureza, o apreço pela liberdade, as privações materiais, podem ser interpretados como atitudes românticas, manifestadas na vida e na obra de grandes poetas, prosadores e músicos alemães do século XIX, e, não por mera coincidência, os artistas preferidos da personagem, como consta na narrativa de *O Continente*.

Levando-se em consideração a época em que se deu a formação intelectual da personagem na Europa, certas atitudes de Carl Winter, nessa perspectiva, parecem estar sob a influência do Romantismo, que surgiu na Alemanha e Inglaterra, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX e se constituiu não apenas em um movimento literário, mas também histórico, político, religioso, social e estético. O movimento romântico estendeu-se para além de sua datação histórica, mesclando-se a uma série de outros movimentos, inclusive na literatura das ciências sociais.

Karin Volobuef (1999, p.12), amparada pelos principais críticos literários do assunto, afirma que a contribuição do Romantismo não se restringiu somente ao campo das letras, mas alcançou todo o pensamento humano, pois significou a rebeldia contra a autoridade do passado, contra o convencionalismo fossilizado, contra a manutenção incontestada das tradições. Embora abarcasse também tendências conservadoras, o fenômeno do romantismo europeu, como um todo, foi impulsionado pela Revolução Francesa e representou a liberdade, o espírito de renovação, a busca de caminhos inexplorados, constituindo-se num movimento crítico, rebelde, inquisitivo, revelador. Como explica a autora: “Houve as lágrimas, sem dúvida, mas também o grito por justiça; houve o gesto retrógrado, mas também a diligência inovadora; houve o espírito voltado para o passado, mas também o olhar em busca do futuro.”.

Nossa preocupação aqui se restringe ao romantismo alemão enquanto movimento artístico-literário, voltando um olhar sobre o pré-romantismo, que o antecedeu. Pretende-se refletir sobre as características que perpassaram o espírito romântico manifestado na literatura e na música, representadas por nomes como Goethe, Schiller, Heine, Hoffman, Mozart, Haydn, Beethoven e Schubert, e suas influências na personalidade de Carl Winter, apreciador desses poetas, prosadores e músicos, aos quais se refere ao longo da narrativa.

Otto Maria Carpeaux (1961), em estudo canônico sobre a literatura ocidental, afirma que o Romantismo foi preparado, durante a segunda metade do século XVIII, por meio de uma renovação da sensibilidade, principalmente na Inglaterra e na Alemanha, propagando-se fortemente na França, com a figura de Rousseau. Segundo o autor:

Verificou-se a coerência dessas correntes na Europa inteira: o sentimentalismo de Richardson e Rousseau, o novo senso da natureza, a descoberta das montanhas e do encanto dos mundos exóticos, o entusiasmo pela poesia popular, Ossian e as baladas inglesas, a descoberta da poesia na Bíblia, o gosto pelo maravilhoso em Milton e na literatura medieval. (CARPEAUX, 1961, p.1184).

Essas novas correntes de pensamento, marcadas pelo desenvolvimento de novas capacidades psíquicas, da sensibilidade para descobrir aspectos até então ignorados do mundo exterior, da natureza e das relações sociais, constituíram um estilo literário bem definido: o Pré-romantismo. A transformação do Pré-romantismo em Romantismo, assim como o conhecemos, mal teria sido possível, na opinião de Carpeaux (1961, p.1370), sem as influências rousseauianas, provenientes da França.

O século XVIII foi marcado pela imensa ampliação da matéria em todas as ciências. O conhecimento dos mundos árabe, indiano e chinês, a revelação da pré-história dos povos germânicos e célticos, a exploração científica da América Ibérica pelas expedições dos cientistas, a descoberta do Pacífico e das suas ilhas pelas viagens de Cook, a ampliação do universo pelos astrônomos, tudo isso aumentou os limites do saber humano no tempo e no espaço. E para assimilar esses novos mundos, não se precisava da cultura aristocrática nem do conhecimento das antigas línguas. Nesse sentido, como afirma Otto Maria Carpeaux (1961, p.1462), o Pré-romantismo constituiu o primeiro grande movimento literário da história européia que não se inspirou na Antiguidade greco-romana, tendo como um dos primeiros aspectos dessa revolução a noção de exotismo. Enquanto os racionalistas apreciavam a sabedoria da velhice, das civilizações maduras dos orientais, os pré-românticos preferiram outro aspecto do longínquo: a mocidade, a ingenuidade, os instintos não degenerados, a virgindade intacta da natureza. Se até meados do século XVIII as montanhas e paisagens agrestes inspiravam terror, apreciando-se, sobretudo, a natureza domesticada, os jardins da França, as planícies bem cultivadas da Holanda; com o Pré-romantismo outro sentimento da natureza se anuncia, e sua primeira expressão pode ser encontrada em Rousseau.

Jean-Baptiste Rousseau (1671-1741) foi o mais acadêmico de todos os poetas franceses, e encarou o espírito de resistência do antigo regime, político e literário. Embora filho do Iluminismo, Rousseau criticou o racionalismo, criando uma nova acepção da natureza. Segundo Gerd Bornheim (2002, p.80), o ponto de partida da filosofia de Rousseau é a interioridade, um voltar-se sobre si mesmo. O sentimento passa a ser considerado o fator básico da vida individual, pois somente nele se traduz a autêntica interioridade do homem. A razão adquire uma função inferior e de dependência em relação ao sentimento. Como explica o autor:

Só através dos sentimentos é que as idéias e o mundo racional podem adquirir sentido, podem de fato ser apreciados, porque o sentimento é a medida da interioridade do homem. No sentir, no viver-se, o homem é de fato ele mesmo desde as suas raízes, espontânea e livremente.

O sinônimo desse sentimento interior, para Rousseau, é natureza. No entanto essa natureza se opõe à natureza cartesiana e enciclopedista, concepção racional, fria, mecânica, uma natureza vista através dos olhos da ciência, produto, portanto, da cultura. Em Rousseau, natureza e cultura são mundos que se opõem, mundos antitéticos que se excluem reciprocamente, e nesse sentido, ele rejeitou a cultura do racionalismo clássico, que tendia a aprisionar o homem em convencionalismos estéreis.

Em *Os sonhos de um andarilho solitário* (1777), Rousseau entrega-se a devaneios solitários em longos passeios pelo campo, a uma atitude bucólica, numa tendência a fundir-se misticamente com a natureza. Assim, natureza e espírito confundem-se, e essa interiorização da natureza permite um mergulho na interioridade humana.

As idéias de Rousseau encontraram forte repercussão no espírito dos jovens do movimento pré-romântico *Sturm und Drang* (1770), que levaram a sério a oposição estabelecida entre natureza e cultura, exagerando-a a ponto de se entregarem a uma rebelião frenética a todos os valores estabelecidos. Os *Stuermer* eram jovens que entraram em choque com a realidade feudal da sociedade alemã, e o instrumento com o qual pretendiam derrubar a literatura e a sociedade do antigo regime foi o conceito de *gênio*. A identificação entre gênio poético e gênio popular foi interpretada de maneira revolucionária. O gênio seria consequência de uma inspiração, sem levar em consideração as diferenças sociais. Na concepção de Anatol Rosenfed e J. Guinsburg (2002, p.267), tratava-se de um verdadeiro demiurgo, de uma força cósmica, inata, independente da cultura. Sua criação seria, portanto,

fruto de pura inspiração, espontaneidade, não podendo ser retocada por critérios artesanais de perfectibilidade. Assim, o valor da obra passava a residir em algo que não estava nela objetiva e formalmente, e sim subjetivamente no seu autor.

Como explica Aguiar e Silva (2002, p.533), o conceito de pré-romantismo abrange as tendências estéticas e as manifestações de sensibilidade que a partir da segunda metade do século XVIII, se afastam dos cânones neoclássicos, anunciando o Romantismo. O pré-romantismo não possuiu verdadeiramente a homogeneidade de uma escola literária, mas nem por isso se apresentou como um movimento desprovido de características próprias. A valorização do sentimento passa a ser o traço fundamental da literatura pré-romântica, transformando a sensibilidade na fonte por excelência dos valores humanos. A literatura começa a desvendar os segredos da interioridade humana e volta-se para uma temática que aborda os sonhos, a solidão, a morte. A natureza e a paisagem passam a ser vistas sob uma nova perspectiva, mas não se trata apenas de uma maior capacidade descritiva do mundo exterior; estabelecem-se relações afetivas entre a natureza e o eu, ou seja, os elementos da natureza passam a associar-se intimamente aos estados de alma do escritor. Ocorre a descoberta da beleza do Outono, tempo de folhas caídas e crepúsculos magoados, o mistério das paisagens montanhosas, contrastadas e selvagens.

Essa nova sensibilidade, segundo o autor, pode apresentar um caráter terno e tranquilo, como a emoção diante de uma paisagem ou como as lágrimas melancólicas suscitadas por uma lembrança, mas pode também manifestar-se num sentimento de desespero e angústia, intensificado por visões lúgubres, paisagens agrestes, noturnas e solitárias, por dolorosos presságios, por sonhos ruins e pela morte.

O Pré-romantismo, portanto, antecipou e lançou as bases para o Romantismo que se espalhou por toda a Europa. Conforme Anatol Rosenfeld e J. Guinsburg (2002, p.268), o Romantismo é, antes de tudo, um movimento de oposição violenta ao Classicismo e ao Iluminismo. Se antes prevalecia a serenidade, a ordem, o equilíbrio, a harmonia, a disciplina, a objetividade, no Romantismo predominará a efusão violenta das paixões, a desarmonia, as dissonâncias, o subjetivismo. O ímpeto irracional, o gênio original e a exaltação dionisíaca irão sobrepor-se à contenção, à disciplina apolínea do Classicismo. Será valorizado o elemento noturno, algo selvagem e também patológico, haverá uma inclinação profunda pelo mórbido e não mais prevalecerão os elementos de uma linha clara, lúcida, solar, diurna, transparente.

Na Alemanha, o Romantismo teve seu terreno preparado inicialmente pela Reforma de Martinho Lutero, com o surgimento do pietismo, corrente religiosa que advogava uma

postura intimista e a intensificação da fé. A filosofia de Kant, por sua vez, lançou os fundamentos do Idealismo com um novo conceito de indivíduo. O movimento literário pré-romântico *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), encabeçado por Goethe e Schiller, trouxe um conjunto de concepções inovadoras, posteriormente absorvidas e levadas às últimas conseqüências pelos românticos. Por último, a Revolução Americana (1770-1783) e a Revolução Francesa (1789) representaram uma chance, pela primeira vez na história, de o homem tentar realizar seus ideais de liberdade e igualdade, de recusar a tirania política, social e cultural ancorada em premissas remanescentes do sistema feudal.

Esses fatores, segundo Karin Volobuef (1999, p.27), contribuíram para impelir o poeta alemão a desprender-se dos valores estéticos ditados pelo Classicismo francês e, inspirando-se em seu próprio poder criativo, buscar uma renovação de sua literatura. Além disso, o sentimento de resistência aos exércitos de Napoleão fez com que os artistas buscassem os traços tipicamente nacionais e se voltassem para a história de seu país, seu povo, sua língua. Assim, embora política e economicamente, a Alemanha não fosse um país unificado, mas um território subdividido em reinos, principados e ducados, o empenho dos poetas e prosadores dessa época consistiu em delinear uma literatura nacional com características próprias e afins ao contexto sócio-cultural.

A eclosão do Romantismo alemão nos anos 1796-1797 demarca seu pioneirismo diante dos outros romantismos, que, com exceção do inglês, foram surgindo sucessivamente ao longo das primeiras décadas do século XIX e apresentam traços por vezes bastante próximos à Ilustração. Na Alemanha, o Romantismo costuma ser subdividido em grupos, com características próprias e denominados de acordo com o centro universitário que os abrigava.

O primeiro grupo surgiu em 1799 e vigorou até 1801, na cidade universitária de Jena. Seus integrantes dedicaram-se ao estudo da história e da crítica literárias e à reflexão filosófica. Participaram deste primeiro grupo nomes como Ludwig Tieck, Novalis, os irmãos August Wilhelm Schegel e Friedrich Schegel, o filósofo Friedrich Wilhelm Joseph Schelling e o teólogo Daniel Friedrich Schleiermacher.

Tendo no Idealismo de J. G. Fichte (1762-1814) seu ponto de partida, o grupo de Jena acreditava no “Eu” como uma força ou elemento universal, absoluto, infinito, enfim, como a própria origem do mundo e integração de todas as coisas. Esse grupo lançou propostas inovadoras e revolucionárias no âmbito da estética literária. Dessa forma, o romântico não intentava satisfazer o leitor comum, disposto apenas a servir-se da literatura como entretenimento. Ele desejava, ao contrário, produzir um leitor intelectualmente ativo que se dispusesse a aceitar o desafio de abordar o texto de modo crítico e independente. Isso conferiu

ao Romantismo um caráter profundamente intelectualizado e racional, como aponta Karin Volobuef (1999, p.72):

A par de quanto se afirmou, e ainda se afirma, acerca do propalado irracionalismo dos românticos, eles em verdade deram grande valor à Razão e à reflexão, não podendo, portanto, ter sido inimigos declarados do Iluminismo ou do Racionalismo, tal como amiúde são pintados.

Esse pendore à intelectualidade, além disso, levou os românticos a concentrarem-se na esfera do abstrato e intelectualmente mais elevado, distanciando-se da vida cotidiana e dos problemas banais do dia-a-dia, que seriam a principal, senão a única, preocupação do cidadão comum. Para eles, arte e ciência constituíam a essência do mundo e por meio delas cada indivíduo poderia tornar-se pessoa, artista e deus. Essa elevação acima da vida prosaica, contudo, seria alcançada por poucos, ou seja, ficaria restrita ao diminuto círculo de artistas e intelectuais românticos.

Após a dissolução do grupo de Jena, o movimento passou a espalhar-se pelo território alemão, manifestando-se no início do século XIX em diversos centros. O mais significativo foi o círculo radicado em Heidelberg entre 1806 e 1808. Seus integrantes foram: Clemens Brentano, Achim von Arnim, Bettine von Arnim, Joseph Görres e Joseph von Eichendorff, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e Ludwig Vhland. Essa geração, segundo Karin Volobuef (1999, p.38), presenciou a invasão da Prússia pelos exércitos de Napoleão e, experimentando a dominação estrangeira, abandonou a postura cosmopolita dos anteriores. Também se desiluiu quanto à capacidade de atuação do “Eu”, e conseqüentemente desenvolveu uma ótica menos vinculada aos aspectos subjetivos. Surgiu daí o sentimento nacionalista e um interesse pelo passado histórico, pela cultura popular e pela mitologia. Além da coleta de contos de fadas, lendas e canções, o grupo elaborou ainda importantes estudos filológicos.

O nacionalismo alemão adotaria o conceito de *Volk* (Povo), a comunidade popular, tendo Herder como precursor, devido aos seus estudos realizados no campo da lingüística e da literatura, por influência das idéias rousseauianas sobre a importância das etapas primitivas e pré-civilizadas da evolução humana. Nessa concepção, como aponta Nachman Falbel (2002, p.43), a língua é tida como repositório cultural de um povo, fruto de um acúmulo de tradições e criatividade durante séculos de história, e é através dela que o conhecimento se torna possível, assim como as diferenças lingüísticas refletem diferentes experiências dos povos.

Dessa forma, a teoria estética de Herder liga-se à idéia de que a poesia constitui um produto de condições naturais e históricas captadas por intermédio de uma experiência do “sentir” (*Gefühl*). A linguagem poética, portanto, pertenceria a todos, seria a língua-mãe da humanidade e apareceria, pura e original, nos períodos primitivos de cada nação, revelando-lhe a imensa riqueza lingüística, como no Velho Testamento e em Homero.

Berlim foi o centro de outro expressivo círculo romântico que deu continuidade aos ideais dos grupos anteriores, mantendo o de universalidade dos poetas de Jena e o interesse pelas raízes nacionais e populares dos de Heidelberg. A nova universidade de Berlim, fundada em 1810, foi a primeira a ter como programa a unidade indissolúvel do ensino superior e da pesquisa científica, caracterizando o altíssimo nível intelectual desse grupo e a exclusão da burguesia culta e dos intelectuais de toda atividade na vida pública.

Embora cada um desses centros românticos apresentasse um perfil próprio, as características de um grupo não negava as dos outros, visto que os artistas transitavam em mais de um grupo, freqüentavam as academias de várias cidades universitárias, estavam em permanente contato com diferentes formas de pensamento.

Dessa forma, não se pode atribuir à personagem Carl Winter influências de um ou de outro grupo. Embora tenha estudado na universidade de Heidelberg, que havia sediado a segunda geração do Romantismo alemão, Carl Winter manifesta características do Romantismo como um todo, atitudes e pensamentos que marcaram o espírito europeu nas primeiras décadas do século XIX, características estas que podem ser encontradas na vida e na obra de seus escritores preferidos.

Deve ficar claro também que, ao se tentar abordar as influências do Romantismo alemão sobre a personagem em questão, não a estamos interpretando como um indivíduo alheio à realidade circundante, perdido num mundo de sonhos e devaneios, incapaz de raciocinar. Pelo contrário, Carl Winter, munido de sensibilidade romântica, procura refletir sobre a sociedade que o cerca, lançando mão de sua formação intelectual para analisá-la criticamente.

Conforme Karin Volobuef (1999, p.80), para Fichte (1762-1814), cuja teoria influenciou diretamente os românticos da primeira geração, a origem de todas as coisas está no “Eu”, uma entidade distinta do sujeito empírico, que realiza a estruturação e ordenação do mundo através do ato do pensamento, um ato criativo e organizador. Dessa maneira, o “Eu” conteria duas dimensões: a espiritual, que corresponde à verdadeira realidade e através da qual se pode evoluir, e a material, que se resume no corpo físico visível e em suas

necessidades. Essa valorização da dimensão espiritual, essa ênfase à subjetividade, porém, não implica a negação do mundo ou a perda de contato com ele. Conforme a autora:

O mundo é entendido como uma parte do eu, o que significa que os românticos não desprezavam o ambiente concreto, apenas não lhe reconheciam uma existência autônoma em relação ao sujeito. O texto romântico, assim, salienta a importância do sujeito na conformação do mundo: a realidade é um elemento que não está pronto, nem é evidente ou inequívoco, mas sim um material sempre possível de transformação. (VOLOBUEF, 1999, p.90).

Segundo Aguiar e Silva (2002, p.544), interpretando erroneamente o pensamento de Fichte, os românticos identificaram o Eu puro como o eu do indivíduo, com o gênio individual, e transferiram para este a dinâmica daquele. Dessa forma, para eles, o espírito humano constitui uma entidade dotada de uma atividade que tende para o infinito, que aspira a romper os limites que o constroem, numa busca incessante do absoluto, embora este permaneça sempre como um alvo inatingível.

Energia infinita do eu e anseio do absoluto, por um lado; impossibilidade de transcender de modo total o finito e o contingente, por outra banda – eis os grandes pólos entre os quais se desdobra a aventura do eu romântico. (AGUIAR E SILVA, 2002, p.544).

Advém daí a permanente insatisfação do romântico perante a vida, a sensação de incompletude, de quem nunca consegue atingir o desejado. Nesse sentido, os românticos desenvolveram ainda uma sensibilidade para a oposição entre a atividade intelectual pura e a atividade prática no mundo concreto. Como explica Karin Volobuef (1999, p.99), enquanto aquele que se dedica à atividade intelectual na medida em que o faz lança-se em busca da plenitude, o cidadão comum permanece preso às amarras do dinheiro, do conforto material, do trabalho com fins “úteis” e práticos, retido no âmbito banal e limitado das necessidades materiais. Este último, encontra-se representado em todas as camadas sociais, principalmente na burguesia da época, denominada pejorativamente de “filisteus”, contrastando com o romântico na medida em que é alguém perfeitamente integrado a um estilo de vida fundado nos hábitos regrados e repetitivos, na recorrência do conhecido e usual e no suporte da segurança e tranquilidade materiais.

Assim, em resposta a uma sociedade constituída por filisteus, o romântico desenvolveu o sentimento de ser um *outsider*, alguém que está à margem da coletividade, o que o fez, muitas vezes, se entregar a uma vida boêmia, desafiando os padrões morais dominantes entre os cidadãos comuns da classe média.

Na narrativa de *O Continente*, o envolvimento da personagem Carl Winter em uma revolução na Alemanha implica um desafio aos padrões de sua classe, além de sugerir uma forma de escapismo da realidade. A insatisfação com a sociedade e a desilusão amorosa podem ter sido os motivos que o levaram a escolher um caminho em que a própria vida seria desafiada, um ambiente bélico onde seriam testados todos os seus limites, onde a morte seria uma companhia constante. Terminada a revolução, Winter resolve embarcar para o Brasil, numa nova tentativa de evasão, aproximando-se muito da atitude romântica, como explica Aguiar e Silva (2002, p.549):

Profundamente desgostado da realidade circundante - encarnação do efêmero, do finito e do imperfeito-, em conflito latente ou declarado com a sociedade, lacerado pelos seus demônios íntimos, o romântico procura ansiosamente a evasão: evasão no sonho e no fantástico, na orgia e na dissipação, ou evasão no espaço e no tempo.

A resolução de Carl Winter de fugir do ambiente que o oprimia, lançando-se ao desconhecido, pode sugerir uma forma de evasão no espaço, entretanto, também pode ser entendida como uma tentativa de encontrar em um lugar distante, no Brasil, um novo sentido para sua vida. A viagem assumiria assim um sentido simbólico. Para Chevalier (2006, p.952), a viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, mais do que um deslocamento físico, exprime uma necessidade de experiências novas. Indica uma insatisfação que leva à busca e à descoberta de novos horizontes:

Em todas as literaturas, a viagem simboliza, portanto, uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento, concreto ou espiritual. Mas essa procura, no fundo, não passa de uma busca e na maioria dos casos uma fuga de si mesmo.

Ana Maria Moraes Belluzzo (2003, p.12), em estudo sobre os cientistas e artistas europeus que vieram ao Brasil no século XVIII e XIX, diz que a viagem mostra-se um método capaz de tirar o sujeito do âmbito cotidiano e da esfera do “mesmo”; é capaz de levar

o viajante a experimentar a alteridade e propiciar-lhe uma outra visão, revelando a diversidade do mundo ou colocando em confronto o universo interior e o universo exterior. Através da viagem, deixa-se a identidade e a rotina para trás, para redescobri-las muito longe, na relação com o país estranho, que promove ainda o estranhamento da própria cultura.

O viajante aprecia a experiência de partir, de dividir, de alternar, a qual se submete sucessivamente em detrimento da vivência do contínuo e do permanente. A viagem “romântica” não leva somente à prática da visão do outro, propicia e tira proveito da emoção das rupturas, do se perder e do se encontrar. (BELLUZZO, 2003, p.12).

O tema da viagem torna-se freqüente na literatura do Romantismo. Mas a viagem representa muito mais do que um recomeço em uma terra distante, representa uma redescoberta interior do próprio indivíduo na relação com o diferente:

Outra forma de evocar a renovação e o revigoramento do mundo manifesta-se nos românticos pelo anseio por terras distantes, pouco conhecidas e exploradas até então. Além de abrigarem a possibilidade do novo, incomum e inesperado, outros países continham, aos olhos dos românticos, a qualidade de ser diferentes, muitas vezes até exóticos. Em conseqüência, um dos motivos mais recorrentes na literatura romântica na Alemanha é o da viagem, o do personagem que abandona seu torrão natal em busca de novas terras, inebriado pelo desejo de alcançar o horizonte distante. (VOLOBUEF, 1999, p.113-114).

Depois de chegar ao Brasil, outras atitudes excêntricas de Carl Winter desafiam os padrões da classe social a qual pertencia. O fato de se estabelecer em uma vila no interior da Província de São Pedro, em um ambiente rural, portanto, contrasta com os grandes centros urbanos europeus pelos quais circulava; a elegância e o conforto da vida na Alemanha dão lugar à pobreza do lugar e à rusticidade dos hábitos dos gaúchos; o convívio com intelectuais nos centros acadêmicos é substituído pelas conversas com pessoas praticamente analfabetas, formadas, como elas próprias diziam, pela escola da vida. Veja-se a seguinte passagem:

Que contraste aquele ambiente oferecia quando Winter o comparava com os aposentos que tivera na Alemanha! Mas aquela rusticidade, aquela pobreza davam-lhe um absurdo prazer como o que uma pessoa sente ao se infligir certos castigos sem propósito: tomar banhos frios no inverno, dormir em camas duras. (VERISSIMO, 2002, p.38).

Percebe-se nesse trecho, que Carl Winter buscava novas sensações, até certo ponto masoquistas, criava situações que contrastavam com as que estava habituado até então. Na verdade, ele não precisava passar por essas privações materiais, afinal, era médico, podia estar em qualquer centro urbano com melhores condições de trabalho, clinicar e manter uma vida confortável: “Por que era que ele insistia em continuar naquela casa? Extravagância? Autoflagelação? Ou simples preguiça? Talvez fosse preguiça. A verdade era que costumava divertir-se imaginando o que diriam seus amigos de Berlim se o vissem naquele ambiente.” (VERISSIMO, 2002, p.39). O médico alemão desafiava, assim, os padrões de sua classe social, numa atitude provocativa em relação aos amigos, refletindo a insatisfação com a sociedade alemã em geral.

Se a viagem para lugares remotos torna-se um tema freqüente na literatura do Romantismo, o refúgio em meio à natureza numa frenética busca pela solidão, torna-se a marca definitiva do herói romântico. Esse comportamento pode ser percebido também na personagem Carl Winter. Ao se isolar do mundo em meio às coxilhas de Santa Fé, seu espírito era tomado por uma inebriante sensação de liberdade:

Gostava de dar pela manhã longos passeios a pé pelo campo, sentindo no rosto a brisa fresca que cheirava a sereno batido de sol. Nessas ocasiões deixava os olhos passearem pelas coxilhas verdes onde as macegas pareciam as cabeleiras de milhares de *Fräulein* soltas ao vento. (Trude! Trude! *Ich liebe dich, aber das ist ja unmöglich*⁴...) Numa carta que dirigira a Von Koseritz, descrevendo-lhe a vida que levava, dissera: “*Ich berausche mich na der Weite des Horizontes*” – tomo bebedeiras de horizontes. Nunca em toda a sua vida vira céus mais largos nem sentira tamanha impressão de liberdade. (VERISSIMO, 2002, p.45).

Carl Winter gostava de ficar sozinho, caminhando ou admirando a paisagem. Nesses momentos, refletia sobre sua vida e sobre a nova sociedade que se lhe apresentava. Além disso, essa solidão dava-lhe a sensação de plena liberdade, de não ter ligações com nada nem ninguém. Ele estava em meio à gente estranha, longe de sua pátria, de seus amigos, de Gertrude, não devia satisfações a nenhum deles, e pretendia continuar assim. Carl Winter desejava manter uma certa distância das pessoas, não se envolvendo sentimentalmente com elas nem com seus problemas, não pretendia se casar, não criaria vínculo nenhum com a terra, de modo que pudesse partir de um momento para outro, assim que quisesse.

⁴ Eu te amo, mas isso é impossível...

Esse afã de liberdade, de eterna busca por algo que transcende o prosaico e o comum, de acordo com Karin Volobuef (1999, p.105), inscreve-se também na atitude romântica de recuar ante a instituição do casamento (ao contrário do Romantismo brasileiro). O matrimônio representa, para o romântico alemão, mais um aspecto da vida social impregnada pelo convencionalismo e pela regularidade burguesa. O caráter estático, perene, imutável do casamento é contrário ao espírito dinâmico e volátil do romântico.

Dessa forma, era em meio à paisagem, no contato com a natureza, que Carl Winter vivia com maior intensidade seu desejo de liberdade. A contemplação do pôr-do-sol e os campos a perder de vista davam-lhe uma sensação de horizontes infinitos. A visualização da paisagem correspondia, para Winter, à contemplação de uma obra de arte, onde as cores da natureza tingiam os seres com várias tonalidades, envolvendo-os numa aura de mistério:

O pôr-do-sol de Santa Fé também o deixava exaltado. Em certos dias de outono subia à coxilha do cemitério para ver os crepúsculos vespertinos, que eram longos e fantasticamente coloridos. Em certas horas o céu do poente tomava uma tonalidade esverdeada e transparente: era como se a cor dos campos refletisse no vidro do horizonte. E sobre toda a paisagem em torno pairava uma vaga neblina violeta que acentuava as sombras, tingia as pessoas, os animais e as coisas, parecendo aumentar a quietude do ar e da hora. (VERISSIMO, 2002, p.45).

Para Karin Volobuef (1999, p.120), natureza e arte são vistas como duas formas de expressão do absoluto, no que reflete uma tendência própria dos românticos que é a de ver uma profunda conexão entre o homem e a natureza, a qual deixa de ser concebida como um simples objeto exterior ao indivíduo. Nesse sentido, com o auxílio da sensibilidade e da capacidade imaginativa, o homem pode ter acesso à natureza e compreender seu significado mais profundo, entrando assim em comunhão com o absoluto.

A Natureza, portanto, extrapola o simples âmbito de paisagem e ambiente físico, tornando-se, aos olhos dos românticos, uma esfera superior em que se expressa o absoluto e, por extensão, o sujeito. Assim, em vez de algo inerte e insensível, a natureza torna-se mutável e criadora – como o indivíduo, de quem é um prolongamento. (VOLOBUEF, 1999, p.122).

Nesse sentido, a natureza desempenha papel importante na configuração da religiosidade no Romantismo. Segundo Aguiar e Silva (2002, p.559), os românticos descobriram e cultuaram Deus nos astros e nas águas do mar, nas montanhas e nos prados, no

vento, nas árvores e nos animais, em tudo o que existe no universo. Sendo assim, o panteísmo representou, com efeito, a forma de religiosidade mais freqüente entre os românticos.

A personagem Carl Winter é caracterizada por não seguir nenhum dogma religioso, estando desvinculada de qualquer crença ou instituição religiosa, como mostra a seguinte passagem, numa de suas cartas a Koseritz: *“O Pe. Otero, que parecia tão meu amigo, ultimamente deu para reprovar a vida que levo, pois não vou à missa, não contribuo com dinheiro para as obras da igreja e de vez em quando externo minhas idéias heréticas.”* (VERISSIMO, 2002, p.120).

Como explica Aguiar e Silva (2002, p.559), visceralmente individualista e egoísta, o romântico dificilmente aceita uma ortodoxia baseada num corpo de dogmas e garantida pela autoridade de uma hierarquia. A sua religiosidade é preponderantemente de natureza sentimental e intuitiva, e o seu diálogo com a divindade tende a dispensar a mediação do sacerdote e o formalismo dos ritos, desenrolando-se na intimidade da consciência. De fato, Carl Winter acredita existir uma entidade superior que cria e rege o universo, representada por Deus ou quem quer que seja, podendo estar manifestada na própria natureza:

A paisagem daquela província perdida nos confins do continente americano era doce e amiga, supinamente civilizada, um cenário digno de abrigar a gema da raça humana. Parecia que ao criá-la Deus tivera em mente povoá-la de figuras como Platão, Sócrates, Goethe e Shakespeare. No entanto andavam por ali homens rudes como Bento Amaral ou então aberrações humanas como aquele gnomo que se chamava Agualdo Silva. (VERISSIMO, 2002, p.45).

A contemplação da paisagem natural despertava uma fina sensibilidade em Carl Winter e, como consequência, seu romantismo chegava ao auge nesses momentos, quando recordava e recitava poemas de consagrados escritores alemães, tomado de emoção, como denota a seguinte passagem:

Mas quando não havia nuvens os crepúsculos eram doces – azul desbotado, malva e rosa – e a paisagem adquiria uma pureza e uma simplicidade tão grandes que Carl Winter ficava com lágrimas nos olhos e começava a murmurar versos de Heine, e ao mesmo tempo a achar-se muito piegas e muito romântico por estar naquela atitude, fazendo e sentindo aquelas coisas. E desse modo – através de seu eu cínico e de seu eu sentimental – ele gozava duplamente da situação. (VERISSIMO, 2002, p.46).

Nesse trecho pode-se perceber que a personalidade da personagem é atormentada por uma contradição: “eu cínico” *versus* “eu romântico”. Duas forças opostas estão em confronto, a primeira representaria a razão, a segunda, o sentimentalismo. No entanto, o excesso de sensibilidade é controlado por Carl Winter. Ele percebe o momento em que está se deixando levar pelo sentimentalismo e logo busca a razão:

Um dia seu eu romântico lhe perguntara: “Carl, quando voltas para casa?” Com *casa* ele queria dizer – a pátria, a cidade natal, Eberbach. “*Ach!*” – respondera o seu eu cínico. “Quando a Alemanha for unificada e eu não correr o perigo de ser preso. E quando Trude Weil estiver tão gorda e feia que meu coração já não possa mais bater de amor por ela.”(VERISSIMO, 2002, p.46).

De um lado a lembrança do amor não correspondido, a saudade da terra natal; de outro, a razão buscando uma resposta objetiva, funcionando como um freio para os sentimentos nostálgicos. A contradição permeando constantemente o espírito romântico.

Percebe-se também nesse trecho da narrativa, que a condição para que Carl Winter deixe de amar Trude é que ele a veja “gorda e feia”. Essa adjetivação, contudo, contrapõe-se à imagem da amada que Winter guarda na lembrança. A descrição de Gertrude Weil, revelada no texto, corresponde à imagem da mulher preconizada no Romantismo: uma mulher idealizada, divina, cultuada e pura. Winter lembrava o dia em que “a vira entrar na igreja de Eberbach, toda de branco, com pequenas flores azuis nos cabelos dourados” (VERISSIMO, 2002, p.72). E em contraste com a aparência dos homens de “caras rudes e barbudas” e das mulheres “tristes e bisonhas” de Santa Fé, para Winter, Trude parecia “uma imagem de cromo, toda feita de leite, ouro, mel e lápis-lazúli” (VERISSIMO, 2002, p.85), algo inalcançável, inacessível, assemelhando-se mais a uma obra de arte que a um ser humano. Assim, a beleza da mulher idealizada serve de contraponto à feiúra dos nativos e do próprio Winter, que não tinha ilusões quanto à sua aparência. Era “magro e desengonçado”, tinha um “corpo anguloso e feio”, “olhos dum cinzento frio e feio”, “pele branca e oleosa”. (VERISSIMO, 2002, p.46).

Depois de algum tempo residindo no Rio Grande do Sul, Carl Winter começa a sentir-se entediado com a vida ali. A rusticidade do lugar e os hábitos das pessoas começam a irritá-lo. A monotonia toma conta de seu cotidiano, os casos clínicos raramente mudavam, sentia falta de conversar com pessoas de mesmo nível intelectual, lamentava a falta de livros,

música, teatro. A viagem para o Brasil já não cumpre mais seu papel de renovação do mundo da personagem.

Segundo Karin Volobuef (1999, p.115), as terras longínquas só mantêm seu encanto e poder de atração enquanto estiverem distantes. Uma vez alcançadas e conhecidas, tornam-se igualmente monótonas, previsíveis e comuns, ou seja, igualam-se ao cotidiano burguês que o viajante deixou para trás. Com seu espírito irrequieto, sempre à procura daquilo que é novo, diferente e único, o romântico encara o cotidiano previsível, uniforme, estagnado, como algo sufocante e insuportável. A impressão de ordem, limitação, a total inexistência de algo extraordinário e excitante conduzem ao desprazer e à insatisfação.

Se o romântico se sente sufocado pela monotonia do cotidiano é porque não consegue deixar de viver esse cotidiano; se ele deseja *escapar* às amarras e limitações da vida burguesa é porque esta o circunda como um cárcere onipresente. Além disso, o indivíduo melancólico muitas vezes se compraz, de forma mórbida, em seu estado taciturno e sombrio – o romântico, ao contrário, tem horror à sensação de aperto e opressão que caracteriza seu tédio, desejando, a todo custo, libertar-se e alcançar o infinito. (VOLOBUEF, 1999, p.105).

O desejo de que algo de extraordinário acontecesse em sua vida, fica claro na passagem em que Carl Winter visita as ruínas das Missões Jesuíticas, e tenta reconstituir mentalmente como era a vida naquele local, a organização daquela antiga sociedade em que índios conviviam pacificamente com padres jesuítas, aprendendo, entre outras coisas, o artesanato e a música:

O mundo da realidade, *mein lieber Heine*, é muito prosaico! Como eu gostaria de ver surgir daquele cemitério abandonado ali ao lado da igreja o fantasma de algum defunto – padre ou índio. Seria uma revelação, uma novidade, uma quebra de rotina, o princípio de alguma coisa nova em minha vida. (VERISSIMO, 2002, p.89).

Novamente o sentimento de insatisfação perante a vida toma conta da personagem. Sentindo-se preso a Santa Fé, como que por obra de um sortilégio, a volta à Alemanha começa a tornar-se uma possibilidade muito remota. Assim, a pátria, que agora existe apenas na imaginação, torna-se a inalcançável terra dos sonhos:

No outono, meu caro barão, fico em permanente estado de poesia. É quando me lembro mais de Eberbach e de Trude. Mas tanto a aldeia como a moça me parecem agora ficções, elementos dum conto de fadas tão distante como a história de Hänsel und Gretel que ouvíamos no tempo de meninos. Se há coisa que lamento é não saber pintar. Tenho visto crepúsculos incrivelmente belos, tão belos que é uma pena que se percam. Alguém devia prendê-los numa tela. (VERISSIMO, 2002, 119).

A sensibilidade romântica manifestada pela personagem Carl Winter caracteriza-se pela irresolução, pela ambivalência, pela nostalgia de uma felicidade possuída e perdida, por um desejo eternamente insatisfeito. Conforme Karin Volobuef (1999, p.129), em oposição à harmonia e à serenidade clássicas, o Romantismo está marcado pela turbulência e pelo desassossego, pois sente a insatisfação de quem nunca alcança o que procura.

O romântico é constantemente açoitado pelas recordações do passado e pelo anseio e pressentimento do futuro – é alguém que sempre busca o que não está a sua disposição, sempre deseja o que no momento não pode atingir. É, enfim, alguém que não consegue simplesmente usufruir o momento presente, pois continuamente tem o espírito voltado, ou para frente ou para trás. A alma do romântico é constituída pelo movimento daquilo que se transforma, não o repouso e permanência daquilo que já está pronto. (VOLOBUEF, 1999, p.132).

Se percorrer terras novas e longínquas é uma forma de escapar ao fastio e buscar a inebriante sensação do novo e diferente, de acordo com Karin Volobuef (1999, p.115), os românticos desenvolveram ainda outra maneira de viajar e alcançar o mesmo fim: trata-se da exploração não do espaço exterior, mas do interior, o que significa aventurar-se pelas profundezas do ser humano.

E essa aventura no espaço interior das pessoas, Carl Winter a realiza com muita propriedade. Todas as personagens da narrativa que convivem mais intimamente com o médico são alvo de seu “raio-X”. A todo instante Carl Winter tenta desvendar-lhes a personalidade, interpretar-lhes os sentimentos através de seus gestos e palavras, e, nessa tentativa de entender o outro, volta-se para o seu próprio interior, numa profunda reflexão sobre sua própria vida:

Mas que era “ver claro”? – perguntou ele a si mesmo [...]. Seria coisa sábia procurar a gente viver sempre com lógica e lucidez? Às vezes lhe parecia que o melhor era participar de todas as paixões, enlamear-se nelas, não ficar

à margem da vida, preocupado com examinar todos os lados das pessoas e das questões, querendo dizer sempre a palavra mais justa e serena, que no fim era quase sempre a mais cínica e a menos humana. (VERISSIMO, 2002, p.301).

Nessa passagem, Carl Winter repensa a eterna contradição entre razão e sentimento. Ele questiona se a razão deve prevalecer nas decisões de um homem, dotando-o de sensatez para analisar as situações e resolver os entraves da vida, ou se a verdadeira felicidade estaria em viver ao sabor dos sentimentos e, sem pensar duas vezes, deixar-se arrastar pelo turbilhão das paixões. O que de fato faria parte da condição humana, ser racional ou passional?

Como conclui Karin Volobuef (1999, p.140), percorrendo as páginas dos românticos, percebe-se quão simplificadora e mesmo errônea seria a afirmação de que pregavam uma ingênua volta ao passado, um simples retorno a estruturas arcaicas. Igualmente infundada seria a concepção de que eles pretendiam um vão escapismo ou defendiam a dócil submissão a doutrinas desta ou daquela Igreja. Sua nostalgia originou-se do espírito crítico com que questionaram a sociedade à sua volta; foi uma forma de vasculhar o mundo à procura de valores mais humanos, um modo de encontrar um contrapeso ao materialismo de seus dias.

Se podemos reconhecer algumas características românticas na personalidade de Carl Winter, confirma-se então a hipótese de que o médico alemão pode ter sido influenciado pela leitura que realizou das obras de autores românticos do século XIX. No entanto, basta uma breve análise da biografia desses artistas para encontrar também neles uma ou outra característica semelhante às que compõem a personalidade da personagem.

Nesse sentido, admite-se o Romantismo como um estado de espírito que move o ser humano, que se reflete em seus pensamentos e rege seu comportamento. Todos os poetas, prosadores e músicos referidos por Carl Winter na narrativa de *O Continente* foram indivíduos insatisfeitos com a realidade circundante, personalidades inquietas e, muitas vezes, contraditórias. Não é difícil perceber que as experiências pessoais desses artistas, freqüentemente, foram transpostas e reveladas em suas obras, dando origem a poemas, romances, canções e sinfonias marcadas pelo surgimento de uma nova sensibilidade, caracterizando um estilo que se espalharia por todo mundo ocidental.

Em sua revolta radical contra as regras impostas pela sociedade e contra a tradição do Classicismo, os românticos não se deixaram guiar por modelo nenhum, criando livre e espontaneamente. Eles criaram suas obras com base numa explosão, num surto irracional de sua emocionalidade profunda. Dessa forma, afirma Bruno Kiefer (2002, p.268), a criação

desses escritores e músicos, por mais imperfeita que seja, na perspectiva das regras clássicas, será sempre grandiosa, pois exprime o estado de exaltação do criador com toda sinceridade, fato que constitui o valor máximo do Romantismo.

Assim, trasladando-se a importância da obra para seu criador, coloca-se em primeiro plano tudo o que se refere ao artista e sua vida. Daí o relevo que o aspecto biográfico adquire no Romantismo. Para Bruno Kiefer (2002, p.268), a história pessoal, as paixões e os traços da personalidade do artista passam a responder pela natureza e caráter da criação de arte. A obra tende a ser confundida com o autor, num movimento inverso ao Classicismo, que procurava obliterar o autor por trás da obra.

Baseados nessa perspectiva, passamos a apontar alguns dados biográficos referentes aos artistas mencionados pela personagem Carl Winter, identificando características em comum entre esses românticos e a personagem.

Um dos nomes mais importantes da literatura alemã, citado várias vezes pela personagem, é Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Assim como Carl Winter, Goethe sofreu desilusões amorosas. E cada um dos amores proibidos vivenciados pelo escritor serviu de inspiração para suas obras mais importantes, como explica Otto Maria Carpeaux (1961, p.1613). A paixão pela filha do vigário da aldeia de Sesenheim, Friederike Brion, abandonada por Goethe, resultou em seus mais belos poemas em tom popular. O sentimento de culpa pelo abandono da amada jamais é esquecido por Goethe e no primeiro esboço de Fausto, *Urfaust*, a tragédia de Gretchen, da moça abandonada, é a transformação da experiência pessoal no assunto social da infanticida. A mesma experiência deu intensidade ao romance sentimental, considerado o maior documento da melancolia ossiânica dos pré-românticos, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, no qual o amor pela noiva de um amigo, Charlotte, leva o protagonista ao suicídio.

Juntamente com Goethe, Friedrich Schiller (1759-1805), foi um dos grandes homens de letras da Alemanha: poeta, dramaturgo, filósofo e historiador. Salvo a amizade entre os dois, Goethe e Schiller apresentam diferenças de estilo e linguagem, apontadas por Otto Maria Carpeaux (1961, p.1636). Segundo esse crítico, Schiller é na Alemanha, incomparavelmente mais popular que Goethe. Forneceu à língua corrente um tesouro enorme de expressões, citações, frases feitas, e sua importância para a cultura alemã é muito maior do que a dos valores literários que ele criou. Schiller insuflou de heroísmo suas tragédias, dando ao burguês alemão, em situação social muito precária, a consciência da superioridade pela cultura, pela *Bildung*. Na vida pessoal, Schiller foi um homem inconformado com as situações que lhe eram impostas. Não conseguiu freqüentar a faculdade de Direito, para a qual foi

destinado contra sua vontade, voltou-se à Medicina, que também não o deixou satisfeito. Aventurando-se pelas cidades alemãs, com dificuldades financeiras e problemas de saúde, Schiller dedicou a maior parte de sua vida à literatura, por meio da qual educou o pequeno-burguês para a ação histórica, ensinando-lhe a agir em harmonia com ideais ou alegar ideais como motivos da sua ação. Carl Winter, assim como Schiller, também acreditava no poder da educação e das artes para modificar o destino de um povo, desde as relações sociais até à economia.

A identificação de Carl Winter com Henrich Heine (1797-1856), por sua vez, recai na questão da marginalidade. Winter é um estrangeiro no Brasil e com o passar dos anos sente-se cada vez mais distante da cultura alemã e não completamente inserido na cultura gaúcha. Heine nasce na Alemanha, mas é filho de judeus, e cresce num ambiente completamente amorfo, espiritual e socialmente instável; não foi educado nos rígidos padrões do gueto e também não se integrou no mundo ocidental. Sendo assim, Heine não manifestou sentimento de pertença a nenhuma nação, não conseguiu identificar-se como judeu, tampouco conseguiu considerar-se alemão. E esse fato influenciou sua personalidade, como explica Anatol Rosenfeld (1993), no artigo *Henrich Heine e o judeu marginal*. Heine foi um indivíduo sem raízes, caracterizado pelo desassossego e inquietação profundos, atormentado por múltiplas impressões desencontradas, por conflitos mentais e de lealdade e pela labilidade de sua situação psíquica e social de um ser marginal.

Expressão dessa inquietude é o fato de que Heine passou boa parte de sua vida em viagem pela Europa, um dos ideais dos românticos. A solidão foi sua companheira constante, pois Heine não se casou e não teve amizades profundas e duradouras. O fato de não manter laços afetivos com nada nem ninguém, o isolamento de Heine, característica presente também na personalidade de Carl Winter, é, na análise de Anatol Rosenfeld (1993, p.71), a expressão externa da atribulada existência de um viajante e exilado físico e espiritual, de sua existência de estranho, de indivíduo marginal. Assim, a obra de Heine distingue-se pela mistura de emoção e frio raciocínio, refinamento virtuoso e sentimentalismo, singeleza popular e escárnio, ligando sentimentos, emoções, atmosferas e idéias completamente antagônicas.

A ambigüidade também marca a personalidade de E.T.A. Hoffmann (1776-1822). Segundo Otto Maria Carpeaux (1994), pianista e desenhista, Hoffmann foi o mais completo temperamento de artista de toda a história da literatura alemã, inclusive no que diz respeito à boêmia, às bebedeiras intermináveis que alegava necessárias para obter alucinações, transformadas depois em histórias de espectros. A embriaguez entra na vida de Hoffmann

como uma forma de escapismo da realidade opressora, o mesmo recurso é usado por Carl Winter quando sua insatisfação com a vida em Santa Fé torna-se insuportável.

Ao lado do boêmio, no entanto, estava o burocrata pontualíssimo do serviço público prussiano e depois o juiz íntegro, e essa ambigüidade, segundo Capeaux (1994, p.131), é a fonte de sua inspiração poética: o humorismo do terrível baseia-se no realismo quase sóbrio e exato com que Hoffmann soube descrever as alucinações mais loucas e horríveis. Para ele, o sobrenatural torna-se enfim natural e comum, enquanto a realidade da vida cotidiana se torna sinistra e assombrosa. A influência de Hoffmann na literatura européia foi imensa, basta citar Nerval, Balzac, Poe, Baudelaire, Puchkin, Gogol, Dostoievski e Kafka, porém maior foi sua influência na música, em Schumann, Berlioz, Brahms, Mahler, Wagner e Busoni.

Como se pode perceber, o Romantismo envolveu as artes como um todo, estendendo suas influências também à música. Se os compositores clássicos objetivavam atingir o equilíbrio entre a estrutura formal e a expressividade, os românticos desequilibraram tudo. Eles buscaram maior liberdade formal, maior intensidade na expressão das emoções, revelando seus pensamentos mais profundos, inclusive suas dores. Muitos compositores eram ávidos leitores e tinham grande interesse pelas outras artes, relacionando-se estreitamente com escritores e pintores. Dessa forma, não raro uma composição tinha como fonte de inspiração um quadro visto ou um livro lido pelo músico. Temas desenvolvidos na literatura romântica como as terras exóticas e o passado distante, os sonhos, a noite e o luar, os rios, os lagos e as florestas, as tristezas do amor, lendas e contos de fadas, o mistério, a magia e o sobrenatural, exerceram enorme fascínio entre os compositores, o que resultou em melodias mais apaixonadas, as harmonias tornaram-se mais ricas, houve o florescimento do *Lied* (canção) para piano e canto. O caráter subjetivo da poesia desse período, manifestado, em grande parte, através do *lied* poético, às vezes em formas populares, torna-se fecundo na criação do *lied* musical romântico. Poesias de Goethe, Schiller, Heine foram musicadas por Beethoven, Schubert, Schumann, entre outros.

Entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, com o declínio do rígido formalismo clássico, Mozart (1756-1791) já havia sugerido novas concepções de composição, mas com a morte prematura, não chegou a enquadrá-las numa tendência definitiva. Restaria então a Beethoven (1770-1827) estabelecer a transição para o Romantismo, rejeitando os moldes clássicos de composição numa desafiadora imposição de sua individualidade. Bruno Kiefer (2002, p.212) salienta que:

O culto ao gênio, as exigências de liberdade de sentimentos e intuições, a auto-afirmação violenta dos criadores, a revolta contra as regras e os ditames da razão, a busca da espontaneidade e simplicidade, prefiguradas na poesia e na música do povo, a busca das raízes históricas nacionais, todos esses elementos, instaurados no *Sturm und Drang*, repercutiram ao longo do século XIX, ressoando ainda na centúria atual.

Como consequência dessa valorização da subjetividade, a fantasia criadora assume, no Romantismo, uma importância maior do que a capacidade combinatória e arquitetônica:

Essa descida ao reino nebuloso dos afetos e dos impulsos, das intuições e das fantasias, foi acompanhada de um labor analítico sem precedentes. As mais sutis inflexões emocionais, a complexidade dos “contrapontos” sentimentais, as criações aparentemente sem sentido da fantasia, as tensões por vezes violentas entre sentimentos opostos, tudo isso passou a encontrar a sua expressão na música romântica. (KIEFER, 2002, p.215).

A partir de Beethoven a música nunca mais seria a mesma. Suas composições eram criadas sem a preocupação em respeitar as regras que, até então, eram seguidas. Considerado um poeta-músico, foi o primeiro romântico apaixonado pelo lirismo dramático e pela liberdade de expressão. Foi sempre condicionado pelo equilíbrio, pelo amor à natureza e pelos ideais humanitários, inaugurando a tradição de compositor livre, que escreve música para si, sem estar vinculado a um membro da nobreza. Ele estabeleceu a comunhão entre literatura e música através de um gênero destinado a ilustrar peças teatrais, criado para a tragédia *Egmont*, de Goethe. Na *Sinfonia nº 9 em Ré menor Op.125* (1824), considerada sua obra-prima, o texto feito pelo próprio Beethoven é uma adaptação do poema de Schiller, *An die Freude (Ode à Alegria)*, em que pela primeira vez na história da música é inserido um coral numa sinfonia, inserida a voz humana como exaltação dionisíaca da fraternidade universal, com apelo à aliança entre as artes irmãs: a poesia e a música.

Essa liberdade na composição, contudo, traz a marca de sua vida particular. Após vários relacionamentos amorosos terminados de maneira dolorosa, que deixaram marcas profundas em seu espírito, Beethoven tornou-se um solitário, não tendo vínculos com ninguém senão consigo mesmo.

A desilusão amorosa também está presente na vida e reflete-se na obra de Schubert (1797-1828). Afeito à boemia, Schubert nunca se casou, e a única aventura amorosa que teve transmitiu-lhe sífilis, assim, sua vida, transcorrida toda em Viena, foi simples, despreziosa,

sem amores fulminantes nem triunfos memoráveis. Vivia nas casas dos amigos, tocando esporadicamente em algum lugar, mas compondo freneticamente, sendo algumas dessas peças por encomenda. Sua ligação com a literatura, à maneira de Beethoven, também é estreita. Schubert escreveu cerca de 600 *lieder* sobre textos dos mais diversos autores, desde Shakespeare e Goethe a alguns obscuros poetas austríacos.

Com o Romantismo, enfim, surgiram novos conceitos em relação às artes em geral, objetivou-se eliminar a arte de salão feita para uma elite aristocrática e direcioná-la para o povo através de uma linguagem simples. Assim, pouco a pouco, a música deixava os salões aristocráticos, pondo-se ao alcance do povo, passando a ser apresentada nas casas de concerto. Os compositores começaram a incluir em suas peças produtos da cultura popular, como já haviam feito os românticos da literatura. As primeiras manifestações dessa nova música eram geralmente obras de exaltação revolucionária em que se celebravam os acontecimentos nacionais e as liberdades conquistadas. Perante os novos conceitos, a música deveria dramatizar-se, tornar-se sentimental, exprimir sentimentos interiores, ser mais livre e, para isso, precisava de formas mais livres que favorecessem, entre outros aspectos, a improvisação.

Após uma breve exposição sobre as linhas gerais que constituíram o Romantismo como um movimento não só literário e estético, mas que estendeu seus valores a outros domínios do pensamento humano, como às artes, às ciências e à religião, tentou-se estabelecer uma relação entre as características do Romantismo na Alemanha, reveladas na vida e obra de seus artistas, e a personalidade da personagem Carl Winter, criada por Erico Verissimo. A partir do que foi exposto, admite-se que as semelhanças apresentadas entre a postura romântica que marcou a mentalidade da época e o fictício médico alemão Carl Winter, não são fruto de uma simples coincidência, mas constituem também um recurso estrutural na composição da personagem. Sem a sensibilidade de Carl Winter, herdada do Romantismo, seria impossível a ele realizar, da forma como fez, a análise da sociedade rio-grandense.

Através da fina sensibilidade, o médico alemão consegue ir além da simples descrição física da paisagem e da população, ele adentra na alma dessa sociedade, analisa de forma mais profunda os habitantes, interpretando seus comportamentos, seus códigos de honra, seus interesses e desejos proibidos. Erico Verissimo dota sua personagem primeiramente de sensibilidade, fazendo-a captar os sinais que particularizam uma sociedade, para depois dotá-la de senso crítico, fazendo-a interpretar racionalmente os dados coletados, e dessa forma, consegue atingir seu objetivo de fornecer uma interpretação da própria História do Rio Grande do Sul.

2.5 O estrangeiro cruza a fronteira

O enredo da trilogia *O Tempo e o Vento* se passa na fictícia vila de Santa Fé, aonde Carl Winter chega em 1851. Esse território imaginário corresponde a um espaço real que é a região missioneira do Rio Grande do Sul, localizada na parte noroeste do Estado, onde estão situadas cidades como Cruz Alta e Santo Ângelo, e reflete a organização social e econômica da época, baseada no patriarcalismo e na pecuária. Neste cenário, aparecem estâncias a perder de vista, povoações distantes umas das outras, entrecortando os vastos campos onde se criava o gado. O poder estava concentrado nas mãos dos estancieiros, que contavam com o trabalho de peões e negros, configurando um território de gente simples, rude, marcada pelos constantes e sangrentos conflitos bélicos, que assistia também à chegada contínua dos imigrantes europeus e a lenta implantação da agricultura familiar.

Ao criar o Dr. Winter, o escritor atribuiu-lhe uma função especial dentro da narrativa: analisar a cultura gaúcha com base em outra cultura, no caso, a cultura alemã da qual a personagem faz parte. Sendo assim, temos na narrativa as impressões de um estrangeiro, médico de profissão, com um nível intelectual elevado, vivendo no extremo sul do Brasil, num espaço totalmente diferente de sua terra natal, a longínqua Alemanha, e se relacionando com pessoas de uma cultura da mesma forma diversa.

Neste ponto da dissertação, antes de prosseguirmos com a análise da personagem, cabe-nos explicitar os conceitos de *cultura* e *região*, os quais serão frequentemente empregados ao longo do trabalho e que caracterizam sua interdisciplinaridade, já que as explicações são buscadas nas ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia, disciplinas auxiliares que contribuem para a análise literária.

Para a finalidade desta investigação, tomamos a definição de Clifford Geertz (1989) e entendemos a cultura como um conceito semiológico, ou seja, como um conjunto de sinais com um significado. Para Geertz, o comportamento humano é visto como ação simbólica, e é através dele, ou mais precisamente, através da ação social, que as formas culturais encontram articulação. Segundo o autor:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade. (GEERTZ, 1989, p.10).

Baseando seu pensamento em Geertz, Pozenato (2003, p.36) também acredita que a cultura não é apenas a soma de comportamentos e objetos de um povo, mas contém alguma coisa que é dita através desses elementos. Segundo ele, a cultura de determinado grupo é construída historicamente, sendo reelaborada constantemente, o que implica dizer que dentro de uma determinada cultura, um significado pode ser desenvolvido, pode ser modificado. Dessa forma, a cultura seria “um conjunto de textos que têm que ser lidos e interpretados”.

Nessa mesma perspectiva, Jayme Paviani (2004) acredita que a cultura não é apenas o conjunto de obras, costumes, organizações, instituições, mas, principalmente, o sentido que há por trás delas. De acordo com o autor, esse sentido permite que cada indivíduo possa situar-se no mundo, entendendo-o, transformando-o. Assim, cultura é entendida como ação humana, efetivada no espaço social e na História, tornando-se também reflexão sobre essa ação.

Sendo, portanto, uma construção coletiva, “situada no tempo e no espaço de cada grupo ou comunidade e no conjunto da sociedade”, a cultura pode ser critério de definição do grupo, da comunidade e da sociedade, identificando o indivíduo com determinado grupo e diferenciando-o em relação aos outros, pois “o modo de agir, de fazer e de pensar de um grupo torna-se um modo entre outros possíveis” (PAVIANI, 2004, p.75).

Ao entrar em contato com os habitantes de uma determinada região do Brasil, a personagem Carl Winter depara-se com um modo de vida próprio daquele lugar. O jeito de ser, de falar, de se vestir, de se alimentar, de pensar, de sentir, de se relacionar com os outros, pode diferir conforme as diferentes regiões do país ou mesmo dentro do próprio Estado. Isso mostra, segundo Bourdieu (1988, p.109), que as regiões delimitadas em função de diferentes critérios concebíveis (língua, habitat, maneiras culturais) podem não coincidir com a delimitação geográfica dessa região. Assim, no Rio Grande do Sul, a região da missioneira, representada na narrativa, difere culturalmente da região da fronteira, por exemplo, ou da região da serra, embora todas pertençam a um mesmo Estado.

Carl Winter, antes de se instalar em Santa Fé, percorre outras cidades da Província: Rio Grande, Porto Alegre, São Leopoldo. Em cada um desses espaços, ele se depara com uma paisagem diferente, uma forma de organização social própria, com tipos humanos peculiares, o que Pozenato (2003, p.151) chama de *regionalidade*, isto é, a dimensão espacial de um determinado fenômeno, tomada como objeto de observação. Segundo esse autor, a existência

de uma rede de relações de tipo regional, num determinado espaço ou acontecimento, não as reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistas em sua regionalidade. Assim, a regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional. Ela repousa sobre uma temática e um modo de fazer regionais, entendido como uma forma de se posicionar frente ao mundo, uma visão do mundo, portanto.

Em uma das cartas que envia ao amigo Koseritz, a personagem Carl Winter comenta as diferenças existentes entre os moradores de Santa Fé e os que povoam outras regiões do Rio Grande do Sul:

E sabes, meu caro barão, o que me impressiona nesta gente? É o ar natural, terra-a-terra com que dizem e fazem as coisas mais dramáticas. Estou começando a descobrir diferenças entre os habitantes das várias regiões desta Província. Os da fronteira são mais dramáticos e pitorescos que os desta região missioneira. Gostam de lenços de cores vivas, falam mais alto, contam bravatas e amam os gestos e frases teatrais. (VERISSIMO, 2002, p.121).

Percebe-se, dessa maneira, que a delimitação de uma determinada região é, na verdade, uma construção, ou seja, é uma representação simbólica e não a própria realidade. Pozenato (2003, p.150), novamente baseado em Bourdieu, afirma que a região é uma divisão do mundo social, estabelecida por um ato de vontade. Sem deixar de ser um espaço natural, com fronteiras naturais, a região é construída por decisão política ou de representação. Dessa forma, a região torna-se uma rede de relações a partir da qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância, dependendo de variáveis como os meios de comunicação. Nessa perspectiva, o espaço físico passa para o segundo plano, de modo a privilegiar variáveis e relações de tipo humano ou social.

Seguindo essa idéia, Paviani (2004, p.84) admite que se apresentando a região como um espaço, ela se torna um espaço definido por uma história diferente da do espaço vizinho e externo. Assim, a região torna-se a ligação entre as diferentes experiências individuais, de cada lugar, e as manifestações da cultura universal. É, portanto, a multiplicidade das experiências que constituirá a unidade da cultura: “A tarefa da região é instituir, a partir das experiências individuais, na particularidade de seu modo de ser, a experiência espaço-temporal dos indivíduos no horizonte da universalidade.”

Ao adentrar numa região culturalmente pré-estabelecida, Carl Winter, pelas suas características físicas, roupas, modo de falar e atitudes, torna-se objeto de análise da população de Santa Fé, como atesta a seguinte descrição feita pela personagem Florêncio Terra, morador do vilarejo:

O médico alemão era inconfundível. Ninguém mais em Santa Fé se vestia daquele jeito engraçado. Ninguém ali usava chapéu alto como chaminé nem aquelas roupas estapafúrdias. [...] Ali em Santa Fé só ele fumava aqueles charutos do tamanho dum cigarro. O Dr. Winter era um homem fora do comum, que vestia roupas de veludo nas cores mais extravagantes, com uns esquisitos coletes de fantasia. [...] tinha um sotaque muito forte, era verdade, carregava nos erres, mas quanto ao resto falava fluentemente como um brasileiro educado, quase tão bem como o juiz de direito ou o padre. E diziam que sabia também o seu latim e que em sua casa tinha muitos livros escritos em línguas estrangeiras. (VERISSIMO, 2002, p.33-35).

Nesse trecho, a personagem Florêncio Terra percebe que Carl Winter era “um homem fora do comum”, ou seja, pelas suas características e hábitos o médico não pertencia àquela terra nem àquela cultura. Tratava-se de um estrangeiro, de um forasteiro, de alguém diferente que havia cruzado a fronteira, ou seja, havia invadido os limites de seu território e de seu grupo.

Da mesma forma que a região, o estabelecimento de fronteiras, também pode ser entendido como uma construção simbólica. De acordo com Bourdieu (1988, p.109), *regeres fines*: “traçar fronteiras em linhas retas” é um ato religioso, realizado pela personagem de autoridade, o *rex*, encarregado de fixar regras que fazem existir aquilo por elas prescrito. Constitui-se um ato de autoridade que afirma uma verdade que tem força de lei, tornando-se um ato de conhecimento. A fronteira seria, então, um ato jurídico de delimitação, capaz de produzir a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta.

Ao ultrapassar o conceito no sentido geográfico, como encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície, Sandra Pesavento (1997) entende a fronteira como um marco que limita e separa, apontando sentidos socializados de reconhecimento. Para a autora, a fronteira é uma margem em permanente contato; uma passagem a proporcionar mescla, interpenetração, troca e diálogo, que se traduzem em produtos culturais. Assim, a fronteira remeteria à vivência, às formas de pensar, aos valores, aos significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias.

Na narrativa de *O Continente*, a partir do momento em que os moradores de Santa Fé e o estrangeiro Carl Winter entram em contato, percebem as características que os diferenciam ao mesmo tempo em que o médico alemão toma consciência de sua própria

etnicidade. Segundo Poutignat e Streiff-Fernart (1998, p.141), a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica os indivíduos em função de sua origem suposta, que é validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores.

As diferenças referentes às características físicas, vestuário e linguagem são as primeiras a serem percebidas tanto pelos gaúchos, quanto pelo alemão, por serem mais visíveis e de fácil identificação. Devido a isso, o escritor posicionou-as no início da narrativa, momento em que ainda está apresentando as personagens ao leitor.

Deteremo-nos na forma com que o narrador mostra ao leitor os elementos que constituem a etnicidade de Carl Winter, como os traços fenotípicos. Isso se dá através dos pensamentos da própria personagem, em momentos de solidão em seu quarto, propícios para uma reflexão sobre a vida, enquanto espera o sono:

Estava agora completamente nu. Tinha um corpo muito esguio e ossudo, dum branco de marfim, pintalgado de sardas e recoberto duma penugem fulva. [...] Quando se olhava no espelho Winter compreendia por que Gertrude o tinha esquecido em favor do filho do Burgomestre. Seus olhos eram dum cinzento frio e feio; seus cabelos, dum louro avermelhado como o das barbas de milho das roças de Santa Fé; sua pele, branca e oleosa, com manchas rosadas, lembrava salsichas cruas. (VERISSIMO, 2002, p.39; 46).

Evidentemente Carl Winter nota as características de seu corpo, justamente por diferirem do tipo físico do gaúcho: estatura mais baixa, pele morena, cabelos e olhos escuros. Ele não tinha ilusões quanto à sua aparência física, e o fato de ter um corpo “angulosos e feio” não o aborrecia, pelo contrário, sentia até certo orgulho de ser assim. Dessa forma, Carl Winter faz questão de manter as características que o diferenciava dos nativos do Rio Grande do Sul, de modo a marcar sua etnicidade e garantir sua identidade, não sem um certo ar de superioridade:

Sabia que suas roupas davam muito que falar. Os colonos alemães em sua generalidade haviam já abandonado seus trajes regionais e adotado os dos naturais da província. Mas ele, Winter, preferia conservar-se fiel à indumentária européia e cidadina, e continuava a vestir-se bem como se ainda vivesse em Berlim ou Munique. Por outro lado, no que dizia respeito às coisas do espírito, também continuava a usar as modas européias; e não queria mudar, pois sabia que no dia em que se adaptasse e comesse a comer e vestir como os nativos, mais da metade do encanto de viver naquela terra remota estaria perdida. Winter sempre amara sua

independência: era um individualista. Não via, pois, melhor maneira de se afirmar como um indivíduo, e de defender sua independência do que a de andar vestido daquele modo inconfundível. (VERISSIMO, 2002, p.37-38).

A resistência de Carl Winter em manter sua indumentária “européia e cidadina” mesmo estando em pleno ambiente rural, pode refletir a representação que o médico alemão tinha da sociedade rio-grandense em geral. Como europeu do século XIX, Carl Winter via a América como um lugar primitivo, habitado por “selvagens” e “bárbaros”, atrasado na escala da civilização se comparado com a Europa, e ainda, via o ambiente rural do Rio Grande do Sul como um espaço tosco, associado ao atraso cultural e tecnológico. Mantendo suas vestimentas, que o caracterizavam como um europeu proveniente da zona urbana, manteria também sua superioridade em relação aos demais habitantes de Santa Fé.

Outra forma de marcar sua identidade, Carl Winter encontra na preservação da língua materna. Contudo, como ali em Santa Fé ninguém mais falava alemão, além do Schultz, dono da venda, o doutor conversava sozinho, em voz alta, não se importando com a opinião dos santa-fezenses. A atitude intrigava os nativos; alguns chegavam até a pensar que o médico alemão era “louco da cabeça”:

Adquirira o hábito de falar consigo mesmo em voz alta. Fazia-o em alemão, em geral quando caminhava pelas ruas da vila ou saía em seus passeios solitários pelos arredores. Os caboclos miravam-no intrigados – Winter percebia com o rabo dos olhos. Mas mesmo quando encontrava estranhos continuava em seu solilóquio, pois tinha a impressão de que, como falava alemão, a coisa toda perdia seu caráter absurdo. (VERISSIMO, 2002, p.46).

Segundo Flávio Loureiro Chaves (2006, p.66), o cruzamento da fronteira de Santa Fé pelo estrangeiro Carl Winter, no romance *O Continente*, constitui um hábil recurso estrutural da narrativa, pois é através dos relatos do médico alemão que temos a percepção da Província de São Pedro e de seus habitantes, como também obtemos uma visão crítica de sua cultura, impossível de ser realizada pelos que se encontram no interior dela e a constituem.

Flávio Loureiro Chaves caracteriza a fronteira como um lugar de encontro, “um espaço na frente de outro espaço”. Nesse sentido, ao estar diante do espaço do outro, estabelece-se a alteridade, ou seja, é no reconhecimento do outro e do espaço do outro, dado pela diferença ou pela identificação, que o indivíduo reconhece-se a si próprio.

É relacionando-se com o outro, com o diferente, que Carl Winter estabelece a alteridade. Isso se dá, sobretudo, pelo uso da linguagem. É através do uso imprescindível da linguagem que Carl Winter se comunica e conhece o povo gaúcho, ao mesmo tempo em que se reconhece a si próprio, agora imerso num outro ambiente cultural. É também através da linguagem, no momento em que o Dr. Winter envia cartas ao amigo Carl Von Koseritz, relatando sobre a sociedade que analisa, que o leitor toma conhecimento sobre a cultura gaúcha. Porém, essa visão apresentada ao leitor parte da ótica de um estrangeiro, ou seja, um olhar de “fora para dentro”, revelador de aspectos que um rio-grandense provavelmente não teria percebido.

Nesse sentido, a linguagem é representação, mas não apenas de pensamentos; ela é expressão e comunicação. Segundo Luiz Paulo da Moita Lopes (2003, p.19), todo uso da linguagem envolve alteridade e situacionalidade. Assim, a linguagem é concebida como discurso, enfatizando-se que todo uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico. Isto quer dizer que

é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de modo singular assim como seus interlocutores. (LOPES, 2003, p.19).

A comunicação entre Carl Winter e as demais personagens com quem ele convive mais intimamente como os moradores do Sobrado: Bibiana, Bolívar, Luzia, Licurgo e outros que freqüentavam a casa dos Terra-Cambará, ao mesmo tempo em que constitui práticas discursivas, é reveladora das várias identidades sociais assumidas pelas personagens. É através das relações interétnicas entre essas personagens, que nos são reveladas suas personalidades, seus desejos, interesses, medos e frustrações.

Nesse sentido, conforme Luiz Paulo da Moita Lopes (2003, p.25), quando se envolvem na construção do significado, as pessoas estão agindo no mundo por meio do discurso em relação aos seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros. Desse modo, o discurso deve ser entendido também por sua força constitutiva e, portanto, como ação. O discurso pode tanto representar a vida social como também realizar atos sociais.

A identidade social, construída por meio de práticas discursivas, é, portanto, um construto de natureza social e política, já que ao conhecer os outros, conhecemos a nós

mesmos. Segundo Kathryn Woodward (2000, p.8-12), as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos.

Assim, por ser a identidade marcada através de símbolos, sua construção é tanto simbólica quanto social. É também relacional, isto é, para poder existir, uma identidade depende de algo fora dela, de outra identidade. É a diferença, portanto, que estabelece a identidade.

Por mais tempo que Carl Winter permaneça em Santa Fé e mesmo que suas relações com os nativos se intensifiquem, ele continuará sendo o *outro*, o *forasteiro* diante dos olhos dos rio-grandenses. Da mesma forma, o próprio alemão, mesmo que adquira alguns hábitos da cultura local, dificilmente se sentirá um gaúcho, ele sempre terá a impressão de ser um estranho em terra alheia. Nesse sentido, a produção da identidade do “forasteiro” tem como referência a identidade do “habitante do local”, confirmando que uma identidade é sempre produzida em relação a uma outra. Assim explica Kathryn Woodward (2000, p.40):

A marcação da diferença, que ocorre tanto por meio de sistemas de representação quanto por meio de formas de exclusão, é estabelecida por um sistema classificatório. Esse sistema aplica um princípio de diferença a uma população de forma a dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos: eu/outro, dando, assim, ordem à vida social.

No entanto, sujeitas à historicização, as identidades não são consideradas algo fixo e imutável, estão sempre em processo de mudança e transformação. A imagem de forasteiro em Carl Winter permanece, porém sua identidade original começa a se transformar assim que iniciam as relações com os gaúchos.

Ao chegar ao Rio Grande do Sul, Carl Winter teve que aprender uma língua, adaptar seu vestuário ao clima da região, aprender a apreciar a culinária, aprender a conviver com os hábitos dos nativos, e tudo isso provocou uma transformação em sua identidade originária, que trazia marcas da cultura alemã. Em carta remetida ao amigo Koseritz, o médico confessa:

Faz quatro anos que estou em Santa Fé. Já não uso mais chapéu alto, minhas roupas européias se acabam e eu desgraçadamente me vou

adaptando. Isso me dá uma sensação de decadência, de dissolução, de despersonalização. Sinto que aos poucos, como um pobre camaleão, vou tomando a cor do lugar onde me encontro. Já aprendi a tomar chimarrão, apesar de continuar detestando essa amarga bebida. (VERISSIMO, 2002, p.114).

Segundo Maura Penna (1998, p.109), toda migração implica um processo de (re)construção de referenciais de vida, acarretando mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, na inserção comunitária, no caso de Carl Winter a passagem do urbano para o rural, no acesso a bens materiais e simbólicos. Tais mudanças refletem-se sobre os processos relativos à identidade. A migração, portanto, é um processo dinâmico de transformação, destruição e recriação tanto do modo de vida e das relações com o espaço, quanto dos referenciais simbólicos (as representações de identidade) que marcavam a experiência social. É, pois, a experiência social que engendra os esquemas de apreensão do mundo através dos quais a materialidade é interpretada.

A experiência social de um estrangeiro intelectualizado que cruza as fronteiras de um território no interior do Rio Grande do Sul, habitado por um grupo portador de uma cultura peculiar, afeta sobremaneira a identidade do Dr. Carl Winter, como também influencia sua visão do mundo, tornando-se relevante como elemento da construção dessa personagem.

2.6 Carl Winter no mapa humano/social de Santa Fé

É com certo estranhamento que Carl Winter é recebido pelo povoado de Santa Fé, seja pelo tipo físico, pelas vestimentas, pela linguagem, ou simplesmente por ser alguém de “fora”, um estrangeiro. No entanto, esse estranhamento inicial logo se transforma numa respeitosa admiração. Seu título de “doutor” confere-lhe certa superioridade intelectual frente àquele povo em sua maioria analfabeto. Seu porte grave, os óculos e a barba contribuem para dar-lhe uma aparência mais velha e respeitável, como mostra a seguinte passagem:

Winter afastou-se na direção de sua residência. Morava numa meia-água atrás da igreja, ao lado da casa do padre. Por alguns instantes Florêncio acompanhou-o com os olhos. Gostava do Dr. Winter. Sentia por ele uma espécie de respeitosa confiança, como a que a gente sente por uma pessoa

séria e idosa. No entanto o médico alemão não teria muito mais de trinta anos. Deveria ser aquela barba e aqueles óculos que lhe davam um ar assim tão respeitável. (VERISSIMO, 2002, p.35).

Assim, prestigiado por sua profissão, o Dr. Winter logo conquista a simpatia e a confiança das duas famílias mais poderosas de Santa Fé: a do chefe político Bento Amaral e a de Bibiana Terra Cambará, futuros moradores do Sobrado. O bom relacionamento com a classe dominante da sociedade santa-fezense concede-lhe uma série de privilégios, permitindo ao doutor incluir-se em todas as comemorações familiares, jantares festivos, discussões políticas, participando ativamente da vida social do povoado. O Dr. Winter, o juiz de direito Dr. Nepomuceno e o Pe. Otero formam a tríade intelectual do povoado nessa época, alimentando extensas discussões sobre os mais variados assuntos. Nota-se que, apresentando diferentes pontos-de-vista, devido à formação intelectual de cada um, os representantes da Medicina, da Lei e da Igreja, dificilmente convergiam em suas opiniões.

Essa íntima relação com as personagens que protagonizam o enredo de *O Continente* é um recurso que Erico Verissimo emprega para que se torne possível ao médico alemão desempenhar a função que lhe foi destinada na narrativa. É convivendo com Bibiana, Bolívar, Luzia, Licurgo, Juvenal e Florêncio, que a personagem Carl Winter mostra ao leitor como se organizava a sociedade rio-grandense. Essas personagens, por um processo metonímico, reúnem as características que representam a sociedade gaúcha da época focalizada.

Além disso, Carl Winter é caracterizado pelo narrador como uma pessoa de grande inteligência, capaz de aprender facilmente a língua portuguesa, as gírias e expressões do dialeto gauchesco; um observador dotado de senso crítico para refletir sobre as atitudes daquela gente, e com curiosidade suficiente para procurar entender aquela organização social, conhecendo mais sobre o povo, seus costumes, suas lendas e sua História.

Essa seleção de informações, como a inteligência e a erudição, também constitui um recurso do escritor, que procura criar um ser confiável não só para as demais personagens da narrativa, mas para o próprio leitor, de modo que este acredite na visão oferecida pelo doutor. Florêncio Terra assim descreve a esperteza de Carl Winter: “Esse homem parece que não olha para nada mas enxerga tudo com o rabo dos olhos.” (VERISSIMO, 2002, p.36).

Além de desempenhar o papel de médico da família Terra-Cambará, a personagem Carl Winter participa de modo especial da vida dos membros desse clã. Todas as comemorações importantes contam com a presença do médico. Sua ponderação e confiabilidade permitem que ele intervenha em momentos cruciais da narrativa, auxiliando na

resolução de conflitos internos, entre os membros da família ou externos, com a família rival, os Amarais. Apesar de conviver mais com os moradores do Sobrado, Carl Winter opta pela neutralidade, evitando envolver-se nas disputas de poder entre as duas famílias.

Carl Winter torna-se uma espécie de conselheiro, capaz de arrancar confissões dos Terras, caracterizados como gente de poucas palavras, teimosos e introvertidos. As confissões que ouve espontaneamente de Bibiana, Bolívar, seu filho, e Juvenal, seu irmão, revelam-se uma verdadeira façanha. “Vou le contar porque vosmecê é um doutor, um homem de bem e de saber”(VERISSIMO, 2002, p. 96), diz Juvenal Terra ao lhe segredar seus pensamentos. Dessa forma, Carl Winter é caracterizado como a única personagem para quem as outras conseguem confidenciar seus pensamentos, e, nesse processo, o leitor também as ouve e toma conhecimento sobre suas idéias e medos.

O médico alemão gostava particularmente do Sobrado, não propriamente das pessoas que o habitavam: “Gostava, porém, do Sobrado como um velho amigo calado e acolhedor, que tudo dá e nada pede. Era a única coisa daquela vila que lhe dava uma impressão de conforto, de abrigo. Gostava dos serões do casarão, que cheiravam a açúcar queimado e defumação de alfazema.” (VERISSIMO, 2002, p.91). Frequentemente ele era convidado a sentar-se à mesa com os moradores, tornando-se uma dessas pessoas tão comuns à família, que ora fazia de confessor, ora de psicólogo.

Com o passar dos anos essa relação se estreita e Carl Winter, inevitavelmente, começa a envolver-se com as pessoas e acontecimentos de Santa Fé, com o que ele chamava de “comédia provinciana”:

Comparava o mundo em que nascera e vivera até os trinta anos com o mundinho de Santa Fé. Ali naquela vila perdida na extremidade sul do Brasil representava-se também uma comédia humana, que era uma paródia da que Winter vira na Europa. Os atores seriam menos consumados, o cenário mais pobre. Mas os eternos elementos do drama lá estavam: o amor, o ódio, a cobiça, a inveja, o desejo de poder e de riqueza, a sensualidade, a vingança... e o mistério. (VERISSIMO, 2002, p.83).

Atraído por aquele sistema de vida precário e rude, Carl Winter acompanha o desenvolvimento da rústica comédia provinciana, em parte como ator e em parte como espectador. Embora procurando não se envolver emocionalmente nas intrigas domésticas de seus amigos, suas opiniões a respeito de qualquer assunto eram sempre solicitadas, e mostravam-se sensatas e lúcidas. Era importante para os moradores de Santa Fé, ouvir as

opiniões de uma pessoa viajada e instruída, conhecedora de outras realidades além dos limites do vilarejo.

Maria da Glória Bordini (1995, p.222) faz a seguinte descrição a respeito do médico alemão:

Homem a quem a experiência dos assuntos humanos tornou compreensivo, mantém-se numa posição de não-interferência ante os conflitos familiares e políticos que a cidade vive, sentindo que está perdendo sua independência e superioridade européia entre as paixões primitivas e brutalmente expostas que o cercam. A vila de Santa Fé o considera um excêntrico de bom coração, um livre-pensador inócuo, porque não entra nas polêmicas locais, e um sábio mal-humorado, a quem se busca nas horas em que a sabedoria empírica já não é suficiente para entender-se o destino ou a conduta radical de algum cidadão.

O doutor tentava manter-se informado sobre os acontecimentos do Brasil e da Europa apesar da dificuldade de obter jornais e revistas. Através da correspondência que mantinha com Koseritz, pedia ao amigo que lhe enviasse algo para ler, mesmo que fossem jornais velhos. Os volumes que trouxera da Alemanha já haviam sido relidos centenas de vezes, e a carência de bons livros é o que Carl Winter mais lamentava.

Em 1855 estabelece-se uma colônia alemã a três léguas de Santa Fé, por iniciativa do chefe político Bento Amaral. De tempos em tempos Carl Winter visitava Nova Pomerânia para atender algum doente ou simplesmente ver como andava o trabalho. Winter achava seus conterrâneos ignorantes e pouco simpáticos, porém acreditava no poder de seu trabalho para mudar os rumos da Província que, até então, se limitava à criação de gado e, com as guerras, decaía economicamente. Nessas visitas periódicas, ficava surpeendido com a transformação que, dia após dia, os imigrantes operavam na região: formavam-se roçados e lavouras, construíam-se cercas, pontes e moinhos. Era estranho para o Dr. Winter ver aquelas caras e ouvir aquelas vozes tão familiares ali, em Santa Fé.

Com o passar do tempo, Carl Winter vai assimilando alguns costumes da terra. O churrasco e o chimarrão tornam-se hábitos. Os charutinhos, depois de muita relutância, acabam sendo substituídos pelos cigarros crioulos, feitos com fumo em corda e palha de milho. As roupas européias e citadinas, depois de gastas, também dão lugar às vestimentas dos gaúchos. De forma irreversível, Carl Winter começa a ser influenciado pelo ambiente em que está inserido, e até coisas que julgava impossíveis de fazer, como dormir com índias e mulatas, acabam acontecendo por obra das circunstâncias. Questionado certa vez por Bolívar

se havia começado a fumar os cigarros crioulos, Carl Winter responde: “A gente se habitua a tudo.” (VERISSIMO, 2002, p.138).

Também com o passar dos anos, o contato com a literatura médica vai se extinguindo. Embora tenha se formado em uma das melhores faculdades de medicina da Europa, ali em Santa Fé, operando com instrumentos de trabalho rudimentares e desatualizado quanto aos avanços da medicina, é com certa frustração que Carl Winter desempenha sua profissão, chegando a comparar-se com os curandeiros locais. Refletindo sobre suas condições de trabalho e de vida, a velha indagação voltava-lhe à mente: Por que permanecia ali em Santa Fé? Por que não ia embora para qualquer outro lugar do mundo onde pudesse levar uma vida mais confortável e interessante? As respostas não vinham, e nessas horas, para fugir dos pensamentos e da frustração, muitas vezes Carl Winter recorria à bebida, que pouco a pouco tornava-se um vício, como mostra a seguinte passagem em que a personagem volta para casa após ter amputado a perna de um alemão na colônia de Nova Pomerânia:

O remédio era embebedar-se. Podia ser indigno, podia ser brutal, podia ser sórdido. Mas era um narcótico. Bêbado, esqueceria a perna de Otto Spielvogel, que ele vira cair pesadamente num balde com um ruído medonho; esqueceria aquele tempo horrível, esqueceria principalmente que ele, Carl Winter, um homem de trinta e cinco anos, formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg estava preso, irremediavelmente preso a Santa Fé, sem coragem de abandonar aquele vilarejo marasmático e sair em busca duma vida melhor... Por quê? Por quê? Por quê? (VERISSIMO, 2002, p.122-123).

Após a morte de Bolívar, filho de Bibiana, as visitas ao Sobrado tornam-se menos freqüentes e Carl Winter perde o contato assíduo com sua melhor amiga. Bibiana tenta a todo custo controlar a educação de Licurgo, seu neto e filho de Luzia, refugiando-se com ele para o Angico, a estância da família. Ficavam por lá todo o verão, retornando apenas no inverno para o menino estudar. Winter era seu professor de Ciências. Ensinava-lhe sobre as plantas, sobre os animais, sobre os astros. Ensinamentos muitas vezes preteridos pelo menino, que aproveitava mais os conhecimentos de Fandango, velho capataz da estância, formado pela “escola da vida”, como ele mesmo dizia.

Em 1869, Carl Winter já contava por volta de cinquenta anos e havia mudado de residência. Morava agora na Rua dos Farrapos, perto da Praça da Matriz. Sem Bibiana para conversar, sem freqüentar o Sobrado como antigamente, sem um interlocutor à altura, pois

nas cartas que enviava a Koseritz não era o mesmo que uma conversa presencial, sem mulher, sem filhos, a sensação de solidão começava a tomar conta do alemão e Carl Winter sentia-se um pouco enfasiado e impaciente com os outros e até mesmo consigo.

Numa visita que Florêncio Terra faz ao médico devido a um ferimento na perna, contraído na guerra, o leitor percebe uma mudança comportamental de Carl Winter. Um tanto excêntrico, não se importando em receber visitas nu, ou ter um escravo o qual chamava Heinrich Heine, cujo nome de batismo era Sebastião, Florêncio chega a pensar que “o homem não estava muito bom do juízo” (VERISSIMO, 2002, p.179).

A própria convivência com a gente de Santa Fé faz Winter perder a delicadeza dos primeiros anos, torna-o um pouco ríspido, sem preocupação em medir as palavras. O Dr. Nepomuceno e o Pe. Otero, seus melhores interlocutores, agora envelhecidos, mostravam-se apáticos, desestimulando as antigas discussões:

Ali em Santa Fé, Winter se ressentia da falta de bons interlocutores. Discutia com o padre, e para exasperá-lo exagerava seus pontos de vista ateus. O Dr. Nepomuceno envelhecia e estava envolto numa tão espessa carapaça de estupidez, que suas farpas irônicas nem lhe chagavam a arranhar a pele. O Dr. Viegas, o pobre Dr. Viegas, que fora trazido a Santa Fé para combater o cólera-morbo e acabara estabelecendo-se na cidade, era duma burrice dolorosa: desperdiçar ironias com ele seria, para usar uma expressão da Província, ‘gastar pólvora em chimango’. Winter sentia agora uma necessidade permanente de agredir, e sua arma de agressão mais contundente era a franqueza, a verdade. (VERISSIMO, 2002, p.185).

E assim, Carl Winter percebia o tempo passar, assistia Licurgo crescendo e se tornando homem, acompanhava a doença de Luzia, seu sofrimento ocasionado por um tumor maligno no estômago, sem chances de cura, e aguardava o fim de mais uma guerra, a Guerra do Paraguai, que havia consumido a vida de mais milhares de homens da Província.

Em 1884, a vila de Santa Fé eleva-se à condição de município. Carl Winter, nessa época, com mais de sessenta anos, participa dos festejos com a apresentação da *Banda de Música Santa Cecília*, sob sua organização e orientação. Essa habilidade de reger uma banda lhe foi possível pois, ainda na Alemanha, o médico fazia parte de um quarteto musical como violinista. O grupo de amigos reunia-se nas noites de sábado para tocar obras de compositores famosos como Beethoven e Mozart.

Ao passar pelas ruas de Santa Fé, a banda alegrava os moradores da cidade e Carl Winter finalmente conseguia levar um pouco de arte àquela gente. No prosseguimento dos festejos ocorreu a cavallhada onde foi representada a batalha entre mouros (Licurgo e seus companheiros) e cristãos (os Amarais). A encenação termina em briga, na qual Licurgo é ferido sem gravidade por Alvarino Amaral, necessitando do atendimento do médico da família. Um jantar no Sobrado encerrou as comemorações do dia, ocasião em que Licurgo entregou carta de manumissão aos seus escravos, conferindo-lhes a liberdade.

Em meio ao numeroso grupo de pessoas que falavam alto, dançavam, comiam e bebiam desmesuradamente, Carl Winter podia observar todos aqueles tipos que formavam a sociedade rio-grandense e que naquele momento se divertiam. Sua mente então voltava a refletir sobre os anos que já haviam passado e a vida que tivera desde o dia em que colocara seus pés em Santa Fé:

Tornou a encher o copo de vinho e bebeu-o todo dum sorvo só. O melhor que tinha a fazer era embriagar-se para poder participar da alegria geral, para esquecer que a vida para ele não prometia mais nada. Já não lhe restavam esperanças de sair de Santa Fé. A distância em quilômetros que o separava da Alemanha era enorme. Mas a distância em tempo, essa era ainda mais aterradora. Sentia-se solto no tempo e no espaço, sem ligação com ninguém e com coisa alguma. (VERISSIMO, 2002, p.347).

Assim, o imigrante, longe de sua terra natal, apartado de seu grupo étnico, presenciava o desaparecimento de seus hábitos e costumes, sem contudo, apreciar os novos que adquiria. Sem participação efetiva na nova sociedade em que estava inserido, Carl Winter sentia-se um deslocado, geográfica e temporalmente. Ele já não pertencia à cultura alemã, mas também não conseguia se sentir um rio-grandense. A bebida, dessa forma, tornava-se uma forma de evasão para o conflito de identidade enfrentado pela personagem.

Os velhos ideais de independência e individualismo do médico alemão começavam a ser questionados. A velhice se aproximava e Carl Winter decepcionava-se ao pensar no rumo que sua vida tomara, como mostra a seguinte passagem:

Mas não fora sempre esse o seu ideal? Não ter compromissos, nem esposa nem família nem propriedade nem contratos. Ser física e espiritualmente um viajante sem bagagem. Estar sempre em disponibilidade, poder, dum minuto para outro, sem ter de dar satisfações a ninguém, mover-se dentro da geografia, mudar de paisagem, de ambiente, de hábitos... Pois bem. Conseguira tudo isso. Mantivera-se livre, disponível, sentimentalmente

intocado. Mas que uso fizera de sua liberdade? Guardara-a apenas como algumas daquelas famílias de Santa Fé entesouravam jóias antigas dentro dum escrínio, no fundo duma gaveta, não as usando nunca, nunca se desfazendo delas nem mesmo nos momentos de mais necessidade. Um luxo inútil, enfim! (VERISSIMO, 2002, p.347).

A última aparição da personagem Carl Winter na narrativa de *O Continente* ocorre em junho de 1895, data que marca o fim da Revolução Federalista. O Sobrado estava cercado pelos maragatos durante vários dias e Carl Winter, no peso dos seus setenta e quatro anos, é chamado para atender Alice, prima e esposa de Licurgo, que dera à luz a uma criança morta e ardia em febre. Dr. Winter é recebido por Licurgo que lhe pede desesperadamente para que salve sua mulher, ao mesmo tempo em que sente o cheiro de cachaça que emanava do médico. Enquanto o Dr. Winter subia penosamente as escadas para medicá-la, perguntando-se em pensamento: “Salvar pra quê?”, ouve dos filhos de Licurgo, Rodrigo e Toríbio, a alcunha de “alemão batata”.

E assim encerra-se a participação dessa peculiar figura na história da sociedade santa-fezense. No enredo de *O Continente*, Carl Winter assistiu monotonamente sua própria vida passar enquanto entretinha-se em acompanhar o desenvolvimento daquela “comédia provinciana”. Em seu sobrenome, Winter, inverno em alemão, pode ser traduzida a personalidade do estrangeiro.

A escolha do nome da personagem pelo escritor também pode constituir um recurso estrutural da narrativa. Segundo Aguiar e Silva (2002, p.704) o nome é um elemento importante na caracterização da personagem, assim como na vida civil em relação a cada indivíduo. O nome da personagem pode funcionar como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico) da personagem fosse motivada intrinsecamente. Nesse sentido, o Dr. Winter é caracterizado como uma pessoa fria, que não se permitia envolver por sentimentos nem por ninguém. O calor humano não chegou a transpassar o frio coração de Winter, um homem que controlou suas paixões e viu a vida passar sem grandes realizações.

No entanto, se a vida de Carl Winter transcorreu sem grandes feitos, essa personagem nos interessa enquanto ponto-de-vista particular sobre a realidade circundante. Sua importância na narrativa de *O Continente* está justamente na profunda análise que faz da sociedade rio-grandense.

2.7 A expressão do pensamento

Assim como um ser humano, a personagem imaginária é dotada de voz, através da qual se relaciona com as demais personagens da narrativa, expressa seu pensamento e comunica ao leitor suas experiências e sentimentos. Ao criar uma personagem, o escritor decide os meios que possibilitarão a ela expressar seus pensamentos e opiniões a respeito das situações que vivencia.

A personagem Carl Winter, imersa numa cultura totalmente diferente da sua, sente inevitável necessidade de compartilhar suas impressões sobre o novo ambiente, no qual convivia com pessoas estranhas de hábitos estranhos. Não tendo, porém, a disponibilidade de muitos interlocutores compatíveis com seu nível intelectual, que também não falavam sua língua de origem, o alemão, Carl Winter é freqüentemente obrigado a conversar consigo mesmo ou com o amigo Koseritz, através de cartas. Analisaremos a seguir, os recursos narrativos empregados por Erico Verissimo para dar voz à sua personagem, fazendo-a manifestar seus pensamentos e impressões sobre a sociedade gaúcha.

2.7.1 Os diários

Ao analisar a sociedade rio-grandense, o Dr. Carl Winter não deixa de representar, de certa forma, a curiosidade européia diante das sociedades “primitivas” do Novo Mundo, manifestada pelos muitos viajantes que se aventuraram no Brasil, no século XIX, com o intuito de conhecer em detalhes aspectos da natureza e do povo.

Por meio dos registros feitos nos diários desses viajantes, tem-se hoje um retrato do Brasil e do Rio Grande do Sul no início de sua colonização. Relatos sobre o relevo, rios, clima, espécies de animais e plantas, além da análise minuciosa dos grupos humanos nativos, sua organização social, aspectos físicos e culturais.

Assim, o Dr. Winter representa o estrangeiro culto, maravilhado diante de uma realidade que em nada se iguala ao seu mundo de origem, atento a cada detalhe da paisagem e das gentes, cujas impressões deveriam ser registradas. Sem a pretensão e o rigor de um trabalho científico, o alemão pensava em anotar suas reflexões a respeito da Província do Rio

Grande do Sul a fim de comentar essa inusitada experiência com seus amigos no dia em que voltasse à Alemanha.

No entanto, a mesma preguiça que o impedia de deixar Santa Fé, também o desmotivava a fazer tais anotações, como mostra a seguinte passagem: “(Winter sempre prometia a si mesmo tomar nota daquelas reflexões num caderno, mas nunca chegava a fazê-lo. *Ach*, és um vadio, Carl!)” (VERISSIMO, 2002, p.47). Dessa forma, as impressões a respeito de sua aventura numa remota vila do interior do Rio Grande do Sul, que deveriam ser anotadas e eternizadas num diário de viagem, permaneceram apenas na mente da personagem, cabendo ao narrador transmiti-las ao leitor. As reflexões sobre os homens e seus códigos de honra, sobre as guerras, sobre as mulheres, restringem-se aos pensamentos do doutor, sem jamais serem exteriorizadas por escrito, exceto em alguns comentários que faz ao amigo Koseritz através de cartas.

Porém, se atentarmos para o seguinte período da narrativa, que corresponde à voz do narrador: “Winter ficou a pensar no que haveria de contar daquela província a seus amigos, se um dia voltasse para casa.”, percebemos que a oração iniciada pela conjunção condicional “se um dia voltasse para casa”, dá um forte indício de que essa ação poderia não acontecer. Na verdade, o narrador já sabia desde o início da história que o Dr. Winter jamais voltaria para a terra natal, o que tornaria inútil a manutenção de um diário de viagem, cujo intuito era relembrar com os amigos alemães as experiências de sua estada no sul do Brasil. Assim, esse diário que nunca existiu, mas cujas anotações que ali seriam escritas tornam-se conhecidas para o leitor através dos pensamentos da personagem revelados pelo narrador, através do discurso indireto e indireto livre, não deixa de ser um recurso que contribui para exteriorizar as reflexões de Carl Winter sobre a cultura rio-grandense.

Há, contudo, uma ocasião em que o Dr. Winter escreve um diário de viagem, ocorrida na sua visita às Missões. O antigo desejo de conhecer as ruínas da civilização comandada pelos jesuítas ressurgiu algum tempo depois de a personagem ter se instalado em Santa Fé.

Nessa viagem, guiado por um vaqueano, que também lhe preparava as refeições (arroz com charque, chimarrão), Carl Winter deslumbra-se diante das ruínas dos templos de Santo Ângelo e São Miguel, que em tempos remotos abrigaram uma organização social peculiar, formada por padres jesuítas e índios.

Continuou a andar dum lado para outro, à frente das ruínas, enquanto o guia lhe preparava o almoço e de quando em quando lhe lançava olhares furtivos e desconfiados. Pensa que ando procurando tesouros – refletiu Winter, que tinha agora nas mãos um lápis e um caderno de notas no qual procurava reproduzir o desenho das cabeças de leão esculpidas em pedra e que encimavam os capitéis das colunas, nos ângulos da torre principal. (VERISSIMO, 2002, p.88).

Carl Winter analisava cuidadosamente as ruínas, reconstruindo no papel os templos a partir do conhecimento que possuía, adquirido provavelmente em livros ou histórias que ouvira, e completando-os com a imaginação. As anotações, nesse caso, podem ser justificadas por se tratarem de informações que somente a memória não seria capaz de apreender completamente, além do mais, sendo as ruínas construções históricas, despertavam muito o interesse dos europeus.

O silêncio, a solidão e o crepúsculo propiciavam ao doutor momentos únicos de reflexão, ocasião em que aproveitava também para ler poemas de Heine, valorizados pela singular paisagem. E assim, o médico tentava reconstruir mentalmente a antiga civilização que ali habitara:

E à noite ao deitar-se pensou em todas as criaturas que no passado tinham pisado aquele chão – índios, missionários, bandeirantes, aventureiros, cientistas, viajantes... Aquelas pedras – refletiu ele – haviam sido envolvidas por melodias inventadas por compositores europeus e reproduzidas pelos jesuítas e indígenas em instrumentos fabricados na própria redução. Onde estavam agora as melodias do passado? (VERISSIMO, 2002, p.89).

Sabe-se, dessa forma, que a personagem fez anotações sobre a excursão às ruínas dos templos jesuíticos, reproduzindo alguns por meio de desenho. No entanto, o narrador não fornece ao leitor maiores detalhes, preocupando-se novamente com as reflexões da personagem, ou seja, prefere revelar o que se passava nos pensamentos de Carl Winter.

2.7.2 A correspondência

A falta de bons interlocutores em Santa Fé, pessoas instruídas com quem o Dr. Carl Winter pudesse sustentar conversas interessantes, agradáveis e condizentes com seu nível de intelectualidade, é amenizada pelo contato, através de correspondência, com o também alemão Carl Von Koseritz.

De acordo com a narrativa, os dois alemães de mesmo nome conheceram-se em Rio Grande, em 1851, onde Koseritz estava hospitalizado, como já foi mencionado anteriormente, única ocasião em que conversaram pessoalmente. Depois deste dia, nunca mais tiveram um encontro presencial e a correspondência trocada foi que permitiu a continuidade da amizade entre eles por longos anos.

Carlos Júlio Cristiano Adalberto von Koseritz, o “ilustre barão”, como Carl Winter carinhosa e ironicamente o chamava, é uma personagem que Erico Verissimo recupera da historiografia. As informações apresentadas na narrativa de *O Continente* sobre Koseritz condizem com os dados biográficos da figura real, como o nome, o ano de nascimento, a origem familiar nobre, a participação na guerra contra Rosas fazendo parte dos *Brumers*, a vontade de ser jornalista e integrar-se definitivamente à nova pátria⁵.

De acordo com Guilhermino César (1971, p.250), Carlos Júlio Adalberto Henrique Fernando von Koseritz, segundo barão desse título, nasceu em Dessau, capital do ducado de Anhalt, Alemanha, a 7 de junho de 1830 e faleceu em Porto Alegre, a 30 de maio de 1890. Frequentou cursos superiores, ingressou na marinha e após no exército, tendo feito a campanha da Dinamarca. Veio para o Brasil engajado na força estrangeira contratada para auxiliar o exército contra o ditador argentino, os *Brumers*. Em Pelotas desertou para criar um colégio (1851), iniciando também sua carreira de jornalista. Tempos depois, na cidade de Rio Grande, exerceu o magistério e o jornalismo, transferindo-se afinal para Porto Alegre em 1864. Colaborou nos jornais *do Comércio*, no *Rio-Grandense* e em *A Reforma*; fundou a *Kosertiz Deutsche Zeitung*, a *Gazeta de Porto Alegre* e um almanaque em alemão, o *Koseritz Deutsche - Kalender*. Figura de prestígio na maçonaria, Koseritz fundou e redigiu o jornal maçom *A Acácia*, onde combateu veemente a Igreja. Pertenceu ao grupo *Partenon Literário* e organizou a exposição Brasileira-Alemã de 1881. Como deputado provincial, exerceu o mandato de 1883 a 1885 e de 1887 a 1888. Após proclamada a República, foi preso sob o pretexto de estorvar a consolidação do regime, em Pedras Brancas, atual Guaíba, onde se refugiara. Posto em liberdade a 22 de maio de 1890, a 30 faleceu de uma síncope cardíaca.

⁵ O único dado expresso na narrativa que não condiz com a historiografia é o fato de Carl Winter ter encontrado Carl von Kosertiz internado em um hospital de Rio Grande em 1851. Como consta na historiografia, Koseritz havia sido internado em Pelotas e não em Rio Grande. Contudo, essa informação não interfere para a verossimilhança da narrativa de Erico Verissimo.

Sem sombra de dúvida, Koseritz teve participação especial no desenvolvimento da imprensa nacional, atuando como jornalista e até como crítico literário, já que era conhecedor dos clássicos da literatura universal. Com a mesma vontade que manifestava em aprender a língua da terra, investigou a natureza e tentou compreender o homem brasileiro, divulgando informações sobre o nosso país em publicações européias. Sobre isso Guilhermino César (1971, p.254) comenta: “Tendo adotado a cidadania brasileira, tudo fez, inicialmente, por conhecer a literatura, estudar os costumes e as tradições locais. Interessou-se em divulgar por lá a nossa desordem tropical, o exotismo e o pitoresco da sociedade em que passara a viver e constituiu família.”.

Na narrativa de *O Continente*, foi a personagem Carl von Koseritz quem aconselhou o Dr. Winter a conhecer a cidade de Porto Alegre e a colônia de São Leopoldo. Lugares que não agradaram o médico, fazendo-o percorrer o Rio Grande do Sul até chegar ao povoado de Santa Fé. Em uma das primeiras cartas, Koseritz assim o aconselhava: “A única vantagem que um homem solteiro tem sobre o casado é a da mobilidade. Pois se não gosta de Porto Alegre, mude-se. O meu caro doutor é um homem livre. Por que não tenta as colônias? Vá visitá-las a título de experiência. Talvez goste delas e fique por lá.” (VERISSIMO, 2002, p.42).

Koseritz era quem conectava Carl Winter com o restante da Província, do Brasil e da Europa, pois em Santa Fé o médico sentia-se num outro mundo, onde o acesso à informação era artigo de luxo. Dessa forma, Koseritz diminuía-lhe a sensação de isolamento, contando-lhe as novidades da Província e enviando-lhe jornais e livros, que permitiam ao doutor manter-se atualizado, dentro do possível.

No entanto, a principal função dessa personagem na narrativa é ser uma espécie de confessor da personagem Carl Winter. Exceto nos momentos em que o Dr. Winter conversava com seus próprios pensamentos, Koseritz revela-se a única pessoa com quem o médico alemão conseguia discutir as observações que fazia sobre a gente da Província, representada pelos moradores de Santa Fé.

Possuindo a mesma nacionalidade, o mesmo nível intelectual e pertencendo à mesma cultura, Koseritz constitui-se o interlocutor ideal para a personagem Carl Winter. Somente Koseritz poderá entender o médico alemão quando, nas cartas, ele fala das suas saudades da terra natal, poderá compreender as referências às personagens da tragédia grega e as citações de poetas famosos como Goethe e Heine e, principalmente, compartilhará as observações que Carl Winter faz sobre a sociedade rio-grandense, impossíveis de serem confidenciais a um nativo da Província.

Nas cartas enviadas ao amigo, Winter perguntava-lhe sobre suas realizações como jornalista, sobre seus projetos de montar uma escola, e falava-lhe de suas condições de vida naquele vilarejo perdido no interior do Rio Grande do Sul, da sensação de deslocamento, de despersonalização, da dificuldade de adaptar-se à sociedade. Nota-se, nessas confissões, que a própria personagem não conseguia desvincular-se da imagem de forasteiro, como se lê na seguinte passagem:

Tu ao menos tens como desabafar: és jornalista, escreve os teus artigos e de certo modo já pertences a esta pátria. Quanto a mim, continuo a ser apenas o Dr. Carl Winter, um exilado, um imigrante, um intruso; e tenho de calar a boca mesmo quando sinto vontade de sacudir esta gente de sua apatia exasperante. (VERISSIMO, 2002, p.79)⁶.

Como entusiasta da imigração alemã no Rio Grande do Sul, Koseritz relatava com satisfação a Carl Winter os progressos de seus conterrâneos nas colônias, onde a agricultura desenvolvia-se fortemente, onde surgiam pequenas fábricas como curtumes, moinhos, olarias, cervejarias.

Carl Winter, por sua vez, observava a Koseritz a despreocupação dos nativos com o futuro da Província. Segundo ele, não havia interesse em melhorar os rebanhos, já que a pecuária era a maior atividade econômica. Muito menos interesse havia em investir na agricultura, o que mostrava a apatia do povo em relação ao trabalho. No entanto, estavam sempre dispostos para a batalha, a guerra realmente excitava os homens da Província, devolvia-lhes a vitalidade:

“Parece que a regra geral aqui é a guerra, sendo a paz apenas uma exceção; pode-se dizer que esta gente vive guerreando e nos intervalos cuida um pouco da atividade agrícola e pastoril e do resto; mas um pouco, só um pouco, porque parece que tudo é feito com o pensamento na próxima guerra ou na próxima revolução. Há nos olhos destas mulheres uma permanente expressão de susto.”. (VERISSIMO, 2002, p.105).

Nas cartas que se seguiram ao longo dos anos, Carl Winter falava-lhe de sua lenta adaptação à cultura gaúcha, na qual ia mudando seus antigos hábitos e adquirindo os da terra. Confidenciava-lhe sua carência afetiva e sexual, sua monótona rotina. Apesar da insistência

⁶ No texto de *O Continente*, as cartas enviadas pela personagem Carl Winter a Koseritz estão transcritas em itálico, padrão que manteremos nas citações.

de Koseritz para que ele voltasse ao litoral e se instalasse em Pelotas, o médico tentava explicar-lhe, sem ao menos saber a resposta, sua incapacidade de deixar Santa Fé: “*A inércia, Carl, tem muita força. A rotina é uma balada insípida de rimas óbvias.*” (VERISSIMO, 2002, p.114). A monotonia estendia-se também à profissão, em que os casos clínicos atendidos raramente diferiam, como mostra o trecho da seguinte carta, datada de 25 de setembro de 1855:

A vida aqui é monótona. Nunca acontece nada. De vez em quando sou chamado a atender um homem que foi estripado por outro num duelo por causa de pontos de honra, discussões em carreiras, jogos de osso, cartas ou chanteira. Mas mesmo isso se transforma em rotina, porque um intestino é igual a outro intestino; as reações das pessoas em tais ocasiões são mais ou menos as mesmas. (VERISSIMO, 2002, p.114).

Carl Winter também lamentava a carência de material para leitura no vilarejo, a distância entre os povoados, a demora dos correios para chegar até Santa Fé, os assuntos das conversas entre as pessoas, limitados a gado, cavalos, tropas, comidas, histórias de guerras e revoluções passadas e futuras. Relatava a Koseritz sobre a paisagem, sobre o clima, os rigorosos invernos, o gosto que começava a tomar pela cachaça, numa mistura com mel e limão. Pedia-lhe ainda que enviasse livros e jornais, mesmo que antigos.

Contudo, o assunto preferido do doutor era a vida dos moradores de Santa Fé. Carl Winter mantinha o amigo informado sobre o desenvolvimento da rústica “comédia provinciana”, relatando-lhe os principais acontecimentos envolvendo as famílias Terra-Cambará e Amaral.

A intimidade dos moradores do Sobrado, dessa maneira, torna-se assunto freqüente nas cartas. É interessante notar que nesses episódios, o narrador de *O Continente* outorga a Carl Winter a tarefa de comunicar ao leitor acontecimentos importantes que marcam a vida da família Terra-Cambará. A personagem realiza essa tarefa narrando detalhadamente a Koseritz, em discurso direto, fatos como o nascimento de Licurgo, neto de Bibiana, o conflituoso relacionamento entre sogra e nora e a viagem de Bolívar e Luzia para Porto Alegre, sugerida pelo próprio Dr. Winter. Após narrar-lhe as novidades, porém, Carl Winter pede desculpas ao jornalista, lamentando a pouca relevância de seus assuntos, restritos ao âmbito de suas relações sociais, e explica: “*Pedoa-me estas minúcias. Quando vivemos por muito tempo num mundo tão limitado e pobre como este, acabamos conferindo às suas intriguinhas, às suas pessoinhas e às suas coisinhas uma importância universal*” (VERISSIMO, 2002, p.121).

Nota-se o emprego do grau diminutivo nos vocábulos “intriguinhas”, “pessoinhas” e “coisinhas” no sentido pejorativo, de importância diminuída.

Carl Winter tinha consciência que ele e seu amigo Koseritz já não pertenciam mais ao mesmo mundo. Enquanto Koseritz se projetava na imprensa nacional, dentro do círculo de intelectuais, políticos e personalidades ilustres da Província e do país, ele, Carl Winter, vivia num mundo restrito, desempenhando de forma rústica e decadente sua profissão de médico e convivendo com pessoas de muito limitada ou inexistente intelectualidade.

O assunto de uma das cartas seguintes foi a volta de Bolívar e Luzia de Porto Alegre, que na década de 1850, fora infestada por uma epidemia de cólera-morbo, o que determinou, por ordem de Bento Amaral, um período de quarentena ao Sobrado, em que foi expressamente proibida a saída de qualquer morador. Nessa ocasião, Carl Winter demonstra, angustiado, a incapacidade de resolver a situação, tendo que se contentar com o privilégio de ter passe livre para entrar no casarão e tratar de seus moradores, física e psicologicamente. O médico comunica ao amigo a irritação de Bolívar, que se considerava vítima de uma intriga política, e a recusa do juiz e do padre em interceder para o desfecho daquele drama. Drama que isolava o Sobrado do restante de Santa Fé, mas, principalmente, que mantinha cada morador isolado dos outros e preso em seus próprios pensamentos:

Este pequeno arquipélago de Santa Fé não está propriamente no Mar Tenebroso, mas sob sua aparência de quietude e rotina tem também seus dramas. E eu, como médico, faço o curioso papel de lançadeira, indo e vindo a conduzir a frágil linha que costura esse tecido dramático. Creio que estou ficando literato, tão literato que não se admire o meu bom amigo se um dia eu lhe mandar sonetos ou pensamentos filosóficos para seu jornal. Pois dramas não faltam por aqui, meu caro. Eu os vejo, eu os cheiro, eu os ouço, eu os apalpo. Há dramas no casarão do velho Amaral. Dramas nas casas dos colonos da Nova Pomerânia. Drama até no quintal do vigário, meu vizinho e inimigo. Drama há também no peito encatarroado do Dr. Nepomuceno. Mas o maior drama de todos está no Sobrado. (VERISSIMO, 2002, p.147).

Somente dois dias depois é que Carl Winter terminou essa carta, contando a Koseritz sobre a morte de Bolívar, assassinado pelos capangas de Bento Amaral ao desobedecer à ordem de não sair do Sobrado. Falou-lhe sobre o enterro do amigo e sobre as impressões que lhe causou a viúva Luzia. Porém, esse trecho da carta, Winter acabou não enviando a Koseritz, pois continha confissões muito íntimas. Nele, Winter relatava as sensações que tivera ao observar Luzia no momento em que ela se despedia pela última vez do marido,

quando desejou possuí-la violentamente ali mesmo, no cemitério, e rapidamente retirou-se do local, tomado de náuseas. Ao reler o que havia escrito, Carl Winter rasgou o papel e afirmou que uma confissão daquelas não deveria ser feita nem a si mesmo.

Os acontecimentos da Europa também eram do interesse de Carl Winter, já que se tratava de seu antigo mundo, e dos quais ele tomava conhecimento através dos jornais que Koseritz lhe enviava. Em algumas passagens das correspondências fica claro o desprezo da personagem por duas figuras centrais que protagonizavam a História europeia na época. Numa das cartas enviadas a Koseritz, Carl Winter assim se despede:

Um dia ainda nos havemos de encontrar para uma longa palestra. Falaremos de tuas realizações, Carl, de teus projetos. Falaremos um pouco também sobre o passado. Diremos mal de Napoleão III, da Inglaterra e principalmente dessa augusta vaca, a Rainha Vitória. (VERISSIMO, 2002, p.147).

Segundo a historiografia, as grandes potências europeias no século XIX, eram a Inglaterra, a França e a Alemanha, envolvidas constantemente em conflitos bélicos pela disputa de território e poder. Assim, parece natural que Dr. Winter não prestigie muito os líderes políticos das potências que freqüentemente ameaçavam seu reino de origem: Napoleão III (1848-1870), da França, e a Rainha Vitória (1819-1901), da Inglaterra.

A última carta que Carl Winter enviou a Koseritz na narrativa de *O Continente*, diz respeito à Guerra dos Muckers, fato histórico ocorrido nos arredores de São Leopoldo no ano de 1874. Os Muckers, falsos santos, foram um grupo de imigrantes alemães envolvidos em um movimento messiânico liderado por Jacobina Mentz Maurer, que se apresentava como a própria encarnação de Cristo e prometia estabelecer na Terra a Cidade de Deus.

Cada vez mais crentes no caráter messiânico de Jacobina, os muckers passaram a atacar aqueles que se opunham ao movimento, incendiando-lhes as casas ou executando-os. Além disso, acirrados pela profecia de que quem acreditasse em Jacobina seria imune à morte, os muckers entraram em confronto com as forças do Exército local, gerando um quadro de violência e muitas mortes. Carl Winter explica o fato da seguinte forma:

[...] esse lamentável episódio vem confirmar a opinião que tenho de meus compatriotas: individualmente são excelentes, sensatas pessoas, mas quando reunidos em grupos acabam sempre fazendo alguma asneira brutal. Creio, porém, que Goethe já disse isso antes de mim e em muito

melhor alemão. Seja como for, às vezes chego a achar que a unificação da Alemanha foi um erro. Temo que depois da vitória de Sedan, embriagados de orgulho nacional, os alemães tomem gosto pelas guerras (Há um ditado gaúcho que conheces: 'Cachorro que come ovelha uma vez'...) e não possam mais passar sem elas. (VERISSIMO, 2002, p.363).

Nessa passagem, Winter expressa preocupação com relação ao fanatismo religioso/político de seus compatriotas, referindo-se com isso também à Batalha de Sedan, conflito decisivo no processo de unificação da Alemanha. Sem o propósito de comparar a realidade com a ficção, recorreremos à historiografia a fim de fazer uma breve exposição sobre o processo de unificação alemã, mencionada pela personagem Carl Winter, evento responsável pelo surgimento do sentimento de nacionalismo, o qual se transformou em fanatismo e chegou ao extremo durante a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Divalte Garcia Figueira (2005, p.247), durante as guerras napoleônicas, Bonaparte dissolveu o antigo Império Romano-Germânico e criou, em seu lugar, a Confederação do Reno. Com a derrota do imperador francês, o Congresso de Viena (ocorrido de outubro de 1814 a junho de 1815) determinou a formação da Confederação Germânica, um aglomerado de 39 Estados soberanos. Na liderança estava o Império Austríaco, absolutista e de economia agrária, cuja supremacia foi garantida pelo número de Estados que tinha na Confederação. Contra a Áustria estava a Prússia que, mais desenvolvida comercial e industrialmente, buscava a edificação de um grande Estado germânico, que forjasse seu espaço internacionalmente.

O passo fundamental para a unificação foi dado, conforme Cláudio Vicentino (2006, p.319), em 1834, com a criação do *Zollverein*, uma união alfandegária que derrubou as barreiras aduaneiras entre os Estados alemães, proporcionando uma efetiva união econômica que dinamizaria o capitalismo alemão. Deixada de fora do *Zollverein* pela diplomacia prussiana, a Áustria reagiu, ameaçando a Prússia de guerra e obrigando-a a recuar. Assim, o Império Austríaco recuperava sua supremacia na Confederação Germânica, impondo seus interesses, que eram contrários à unificação.

A Prússia, por sua vez, iniciou a partir de 1860 a aplicação de um programa de modernização militar sustentado pela aliança da alta burguesia com os grandes proprietários e aristocratas – os *junkers*. Tendo à frente o chanceler Otto von Bismarck, reiniciaram-se as lutas pela unificação alemã com uma estratégia que visava à exaltação do espírito nacionalista alemão por meio de sua participação em guerras.

Ao assumir o cargo, Bismarck adotou medidas para acelerar o desenvolvimento industrial, ampliando o sistema ferroviário e estimulando a siderurgia e a indústria metalúrgica. Ao mesmo tempo, modernizou o exército, pois sabia que a unificação do país passaria necessariamente por uma guerra.

No plano externo, Bismarck procurou explorar as disputas entre as potências européias, firmando alianças ora com uma, ora com outra, conforme os interesses do Estado prussiano e do processo de unificação alemã. Assim, em 1864, Bismarck aliou-se à Áustria contra a Dinamarca, com o objetivo de conquistar dois ducados: Holstein (que ficou para a Áustria) e Schleswig (que ficou para a Prússia). Em 1866, o quadro mudou e ele se lançou contra a Áustria, obtendo a neutralidade da França para enfraquecer o inimigo. Vencida a Áustria, a Prússia impôs sua hegemonia em toda a região, criando em 1867 a Confederação Germânica do Norte, liderada por Guilherme I e Bismarck. Em seguida, Bismarck lançou-se contra a França.

Durante a guerra franco-prussiana (1870-1871), o exército francês foi derrotado nas batalhas de Metz e Sedan e o próprio imperador Napoleão III foi feito prisioneiro, obrigando o governo republicano da França a assinar a rendição. Assim, em 18 de janeiro de 1871, representantes dos Estados germânicos proclamaram em Versalhes, perto de Paris, a criação do *Segundo Reich* (Segundo Império) alemão, sob o governo de Guilherme I e com a humilhação imposta à França, consumou-se, finalmente, a unificação da Alemanha.

Segundo Cláudio Vicentino (2006, p.321), a guerra franco-prussiana mobilizou sentimentos nacionalistas de ambos os lados. Além disso, com a unificação, a Alemanha cresceu vertiginosamente, a ponto de, em 1890, superar a Inglaterra na produção de aço, o que contribuiu para aumentar a rivalidade entre os dois países. A exigência alemã de uma redivisão colonial que a favorecesse, somada às alianças político-militares, levaram o mundo à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

De certa forma, o comentário realizado pela personagem Carl Winter na narrativa ficcional, citado anteriormente, parece constituir uma previsão da ocorrência da Primeira e Segunda Guerras mundiais, nas quais a Alemanha, motivada pelo sentimento de nacionalismo, teve ativa participação. Essa previsão pode ser justificada pelo fato de o romance *O Continente* ter sido publicado em 1949, e o escritor ter sido contemporâneo desses acontecimentos, referindo-os implicitamente no texto.

Em seguida, Carl Winter observa que o ambiente bélico é incapaz de promover a intelectualidade, transferindo essa idéia ao povo gaúcho. Nesse sentido, compreende-se que o povo do Rio Grande do Sul, imbuído pelo sentimento bélico, continuamente envolvido pelas

várias revoluções e guerras, causadoras de destruição e morte, torna-se incapaz de desenvolver a intelectualidade, ou seja, não consegue reverter suas forças e objetivos para a produção de bens culturais que promovam um conhecimento científico ou artístico. Segundo Carl Winter: “*Parece-me que homens como Mozart e Heine só podem ser produzidos por nações que não perdem tempo nem energia em arquitetar guerras e muito menos em levá-las a cabo.*” (VERISSIMO, 2002, p.363).

Analisando a correspondência enviada pelo Dr. Winter, nota-se a presença intercalada de relatos da história que se desenvolve no universo fictício de Santa Fé com fatos pertencentes à História do Rio Grande do Sul, do Brasil e da Europa. Embora nem todas as cartas apresentem uma data explícita, podemos inferir a época que retratam através das referências a acontecimentos históricos datados. Novamente, o escritor, com habilidade, utilizou-se de fatos da realidade misturando-os à ficção, de forma a proporcionar ao leitor a impressão de verdade. Assim, a presença na narrativa de fatos ocorridos (históricos), livres de suspeita de serem impossíveis, contribui para o poder de persuasão dos fatos não ocorridos (ficcionalis), mas possíveis de ocorrer, caracterizando a verossimilhança dos relatos da personagem.

A correspondência remetida por Carl Winter para a personagem Carl von Koseritz constitui, portanto, mais um recurso estrutural empregado por Erico Verissimo na construção de *O Continente*, por meio do qual a organização social gaúcha vai sendo revelada ao leitor sob a ótica de um estrangeiro. Na opinião de Flávio Loureiro Chaves (2006, p.66):

A seqüência de escritos de Carl Winter, incluindo as longas cartas que ele remete ao amigo Carl von Koseritz, torna-se indispensável à percepção do Continente e de seus habitantes e, bem assim, para que se possa ler, na síntese geográfica operada pelo narrador, o embate das grandes linhas em que se movimenta a engrenagem da História.

Além disso, esse recurso funciona para atualizar o leitor sobre episódios anteriores ao momento da narrativa, omitidos pelo narrador, mas que sendo fundamentais para o prosseguimento do enredo, são revelados pela personagem Carl Winter através de suas cartas.

Segundo Beth Brait (1999, p.62), a narrativa epistolar tem um receptor em mira, mesmo que esse destinatário não esteja implicado nos acontecimentos. Por meio desse recurso, a caracterização da personagem num tempo passado que é recuperado pela narrativa

funciona como uma maneira sutil, um pretexto para mostrar o presente e as nuances da interioridade.

De fato, Koseritz não tem participação efetiva no enredo, limitando-se a ser um receptor, no entanto, ao lhe serem narrados pelo Dr. Winter episódios vivenciados anteriormente ao tempo em que são narrados, por exemplo, a viagem de Luzia e o marido para Porto Alegre e o enterro de Bolívar, o leitor se mantém atualizado e informado sobre o tempo presente da narrativa, ao mesmo tempo em que entra em contato com a intimidade de Carl Winter.

2.7.3 Discurso direto e discurso indireto livre

Como já mencionamos, o texto é o único dado concreto capaz de mostrar os elementos utilizados pelo escritor para atribuir consistência às suas personagens e estimular as reações do leitor. Desse modo, é possível analisar em uma narrativa as formas encontradas pelo escritor para caracterizar as personagens, sejam elas inspiradas em figuras reais ou totalmente imaginárias, como explica Beth Brait (1999, p.52):

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis seus movimentos.

Assim, a narração em primeira ou terceira pessoa, a descrição minuciosa ou sintética de traços, o discurso direto, indireto ou indireto livre, os diálogos e os monólogos são técnicas escolhidas e combinadas pelo escritor a fim de possibilitar a existência de suas criaturas de papel, constituindo recursos narrativos relevantes para a análise da obra literária.

Qualquer tentativa de sintetizar as maneiras possíveis de caracterização de personagens, segundo Beth Brait (1999, p.52), esbarra necessariamente na questão do narrador, esta instância narrativa que conduz o leitor por um mundo que parece estar se

criando à sua frente. De acordo com a postura do narrador, ou seja, do lugar em que ele se posiciona para contar a história, teremos um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens.

No enredo de *O Continente*, o narrador em terceira pessoa, apresenta-se como um elemento não envolvido na história, como uma câmera, para utilizar a definição de Beth Brait, que tudo vê e tudo sabe sobre suas personagens, até mesmo seus pensamentos mais íntimos. O leitor, por sua vez, guiado por essa câmera, vive a curiosa experiência de conhecer uma personagem, o espaço habitado por ela e as relações que estabelece com esse espaço e com os demais seres que nele habitam.

No entanto, essa câmera não é neutra. Há alguém por trás dela, selecionando e combinando as imagens a serem mostradas, controlando os registros. O narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem e seu destino. Sabe de onde parte e para onde se dirige, o que pensa, faz ou diz, como uma espécie de Deus que lhe tolhe a liberdade.

Dessa forma, a personagem vai surgindo do desconhecido graças aos recursos de um narrador privilegiado, onisciente, que na sua posição de observador não personificado, pode não apenas mostrar os movimentos que a delineiam, mas também revelar seus sentimentos e pensamentos.

De acordo com Beth Brait (1999, p.55), a apresentação da personagem por um narrador em terceira pessoa é um recurso muito antigo e eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o utiliza, constituindo uma tentativa de criar uma história capaz de ganhar a credibilidade do leitor: “No Antigo Testamento, assim como nas epopéias clássicas ou nos contos de fada, a personagem não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações. E nem por isso deixa de ter consistência e ganhar credibilidade”.

Em *O Continente*, o narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando as personagens nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que as vivem. Ele vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pela descrição e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e constituem o mundo a ser representado. Beth Brait (1999, p.58) afirma que:

A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor.

Nesse sentido, a caracterização física da personagem, a utilização do discurso direto para mostrar sua relação com as demais personagens, e discurso indireto livre para expressar seus pensamentos e emoções, a composição do espaço e o desenho do ambiente devem combinar-se de forma harmônica para construir progressivamente o saber da personagem e do leitor, constituindo um recurso que aponta para a verossimilhança interna da obra.

Embora participando de todo o enredo de *O Continente*, a personagem Carl Winter aparece com maior frequência no capítulo intitulado *A Teiniaguá*, no qual ocorre sua caracterização por parte do narrador, e onde está localizada a maioria dos diálogos e discursos envolvendo a personagem.

O discurso direto é empregado nos momentos em que o Dr. Winter interage com outras personagens através de diálogos. Pode-se perceber a utilização desse tipo de discurso na seguinte passagem em que Carl Winter conversa com Aguinaldo Silva e sua filha Luzia, no dia do noivado da moça com Bolívar, filho de Bibiana. A conversa transcorre no Sobrado, de onde os convidados da festa dentro de pouco observariam, na praça em frente, o enforcamento do negro Severino, acusado de duplo homicídio:

Winter cruzou as pernas e disse ao dono da casa:

- Mas o senhor parece que não teve nenhuma piedade do negro. Me diga então uma coisa: quando vê um branco batendo num escravo, vosmecê não fica também revoltado?

Aguinaldo coçou a pêra e estava para responder quando ouviu a voz de Luzia.

- Negro não é gente – disse ela. [...]

O Dr. Winter tirou os óculos e começou a limpá-los lentamente com o lenço.

- *Mein liebes Fräulein* – exclamou ele, com sua voz aflautada. – O que vosmecê acaba de dizer é uma inverdade científica. (VERISSIMO, 2002, p.65).

Nesse diálogo, as falas das personagens são reproduzidas integral e literalmente. Notam-se as marcas do discurso direto pelo emprego dos verbos de elocução (*dicendi*) como “disse” e “exclamou”, que identificam a maneira como a fala foi exprimida. Além disso, os sinais de pontuação: dois pontos e travessão, também são indicativos de deste tipo de discurso.

A presença do narrador, também se faz sentir, porém não interferindo no diálogo, apenas conduzindo o leitor, preparando-o para as falas das personagens. Para Aguiar e Silva

(2002, p.759), todo o texto narrativo implica a mediação de um narrador. A voz do narrador fala sempre no texto narrativo, apresentando características diferenciadas em conformidade com o estatuto da *persona* responsável pela enunciação narrativa, e é ela quem produz as outras vozes existentes no texto literário.

A voz da personagem, de acordo com esse autor, faz-se ouvir tanto no discurso direto, nos diálogos e nos monólogos, como no discurso indireto. Em todos esses casos, essa voz diferencia-se claramente da voz do narrador, quer pela sua introdução com verbos *dicendi*, quer pela sua caracterização com traços idioletais, socioletais e dialetais que não podem ser atribuídos ao narrador. (AGUIAR E SILVA, 2002, p.764).

No diálogo transcrito anteriormente, percebe-se uma marca da linguagem característica da personagem Carl Winter: as sentenças na língua alemã, como “*Mein liebes Fräulein*”⁷. Esse recurso utilizado pelo escritor, contribui para a caracterização da personagem e freqüentemente é empregado em seu discurso ao longo da narrativa.

Durante o discurso direto, conforme Wolfgang Kayser (1985, p.228-229), o narrador já não tem o privilégio de impor o seu “tempo”, mas é obrigado a seguir uma ordem temporal mais objetiva. O discurso direto dá mais vivacidade e tensão à narrativa, pois o leitor pode ouvir, ocasionalmente, a voz de uma outra personagem diferente da do narrador, residindo nisso uma variedade que agrada e que impede toda a monotonia.

O autor salienta ainda, que na vida quotidiana, por mais pormenorizados que sejam os relatos dos nossos melhores amigos sobre determinada pessoa, nos vale mais um encontro pessoal com ela para chegar a uma idéia clara sobre seu caráter. O mesmo ocorre na narrativa, quando determinada personagem fala diretamente aos leitores, proporcionando-lhes assim a possibilidade de a conhecer, aparentemente, melhor do que pelas descrições das outras personagens e do narrador. O leitor, apesar de ter consciência do caráter fictício da narrativa, ainda exige a credibilidade do que lhe é contado. Dessa forma, o discurso direto satisfaz tais exigências, pois se existem palavras que não são do narrador, mas sim de um outro, então não há dúvida de que este de fato existe e que está confirmado na sua existência.

Seguindo essa mesma perspectiva, Cunha e Cintra (1985, p.73) também afirmam que a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação as personagens, tornando-as vivas para o leitor. As falas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos lingüísticos tais como as exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que impregnam de emotividade a expressão oral transcrita.

⁷ “Minha querida senhorita”.

O discurso indireto livre, por sua vez, caracteriza-se por ser um discurso misto, em que se associam as características do discurso direto e do discurso indireto. Nesse caso, o narrador insere a fala da personagem em seu discurso sem as marcas do discurso direto: verbos de elocução e sinais de pontuação, mas com toda a sua vivacidade. Seu uso ressalta o pensamento, a essência significativa do enunciado reproduzido, deixando em segundo plano as circunstâncias e os detalhes acessórios que o envolvem.

Segundo Beth Brait (1999, p.56), a utilização do discurso indireto livre é um artifício lingüístico que dissipa a separação rígida entre a câmera e a personagem, uma vez que lhe confere autonomia para revelar uma interioridade que não poderia ser captada pela observação externa. Vejamos o seguinte trecho em que o narrador fala sobre a personagem Carl Winter:

Adquirira o hábito de falar consigo mesmo em voz alta. Fazia-o em alemão, em geral quando caminhava pelas ruas da vila ou saía em seus passeios solitários pelos arredores. [...] Ouvira um dia uma das velhotas da vila dizer: “O alemão é louco da cabeça”. *Mein Gott!* Louco da cabeça. Lúcido demais, isso sim. E era essa lucidez que às vezes o impedia de gozar melhor a vida. (VERÍSSIMO, 2002, p.46).

Nesse parágrafo percebe-se que discurso direto e discurso indireto livre se intercalam com a voz do narrador. Na sentença: “Ouvira um dia uma das velhotas da vila dizer: ‘O alemão é louco da cabeça’”, temos o discurso direto introduzido, como lhe é característico, pelo verbo de elocução “dizer”, seguido dos dois pontos. A fala da “velhota” transcrita literalmente aparece entre aspas, já que ocorreu num tempo anterior ao do momento narrado, e faz parte da memória do doutor Winter, revelada pelo narrador em terceira pessoa. No entanto, logo a seguir aparece o discurso indireto livre, no qual, sem nenhum anúncio prévio, surge uma exclamação da própria personagem em sua língua materna, seguida por outras considerações: “*Mein Gott*⁸! Louco da cabeça. Lúcido demais, isso sim.” E finalizando, volta a manifestar-se a voz do narrador, transmitindo um juízo de valor sobre a personagem, a qual conhece inteiramente, como narrador onisciente que é: “E era essa lucidez que às vezes o impedia de gozar melhor a vida.”.

Em outras ocasiões, o discurso indireto livre aparece entre parênteses, expressando as recordações ou pensamentos da personagem, como no exemplo a seguir:

⁸ “Meu Deus!”

Infelizmente em Santa Fé Winter tinha de contentar-se com as peças que Luzia dedilhava na cítara ou então com a música que ele próprio produzia. Na Alemanha fizera parte de um quarteto de cordas de amadores, como violonista. (Hans, Hugo, Joseph, onde estais a estas horas?) Reuniam-se nas noites de sábado para tocar Mozart, Beethoven e Schubert, beber cerveja e fumar cachimbo nos intervalos entre um e outro quarteto. (VERISSIMO, 2002, p.49).

O discurso indireto livre, empregado por Erico Verissimo na narrativa de *O Continente*, torna-se um recurso eficiente para revelar ao leitor os pensamentos e indagações de Carl Winter, que analisa minuciosamente as demais personagens com quem convive, tentando desvendar-lhes a personalidade. Citamos um último trecho para exemplificar, no qual o leitor entra em contato com as reflexões de Carl Winter ao mesmo tempo em que compartilha suas indagações sobre a personagem Luzia Silva Cambará:

Winter voltara para sua cadeira e agora observava Luzia. Que haveria naquela alma? Ele ainda não sabia, mas começava a adivinhar, através duma névoa, e o que entrevia lhe dava um aperto no coração, um frio horror. Como era que naquele fim de mundo, naquele lugarejo perdido nos confins do continente americano, entre gente rude e primária, existia uma mulher assim? Podia estar numa tragédia de Sófocles ou de Schiller, num conto de Hoffmann ou num ... *Mein Gott!* Contanto ninguém acreditaria. E por um instante se imaginou num *Biergarten* de Berlim, dali a muitos anos, sentado ao redor duma mesa a tomar cerveja com amigos e a falar-lhes de seu passado de Santa Fé. (VERISSIMO, 2002, p.67).

Nota-se, nesse parágrafo, que as indagações de Carl Winter a respeito de Luzia se realizam através de sua própria voz, misturada à voz do narrador onisciente: “Que haveria naquela alma?” “Como era que naquele fim de mundo, naquele lugarejo perdido nos confins do continente americano, entre gente rude e primária, existia uma mulher assim?” “*Mein Gott!*”. Nesse caso, os pensamentos são reproduzidos a partir da perspectiva da própria personagem, mas a manutenção da terceira pessoa e do pretérito imperfeito “finge” o relato impessoal do narrador.

Por meio da narração e pela recorrência ao discurso direto e ao discurso indireto livre, que permitem recuperar a fala, a linguagem, enfim, a dicção da personagem, a construção vai se operando gradativamente, até circunscrever a totalidade pretendida pelo escritor.

2.8 A questão da verossimilhança

Embora sabendo que a personagem Carl Winter é puramente imaginária, a temos em nossa mente como se fosse um ser real. Acreditamos na verdade de sua existência. A verdade da ficção ou da Literatura, na visão de Flávio Loureiro Chaves (2004, p.9), reside na sua possibilidade de convicção, ou seja, se uma obra nos convence, passa a ser verdadeira e participa de nossa visão do mundo como se fosse real; se não nos convence, a abandonamos assim como a suas personagens, relegando-as ao esquecimento.

Nesse sentido, não é o fato de uma personagem representar uma pessoa real que a dota de credibilidade, mas sim a verossimilhança que preside a sua criação, responsável pela elaboração de seu aspecto físico, de seus gestos, palavras e pensamentos de forma lógica e coerente. E é essa característica que determina também a ficcionalidade de uma obra literária.

O conceito de verossimilhança surge com Aristóteles, definido como o critério fundamental que preside a *mimesis*, no sentido de que na obra literária a ação se organiza como se organizaria na realidade, isto é, segundo uma coerência relativa, semelhante à que preside os eventos da vida diária. Na concepção de Aristóteles (1996, p.78), “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade.” O campo da *mimesis*, assim, não se circunscreve ao da verdade, mas ao do possível, não se restringindo a uma única visão possível do objeto a ser representado.

De acordo com Lígia Militz da Costa (1998, p.12), desvinculando a arte literária da verdade (tomada aqui no sentido de realidade), Aristóteles concedeu-lhe autonomia ao relacioná-la ao princípio da verossimilhança, que significa, em primeiro lugar, que a obra artística tem como objeto de representação o possível e não o historicamente verdadeiro, constituindo a verossimilhança externa; e, em segundo lugar e com maior importância, o

verossímil significa o princípio interno ordenador da construção mimética, baseado nas relações de causa, lógica e necessidade, o qual faz da obra um todo coeso, uno e exclusivo, constituindo a verossimilhança interna.⁹

Verossímil, portanto, não é necessariamente o verdadeiro, mas o que parece sê-lo, graças à coerência da representação fictícia. E nem sempre o verdadeiro, na ficção é verossímil. Um enredo e personagens podem ser verdadeiros, contudo podem não convencer o leitor, exatamente porque sua construção desrespeitou as convenções necessárias ao conjunto autônomo da obra.

O Dr. Carl Winter, natural de Eberbach, Alemanha, formado na Universidade de Heidelberg, não possui nenhum registro na História que comprove sua existência real. Trata-se, portanto, de uma criatura inventada, de uma personagem de ficção, um ser de linguagem. Carl Winter é construído por palavras e só existe na mente de seu criador e na dos leitores que o imaginam cada um a sua maneira, guiados pelos dados fornecidos pelo texto. No entanto, o fato de ser verossímil, isto é, de dar a impressão de ter existido, garante seu poder de convicção perante o leitor, que passa a acreditar na sua participação na trama da narrativa.

O teórico Tzvetan Todorov (2003, p.113), recuperando o conceito de verossimilhança de Aristóteles, acredita que é através do uso da linguagem que um autor atribuirá verossimilhança a uma obra literária: “não se trata mais de estabelecer uma verdade (o que é impossível), mas de se aproximar dela, de dar uma impressão de verdade; e essa impressão será tanto mais forte quanto mais hábil for o relato.”.

Ao introduzir a personagem Carl Winter na vida de Santa Fé, o escritor atribuiu-lhe um passado e características capazes de justificar seu comportamento, atitudes e pensamentos posteriores, tudo isso relacionado, principalmente, à função destinada à personagem na narrativa de *O Continente*. Assim, a decepção amorosa motiva a saída de Carl Winter da Alemanha, trazendo-o ao Brasil e, conseqüentemente, ao Rio Grande do Sul; a profissão de médico o coloca em convivência íntima com a família protagonista, os Terra-Cambará; sua sabedoria permite-lhe aconselhar os membros dessa família, tornando-o uma espécie de confessor; sua sensibilidade torna-se indispensável para as reflexões que elabora sobre a sociedade que observa na condição de estrangeiro; e seu envolvimento com a trama da história o distancia cada vez mais de sua terra natal e de sua cultura, impedindo-o de voltar às suas origens.

⁹ O desdobramento do critério da verossimilhança em externa e interna, não está explícito na Poética, sendo, entretanto uma forma operatória adequada para avaliar a teoria mimético-estrutural que Aristóteles propõe para a arte literária. Segundo a autora, essa distinção é referida por Luiz Costa Lima no ensaio intitulado A estética aristotélica da suspensão do juízo. In: *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Nesse sentido, o encadeamento causal que estrutura todas essas ações, segundo o critério do verossímil (possível) e do necessário (lógico), opera para uma finalidade específica: permitir à personagem ser porta voz de uma análise crítica da sociedade rio-grandense, realizada mediante uma ótica externa. Todos os elementos que o romancista escolhe para apresentar a personagem, física e psicologicamente funcionam como índices. Cada elemento adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo na verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos.

De acordo com Antonio Candido (1998, p.20), graças ao vigor dos detalhes, à “veracidade” de dados insignificantes, à coerência interna, à lógica das motivações, à causalidade dos eventos, tende a constituir-se a verossimilhança do mundo imaginário. No entanto, a aparência da realidade não renega o seu caráter de aparência. Cabe ao escritor convidar o leitor a permanecer na camada imaginária que se sobrepõe e encobre a realidade histórica, a entrar no jogo e participar do mundo do “faz-de-conta” criado pelo texto.

A personagem, segundo esse teórico, é o elemento do texto literário que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e cristaliza. Um romance pode iniciar com a descrição de um ambiente ou paisagem, mas é geralmente com o surgimento de um ser humano que se declara o caráter fictício ou não-fictício do texto, por resultar daí a totalidade de uma situação concreta em que o acréscimo de qualquer detalhe pode revelar a elaboração imaginária. Vejamos a seguinte passagem do capítulo *A Teiniaguá*:

Naquele mesmo instante o Dr. Carl Winter – que atravessava a praça com suas passadas lentas e largas – olhava para a casa de Aginaldo Silva e também pensava em Luzia. Tinha-a na mente tal como a vira no Sobrado na festa de seu aniversário, toda vestida de preto, junto duma mesa, a tocar cítara com seus dedos finos e brancos. Nessa noite ficara fascinado a observá-la, e houve um minuto em que uma voz – a sua própria a sussurrar-lhe em pensamento – ficara a repetir: Melpômene, Melpômene... Sim, Luzia lhe evocava a musa da tragédia. (VERISSIMO, 2002, p.36).

Notamos nesse trecho, talvez sem reconhecer as causas, que o “Dr. Carl Winter” não é uma pessoa e sim uma personagem. Certas palavras e frases sem importância aparente nos colocam dentro da consciência de Carl Winter, fazem-nos participar de sua intimidade:

“tinha-a na mente”; “ficara fascinado a observá-la”; “sussurrar-lhe em pensamento”; “Luzia lhe evocava”. Tais orações indicam que se verificou uma espécie de identificação com a personagem, de modo que o leitor é levado, sutilmente, a viver a experiência dela, a sentir juntamente com ela suas sensações, a penetrar em seus pensamentos. Ou seja, somente com o surgir da personagem tornam-se possíveis esses tipos de orações categoricamente diversas de qualquer enunciado em situações reais ou em textos não-fictícios.

Nesse sentido, pode-se dizer que a verdade ficcional é construída pela linguagem e depende muito, segundo Antonio Candido (1998), da escolha da palavra certa, insubstituível, da sonoridade específica dos fonemas, das conotações das palavras, da carga semântica, do jogo metafórico, do estilo, ou seja, da organização dos contextos de unidades significativas, e outros elementos de caráter estético. “A criação de um vigoroso mundo imaginário, de personagens ‘vivas’ e de situações ‘verdadeiras’ exige em geral a mobilização de todos os recursos da língua, assim como de muitos outros elementos da composição literária.” (CANDIDO, 1998, p.36-37).

Na ficção, ainda de acordo com esse teórico, o raio de intenção se dirige à camada imaginária sem passar diretamente às realidades empíricas possivelmente representadas, detendo-se, assim, no plano das personagens, situações ou estados, fazendo o leitor viver imaginariamente os destinos e aventuras das personagens. A maioria dos leitores, porém, põe o mundo imaginário quase imediatamente em referência com a realidade exterior à obra, já que as objectualidades puramente intencionais, embora tendam a prender a intenção, são tomadas na sua função mimética, como reflexo do mundo empírico.

Na medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional, o mundo imaginário se enriquece e aprofunda, perdendo o raio de intenção dentro da obra e tornando-se por sua vez, transparente a planos mais profundos, imanente à própria obra. Dessa forma, a riqueza e profundidade da camada imaginária e dos planos por ela revelados pressupõe imaginação, capacidade de observação, intuição psicológica por parte do escritor. No entanto, conforme Antonio Candido (1998, p.43):

Tudo isso adquire relevância estética somente na medida em que o autor consegue projetar este mundo imaginário à base de orações, isto é, através da precisão da palavra, do ritmo e do estilo, dos aspectos esquemáticos especialmente preparados, sobretudo no que se refere ao comportamento e à vida íntima das personagens; aspectos estes cujo preparo, por sua vez, se relaciona intimamente à composição estilística e à camada sonora dos fonemas.

A respeito da composição da personagem Carl Winter, Erico Verissimo declara em seu livro de memórias *Solo de Clarineta* (1994, p.300), que esta não se parece psicologicamente com ninguém que ele tenha conhecido, ou seja, a personagem não foi inspirada em nenhum modelo real. No entanto, isso não descarta a possibilidade de que sua composição tenha se formado a partir de um mosaico de características de pessoas reais com as quais tenha convivido, já que a construção de uma narrativa ficcional muitas vezes se processa com resquícios de experiências vividas pelo escritor, ou até mesmo, com a recuperação, realizada de forma inconsciente, de fragmentos de pessoas conhecidas. Nesse mesmo livro, Erico Verissimo fala da importância do inconsciente para a criação literária, comparando-o com um “computador”, cuja memória vai sendo programada com imagens, conhecimentos, idéias, impressões de leitura, dados que ficam armazenados e, às vezes, esquecidos por muitos anos. Mas, quando o escritor se prepara para escrever um romance e pensa nas personagens,

o “computador”, sensível sempre às nossas necessidades, rompe a mandar-nos “mensagens”, algumas boas – “pedaços” físicos ou psicológicos de pessoas que conhecemos – outras traiçoeiras – recordações de livros lidos e “esquecidos” que nos podem levar ao plágio. Cabe ao consciente fazer a seleção, repelir ou aceitar as mensagens do “computador”. Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória. (VERISSIMO, 1994, p.293).

Segundo o romancista, a construção da personagem foi elaborada a partir da leitura de uma monografia sobre a cidade e o município de Cruz Alta, na qual descobriu que no ano de 1852, um médico natural da Alemanha havia apresentado suas credenciais à Câmara Municipal, e isso magicamente conjurou em sua mente a figura do Dr. Carl Winter.

Mesmo quando toma um modelo da vida real, na perspectiva de Antonio Candido (1998, p.65), o escritor sempre acrescenta a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal, graças à qual procura revelar a incógnita da pessoa copiada. Assim, o escritor é obrigado a construir uma explicação que não corresponde ao mistério da pessoa viva, mas que é uma interpretação desse mistério. E essa interpretação ele elabora com sua capacidade de clarividência e com a onisciência do criador, soberanamente exercida.

Dessa maneira, a impressão de verdade que envolve a personagem Carl Winter na narrativa de *O Continente* é devida a fatores diferentes da mera adesão ao real, embora este possa ser, e efetivamente é, um dos seus elementos. A personagem nos parece real quando “o romancista sabe tudo a seu respeito”, ou dá esta impressão, mesmo que não o diga. É como se a personagem fosse inteiramente explicável; e isto lhe dá uma originalidade maior que a da vida, onde todo conhecimento do outro é fragmentário e relativo. Como afirma Antonio Candido (1998, p.66):

Enquanto na existência quotidiana nós quase nunca sabemos as causas, os motivos profundos da ação dos seres, no romance estes nos são desvendados pelo romancista, cuja função básica é, justamente, estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

Sendo a personagem, portanto, uma composição verbal, uma síntese de palavras que sugere certo tipo de realidade, ela está sujeita, antes de qualquer coisa, às leis de composição das palavras, à sua expansão em imagens, à sua articulação em sistemas expressivos coerentes, que permitem estabelecer uma estrutura narrativa. A verossimilhança propriamente dita, que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real, acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna verossímil. Dessa forma, acredita-se que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a personagem seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que obedecer a um critério estético de organização interna.

3 O OLHAR DO FORASTEIRO

3.1 “Uma sociedade tosca e carnívora”

No capítulo anterior analisamos os recursos narrativos empregados por Erico Verissimo na construção da personagem Carl Winter em *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*. Mostramos que, ao criar essa personagem, o escritor atribuiu-lhe uma biografia, uma formação intelectual, um perfil físico e psicológico, uma cultura, características estas, voltadas para o papel que lhe seria destinado na narrativa. Neste capítulo, portanto, nossa preocupação está em analisar a função que a personagem exerce na estrutura da obra literária, ou seja, atentar para o olhar de um forasteiro que revela as peculiaridades de uma sociedade no extremo sul do Brasil, na segunda metade do século XIX.

Cabe aqui lembrar que incontáveis são os estudos que se dedicam às personagens protagonistas de *O Tempo e o Vento*, no entanto, poucos críticos literários mencionaram a importância da personagem Carl Winter dentro da trilogia. E mesmo os que lhe deram alguma atenção, não aprofundaram suficientemente a análise.

Dentre os críticos que contemplam em seus estudos a personagem em questão, podemos citar Moysés Vellinho (2001, p.127), que atribui a Carl Winter uma função semelhante à do coro da tragédia antiga, uma voz impessoal, alheia à sorte dos homens. Segundo o autor: “O simpático médico alemão, furtando-se de participar ativamente do novo meio, fica de fora a observar a gente e as coisas de Santa Fé, a traduzir em solilóquios as saborosas sensações que vai colecionando como se fossem besouros ou borboletas.”.

Quem confirma essa função é Regina Zilberman (2004, p.96). Para a autora, o médico desempenha uma função similar ao coro da tragédia clássica, preparando a reação do espectador à entrada do protagonista. Porém, diferentemente da tragédia, Erico Verissimo não

restringe o emprego dessa técnica à situação de índole coletiva; ele introduz um olhar individual, que percebe as ações das personagens quando elas adentram o palco, interpretando-as de acordo com seu conhecimento do ser humano. Carl Winter, portanto, exerceria o papel de corifeu, interagindo com as personagens, mas não se deixando envolver por elas.

Maria da Glória Bordini (1995, p.222) também acredita que a atuação de Carl Winter na narrativa, um dos principais intelectuais de toda a trilogia, está mais em ser uma testemunha ilustrada do início do processo civilizatório de Santa Fé do que na de alguém que modifica o meio em que se encontra.

Podemos ainda relacionar a personagem Carl Winter com o que Antônio Candido (1972, p.44) chama de “personagem contraponto”. Segundo o crítico, na maioria dos livros de Erico Verissimo há uma personagem *raisonneur*, um indivíduo que funciona como “consciência esclarecida”, geralmente representado por um escritor ou intelectual com capacidade para debater. Por essa caracterização, a visão do mundo da personagem Carl Winter serviria para confrontar a posição defendida pela sociedade patriarcal gaúcha ou pela Igreja.

Para Flávio Loureiro Chaves (2006, p.66), cabe ao Dr. Winter a função de observador arguto da geografia regional, nos sentidos fisiográfico e humano e, a partir dessa observação se daria a revelação do “mundo do *outro*”. Sem a “nomeação do outro” realizada pela personagem, portanto, não haveria a perspectiva crítica sobre a sociedade rio-grandense idealizada por Erico Verissimo.

Sabemos, dessa forma, qual a função atribuída pelos críticos literários à personagem Carl Winter. No entanto, nosso interesse nos leva a analisar essa questão mais a fundo. Concordamos que a ótica de um estrangeiro europeu e intelectualizado foi um recurso imprescindível para o romancista realizar seu projeto de desmistificar a História do Rio Grande do Sul. No entanto, o que rege a ótica do Dr. Winter, o que está por trás das concepções formuladas pelo médico alemão a respeito da sociedade gaúcha, são pontos que merecem uma maior atenção, pois podem nos ajudar a entender a visão crítica dessa personagem. Iniciamos retomando a gênese de Carl Winter, expressa pelo próprio romancista em *Solo de Clarineta*, seu livro de memórias:

A certa altura de O Continente comecei a sentir necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de “coro” daquela comédia provinciana. Devia ser uma pessoa não só alfabetizada, mas também lida e

com pontos de referência geográficos e culturais que a tornassem capaz de comparar aquela agreste e incipiente civilização sul-americana com a européia, comentar consigo mesma ou com outras aquela gente, a vida de Santa Fé, em particular, e a da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em geral. Dessa necessidade nasceu o Dr. Carl Winter. (VERISSIMO, 1994, p.299).

Assim surge a figura do médico alemão, formado em uma das mais bem conceituadas universidades da Europa, conhecedor da literatura, das artes e da ciência, viajado por cidades históricas como Berlim, Paris e Viena, com domínio do latim, a língua de maior prestígio na época. Toda essa erudição depara-se, de repente, com um rústico povoado do interior do Rio Grande do Sul, habitado por pessoas simples, criadores de gado e peões: soldados em potencial, e donas de casa: mães e guardiãs dos lares, em sua maioria analfabetos, inseridos num universo de relações sociais muito restrito.

Nesse contexto, cresce a curiosidade no Dr. Winter em conhecer e tentar compreender aquele “exótico” povo, tão diferente física e culturalmente dos alemães, tão distante geográfica e temporalmente da civilização européia. Essa curiosidade é alimentada pela observação minuciosa dos hábitos e comportamentos das pessoas, das conversas com elas, dos causos e lendas próprios da região, contados pelos nativos em sua linguagem peculiar, tudo isso promovendo reflexões, nas quais a personagem analisa a sociedade rio-grandense, representada pelos moradores de Santa Fé. Essa análise, por sua vez, é feita sob a ótica de um estrangeiro, de alguém pertencente a outro continente, a outro mundo cultural, um *outsider* que observa no sentido de “fora para dentro”, revelando detalhes que passariam despercebidos para um indivíduo pertencente a essa sociedade.

Entretanto, é preciso entender que a motivação de Carl Winter em conhecer esse novo mundo, sua curiosidade diante das diferenças culturais entre os povos, tem raízes na mentalidade da época em que se deu sua formação, ou seja, no Romantismo. Como já explicamos no capítulo anterior, a nova atitude mental do final do século XVIII europeu e o princípio do XIX foi marcada pela desacomodação, pela desestabilização da cultura clássica, por uma prática de negação de valores até então praticados. Como explica Ana Maria de Moraes Beluzzo (2003, p.12):

Só em oposição aos valores da sociedade européia e da cultura clássica assume a função afirmativa dos valores das “sociedades primitivas”. Só em oposição às cidades, os valores da vida simples do campo. Só em oposição

ao presente, os valores do passado medieval. A contradição é subjacente às escolhas românticas.

Essa nova mentalidade fez com que os românticos encarassem o mundo a sua volta como algo imperfeito, desajustado, remetendo-os a formas escapistas. A evasão no espaço, por sua vez, conduziu ao exotismo, ao gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos, e, também, ao gosto pelo bárbaro e primitivo. Segundo Aguiar e Silva (2002, p.549), o exotismo havia se revelado ainda na literatura pré-romântica, mas desenvolveu-se grandemente com os românticos, satisfazendo ao mesmo tempo seus anseios de evasão e a exigência da verdade na pintura do homem e dos seus costumes. Dessa forma, a “cor local”, ou seja, a reprodução fiel e pitoresca dos aspectos característicos de um país, uma região, uma época, constituiu um dos recursos mais usados na arte romântica.

E esse interesse romântico pelo exótico, cabe lembrar, originou-se em Rousseau. Segundo Anatol Rosenfeld e J. Guinsburg (2002, p.267), o que transforma esse pensador e literato em fonte inspiradora da escola romântica é o seu profundo pessimismo em relação à sociedade e à civilização. Rousseau estabelece o postulado de uma natureza humana primitiva, originalmente pura e inocente, que vai sendo corrompida pela cultura e pela propriedade, fonte de desigualdade entre os homens. Vem daí a exaltação da simplicidade da criação, a imagem do “bom selvagem”, o ser íntegro e primitivo, que deve figurar como ideal para o homem corrompido pela sociedade. Estando, pois, o romântico à procura do homem em estado “natural”, começa a procurá-lo na América e em outras regiões que se distinguiam ainda pela presença do assim chamado “selvagem” ou “indígena”, ou pela diferença acentuada de seu modo de vida “bárbaro” e “bizarro” em relação aos padrões europeus ocidentais.

No colorido exótico do índio americano, por exemplo, o olhar romântico enxerga o viço e a completude da natureza. Aí situa-se o verdadeiro Eldorado para o Romantismo, que se lança, sobretudo pela imaginação, à aventura geográfica e histórica, explorando estas terras do maravilhoso e do ignoto, na procura da primitividade elementar e inconsciente, porque nele não existiria ainda a cisão, o fracionamento que os românticos encontram na cultura do seu tempo. (GUINSBURG, 2002, p.281).

Começa-se, a partir de então, a valorizar o indivíduo naquilo que o distingue de outro: sua situação social, sua sensibilidade desenvolvida num certo âmbito nacional e em

outros momentos particularizantes. Leitor de Montaigne (1533-1592) que, defendendo a diversidade cultural, atacava vigorosamente o desdém com o qual os europeus de sua época viam os diferentes costumes dos indígenas do Novo Mundo, incitando-os a destruí-los, Rousseau já compreendia o papel que as condições históricas e ambientais assumiam ao diferenciar os agrupamentos humanos e criar as individualidades nacionais.

O ensaio *Dos Canibais* de Michael Montaigne, segundo Eduardo Bueno (2003, p.24), foi escrito a partir da experiência do pensador com índios brasileiros e está na origem do mito do bom selvagem. Nele, Montaigne traçou um painel idílico e vigoroso da vida selvagem, da qual se serve para atacar os “malefícios da civilização”. As influências de Montaigne encontraram repercussão em Montesquieu, que redigiu em 1748 o *Espírito das Leis*, louvando o amor à liberdade e o igualitarismo entre os índios, como também em Diderot que, no verbete “Selvagens” (1751), presente na *Enciclopédia*, apresenta uma versão idealista e altamente elogiosa dos povos indígenas. Entretanto, em nenhum dos filósofos a influência de Montaigne foi tão profunda como em Rousseau, que defendeu apaixonadamente a idéia da bondade natural do homem e de sua corrupção pela civilização; idéias estas que estimularam os protagonistas da Revolução Francesa em 1789.

Um dos fundadores da Antropologia moderna, Levi-Strauss (1993, p.41), chega a afirmar que Rousseau não foi somente um profundo observador da vida campestre, um leitor apaixonado dos livros de viagem, um analista atento dos costumes e das crenças exóticas; ele concebeu e anunciou a antropologia, mais especificamente a etnologia, um século antes que ela surgisse, colocando-a entre as ciências naturais e humanas já constituídas. Em seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1746), pode-se ver o primeiro tratado de etnologia geral, onde se apresenta o problema das relações entre a natureza e a cultura. Para Levi-Strauss, Rousseau pôde preconizar o estudo dos homens mais distantes, dedicando-se, simultaneamente, ao estudo do homem particular que parece o mais próximo: ele mesmo. E esse é, segundo o autor, o fundamento primeiro para o etnógrafo:

Na experiência etnográfica, por conseguinte, o observador coloca-se como seu próprio instrumento de observação. Evidentemente, precisa aprender a conhecer-se, a obter de um *si-mesmo*, que se revela como *outro* ao *eu* que o utiliza, uma avaliação que se tornará parte integrante da observação de outras *individualidades*. (LEVI-STRAUSS, 1993, p.44).

No entanto, a idéia preconizada por Rousseau de que para conseguir aceitar-se nos outros (objetivo que o etnólogo consigna ao conhecimento do homem), é necessário, primeiro, recusar-se em si mesmo, único princípio sobre o qual podem fundar-se as ciências humanas, de acordo com Levi-Strauss, ficaria inacessível e incompreensível enquanto reinasse a filosofia do Iluminismo, em que Descartes acreditava passar diretamente da interioridade de um homem à exterioridade do mundo, sem perceber que entre esses dois extremos estavam as sociedades, as civilizações.

Assim, como explica J. Guinsburg (2002, p.269), no Romantismo, com o destaque dado ao característico, àquilo que distingue o indivíduo dentro do quadro da sociedade, da nação, da classe que se encontra, ou o que individualiza estes “meios” de vida coletiva, abre-se caminho para a ciência social, mas a sua preocupação básica não é ainda científica; o que se procura é configurar o homem dentro de um ambiente, daí o constante interesse pela “cor local”.

A busca pelo diferente, exótico e novo, idéia propagada pelo Romantismo, no entanto, não ficou restrita apenas às artes, mas invadiu também a mentalidade científica da época. Assim, o imenso território brasileiro ainda mal desbravado pelos europeus torna-se o destino de milhares de viajantes e o espaço de incontáveis expedições científicas no século XIX. A descoberta de novas espécies da flora e fauna, povos primitivos e a busca pelo “pitoresco”, noção surgida no século anterior, marcada pelo primado dos valores pictóricos sobre a natureza observada, operam uma simbiose entre a arte e a paisagem natural, agregando médicos e botânicos, poetas e pintores, jardineiros e arquitetos, especialistas e diletantes.

Muitos buscaram o que o continente americano poderia oferecer de peculiar e diferente do continente europeu. Para Ana Maria Moraes Belluzzo (2003, p.12), o interesse europeu pelo conhecimento científico da natureza tropical coincidiu com a prática da viagem como forma de tomar contato com esse cenário, de vivenciá-lo pela sensação, de experimentá-lo diretamente, avistá-lo ou desbravá-lo. Assim, paralelamente às expedições científicas, formadas por médicos, botânicos, físicos, vieram artistas, profissionais e amadores, comportando-se como analistas meticolosos, observadores das peculiaridades do novo mundo, fossem elas físicas, étnicas, sociais ou políticas.

Temos, na historiografia brasileira, registros de intelectuais europeus que vieram ao Rio Grande do Sul no século XIX e nos deixaram relatos minuciosos sobre a flora e a fauna das regiões que visitaram, relatos sobre a geologia, a hidrografia, o clima, e, principalmente, sobre aspectos da vida dos nativos. Cidadãos instruídos, formados nas melhores universidades

européias, membros de círculos de pesquisas, exímios desenhistas, cujas análises descrevem os povoados, os tipos físicos, as habitações, os hábitos alimentares, o vestuário, o comportamento, enfim, o modo de ser dos habitantes da Província, englobando as diferentes classes sociais e etnias: ricos e pobres, homens livres e escravos, brancos, negros e índios. Sabemos que Erico Verissimo teve acesso aos escritos desses viajantes para a elaboração da narrativa de *O Tempo e o Vento*.

Dentre os relatos mais completos e interessantes está o de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1859), que chegou ao Brasil em 1816 e aqui permaneceu por seis anos. Nascido em Orléans, na França, esse viajante estrangeiro, interessado pelas ciências naturais, especialmente pela Botânica, prestou muita contribuição não só à geografia física e humana, mas também à História de nosso país. Saint-Hilaire esteve no Rio Grande do Sul no ano de 1820, tendo aqui permanecido durante um ano aproximadamente, considerando o período de três meses em que visitou a Banda Oriental do Uruguai, então território pertencente ao Brasil. Partindo de Torres, em junho de 1820, o viajante conheceu Porto Alegre, foi à Cisplatina, percorreu as Missões, desceu o Jacuí, somente regressando ao Rio de Janeiro em maio de 1821, embarcando no porto de Rio Grande. Nesse trajeto, parando de povoado em povoado, recebendo a hospitalidade de estancieiros e capatazes, Saint-Hilaire pôde conviver com os habitantes da Província, procurando compreender a “exótica” sociedade que ali se formava. (SAINT-HILAIRE, 1987).

O francês Nicolau Dreys (1781-1843) publicou no Rio de Janeiro, em 1839, a obra *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*, narrando suas experiências e vivências como comerciante no extremo sul do Brasil. Natural de Nancy, Dreys serviu como militar e funcionário público. Em 1815, a denominada Santa Aliança provocou o exílio dos bonapartistas, forçando-os a procurarem abrigo em outros países, assim, Dreys chega ao Brasil em 1817, estabelecendo-se no comércio do Rio de Janeiro. Em dezembro do mesmo ano, viajou por Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com destino a Buenos Aires. Estabeleceu-se com comércio em Porto Alegre no período de 1817 a 1825, após seguiu para Rio Grande, viajou por Santa Catarina e São Paulo, e no ano 1837, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ficou até o fim de sua vida. Dreys descreveu a cidade de Porto Alegre do início do século XIX onde fixou comércio, e observou os costumes dos gaúchos do interior da Província, seus hábitos alimentares, habitações, vestimentas, seu código de honra. (DREYS, 1990).

Da mesma forma que Saint-Hilaire e Nicolau Dreys, outro viajante francês que esteve em contato com o povo rio-grandense, foi Arsène Isabelle (1807-1888), que chegou em

Uruguaiana no ano de 1833, passou por Porto Alegre e embarcou em Rio Grande, em 1834. Atentando aos modos de vida de cada pequeno povoado e vila por onde passava, como São Borja, Alegrete, Santa Maria, Cachoeira, Cruz Alta, Rio Pardo, Viamão, São Leopoldo, Pelotas, Arsène Isabelle também forneceu relatos valiosos para os estudiosos comporem a historiografia do Rio Grande do Sul da época descrita. (ISABELLE, 1983).

Cabe ainda mencionar a figura de Joseph Hörmeyer (1824-1873), nascido na Baixa Áustria, que chegou ao Brasil em 1851, data bem próxima, portanto, daquela em que Erico Verissimo insere a personagem Carl Winter no contexto rio-grandense. Hörmeyer vem ao Rio Grande do Sul como membro da Legião Alemã, contratada pelo governo imperial para integrar as tropas luso-brasileiras na campanha contra Rosas, os *Brummers*, mesmo grupo ao qual pertencia Carl von Kosertiz. Hörmeyer não era cientista, mas sim capitão da Segunda Companhia do batalhão dos *Brummers*, quando, na dissolução do corpo após a batalha decisiva de Monte Caseros (1852), permaneceu ainda alguns anos no Brasil e ao voltar à Europa, publicou em 1854, em Coblenz, na Alemanha, a *Descrição da Província do Rio Grande do Sul*. Esse livro apresenta relatos sobre a geografia, hidrografia, clima, flora, fauna e população do Rio Grande do Sul, porém, o que se destaca é um estudo sobre o processo de colonização alemã que se desenvolvia na Província, atenção especial motivada pelas origens comuns. (HÖRMEYER, 1986).

Entretanto, para compreender a análise realizada pelos viajantes estrangeiros sobre a sociedade rio-grandense, é necessário verificar o contexto histórico/social em que se deu a formação desses médicos, botânicos e militares, ou seja, entender com que olhar um europeu do século XIX observava os povos que habitavam os territórios colonizados do Novo Mundo. Esse mesmo olhar não deixará de influenciar também a análise que a personagem Carl Winter realiza sobre a sociedade com a qual convive, na narrativa de *O Continente*.

É sabido que a Europa do século XIX constituía o centro do emergente sistema capitalista que, com o advento da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século anterior, compôs um cenário de grandes transformações em todos os níveis da sociedade. Tendo-se originado na Inglaterra, a Revolução Industrial logo alcançou o continente e o resto do mundo, atingindo a Bélgica, a França, e posteriormente a Itália, a Alemanha, a Rússia, os Estados Unidos e o Japão. A expansão industrial estimulou o colonialismo e o imperialismo das nações ricas a lugares remotos do mundo. Havia a necessidade de novas fontes de matérias-primas (ferro, cobre, petróleo, manganês, trigo, algodão) e de outros mercados consumidores para a crescente produção industrial. O crescimento demográfico europeu criou a necessidade de novas regiões para receber o excedente populacional das metrópoles

superpopulosas. Além disso, precisava-se aplicar os capitais excedentes da economia industrial, bem como obter bases estratégicas visando à segurança do comércio marítimo nacional.

Nesse sistema de expansão colonialista, de acordo com Héctor Bruit (1986, p.9), as relações de força e poder envolveram países e regiões subjugados direta ou indiretamente pelo capitalismo, como boa parte das culturas africanas, asiáticas, indianas e latino-americanas. No entanto, a dominação baseada na força estava travestida de ideais que a justificavam. Segundo a ideologia da época, os colonos europeus eram portadores de uma “missão” civilizadora, humanitária, filantrópica e cultural e estavam investidos de altruísmo, já que abandonavam o torrão natal e até o conforto da metrópole para “melhorar” as condições de vida das regiões para onde se dirigiam. A missão civilizadora era considerada o “fardo do homem branco¹⁰”, uma nova versão do pretexto ideológico do colonialismo do século XVI, “levar a fé cristã aos infieis da América”. Assim, o novo colonialismo do século XIX, permeado pelo ideal de supremacia econômica e cultural, formulou o mito da superioridade racial, incluindo concepções pseudocientíficas que enalteciam os brancos e promoviam a exploração imperialista.

Como lembra Rafael José dos Santos (2005, p.22), as Ciências da Natureza, especialmente a Biologia, exerciam grande influência no meio intelectual europeu do século XIX, em particular as teorias evolucionistas de Pierre Lamarck (1744-1829), que defendia que as adaptações dos organismos ao meio ambiente provocavam mudanças evolutivas; e Charles Darwin (1809-1882), para quem a evolução das espécies baseava-se em um processo de seleção natural. Nessas teorias, a idéia principal de que os seres vivos evoluíam dos mais “simples” para os mais “complexos”, como explicação para a origem das espécies animais, representou um grande avanço frente às explicações religiosas da época.

A ideologia do evolucionismo, como explicam Richard C. Lewontin e Richard Levins (Einaudi, 1985, p.234), permeou as ciências naturais e sociais, incluindo a Antropologia, a Biologia, a Cosmologia, a Lingüística, a Sociologia e a Termodinâmica. Constituiu-se em uma concepção universal que incluiu em si os conceitos, relacionados hierarquicamente, de “mudança”, “ordem”, “progresso” e “perfectibilidade”. Dessa forma, para os evolucionistas, a evolução significava progresso, a mudança de pior para melhor, de inferior para superior. No entanto, segundo esses autores, para compreender o desenvolvimento da moderna teoria da evolução orgânica, é necessário, em primeiro lugar, ter em mente que Darwin foi o ponto

¹⁰ Idéia criada pelo literato Rudyard Kipling (1865-1936), que no poema *The white man's burden* destaca o dever à filantropia da ação colonizadora inglesa.

culminante e não a origem do evolucionismo do século XIX. Quando apareceu *A Origem das Espécies*, em 1859, a visão do mundo evolutivo já permeava as ciências naturais e sociais.

Reiterando essa afirmação, Everardo Rocha (2004, p.27) diz que o compromisso da idéia de evolução com o crescimento e a formação dos organismos tem no livro *A Origem das Espécies*, de Darwin, em plena metade do século XIX, sua formulação clássica. Porém, a esta noção orgânica, biológica de evolução já se juntavam os pensamentos e discussões filosóficas dos iluministas do século XVIII.

Na definição de Nicola Abbagnano (2000, p.534), o Iluminismo, conhecido também como o século das “Luzes”, ocorrido na Europa no final do século XVII e prolongando-se até os últimos decênios do século XVIII, foi uma linha filosófica caracterizada pelo empenho em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana. Princípio de toda a verdade, a razão iluminista se posicionava contra tudo que era irracional e se ocultava sob denominações vagas de “autoridade”, “tradição” e “revelação”.

Segundo Francisco J.C. Falcon (1994), o movimento mental do Iluminismo baseava-se no pressuposto do avanço constante, historicamente necessário, de uma racionalidade que aos poucos “iluminava” as sombras do erro e da ignorância. Assim, partindo do primado absoluto da razão, princípio e garantia do progresso da humanidade, a ideologia iluminista produzia e articulava as principais categorias da sensibilidade intelectual da época: cultura e civilização, progresso e liberdade, educação e humanidade.

Entretanto, se voltarmos um pouco mais no tempo, nos séculos XVI e XVII, veremos que a idéia de progresso já era manifestada pelos pensadores da Revolução Científica, como Copérnico, Galileu, Bacon, Descartes e Newton. Conforme P. M. Harman (1995), esse período caracterizou-se por um otimismo sem precedentes sobre a potencialidade do progresso humano através do aperfeiçoamento tecnológico e a compreensão do mundo natural. O impulso principal do movimento científico, no séc. XVII, visava afirmar a independência e a integridade dos métodos e das teorias da ciência, insistindo ao mesmo tempo em que o exame da natureza pela razão humana permitiria ao homem compreender de forma mais plena as intenções divinas. Assim, na cultura européia a ciência simbolizava a racionalidade, o aperfeiçoamento, o progresso e a promoção do bem-estar da humanidade, que formaram a base para os ideais do Iluminismo.

Palavras do século XVIII, “civilização”, dos vocabulários francês e inglês, e “cultura”, do alemão *Kultur*, para os iluministas, estas eram uma realidade e um ideal, tendo como substrato a noção de progresso. De acordo com Norbert Elias (1994, p.24), o conceito francês e inglês de civilização pode referir-se a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou

técnicos, morais ou sociais; pode dizer respeito a realizações, mas também pode referir-se a atitudes ou comportamentos das pessoas, pouco importando se realizaram algo ou não. O conceito alemão de *Kultur*, por sua vez, refere-se basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e tende a separar fatos desse tipo de fatos políticos, econômicos e sociais. Nesse conceito, a referência a “comportamentos”, o valor que a pessoa tem em virtude de sua mera existência e conduta, sem nenhuma realização, é muito secundário, privilegiando-se as obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressa a individualidade de um povo.

No espaço mental das “Luzes”, como explica Falcon (1994, p.60), a palavra civilização assumia uma dupla conotação: a) ela era um valor em si, espécie de qualidade que faz ou deve fazer parte do próprio modo de ser do homem em sociedade – seu estado natural; b) ela era uma tomada de consciência da realidade da existência do homem na sua dimensão horizontal – a apreensão e valoração da diferença no tempo e no espaço entre as sociedades humanas. Tratava-se de uma arqueologia humana, na qual as diferenças apenas demonstravam um caminho ao longo do qual os homens progrediam, do selvagerismo à civilização, ou seja, do estado de natureza ao estado de cultura.

Essa apreensão da noção de diferença entre as sociedades humanas, no entanto, colocava a Europa no *podium* da escala do progresso, de onde poderia observar as outras sociedades de “cima para baixo”. Nos dizeres do autor:

Uma Europa que se afirma unida, civilizada, culta, iluminada, e que pode definir, detentora que é das “Luzes”, a diferença. É ela quem nomeia os mundos e os povos “exóticos”, e os faz motivo de curiosidade, não raro simpatia e até de admiração, mas nem por isso menos “estranhos”. Mais “avançada” na senda do “progresso”, essa Europa pode ao mesmo tempo, exaltar suas próprias realizações e debruçar-se curiosa sobre aquelas culturas que “ficaram para trás” na marcha da História. (FALCON, 1994, p.23).

Nesse sentido, a idéia de progresso no Iluminismo implicava uma dissociação entre a ordem natural e a ordem da cultura, implicava a negação da repetição cíclica, associando-se à consciência do caráter progressivo da civilização. “O caminho da barbárie à civilização é o próprio caminho do ser humano da animalidade à humanidade. Tal progresso é linear e ilimitado.” (FALCON, 1994, p.62). A tomada de consciência que a noção de progresso

implicava, portanto, expressava-se numa hierarquização da humanidade, no tempo e no espaço, sustentada pela tese da perfectibilidade infinita da espécie humana.

Segundo Everardo Rocha (2004, p.27), para o evolucionismo antropológico a noção de progresso torna-se fundamental, pois é no seu rumo que a história do homem se faz. Acredita-se na unidade básica da espécie humana e o fator tempo passa a ser bastante importante. O progresso, a evolução, o avanço no tempo, conduzem o homem na direção de um estágio superior de civilização:

Saindo de estádios mais primitivos numa trajetória de permanente progresso onde o tempo é a teia onde se tece a evolução. Assim, a origem da humanidade tem de ser num passado longínquo para que as etapas se sucedam na direção de uma civilização mais e mais avançada, mais e mais absoluta em suas conquistas. (ROCHA, 2004, p.28).

Sendo assim, as teorias evolucionistas influenciaram antropólogos que adaptaram o modelo, construído para entender a natureza, ao estudo das sociedades. O antropólogo norte-americano Henry Lewis Morgan (1818-1881) elaborou um modelo de desenvolvimento da humanidade em três estágios: *selvageria*, *barbárie* e *civilização*. Na Inglaterra, o escocês James Frazer (1854-1941) elaborou um modelo evolutivo do pensamento, também dividido em três fases: *magia*, *religião* e *ciência*, que estariam numa relação de complexidade crescente, sendo que a ciência, assim como a civilização para Morgan, seria o estágio mais avançado. (SANTOS, 2005, p.23).

No século XIX, portanto, o evolucionismo representava o discurso das metrópoles sobre as colônias; todavia, tratava-se de um discurso de poder, no qual o mais forte se colocava no pólo mais avançado, civilizado e científico. Dessa maneira, a visão do mundo dos viajantes europeus e, por conseguinte, da personagem Carl Winter não deixa de estar sob as influências dessas idéias dominantes e do contexto social, econômico e cultural no qual estava inserido antes de emigrar para o Brasil.

Ao chegar ao Rio Grande do Sul, em 1851, o imigrante alemão parece observar a sociedade gaúcha através das lentes do evolucionismo, baseado na noção de progresso da humanidade, herança do Iluminismo. Carl Winter reconhecia que naquele território no extremo sul do Brasil se desenvolvia também uma cultura, porém, não no mesmo estágio de civilização que a européia, como mostra a seguinte passagem:

A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos. Lidar com potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas – eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito. [...] Depois havia as guerras. Era raro passar uma geração que não visse pelo menos uma guerra ou uma revolução. E como eram primitivas aquelas guerras em que brasileiros e castelhanos se engalfinhavam – primitivas na estratégia e nos armamentos. Mas nem por isso eram menos brutais e cruéis que as guerras européias. (VERISSIMO, 2002, p.47).

Carl Winter acredita, de acordo com essa análise, que o ambiente no qual os gaúchos viviam contribuía para determinar seu modo de ser. O trabalho rude nas estâncias, as guerras, as povoações esparsas, faziam com que as pessoas se tornassem brutas, sendo que, às vezes, conviviam em maior harmonia com os animais do que com os outros humanos.

Assim como a personagem da ficção, Nicolau Dreys (1990, p.115) também faz uma observação sobre o constante estado de guerra em que viviam os rio-grandenses e o reflexo disso na formação de suas personalidades:

A posição topográfica do rio-grandense tem-se de contínuo conservado com as armas na mão desde o princípio da colonização, e o tem constituído em estado de guerra quase permanente, pois que até hoje a paz não tem sido para ele, em tempo algum, senão um armistício mais ou menos duradouro. [...] A coragem do rio-grandense é fria e perseverante: acostumado desde a infância a ver correr o sangue, a morte, com suas formas hediondas e a cada passo reproduzindo-se a seus olhos, já lhe não pode causar espanto, assim como também a vida parece ter perdido alguma coisa de seu preço.

Para Rafael José dos Santos (2005, p.29), a idéia propagada pelo determinismo, de que o homem é um “produto do meio” foi, durante algum tempo, outra explicação que alguns geógrafos e antropólogos utilizavam, não só para explicar a variedade de culturas, mas também para hierarquizá-las, isto é, classificá-las em mais ou menos desenvolvidas. A tentativa de estabelecer uma ligação entre a “raça” e o nível de desenvolvimento alcançado pelo grupo social, o chamado determinismo biológico, serviu para justificar uma suposta superioridade racial como, por exemplo, a dos “arianos” durante o período de Hitler na Alemanha. Estes dominavam o saber, a arte, a técnica, as grandes invenções, enquanto latinos, judeus, comunistas e ciganos, as raças “inferiores”, não possuíam tal qualidade.

O conceito de “raça” estabelecido a partir das teorias evolucionistas, baseava-se nas peculiaridades de determinada “espécie” de homens. A espécie constituía uma subdivisão dos seres humanos classificados em gênero, espécie e família, como as outras espécies de animais. As raças, portanto, seriam espécies de indivíduos e se distinguiriam umas das outras por algumas diferenças, como a cor da pele, tipo de cabelo, altura, língua, dotes morais e éticos, e domínio de tecnologia (BOSCH; CASTILLO, 1963, p.87-88). Assim, o critério da diferença racial também servia para justificar a dominação da civilização europeia sobre as culturas consideradas inferiores.

Gobineau (1816-1882) e Chamberlain (1855-1927), importantes cientistas do século XIX, afirmavam a inferioridade das raças não-brancas em relação à europeia. O primeiro, tornou-se célebre por seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855), um dos primeiros trabalhos sobre eugenia e racismo publicados no século XIX. Em uma expedição ao Brasil em 1869, por ordem de Napoleão III, Gobineau travou amizade com D. Pedro II, porém não viu com bons olhos a sociedade brasileira. Para ele, o Brasil não tinha futuro, pois era marcado pela presença de raças que ele julgava inferiores. A mistura racial daria origem a mestiços degenerados e estéreis e essa degeneração levaria ao desaparecimento da população. Dessa forma, a única saída seria o incentivo à imigração de “raças” europeias, consideradas superiores. Chamberlain, por sua vez, sustentou que a raça superior ariana, descrita por Gobineau, era ancestral de todas as classes superiores europeias e da Ásia, afirmando que ela não havia sido extinta, subsistindo em estado puro na Alemanha. Seus escritos exerceram enorme influência na ideologia de Adolf Hitler. Assim, como lembra Loraine Slomp Giron (2004, p.54), foi a medida da superioridade europeia que justificou o neocolonialismo do século XIX. Diferentemente do antigo colonialismo, no qual negros e indígenas não eram considerados homens, pois não teriam alma, no novo colonialismo passam a ser considerados humanos, porém de raça inferior.

É nítido, na narrativa de *O Continente*, o desprezo da personagem Carl Winter por negros e índios, o que poderia sugerir a crença, por parte da personagem, nos ideais de superioridade racial. Citaremos apenas duas passagens em que essa característica se evidencia. Primeiro, na visita que Carl Winter faz à vila de São Leopoldo, onde se concentrava um grande número de imigrantes alemães na época:

Winter encontrara compatriotas que haviam assimilado todos os maus hábitos da terra, e vira até colonos alemães que viviam amasiados com mulatas e negras, das quais já tinham filhos. Moravam em ranchos

miseráveis, andavam descalços e já estavam roídos de vermes e sífilis. (VERISSIMO, 2002, p.42).

Dentre os “maus hábitos da terra”, o fato de alemães, representantes da “raça branca”, se relacionarem com mulatas e negras, não era bem aceito pelo Dr. Winter, já que estas pertenciam a “raças inferiores”, o que podia tornar-se prejudicial para a própria manutenção e progresso do grupo étnico.

A segunda passagem relata a volta do Dr. Winter a Santa Fé, após uma excursão às Missões, quando a personagem percebe que sua saúde estava fragilizada e lembra ter mantido relações sexuais com uma índia, o que lhe causa repugnância:

Naquela excursão comera muito charque de qualidade duvidosa e várias vezes, depois de tomar chuva, bebera cachaça. E o pior de tudo – lembrou-se ele – foi que uma noite em que suas resistências morais estavam enfraquecidas e seu desejo exacerbado, dormira com uma índia. *Ach!* (VERISSIMO, 2002, p.91).

O sentimento de desprezo pelos negros/escravos na narrativa de *O Continente* não é exclusivo do Dr. Carl Winter, mas é manifestado também pelas famílias poderosas de Santa Fé, como pelos Terra-Cambará, por Aguinaldo Silva e, principalmente, por Luzia Silva Cambará, que chega a afirmar que “negro não é gente”(VERISSIMO, 2002, p.75), posição que Carl Winter cientificamente contesta. Entretanto, apesar de desprezar os negros, logo que chega a Santa Fé, Carl Winter compra uma negra para servir-lhe de empregada doméstica e lhe dá alforria imediatamente, o que revela sua recusa à escravidão, já que na época representada na narrativa esta ainda não havia sido abolida no Brasil. Dentre os casos mais relevantes de preconceito racial, aparecem o julgamento do negro Severino, condenado à forca mesmo sem a certeza da autoria do crime; o grupo de escravos libertados por Licurgo num gesto puramente político; e o tratamento dado aos membros da família Caré.

Mencionamos, no capítulo anterior, a série de correspondências remetidas pela personagem Carl Winter a seu conterrâneo e amigo Carl von Koseritz. Pelo que se pode perceber nessas cartas, os dois alemães compartilhavam das mesmas idéias sobre a sociedade rio-grandense e sobre a superioridade do povo alemão, ou seja, Koseritz também parecia ser adepto das doutrinas evolucionistas e deterministas. Koseritz acreditava firmemente que a sua “raça” traria inestimáveis progressos ao Rio Grande do Sul. Veja-se a seguinte passagem que expõe o conteúdo de cartas enviadas a Carl Winter por Koseritz:

Von Kosertitz escrevera-lhe, havia pouco, cartas cheias de entusiasmo pelo futuro da colonização germânica. Contava-lhe, com orgulho, o que seus compatriotas já haviam feito. Existiam nas colônias alemãs da Província mais de trinta engenhos para a fabricação de aguardente, vários teares para linho (linho que eles próprios, colonos, plantavam), curtumes, engenhos para mandioca, serrarias movidas a água, olarias, cervejarias e até uma oficina para lapidar pedras finas. (VERISSIMO, 2002, p.104).

Como atesta Guilhermino César (1971, p.253), Koseritz não foi apenas um jornalista político; ao lado do planfetário coexistiu um homem de ciência, um curioso de tudo que dissesse respeito ao progresso das ciências naturais, cujas opiniões e doutrinas, ele, “darwinista convencido” passou a cultivar e divulgar neste país, desde quando ingressou no jornalismo ainda na cidade de Pelotas.

Como era Koseritz quem mantinha Carl Winter informado sobre as novidades do Velho Mundo, por meio das cartas, jornais e livros que lhe enviava, muito provavelmente, o Dr. Winter tinha acesso às novas teorias científicas e avanços tecnológicos em vigor na época. Veja-se a seguinte passagem, quando a personagem Carl Winter discute com o Pe. Romano, já na década de 1880, sobre as teorias evolucionistas:

- Nada disso é novidade pra mim, doutor – disse ele. – todos esses autores ateus seus amigos são também meus conhecidos. Tenho seus livros à minha cabeceira e isso é um sinal de que não os temo. [...]
- E não acha que eles têm razão?
- Toda. [...]
- Mas se acha que eles têm razão, como é que continua a exercer o sacerdócio duma religião baseada num mito pueril?
- A razão não tem nada a ver com a fé! – sentenciou ele, metendo o pastel na boca e empurrando-o com os dedos.
- Vosmecê leu Darwin e Lamarck, não leu?
- Li. E talvez melhor que o doutor.
- Aceita as leis da evolução e da seleção?
- Aceito.
- Então?
- Então o quê?
- Como pode reconhecer ao mesmo tempo a autoridade da Bíblia?
- Mas a Bíblia fala uma linguagem simbólica, belo!
- Isso é um sofisma.
- A hipótese evolucionista não exclui necessariamente Deus. Ela é antes uma prova da suprema, da incomparável, da sutil e imaginosa inteligência do Todo-Poderoso. (VERISSIMO, 2002, p.344).

O trecho acima comprova que Carl Winter tinha conhecimento da obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, ponto culminante das teorias evolucionistas. No entanto, o livro fora publicado na Europa em 1859, quando Carl Winter já estava estabelecido no Rio Grande do Sul há pelo menos oito anos. Levando-se em consideração a demora com que as idéias propagadas na Europa repercutiam no Brasil em meados do século XIX, infere-se que Carl Winter só foi ler *A origem das espécies* alguns anos depois de sua publicação, provavelmente adquirindo o livro por intermédio de Koseritz. Contudo, como mencionamos há pouco, as noções de progresso e evolução da humanidade já eram difundidas no meio intelectual europeu anteriormente ao surgimento da teoria darwiniana, e, por conseguinte, antes da saída da personagem da Alemanha. Daí pode-se afirmar que, mesmo tomando conhecimento da teoria de Darwin anos depois de sua publicação e já no Brasil, Carl Winter, durante sua formação intelectual já estava impregnado da concepção evolucionista da humanidade.

Imbuído, portanto, pelas idéias de progresso e evolução, Carl Winter toma como referência a sua cultura, a européia, para analisar a cultura dos rio-grandenses, ou seja, aspectos da vida na Alemanha são comparados com os de Santa Fé e colocados em nível de desigualdade, sendo que a primeira é tida como superior em relação à segunda. Citaremos, em seguida, algumas passagens da narrativa nas quais se verifica a análise da personagem sobre aspectos importantes na constituição de uma cultura: alimentação, habitação, vestuário, arte, música.

Para o Dr. Winter, os habitantes do Rio Grande do Sul pouco se distanciavam do estado de natureza, ou seja, não possuíam um domínio de técnicas mais avançadas para controlar os elementos naturais e transformá-los de modo a promover o bem-estar da sociedade, como se verifica na seguinte passagem:

Os lavradores daquela província só agora começavam a conhecer e a usar o arado bíblico. E ninguém ali – suprema medida de uma civilização! – sabia fazer bom pão e bom vinho. [...] Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha. (VERISSIMO, 2002, p.49).

Ao relacionar o pão e o vinho como alimentos de um povo civilizado, Carl Winter parece reportar-se à Antiguidade, aos mundos grego e romano. Máximo Montanari (1998) diz que nas civilizações grega e romana, o pão e o vinho são exemplos absolutos de artifício,

de produtos totalmente “culturais” em todas as fases de sua preparação, tornando-se, assim, símbolos da civilização, da distinção entre o homem e o animal, entre o civilizado, que fabrica seus alimentos através de um processo de domesticação da natureza, e o “bárbaro”, que se satisfaz em coletar o que encontra no meio natural e em caçar:

O pão – e é preciso acrescentar a ele também o vinho e o óleo – é o sinal que distingue uma sociedade que não repousa sobre recursos ‘naturais’, mas que é capaz de fabricar, ela própria, seus recursos, de criar – com a agricultura e a criação de animais – suas próprias plantas e seus próprios animais. (MONTANARI, 1998, p.111).

A alimentação torna-se, assim, um elemento constitutivo da identidade de um povo. Para as sociedades civilizadas, aqueles que não se dedicavam à agricultura, que não comiam pão e não bebiam vinho, eram classificados como selvagens e bárbaros: seu alimento era a carne, sua bebida, o leite.

Não por mera coincidência, Carl Winter menciona a alimentação dos nativos da Província, composta basicamente de carne. Para a maior parte da população, os peões, essa carne, sem nenhum preparo especial, era colocada para assar e devorada logo em seguida. Salienta-se que na época representada na narrativa, muitos rebanhos ainda criavam-se soltos nas pastagens, cabendo ao indivíduo apenas “caçar” o animal entre o gado para a obtenção do alimento.

Uma observação semelhante à da personagem Carl Winter pode ser encontrada nas anotações de Auguste de Saint-Hilaire, datada do dia 21 de junho de 1820:

Desde que me encontro nesta Capitania, já tive oportunidade de presenciar os hábitos carnívoros de seus habitantes; em redor das estâncias encontram-se espalhados muitos ossos de animais; e, logo que se entra nessas fazendas, sente-se logo cheiro de carne e de sebo. [...] Em toda parte onde parávamos pelo caminho, meu guia perguntava se lhe podiam vender alguma manta. Ela é um pedaço comprido de carne seca; e sempre lhe era oferecida. Ele e meus companheiros dividiam pedaços de pau para fazer espetos; cortavam nacos de manta, colocados alguns instantes ao fogo e logo os devoravam. (SAINT-HILAIRE, 1997, p.29).

Nesse caso, a sentença citada anteriormente: “Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha.” é, sem dúvida, uma das mais expressivas manifestações da personagem sobre o Rio Grande do Sul, pois emite um juízo de valor e sintetiza sua opinião sobre a sociedade gaúcha. Através

dessa passagem é revelado ao leitor que a visão de Carl Winter contemplava uma paisagem cultural rústica e rude, “atrasada” na escala da evolução, onde a natureza imperava quase que absolutamente, onde homens eram dominados pelos instintos, pouco se diferenciando dos animais.

A rusticidade e o desconforto das habitações, a falta de delicadeza no comportamento das pessoas e a pobreza de suas músicas também são elementos analisados pela personagem, no seguinte trecho:

As casas eram pobres, primitivas, sem gosto nem conforto, quase vazias de móveis; em suas paredes caiadas não se via um quadro, uma nota de cor que lhes desse um pouco de graça. No inverno o minuano entrava pelas frinchas, cortante como uma navalha. Nos dias de chuva os homens traziam barro para dentro de casa nas suas botas ou nos pés descalços. Havia em tudo uma rusticidade e uma aspereza que estavam longe de ter o encanto antigo e a madureza das coisas e das gentes camponesas da Baviera, da Pomerânia ou do Tirol – onde existia uma tradição no que dizia respeito a móveis, roupas, comidas, danças, lendas e canções. [...] Como era escassa a música daquela gente! Não passava duma cantilena que tinha o ritmo do trote do cavalo, um lamento prolongado, pobre de melodia. (VERISSIMO, 2002, p.49).

Tomando como referência a cultura alemã, na qual se destacam o cuidado com as casas e jardins, a limpeza e a arrumação dos interiores das moradias, a imensa variedade de canções e lendas, Carl Winter compara as aldeias da Alemanha com a zona rural do Rio Grande do Sul, revelando nitidamente a classificação que faz da sociedade gaúcha, colocando-a num estágio de civilização inferior à européia.

Segundo a personagem, na Alemanha havia uma tradição que regia a maneira de morar, de se vestir, de comer, de ser, que ele não encontrava nos nativos da Província. A tradição configura-se, assim, num elemento indispensável da cultura de uma sociedade.

Roberto Da Matta (1987) estabelece uma diferença entre sociedade e cultura, passando pela noção de tradição. Segundo ele, uma sociedade pode ser definida como uma totalidade de indivíduos que atuam como coletividade, onde há uma divisão de trabalho, de sexos e idades, podendo haver uma direção coletiva e uma orientação especial em caso de acidentes e perigos. Nesse sentido, uma sociedade pode ser formada por animais, que vivem em grupos, a exemplo das formigas. Porém, para existir uma cultura, é necessário que haja uma “tradição viva”, conscientemente elaborada que passe de geração para geração, que permita individualizar ou tornar singular e única uma dada comunidade relativamente às outras, constituídas de pessoas da mesma espécie.

Sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. [...] A consciência de regras e normas é, pois, uma forma de presença social, sempre dada num dialogar com posições bem marcadas pelo grupo. (DA MATTA, 1987, p.48).

Nessa perspectiva, a tradição torna as regras possíveis de serem vivenciadas, abrigadas e possuídas pelo grupo que as inventou e adotou, de tal modo que, em uma sociedade humana seus membros percebem sua tradição como algo que lhes pertence.

Na discussão da realidade humana, conforme Da Matta (1987, p.56), o conceito de sociedade deve ser sempre complementado pela sua outra face, a noção de cultura, que remete ao texto e aos valores que dão sentido ao sistema concreto de ações sociais visíveis e percebidos pelo outro. Sociedades sem tradição são sistemas coletivos sem cultura. E não pode existir uma sociedade sem cultura.

Nesse sentido, a tradição manifesta-se de forma diferente nas diferentes culturas. Na narrativa de *O Continente*, Carl Winter não nega que na Província de São Pedro do Rio Grande exista também uma cultura, mas nota que as tradições dali são diferentes das que possui a cultura alemã.

A personagem observa com indignação a falta de cuidado dos nativos para com suas propriedades. Da mesma forma, Arsène Isabelle, em passagem pela vila de São Leopoldo em 1834, percebe o cuidado dos imigrantes alemães com suas casas, jardins e estradas, contrapondo-o com o desleixo com que os nativos da Província deixavam as suas:

Pensamos estar na Alemanha. Não pude evitar, à vista desta povoação européia, um sentimento de admiração, porque, em primeiro lugar, fui surpreendido pelo contraste que ofereciam estes lugares, cultivados com cuidado, estes caminhos abertos penosamente através das colinas, morros e matos, estas pequenas propriedades rodeadas de fossos profundos ou sebes vivas, esta atividade de agricultores e artesões, rivalizando no desejo da prosperidade comum... com o abandono absoluto em que os brasileiros deixam suas terras, o mau estado de suas estradas, suas choupanas estragadas, enfim essa falta de atividade, esse espírito de desperdício e destruição que os caracteriza tão bem quanto os argentinos. (ISABELLE, 1983, p.72).

Nessa passagem, Arsène Isabelle menciona ainda o desejo dos alemães em prosperar, em enriquecer na nova pátria, o que origina competições entre eles por maior fortuna. Essa

rivalidade, contudo, não nasce em terras brasileiras, mas vem na bagagem dos imigrantes, que na Europa já nutriam esse sentimento. Carl Winter faz um comentário semelhante sobre os imigrantes que se estabeleceram na colônia de São Leopoldo:

Em sua maioria, porém, prosperavam, moravam bem, ganhavam dinheiro, aumentavam as propriedades. Desprezavam o caboclo e eram por sua vez desprezados pelos estancieiros, dos quais não gostavam, embora parecessem temê-los. Era triste ver como em seus baús e sacos, junto com roupas e tarecos, haviam trazido para o Brasil todos os prejuízos, rivalidades e mesquinhez de suas aldeias natais. Não compreendiam – os insensatos! – que lhes seria possível passar a vida a limpo naquela pátria nova. (VERISSIMO, 2002, p.42-43).

Podemos nos basear em Norbert Elias (1994, p.39), para explicar essa rivalidade como conseqüência do processo histórico de formação da Alemanha. Segundo esse autor, a França e a Inglaterra expandiram e colonizaram terras mais cedo em comparação com a Alemanha, cuja expansão mais vigorosa ocorreu somente na Idade Média. Depois disso, o reino alemão diminuiu lenta, mas de forma ininterrupta. Seus territórios foram confinados de todos os lados e pressionadas suas fronteiras externas, mesmo depois da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Assim, as lutas dentro da Alemanha entre os vários grupos sociais que competiam por oportunidades de sobrevivência e, por conseguinte, as tendências para distinções e exclusões mútuas em geral foram mais intensas que nos outros países ocidentais. A fragmentação do território em numerosos Estados soberanos e o isolamento extremo de grandes segmentos da nobreza face à classe média alemã dificultou a formação de uma sociedade unificada, central, que estabelecesse um modelo, o que foi fundamental em outros países, pelo menos como fase no caminho da nacionalidade, pondo sua marca na língua, nas artes, nas maneiras, e na estrutura das emoções.

Ao visitar São Leopoldo, aconselhado por Koseritz, Carl Winter demonstra certo desprezo pelos imigrantes, seus compatriotas, justamente pelas características de rivalidade acima mencionadas. Carl Winter não concordava com certas atitudes e pensamentos dos alemães, achava-os mesquinhos e ignorantes, tanto é que desistiu de fixar residência nos arredores da colônia e acabou viajando para o interior da Província:

Concluiu que seus compatriotas o irritavam tanto ou mais que os nativos . Muitos deles eram estúpidos e cheios de preconceitos. Havia-os de toda a natureza e de todas as origens, inclusive os que se envergonhavam do título

de “colonos” e declaravam não terem vindo para o Brasil trazidos pela fome, pelo desejo de fugir aos impostos ou de enriquecer: eram, isso sim, exilados políticos. Alguns chegavam a insinuar até vagos antepassados de sangue azul. Em sua maioria ficavam indignados quando alguém os julgava mecklenburgueses, pois contava-se que as primeiras levas de colonos vindas de Mecklenburgo eram formadas de mendigos e presidiários. (VERISSIMO, 2002, p.42).

A mesma observação sobre a rivalidade existente entre os alemães e a ignorância com que eram caracterizados, é feita por Joseph Hörmeyer, que esteve no Rio Grande do Sul em 1853:

O operário alemão é devido a sua diligência e sua habilidade muito apreciado pelos brasileiros; contudo, para dizer a verdade, deve-se confessar que o alemão é pouco estimado por causa de sua pouca instrução, sua ganância e sua inclinação à bebida. A razão disso é aparente: os alemães aqui, com poucas exceções, foram tirados da classe alemã, embora a mais trabalhadora, mas também menos instruída, dos camponeses, e por isso, a intelectualidade alemã ainda está pouco representada; acresce a isso que, em todo o mundo, um alemão não se dá em absoluto com seus patrícios, e aqui, como em sua querida pátria, ele é invejoso e malicioso para com quem, em algum sentido, lhe seja superior. (HÖRMEYER, 1986, p.74).

Percebe-se que todas estas caracterizações por parte dos viajantes e da personagem Carl Winter, tanto as que dizem respeito aos nativos da Província, quanto as que se referem aos imigrantes alemães, camponeses e artesãos, foram realizadas por indivíduos com um nível de instrução superior, pessoas eruditas que tiveram acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade através dos tempos, que tiveram contato com as novas teorias científicas, e que habitavam a zona urbana de importantes cidades européias, o que lhes permitiu fazer comparações entre as diferentes culturas.

A respeito dessa tendência de comparar culturas diferentes, Rafael José dos Santos (2005, p.23) explica:

O sucesso da visão evolucionista da sociedade pode ser explicado pela idéia que os europeus tinham de sua própria sociedade. Esta seria “civilizada” e “complexa” por haver atingido um grau de industrialização, ciência e tecnologia, enquanto as culturas das colônias seriam “primitivas” e “atrasadas”. Em outras palavras, a sociedade européia tomava a si mesma como medida de civilização, atribuindo às sociedades tribais um perfil “inferior”.

A atitude do Dr. Carl Winter, de tomar a sua cultura como medida para analisar uma outra recebe o nome, em Antropologia, de etnocentrismo. Segundo Rafael José dos Santos (2005, p.35), o etnocentrismo consiste em uma postura na qual tomamos a nossa sociedade e a nossa cultura, nossos valores, práticas, crenças, como medida para julgar valores, práticas, crenças, enfim, tudo que constitui culturas diferentes da nossa. Centrados em nossa etnia. Em termos metodológicos as nossas próprias referências culturais atrapalham a compreensão de outras realidades. Isso acontece porque fomos criados, educados, socializados de tal maneira que interiorizamos valores, normas, posturas e até “formas de sentir, pensar e agir”.

Everardo Rocha (2004, p.9) coloca que, pela visão etnocêntrica, a sociedade do “eu” é considerada a melhor, a superior, sendo representada como o espaço da cultura e da civilização por excelência. É onde existe o saber, o trabalho, o progresso, enquanto a sociedade do outro é atrasada, é o espaço da natureza, habitado por selvagens, bárbaros. E o barbarismo evoca a confusão, a desarticulação, a desordem.

Citaremos ainda uma última passagem em que o Dr. Winter, em conversa com o Pe. Otero e o juiz de direito Dr. Nepomuceno, tenta convencê-los da falta que faz a instrução pública, da necessidade de melhorar os rebanhos, de cultivar as terras do Rio Grande do Sul, implantando a agricultura, incentivando os nativos a casarem com imigrantes alemães em vez de negros e índios:

- O meu caro doutor acha então que somos uma nação inferior?
- Winter tirou um acorde dissonante da cítara, e olhou para o juiz.
- Eu não afirmei propriamente isso. Mas se vosmecê conhecesse a Alemanha teria uma boa idéia do que é capaz o povo alemão. [...]
- Finalmente o juiz conseguiu formar uma frase que lhe pareceu à altura do assunto, do momento e do interlocutor.
- Pois digam o que quiserem, eu cá acho que um povo latino como o nosso deve...
- O médico soltou uma risada e avançou para o juiz:
- Latinos os homens desta província? – exclamou. – *Ach mein lieber Gott!* Acha então o doutor que os gaúchos descendem dos romanos?
- Ora! – fez o Dr. Nepomuceno, que estava muito vermelho e agitado. – Ora!
- Preste atenção, Sr. Juiz. Quem foram os primeiros povoadores destes campos? Paulistas descendentes de portugueses. Pois bem. Os portugueses já têm uma boa dose de sangue mouro. Mais tarde chegaram aqui os casais açorianos, muitos dos quais eram de origem flamenga. Nesta província houve novas misturas com sangue índio e negro. Já vê que de latinos tendes muito pouco.
- Digam o que disserem. Somos latinos pela civilização!
- Carl Winter sentou-se de repente, como se o peso da palavra civilização fosse demasiadamente grande para ele suportá-lo de pé.
- De que feitos espirituais se podia gabar aquela áspera sociedade pastoril que florescia – se é que se podia no caso usar este verbo – no tão gabado

“Continente” de D. Bibiana? Onde estavam seus artistas, seus cientistas, seus pensadores? Até aquela data Winter não vira um único livro impresso na Província. Poderiam os continentinos alegar que as guerras não lhe davam tempo para as atividades de espírito, e talvez aí tivessem alguma razão. Mas quem não tinha razão era o Dr. Nepomuceno quando enchia a boca com a palavra civilização. Ele e o padre pareciam estar convencidos não somente de que eram descendentes dos romanos como também de que, por isso, representavam a essência da sabedoria, da espiritualidade e do progresso. (VERISSIMO, 2002, p.81-82).

Nesse trecho da narrativa, fica evidente que a idéia que Carl Winter fazia de uma nação civilizada era a de uma sociedade que, além de ter domínio sobre a tecnologia e a ciência, fosse letrada, conhecesse a Literatura, a Filosofia, a História, tivesse gosto pela arte, pela música, e principalmente, que produzisse alguma obra de valor dentro dessas áreas. Nesse sentido, o que legitima a sua visão do mundo, o que alicerça a sua auto-imagem e orgulho, o que conduz sua crítica a respeito da cultura gaúcha, situa-se além da economia e da política. Reside no que é chamado de *das rein Geistige* (o puramente espiritual), em livros, trabalhos de erudição, arte, filosofia, no enriquecimento interno, na *Bildung* (formação intelectual), ou seja, no conceito de *Kultur* desenvolvido pela intelectualidade alemã (ELIAS, 1994, p.43), da qual o Dr. Winter é representante.

No entanto, mesmo julgando a cultura gaúcha como inferior ou até mesmo incivilizada, a personagem admitia que o Rio Grande do Sul, assim como o Brasil, estava apenas iniciando sua caminhada rumo ao progresso, começando seu processo civilizatório, se comparado aos milhares de anos em que este se desenvolvia na Europa: “Mas era preciso ter paciência e compreender que aquele era um país novo, ainda na sua primeira infância.” (VERISSIMO, 2002, p. 48).

De fato, o povoamento do sul do Brasil ainda estava em fase inicial no século XIX, as condições de vida da população em geral eram precárias, o acesso à escolarização atingia apenas uma parcela inexpressiva da sociedade. Guilhermino César (1971, p.35), ao falar sobre a escassa atividade literária em língua portuguesa no Rio Grande do Sul, durante o período colonial, assim se pronuncia:

No território continentino, os centros mais populosos eram aldeias inexpressivas, cujas populações viviam do pastoreio e da agricultura. O gado proliferava nos campos abertos, entregue ao Deus-dará, enquanto a agricultura praticamente se restringia às exigências do consumo interno. As únicas mercadorias exportáveis eram o trigo, o charque e subprodutos do boi – couro e graxa. O pastoreio e a agricultura, exercidos empiricamente,

não seriam, por certo, favoráveis à elaboração de uma sociedade polida, exigente, que se fizesse notar por seu padrão intelectual. População esparsa, atormentada pela guerra, a do Rio Grande conheceu também muito tarde os benefícios da escola. A instrução era de remota serventia para essa gente: de guerreiros é que ela nascera; de guerreiros continuava a precisar, e não de letrados e sonhadores.

Nesse sentido, mesmo apresentando uma visão etnocêntrica sobre a sociedade rio-grandense, a personagem Carl Winter tentará buscar na origem do povo, na história de sua formação, a explicação para a cultura que ali se desenvolvia. Pelos estudos antropológicos realizados nas últimas décadas, sabe-se, desde as pesquisas etnográficas de Franz Boas (1858-1942), Bronislaw Malinowski (1884-1942) e Claude Lévi-Strauss (1908), que é impossível comparar sociedades em termos de avanço e atraso, porque cada cultura só pode ser entendida a partir de seus próprios valores, hábitos, modos de vida e, principalmente, a partir de sua própria história.

Neste ponto, tocamos em outra questão. Embora pertencentes à mesma cultura, a européia, o Dr. Carl Winter critica os imigrantes, seus conterrâneos, por serem ignorantes e preconceituosos, por manterem rivalidades entre si, sendo que no Brasil poderiam iniciar uma nova vida. Como explicar o fato de que o médico alemão não agia nem pensava de forma semelhante aos demais imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul na mesma época, embora todos tivessem a mesma nacionalidade?

Poderíamos atribuir essa diferença cultural à formação intelectual que o Dr. Winter recebera durante seus estudos universitários, um nível de escolarização acessível a poucos na Europa do século XIX. Se Carl Winter fazia parte de uma minoria letrada, que sabia latim, a língua dos cultos (na época, ser culto era dominar o conhecimento das letras, das artes e das ciências), nota-se que há uma estratificação social e cultural na Europa dos tempos modernos.

De acordo com Peter Burke (1989, p.50), na maioria dos lugares da Europa no século XIX, existia uma estratificação cultural e social. Havia uma minoria que sabia ler e escrever, sendo que parte dessa minoria letrada sabia latim, a língua dos cultos, e uma maioria era analfabeta. Essa estratificação cultural foi apresentada em 1930, pelo antropólogo social Robert Redfield. Segundo esse estudioso, em certas sociedades existiam duas tradições culturais, a “grande tradição”, da minoria culta e a “pequena tradição” dos demais.

Segundo a definição de Carlo Prandi (1977, p.166), a tradição é a passagem de um conjunto de dados culturais¹¹ de um antecedente a um conseqüente, que podem configurar-se

¹¹ Cultura no sentido antropológico. Na definição canônica de Edward B. Tylor, “a totalidade dos conhecimentos, das crenças, das artes, dos valores, leis, costumes e de todas as demais capacidades e hábitos

como famílias, grupos, gerações, classes ou sociedades. E ainda, “as tradições estão inscritas na consciência coletiva dos grupos que delas são portadores, como normas implícitas ou direitos tidos como adquiridos no tempo e, como tais, inextinguíveis”. Sendo assim, as tradições configuram-se como programas impostos pela sociedade à conduta dos indivíduos, regendo sua visão do mundo.

Os conceitos de “grande tradição” e “pequena tradição” podem auxiliar no entendimento das diferenças entre uma classe social que detém a informação, o conhecimento acumulado ao longo da História, a qual pertence a personagem Carl Winter, e aquele que é armazenado na mente da grande maioria analfabeta.

No início da Europa moderna, observa Peter Burke¹² (1989, p.51), a grande tradição incluía a tradição clássica, tal como era transmitida nas escolas e universidades; a tradição da filosofia escolástica e teologia medievais, e alguns movimentos intelectuais que provavelmente só afetaram a minoria culta, como a Renascença, a Revolução Científica no século XVII, o Iluminismo no século XVIII.

Enquanto a grande tradição era cultivada em escolas, universidades ou templos, a pequena tradição operava sozinha e se mantinha na vida dos iletrados, em suas comunidades. Estava presente nas canções e contos populares, imagens devotas, peças de teatro, folhetos e livros de baladas e, principalmente nas festividades, como as festas de santos, o Natal, o Ano Novo e o Carnaval.

Segundo o autor, o modelo proposto por Redfield precisa ser modificado e reformulado, pois se existiam duas tradições culturais nos inícios da Europa moderna, elas não correspondiam simetricamente aos dois principais grupos sociais: a elite e o povo comum. Na opinião de Peter Burke (1989, p.55), a elite participava da pequena tradição, mas o povo comum não participava da grande tradição, justamente porque as duas tradições eram transmitidas de maneiras diferentes. A grande tradição era transmitida formalmente nos liceus e universidades. Era, portanto, uma tradição fechada, no sentido em que as pessoas que não freqüentavam essas instituições, que não eram abertas a todos, estavam excluídas. A pequena tradição, por outro lado, era transmitida informalmente, estando aberta a todos, como a igreja, a taverna e a praça do mercado, onde ocorriam muitas apresentações.

Dessa forma, conclui Peter Burke, a diferença cultural crucial nos inícios da Europa Moderna estava entre a maioria, para quem a cultura popular era a única cultura, e a minoria,

adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.”

¹² Na definição de Peter Burke a idade moderna da Europa inicia no século XVI e se estende até o século XIX.

que tinha acesso à grande tradição, mas que participava da pequena tradição enquanto uma segunda cultura.

Enquanto a maioria do povo falava apenas o seu dialeto regional e nada mais, a elite falava ou escrevia latim, ou uma forma literária do vernáculo, e continuava a saber falar em dialeto, como segunda ou terceira língua. Para a elite, mas apenas para ela, as duas tradições tinham funções psicológicas diferentes: a grande tradição era séria, a pequena tradição era diversão. (BURKE, 1989, p.55).

Nessa perspectiva, podemos classificar as grandes levadas de imigrantes alemães que chegaram ao Rio Grande do Sul como representantes da pequena tradição, na maioria iletrados, cujos costumes e tradições eram transmitidos oralmente através de canções populares, provérbios, festas. Entretanto, podemos transportar essa classificação para nosso país, onde os moradores da fictícia Santa Fé, que representavam grande parte da sociedade gaúcha, também podem ser vistos como herdeiros da pequena tradição, por transmitirem sua cultura de outra forma, que não por meio de escolas, instituições quase inexistentes na Província no século XIX.

Dessa forma, é imprescindível salientar que é o olhar de um médico alemão, de um europeu curioso, pertencente à grande tradição, que Erico Verissimo escolhe para fazer a mediação entre o escritor e o público leitor na narrativa de *O Continente*. A partir da ótica de um estrangeiro, regida pela sua formação social e intelectual, a cultura dos rio-grandenses é revelada em todas as suas particularidades.

A razão pela qual Erico Verissimo utiliza o olhar do Dr. Winter pode ser justificada pela necessidade, na narrativa, de uma voz ilustrada, representada por alguém que, sem nenhuma ligação emocional nem com a terra nem com a gente, pudesse emitir opiniões imparciais, como a própria personagem declara: “Sou um homem sem paixões. [...] Não tenho partido. Nem sequer nasci neste país. Um dia posso ir-me embora para a Alemanha e não voltar mais. Limito-me a ler, ouvir, observar e tirar minhas conclusões.” (VERISSIMO, 2002, p.299).

Mais do que exercer a simples função similar à do coro da tragédia clássica, Carl Winter é a voz crítica da qual o escritor lança mão para analisar uma sociedade que construía seus alicerces sobre guerras e solidão, valentia e persistência, morte e espera. Mais do que um simples estrangeiro, Carl Winter é a opinião diferente, o olhar de fora, que o escritor pede emprestado para observar uma sociedade construída por incansáveis homens guerreiros e mulheres de olhos permanentemente tristes. Enfim, mais do que uma personagem

“secundária” da narrativa de *O Continente*, Carl Winter é a chave que Erico Verissimo disponibiliza ao leitor para interpretar a crônica histórica do Rio Grande do Sul. E podemos dizer ainda que, sem a presença dessa personagem-chave na primeira parte da trilogia, todo o projeto de *O Tempo e o Vento* ficaria seriamente comprometido, a tentativa de desmistificar a História rio-grandense se tornaria irrealizável.

3.2 Destruição e preservação

Carl Winter, através do olhar de forasteiro, acaba por compreender o povo rio-grandense como uma “sociedade tosca e carnívora”. As guerras, a organização social e econômica, o machismo e o código de honra dos homens, a aspereza das relações, tudo isso é observado curiosamente pela personagem que tira suas próprias conclusões sobre a sociedade que se desenvolvia diante de seus olhos.

Para o médico alemão, as guerras constituíam um fator determinante na configuração da sociedade rio-grandense. O permanente estado de guerra em que viviam os homens influenciava suas personalidades, pois tornava-os rudes, agressivos, numa atitude sempre ofensiva. Como explica Guilhermino César (1971, p.37), o gaúcho “viveu perigosamente” e a presença do risco e das surpresas deixou-lhe traços profundos no espírito e no caráter. Porém, se eles viveram entre perigos, os da guerra não eram menores que os do pastoreio rudimentar, assim, a ação pronta, a energia muscular, os movimentos rápidos, passaram a caracterizar o tipo clássico do rio-grandense.

Se o trabalho rude nas estâncias e as guerras intermitentes pela posse das terras da fronteira desempenharam uma função seletiva, moldando o caráter do rio-grandense, na opinião de Carl Winter, as guerras também prejudicavam o progresso econômico da região, pois com a diminuição do número de peões, recrutados pelo serviço militar, os rebanhos ficavam abandonados nas estâncias e os povoados praticamente esvaziavam-se de homens em condições de trabalhar. Mesmo assim, as constantes guerras e revoluções acabavam por tornar-se uma tradição entre os homens. Não raras vezes, os peões nem sabiam o verdadeiro motivo pelo qual lutavam, mas arriscavam a vida bravamente, como Carl Winter comenta neste trecho:

Em muitos casos os soldados lutavam descalços e armados de lanças de paus; eram mal alimentados e raramente ou nunca recebiam soldo. Poucos sabiam ao certo por que lutavam, mas havia na Província a tradição de

“pelear com os castelhanos”, e seus homens encaravam as invasões como uma fatalidade, como um ato de Deus – uma espécie de praga periódica tão inevitável como uma seca ou uma nuvem de gafanhotos. Mercê dessas lutas haviam surgido verdadeiros senhores feudais na Província. Eram os estancieiros como o Cel. Amaral, a quem o governo amparava e dava privilégios, na certeza de que na hora da guerra eles viriam com seus peões, agregados, amigos e assalariados para engrossar o exército regular. (VERISSIMO, 2002, p.47).

De acordo com a narrativa, embora correndo o risco de perderem a vida, os soldados sacrificavam-se nos campos de batalha, onde seus atos de bravura eram enaltecidos. Jamais se via um rio-grandense desertar por covardia. Podia haver fugas sim, mas um gaúcho nunca abandonava a guerra por medo de enfrentar o inimigo.

A valorização de qualidades como coragem e bravura encontra sua explicação no próprio processo de formação da sociedade rio-grandense. Segundo Guilhermino César (1971, p.29), a colonização das terras do Rio Grande do Sul, obedecendo primeiramente a interesses políticos da Coroa portuguesa para a conquista de territórios e, mais adiante, interesses econômicos das capitânicas do Centro, pela oferta de carne e animais de tração, se processou num ambiente carregado de apreensões e entremedo de lutas cruéis, o que contribuiu para supervalorizar os homens de ação, os soldados e comandantes, enfim, todos aqueles que pela sua bravura representassem uma garantia de resistência eficaz às pretensões espanholas. Assim, “a sociedade resultante desse amálgama de bravos habituou-se a admirar e querer o valor pessoal, a audácia e a pugnacidade.”.

De acordo com Sérgio Gonzaga (1980, p.115), à proporção que os campos iam se privatizando e o latifúndio avançava rumo à atual fronteira, os gaúchos¹³ eram absorvidos, convertendo-se em peões temporários ou permanentes, de acordo com as necessidades da estância. A partir daí, usou-se o gaúcho como “bucha-para-canhão” nos destacamentos militares na fronteira: “As várias guerras vividas pela província exigiam um número expressivo de soldados, suficientemente pobres e corajosos para arriscar a vida pela mística do heroísmo e pelo saque nem sempre compensatório.”.

Carl Winter chega à Província de São Pedro alguns anos após o término da Guerra dos Farrapos (1835-1845), quando findava outra revolução, mais curta, mas nem por isso menos sangrenta que a primeira, a guerra contra Rosas (1851-1852), ditador da Argentina.

¹³ Sergio Gonzaga caracteriza os gaúchos ou gaudérios como cavaleiros errantes que vagavam solitários pelos campos à procura do couro. Sua origem estava tanto na dispersão das Missões quando no estupro das índias, prática corriqueira entre bandeirantes e soldados. Eram tipos indiáticos, mestiços, raros os brancos, que haviam herdado dos guaranis a habilidade para a lide pastoril e a capacidade para montar, mas acabaram perdendo sua identidade tornando-se marginais. Somente a partir de 1800 que o termo gaúcho se generalizou, tornando-se genérico do século XX, designando o natural do Rio Grande do Sul. Durante o século XIX dizia-se continentino e rio-grandense para o natural da província do Rio Grande do Sul.

Nessa ocasião, reverenciava-se a coragem e a bravura dos soldados que voltavam do combate, elogio digno de nota no *Almanaque de Santa Fé*, organizado pelo doutor Nepomuceno e datado do mês de janeiro de 1853:

Rosas, o tirano argentino, ameaçava a integridade de nosso Brasil, e era necessário fazer frente à ameaça. E assim mais uma vez os santa-fezenses formaram os seus batalhões voluntários e nessa luta que nem por ser relativamente curta foi menos cruenta, muitos foram os filhos desta vila que tiveram atuação destacada. Entre eles é justiça salientar o jovem Bolívar Terra Cambará, filho dum intrépido soldado, o Cap. Rodrigo Severo Cambará, morto heroicamente num combate que se feriu nesta mesma vila em princípios de 1836. Bolívar, esse denodado jovem, cujo nome parece trazer em si uma destinação gloriosa, guiou os seus cavalarianos numa carga de lança, destruindo um quadrado inimigo e arrancando, ele próprio, das mãos dum adversário a bandeira argentina! Esse ato de bravura valeu-lhe a promoção ao posto de primeiro-tenente, e uma citação especial na ordem do dia. (VERISSIMO, 2002, p.11-12).

Durante sua participação na narrativa, até as últimas páginas de *O Continente*, Carl Winter acompanhou o desenrolar de outros momentos decisivos na História política e social do Rio Grande do Sul. Regina Zilberman (2004, p.30) apresenta a seguinte cronologia de batalhas, paralelas ao desenrolar dos fatos de *O Tempo e o Vento*, da qual selecionamos somente o período de nosso interesse para a caracterização da personagem. São elas: os conflitos com os países vizinhos do Prata até 1864; a Guerra do Paraguai (1865-1870); a guerra dos Muckers (1874); as campanhas abolicionista e republicana (1888-1889); a ascensão de Júlio de Castilhos (1891), a Revolução Federalista (1893-1895) e a vitória do partido de Júlio de Castilhos. Nesse contexto, muitas vezes Carl Winter observava pessoas conhecidas partindo, voltando ou morrendo em mais uma guerra. Constantemente também, ele ouvia os homens de Santa Fé contarem causos de guerras passadas, de combates sangrentos, de atos heróicos e de covardias, enquanto que as mulheres falavam dos longos períodos de espera e lembravam de seus mortos.

Por meio dessas conversas, Carl Winter percebia a repercussão que as guerras tinham na organização social dos continentinos, influenciando a economia e comprometendo o próprio futuro da Província. O médico lamentava o fato dos rio-grandenses terem abandonado a cultura do trigo desde 1823, quando as lavouras foram atacadas pela “ferrugem”, para dedicarem-se exclusivamente à pecuária. No entender de Carl Winter, a Província não poderia depender do charque e do couro para sempre. Além disso, durante as guerras, os rebanhos

eram reduzidos consideravelmente, já que a carne era o principal, senão o único alimento para as tropas do exército:

Ora, as guerras periódicas dizimavam a cavalaria e o gado, ao passo que a agricultura continuava decadente ou quando muito estacionária. Os campos se achavam despovoados e ele [Winter] tinha a impressão de que ninguém tinha plano, ninguém pensava no futuro; os continentinos vivam ao acaso das improvisações, confiando sempre na sorte. Por que não tentavam alguma coisa? – impacientava-se ele. (VERISSIMO, 2002, p.78).

Era inadmissível, na opinião do médico, o fato dos continentinos terem de importar os cereais e até a farinha da mandioca que consumiam, mesmo disponibilizando de grandes extensões de terra fértil para o plantio. Conforme Carl Winter, os rio-grandenses deveriam investir na agricultura, melhorar os rebanhos importando reprodutores estrangeiros, cuidar melhor da terra, e para isso, seriam beneficiados se casassem os homens e mulheres com os imigrantes alemães em vez de negros e índios. Como já foi dito, Winter acreditava que o trabalho de seus conterrâneos traria o progresso para a Província.

Outro problema levantado por Carl Winter era o da instrução pública. Segundo suas observações, existiam poucas escolas, todas de primeiras letras e uma escassez de professores ainda maior. Além disso, era assustador o isolamento em que se encontravam as estâncias, os povoados, as vilas e cidades da Província. As estradas eram poucas e péssimas. Winter acreditava que o próprio governo era responsável pela situação de abandono em que viviam os moradores do Rio Grande do Sul, como mostra a seguinte passagem:

Havia anos que os santa-fezenses tinham pedido ao governo o provimento de escolas públicas para as paróquias do município, a abertura de mais estradas e o estabelecimento de colônias. A indiferença da Assembléia Provincial ante aqueles pedidos era simplesmente pasmosa. Não era, pois, de admirar que as pessoas em Santa Fé crescessem e morressem analfabetas... Às vezes – refletiu Winter – parecia que a única função dos homens da Província do Rio Grande do Sul era a de servirem periodicamente como soldados a fim de manterem as fronteiras do país com a Banda Oriental e a Argentina. (VERISSIMO, 2002, p.104).

Segundo Moacyr Flores (1988, p.60), depois de dez anos de guerra civil, a Guerra dos Farrapos, a Província estava arrasada economicamente, com a administração paralisada e

a Assembléia Legislativa em recesso há oito anos, voltando a ter sua primeira sessão somente em 1846. Nessas condições, a instrução pública encontrava-se em situação precária, pois

os professores não possuíam preparação para o magistério, qualquer pessoa que se considerasse com competência podia ensinar, na base da palmatória. A instrução secundária era com aulas isoladas de filosofia, latim, francês e geometria, localizadas separadamente em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo. O aluno estudava o dia inteiro e só trocava de professor depois de concluir o estudo de determinada matéria.

Conforme Aidê Campello Dill (1997, p.108), a Lei nº 771, de 4 de maio de 1871, e os Regulamentos de 1872 e 1876 estabeleceram o ensino obrigatório nas cidades, vilas e freguesias da Província para as crianças de sexo masculino entre 7 e 15 anos incompletos e de 6 a 12 anos incompletos para as meninas. Entretanto, a execução desses regulamentos foi impraticável pela falta de professores, acrescido das grandes distâncias entre as escolas e as residências.

Décadas depois, já em 1893, continua Moacyr Flores (1988, p.98), o Rio Grande do Sul possuía 63 municípios, com o total de 897.000 habitantes, sendo que a maioria da população ainda vivia em área rural. E mesmo o governo estadual exercendo uma “ditadura científica” para ter ordem e alcançar o progresso, 74% da população não sabia ler nem escrever. O jovem que conseguisse concluir o ginásio (ensino fundamental) estava apto para trabalhar na função pública e no comércio.

Essa dificuldade de acesso às instituições de ensino, de acordo com Carl Winter, era responsável também pela falta de artistas, homens de letras e cientistas no Rio Grande do Sul. Maria da Glória Bordini (1995, p.223), em estudo sobre a trilogia de Erico Verissimo, faz o seguinte comentário sobre essa observação da personagem:

Winter lamenta a ausência de educação sistemática, responsável pela inexistência de artistas, cientistas e pensadores na província. Vê que a falta de livros impede as idéias de circularem, deixando o povo à mercê dos ditos dos pais da pátria, que alguém ouviu numa campanha eleitoral ou durante uma visita de passagem. Todavia, reconhece a relatividade desse saber formal, quando pondera para Juvenal que “a melhor escola que há é a da vida”.

Nesse sentido, a falta de escolarização e a situação de isolamento afetavam sobremaneira o modo de vida dos rio-grandenses. Raramente eles tinham contato com pessoas vindas de outros povoados, ignoravam acontecimentos importantes ocorridos no país e até mesmo na própria Província ou ficavam sabendo dos fatos muito tempo depois deles terem ocorrido. Viviam, por assim dizer, num mundo muito limitado de informações, onde caras, fatos e assuntos eram os mesmos de sempre, como mostra o seguinte trecho de uma carta enviada a Kosertiz por Carl Winter:

Raramente aparece uma cara nova na vila. Um dia é igual a outro dia. O correio chega uma vez por semana, quando chega. Uma carroça leva uma eternidade para ir ao Rio Pardo e voltar. As pessoas em geral são boas, mas duma bondade meio seca e áspera. Os assuntos, limitados. Fala-se em gado, em cavalos, em tropas, invernadas, comidas, campos ou então em histórias de brigas, guerras e revoluções passadas ou guerras e revoluções que estão para vir. (VERISSIMO, 2002, p.115).

Ao observar os homens da Província de São Pedro, Carl Winter nota que no geral eles possuíam as mesmas características, em maior ou menor intensidade. Além do gosto pelas guerras, eram ásperos e agressivos, dados a aventuras amorosas com as chinocas, escravas ou concubinas, com as quais tinham filhos, embora suas esposas legítimas devessem manter-se fiéis. Se alguém ousasse olhar mais demoradamente para suas mulheres, certamente teria que “dar uma satisfação”, em outras palavras, seria desafiado para um duelo. Segundo Winter:

O código de honra daqueles homens possuía em nítido sabor espanhol . Falavam muito em honra. No fim de contas o que realmente importava para eles era “ser macho”. Outra preocupação dominante era o de “não ser corno”. Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio bárbara que ainda bebia água em guampas de boi. (VERISSIMO, 2002, p.48).

Mesmo não existindo na forma escrita, os artigos desse código de honra se propagavam entre os homens da Província através de exemplos e causos que corriam de boca em boca. Segundo esse código, um homem para ser bem macho, devia ter “barba e vergonha

na cara”, além de nunca faltar à palavra empenhada, custasse o que custasse. Caso contrário, a honra manchada seria lavada com sangue:

Honra e vergonha... – pensou Winter. Como os homens do Rio Grande falavam em honra e vergonha! Honra manchada lavava-se com sangue. Havia uma lei que proibia os duelos, mas os duelos se realizavam assim mesmo, a tiros, a espada, a adaga. O Dr. Nepomuceno falava com solenidade em Justiça, mas aqueles homens realistas não confiavam em juízes e tribunais. Resolviam suas pendências pelas armas: faziam justiça pelas próprias mãos. (VERISSIMO, 2002, p.140).

Se o que importava para o rio-grandense era saber montar, ter participado de uma guerra e garantir a honra, certamente não sobrava espaço para obras do espírito. As formas artísticas não possuíam qualquer valor em meio àquela gente prática, preocupada em resolver questões concretas do cotidiano. Pior que isso, as manifestações artísticas poderiam colocar em dúvida a própria masculinidade dos homens da Província. Winter observava que:

Os “homens machos” da Província de São Pedro pareciam achar que toda a preocupação artística era, além de inútil, efeminada e por isso olhavam com repugnada desconfiança para os que se preocupavam com poesia, pintura ou certo tipo de música que não fossem as toadas monótonas de seus gaiteiros e violeiros. (VERISSIMO, 2002, p.49).

Em compensação à desvalorização das artes, o jogo era levado muito a sério, podendo-se apostar até mesmo a vida. Muitas vezes, os jogos tornavam-se perigosos e violentos. De acordo com Paixão Côrtes (1985, p.22), as diversões naqueles agrupamentos humanos constituídos quase exclusivamente por homens, se limitavam à corrida de cavalos, ao jogo de cartas, e, quando muito à utilização de arma branca para jogos de destreza.

Já observava Nicolau Dreys (1990, p.122-123) o “vício” dos rio-grandenses pelo jogo:

entregues ao jogo com furor, esse vício, que parecem praticar como um meio de encher o vácuo de seus dias, é a fonte dos roubos e às vezes das mortes que cometem. Joga o gaúcho tudo o que possui, dinheiro, cavalo, armas, vestidos, e sai às vezes do jogo inteiramente ou quase nu [...]. Geralmente, jogar cartas e fumar o cigarro são os gostos dominantes do gaúcho; para jogar, no primeiro lugar que se encontra, mesmo no meio do campo, o gaúcho estende no chão o seu chiripá, o qual serve para receber as

cartas, enquanto que a faca resta fincada em terra do lado direito de cada um dos concorrentes, para estarem prontos a qualquer acontecimento ou dúvida que possa ocorrer.

Carl Winter também presencia a violência que envolvia os jogos entre os homens:

Havia nas gentes da Província em certo acanhamento desconfiado que nos homens se transformava num ar agressivo. Falavam alto, com jeito dominador, de cabeça erguida. Entre fascinado e assustado, Winter assistira a várias carreiras em cancha reta, e mais de uma vez o haviam chamado para atender algum homem que fora estripado num duelo por causa duma “diferença de pescoço” ou de qualquer outra dúvida quanto à decisão do juiz. Gostava de ver certo tipo de gaúcho que se sentava no chão para jogar cartas e antes de começar o jogo cravava sua adaga na terra, entre as pernas abertas, numa advertência muda ao adversário. (VERISSIMO, 2002, p. 48-49).

Se a relação entre os homens freqüentemente assumia uma forma violenta, por outro lado, a relação entre os homens e seus cavalos manifestava-se de forma afetiva. Mais do que um meio de transporte, o rio-grandense via no cavalo um companheiro, uma força indispensável no pastoreio e na guerra. Sendo assim, tratava-o bem, enfeitava ricamente seu fiel amigo com aparatos de prata, e normalmente, dava-lhe mais valor que à mulher. Carl Winter assinala:

E a importância que o cavalo tinha na vida da Província! Para os “continentinos” o cavalo era um instrumento de trabalho e ao mesmo tempo uma arma de guerra, um companheiro, um meio de transporte; para alguns gaúchos solitários as éguas serviam eventualmente de esposa. Winter conhecia ali homens que à força de lidar com cavalos começavam já a ter no rosto traços eqüinos. (VERISSIMO, 2002, p.48).

De acordo com Carlos Reverbel (1996, p.31), tendo-se formado no Rio Grande do Sul uma sociedade de pastores e cavaleiros, nada mais natural que o culto do gaúcho ao cavalo. E a função desse animal foi primordial em todos os momentos: nos períodos de guerra e paz, nos entreveros e cargas de lança, nas arreadas e nas tropeadas. Sem a utilização do cavalo, o laço e as boleadeiras, instrumentos indispensáveis no trabalho e no domínio sobre o gado, teriam sua utilidade muito limitada. Segundo esse autor:

Os estancieiros antigos, mesmo os muito ricos, tinham quase sempre um viver agreste, morando em casas que primavam pela falta de conforto e não apresentavam qualquer adorno. Era a regra geral, com as exceções de praxe, naturalmente. Esta rusticidade, entretanto, desaparecia por completo, cedendo lugar a verdadeira ostentação, quando se tratava de artigos de montaria ou de uso de cavaleiro – as esporas de prata, os cabos do rebenque lavrados até a ouro, as guaiacas recamadas de enfeites, as facas finamente ajazeadas, os aperos de prata trançada, os palas de pura seda, os ponchos de vicunha franjada. (REVERBEL, 1996, p.35).

Todas estas características que Winter percebe nos homens da Província, como o código de honra baseado no machismo, o gosto pelo jogo, o tratamento dispensado ao cavalo, são traços herdados do tipo social do gaúcho antigo, que na caracterização de Antônio Hohlfeldt (1998, p.23-24), é anterior à Revolução Farroupilha, e deixou marcas nas gerações que o sucederam:

O que se pode dizer, em síntese, é que o gaúcho, enquanto tipo social, surgira e se consolidara nestes horizontes sem-fim da paisagem, nos campos sem fronteira, cuja propriedade frouxa e pouco utilizada permitia a longa cavalgada em linha reta, tal como faz o Capitão Rodrigo logo depois do nascimento de seu primeiro filho. [...] Esse gaúcho andejo, pobre porque sem qualquer propriedade, leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, os aperos, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava gana, negava-se ao comando de qualquer um que não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes às suas. Gostava do jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía a vingança. A mulher servia-lhe em geral apenas como fêmea, podendo ser eventualmente substituída por algum animal. Não desrespeitava a mulher, mas não a valorizava. Entre a mulher e um cavalo, certamente ficava com esse último, conforme se lê em diferentes textos.

Essas características também são manifestadas pelas personagens masculinas com as quais o Dr. Winter mantém maior contato: os descendentes do Capitão Rodrigo Cambará, protótipo do gaúcho, Bolívar e seu filho Licurgo, e em menor intensidade, nos descendentes da família Terra, Juvenal e seu filho Florêncio. Entretanto, Carl Winter percebe que os representantes dessas duas famílias apresentam certas diferenças em termos de comportamento. Enquanto os machos Cambará, por terem o sangue do Capitão Rodrigo, que segundo a descrição de uma das personagens era “chineiro, jogador, gostava de empinar o seu copo, vivia metido em fandangos e não era amigo do trabalho”(VERISSIMO, 2002, p.96), possuem os gestos mais teatrais, são impetuosos e predispostos à guerra, os homens Terra,

portadores do sangue de Ana Terra e Pedro Missioneiro, são mais inibidos, pacíficos e de poucas palavras.

Um exemplo dessa diferença podemos observar na seguinte passagem, que relata a forma com que os primos, Bolívar e Florêncio, reagiram quando da chegada de Luzia Silva à vila de Santa Fé:

[...] desde o momento em que a rapariga chegara, Bolívar Cambará e Florêncio Terra ficaram fascinados por ela, cercaram-na de atenções e não perdiam pretexto para visitar o Sobrado. Faziam isso, porém, de maneira diferente. Bolívar não escondia seus sentimentos: mostrava-se como era – sôfrego, apaixonado, explosivo. Florêncio, entretanto, mantinha-se reservado, silencioso, mas duma fidelidade canina; portava-se, em suma, como um cachorro triste que – temendo ou sabendo não ser querido pela dona – limitava-se a ficar de longe a contemplá-la com olhos cálidos e compridos, cheio dum amor dedicado mas que não tem coragem de se exprimir. (VERISSIMO, 2002, p.18).

Dessa forma, Carl Winter não só faz a caracterização geral do homem rio-grandense, mas também percebe que há vários tipos de gaúchos, identificando suas particularidades. Entretanto, quando são requisitados para defender a Província, todos, apesar das diferenças, gostando ou não, assumem seu posto na batalha e só o abandonarão quando a guerra terminar ou quando a morte os assaltar.

Pode-se dizer, portanto, que a partir da ótica de Carl Winter, que observa os homens da Província de São Pedro e reflete sobre seu código de honra, baseado no machismo e na violência, Erico Verissimo consegue concretizar sua intenção de desconstruir a imagem idealizada da sociedade gaúcha. Como lembra Theodore R. Young (1997, p.7), em vez de glorificar as guerras e seus generais, os grandes coronéis estancieiros, a estrutura social patriarcalista, a obra de Erico Verissimo os critica. E ele faz isso ao destacar o papel não celebrado do povo humilde no passado da região, ao ressaltar a função dos peões que constituíram a força de guerra na defesa das fronteiras da Província.

Enquanto os homens possuíam uma vida agitada, sempre às voltas com o trabalho nas estâncias, fazendo rodeios, laçando e carneando o gado, curando bicheiras, fazendo tropas, divertindo-se com jogos e fandangos e, inevitavelmente, servindo de soldados nas guerras, Carl Winter nota que as mulheres, pelo contrário, pouco destaque tinham na vida social da Província:

O destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Dificilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na ira do marido, do pai ou do irmão dessa senhora, que lhe viria imediatamente “tirar uma satisfação”. (VERISSIMO, 2002, p.48).

O campo de atuação das mulheres, portanto, situava-se dentro dos limites da própria casa e do quintal. Possuíam pouca ou nenhuma escolaridade e, eventualmente, saíam de casa para visitar alguma comadre ou ir à missa. A principal função das mulheres era cuidar do marido e criar os filhos para depois vê-los partirem para a guerra, na esperança de que voltassem um dia. Não havia na Província, mulher que durante sua vida não tivesse esperado pelo fim de uma guerra para rever o pai, os irmãos, o marido ou os filhos, e não raro, esse reencontro jamais se concretizava. Na observação de Carl Winter:

Eram estas em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. (Trude! Trude! Toma cuidado.) Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica. (VERISSIMO, 2002, p.48).

A aparência das mulheres rio-grandenses chamava a atenção de Carl Winter pela tendência à obesidade. Limitadas ao âmbito doméstico, com pouca atividade física e afeitas a uma alimentação abundante, era natural que engordassem. O Dr. Winter, freqüentador do Sobrado, ficava surpreendido com a quantidade de pratos que havia nas refeições das famílias com boas condições financeiras da Província: “Nunca menos de seis, e às vezes até dez. Não raro numa refeição serviam-se quatro ou cinco variedades de carne, e nenhuma verdura.” (VERISSIMO, 2002, p.101). No entanto, o médico entendia que os continentinos preferiam as mulheres desse tipo, mais encorpadas, pois possivelmente comparavam-nas com o gado:

A tendência que as mulheres daquela província tinham para engordar! Com exceção das filhas de Florêncio, as outras moças eram rechonchudas, tinham ancas largas e seios fartos. Os gaúchos pareciam gostar desse tipo, pois talvez as julgassem como julgavam as vacas leiteiras: quanto maior o úbere, mais leite. Depois que casavam, então, aquelas fêmeas botavam

corpo e ficavam como a esposa do Veiga da Casa Sol, que ali estava junto do vigário, apertada num vestido de cetim azul-marinho, com sua cara de bolo de milho abatumado, o seu duplo queixo duma moleza e duma brancura de requeijão, a mirar o declamador com seus olhinhos empapuçados em que havia uma vaga luz de espanto... *Mein Gott!* (VERISSIMO, 2002, p.350-351).

Dentre as mulheres que aparecem em *O Continente*, convém destacar as impressões do Dr. Winter a respeito de duas personagens principais: D. Bibiana Terra Cambará e Luzia Silva Cambará. A maior parte da caracterização dessas figuras femininas na narrativa é realizada pela ótica do médico alemão. Winter observa, com riqueza de detalhes, essas duas personagens que, cada qual à sua maneira, não correspondiam ao perfil das mulheres rio-grandenses.

Começamos pela neta de Ana Terra. Na opinião do Dr. Winter, “com umas duzentas matronas como aquela estaria garantido o futuro da Província.” (VERISSIMO, 2002, p.48). É evidente o sentimento de respeito e admiração que Carl Winter nutre por D. Bibiana. Considera-a dona de uma personalidade forte e persistente, uma mulher prática, que resolve os problemas sem muitos rodeios e não mede esforços para defender o que é seu.

Como residia em Santa Fé há alguns anos e freqüentava assiduamente o Sobrado, Carl Winter adquire a confiança de Bibiana, não só por ser o médico da família, mas por causa de suas opiniões lúcidas e conselhos sensatos, o que origina uma sólida e sincera amizade entre eles.

Winter acompanha de perto o plano secreto de Bibiana em reconquistar as terras de seu pai, Pedro Terra, tomadas por Aguinaldo Silva e sobre as quais o pernambucano havia mandado construir o mais imponente casarão da vila, o Sobrado. Estimulando o casamento de seu filho Bolívar com Luzia, neta de Aguinaldo, Bibiana conseguiria retomar as terras de seu pai, e, mais que isso, com a morte do pernambucano, seu filho seria dono de tudo: do Sobrado, das fazendas e das milhares cabeças de gado do sogro. E então ela, Bibiana, voltaria para a terra que sempre pertencera a sua família.

Todos os planos de Bibiana realmente se efetivam, mas não tarda muito e o preço pela conquista é cobrado: a difícil convivência com a nora. A personalidade doentia de Luzia transforma a vida de Bolívar em um pesadelo, que ia de ofensas verbais até agressões físicas e, pela primeira vez, Bibiana fala francamente com o Dr. Winter sobre a possibilidade de livrar-se de Luzia, internando-a num hospício:

Winter teve uma repentina sensação de frio interior. E refletiu imediatamente: “Com Luzia no hospício, D. Bibiana completa a sua conquista do Sobrado”. Mau grado seu, sentiu-se chocado. Costumava considerar-se um realista e encarar as criaturas humanas com cinismo, sem nunca esperar delas nobreza de sentimentos e altruísmo. [...] A sugestão de Bibiana deixara-o quase escandalizado. Habitara-se a ver nela uma mulher de caráter e – oh, as frases feitas, os sentimentos feitos! – de coração bem formado. Via-a agora como sob uma nova luz fria, crua e reveladora: tinha a medida exata de sua capacidade de ódio. Mas... por que não virar a coisa do lado avesso e dizer – *de sua capacidade de amor?* Não estaria Bibiana a sugerir aquelas coisas pelo muito que amava o filho e o Sobrado? E aquela atitude não revelaria, em última análise, o espírito prático de uma mulher realista que, no dizer do povo da Província, costumava dar nomes aos bois? [...] Para a sogra – refletiu Winter – Luzia não passava duma erva daninha que vicejava maleficamente no jardim do Sobrado e que era preciso extirpar antes que ela sufocasse as plantas úteis e belas. (VERISSIMO, 2002, p.111).

Embora surpreso com a revelação da personalidade de Bibiana, Carl Winter não a recrimina. Pelo contrário, admira sua coragem em meio a uma sociedade na qual as mulheres não tinham voz e muito menos atitude. Bibiana realmente demonstrava ser uma mulher prática, persistente, que não mediria esforços para preservar sua família.

Com o nascimento de Licurgo, filho de Bolívar e Luzia, a relação entre sogra e nora fica ainda mais complicada, pois além de disputarem o filho (Bolívar), agora disputavam o neto. Bibiana queria criar Licurgo do seu jeito, porque “aquele menino que tinha o sangue do Cap. Rodrigo Cambará, ia ser o dono do Sobrado, dos campos do Angico e de milhares de cabeças de gado.” (VERISSIMO, 2002, p.125). O maior desejo de Bibiana era ver o neto crescer, tornar-se homem e encher a casa de mais descendentes do sangue Terra-Cambará.

No entanto, após a morte de Bolívar pelos capangas de Bento Amaral, Bibiana vive tempos de apreensão. Além dos conflitos com a nora, tem medo de que Luzia resolva ir embora de Santa Fé e leve o filho consigo. Sendo assim, Bibiana se encarrega de afastar, à sua maneira, todos os pretendentes que se aproximavam de Luzia, que embora viúva, ainda era jovem e bonita. Enquanto isso, os anos passam e Licurgo vai se tornando um rapaz. Sua educação escolar fica a cargo do Dr. Nepomuceno, do Pe. Otero e do Dr. Winter. Já as coisas da vida, que para Licurgo constituíam a lição mais importante, eram-lhe ensinadas por Fandango, o peão da estância.

Em conversa com Florêncio Terra, certa vez, o médico alemão explica metaforicamente a desgastante relação entre sogra e nora, utilizando a linguagem da região:

- Como é que elas vivem naquela casa, doutor?
- Odiando-se.
- Mas como é que duas pessoas que se odeiam assim podem viver debaixo do mesmo teto?
- Estão jogando uma carreira.
- Como?
- Sim, uma carreira. Não em cancha reta, mas numa cancha cheia de curvas. A raia da chegada é a morte. Só que nessa carreira quem chegar primeiro perde...
- Perde?
- O Sobrado e o menino. (VERISSIMO, 2002, p.183).

Evidentemente havia uma disputa acirrada entre as mulheres do Sobrado, e seria vencedora aquela que vivesse por mais tempo. Bibiana estava em desvantagem pela idade, tinha muitos anos a mais que Luzia, poderia morrer primeiro, entretanto, Luzia estava doente, um tumor maligno crescia em seu corpo, o que poderia encurtar-lhe o tempo de vida. E nem uma nem outra pretendia abandonar seu posto tão facilmente.

O Dr. Winter sempre falava de forma franca com Bibiana, e esta não lhe guardava mais segredos. Com os anos de convivência, a intimidade entre os dois era tamanha que já podiam entender-se apenas pelo olhar. Bibiana, sendo uma mulher reservada, que não demonstrava seus sentimentos, encontrou no médico alemão um amigo leal, discreto, para quem podia contar até seus pensamentos mais íntimos. “Vosmecê é a única pessoa que me entende direito.” (VERISSIMO, 2002, p.237). Em suas longas conversas, falavam sobre Luzia, sobre Licurgo, sobre o futuro, sobre as guerras... e Carl Winter entrevia, nas histórias contadas por Bibiana, o destino solitário das mulheres da Província de São Pedro, fadadas à eterna espera:

- De vez em quando penso na minha mãe – prosseguiu Bibiana com sua voz calma e seca, - no meu pai, na minha avó e no que eles fizeram e sofreram, e nos trabalhos que passaram. De que serviu tudo isso? Me diga, de que serviu? Aqui estamos nós sofrendo, considerando, trabalhando, esperando. Primeiro esperei o meu marido que foi pra guerra; e no dia que voltou só tive ele por uns minutos, e logo em seguida foi morto pelos bandidos dos Amarais. Esperei que o Boli nascesse, que ele crescesse e tivesse um filho. Agora Boli está morto, o filho está crescendo e eu esperando que ele fique homem. Minha avó esperou muitas vezes o filho que tinha ido pra guerra. Uma vez fiquei na minha cadeira me balançando dum lado pra outro e esperando o Boli que tinha ido brigar com os castelhanos. Agora está aí essa outra guerra braba que não acaba mais. Minha Nossa Senhora! (VERISSIMO, 2002, p.233).

Winter aconselhava Bibiana no relacionamento com Luzia e na criação de Licurgo. Desde que Bibiana fora morar no Sobrado por ocasião do casamento do filho, já haviam se passado dezessete anos. E durante esse tempo, dia após dia, sogra e nora suportavam a presença uma da outra e custosamente conviviam sob o mesmo teto. Elas representavam duas forças da mesma forma intensas, mas posicionadas em lados opostos. E Carl Winter reconhecia, que em sua curiosa neutralidade, pendia em favor de Bibiana:

- Quase dezessete anos, não, D. Bibiana?

Ela sacudiu a cabeça, devagarinho.

- É verdade. Um tempão. Nenhuma guerra, que eu saiba, durou tanto.

Winter pensou na sua curiosa situação de neutro; e reconheceu que naquele conflito ele mantinha uma neutralidade benevolente para com a sogra em detrimento da nora. (VERISSIMO, 2002, p.236).

Winter constatava que também ali, no interior do Sobrado, travava-se uma guerra. Mas não era uma guerra que se resolvia num duelo a adaga ou pistola, como costumavam fazer os homens. Para enfrentar essa guerra era necessário ter ainda mais coragem, pois acontecia dia a dia, hora a hora. Era uma guerra, na opinião de Bibiana, cuja principal arma era a paciência.

Mais do que a paciência – refletiu Winter – as mulheres tinham uma constância feroz no ódio. Não era um ódio que se concentrasse todo num ímpeto para produzir um gesto de selvagem violência. Diferente do ódio dos homens, que se fazia labareda devastadora, mas se extinguia logo, o ódio das mulheres era uma brasa lenta que ardia, às vezes escondida sob cinzas, e que durava anos, anos e anos... (VERISSIMO, 2002, p.240).

Flávio Loureiro Chaves (1972, p.81) chega a afirmar que dentre todas as guerras que envolveram os homens ao longo da narrativa, “o verdadeiro combate de O Continente – e o mais cruel de todos – não foi travado nas coxilhas, mas no interior do sobrado, entre Bibiana e Luzia”. Na luta decisiva entre as duas mulheres, estavam em jogo os próprios fundamentos regentes de *O Continente*: a posse do espaço físico, simbolizado pelo Sobrado, e a posse de uma criança, Licurgo, a garantia da descendência de Terras e Cambarás. Tratava-se, segundo o autor, de uma luta entre a vida e a morte, transferida dos campos de batalha para o conflito de dois caracteres e, o triunfo de Bibiana asseguraria a restauração e a permanência da vida.

Muitos anos depois da morte de Luzia, quando o neto já era homem feito, durante uma festa no Sobrado, ocasião em que Licurgo daria alforria a seus escravos, Bibiana conversa com Carl Winter e este percebe que havia algo preocupando a amiga:

De novo se fez silêncio entre os dois amigos. O médico reclinou a cabeça contra o respaldo da cadeira e cerrou os olhos. Alguma coisa havia acontecido, e ele sabia que Bibiana acabaria por contar-lhe tudo: era questão apenas de tempo. Podia esperar. A velha era assim. Quando estava doente – o que era raro – fazia mil rodeios antes de admitir que sentia alguma coisa; depois é que, aos poucos, ia contando suas dores, mas achando que não tinham importância, iam passar ou podiam ser aliviadas com seus chás caseiros. (VERISSIMO, 2002, p.359).

O que preocupava Bibiana era o fato de que Licurgo, mesmo de casamento marcado com a prima Alice, mantinha uma amásia e não pretendia se livrar dela. Bibiana não sabia bem o motivo pelo qual não gostava de Ismália, mas depois descobriu e revelou-o a Winter:

- Nunca me agradei da cara dessa china, a Ismália. No princípio eu não sabia por quê. Agora sei...

Ficou esperando que o Dr. Winter perguntasse: “Por quê?”. Mas ele permaneceu calado, os olhos fitos na amiga. [...] Bibiana inclinou-se para o médico e esclareceu:

- O diabo da menina tem na cara, nos olhos, no jeito, qualquer coisa que lembra a mãe do Curgo.

Winter encarou por alguns instantes a interlocutora e depois, levantando-se também, disse:

- É verdade. A Luzia não está tão morta como muita gente pensa.

Lado a lado e silenciosos, os dois amigos voltaram a passo lento para a festa. (VERISSIMO, 2002, p.366).

De fato, Luzia continuava viva na lembrança de Bibiana, povoava seus sonhos, e agora, transfigurava-se em Ismália, a amante do neto. De forma especial, a imagem de Luzia também permanecia na lembrança de Carl Winter.

Desde a primeira vez que o Dr. Winter vira a neta de Aguinaldo Silva, percebeu que estava diante de uma mulher diferente, misteriosa. Uma mulher perturbadora, que ele chega a comparar com Melpômene¹⁴, a musa da tragédia grega:

¹⁴ Segundo Luiz A. P. Victória (2000, p.96), na mitologia grega, Melpômene aparece com uma fisionomia grave e olhar severo. Ricamente vestida, numa das mãos empunha um cetro ou uma máscara, por vezes algumas coroas ou um punhal ensangüentado.

Havia naquela mulher de dezenove anos qualquer coisa de perturbador: uma aura de drama, uma atmosfera abafada de perigo. Winter sentira isso desde o momento em que pusera os olhos nela e por isso ficara, com relação à neta de Aguinaldo, numa permanente atitude defensiva. Numa terra de gente simples, sem mistérios, Luzia se lhe revelara uma criatura complexa, uma alma cheia de resfornos, uma pessoa enfim – para usar da expressão das gentes do lugar – “que tinha outra por dentro”. (VERISSIMO, 2002, p.36).

É justamente ao Dr. Winter que cabe grande parte da narração do capítulo dedicado à Luzia Silva. O médico alemão sente algo de trágico na figura de Luzia Silva e nos acontecimentos que se desenrolam perante seus olhos, no entanto, segundo Regina Zilbermam (2004, p. 92), o trágico não se localiza apenas no destino previsível das personagens, como o médico quer, mas também no andamento do drama. Carl Winter percebe as ações de Luzia e interpreta-as à luz do seu conhecimento da espécie humana e da cultura local.

Luzia fascinava todos os homens de Santa Fé, mas não somente por sua beleza. Ela tinha vindo da cidade, possuía roupas elegantes e gestos delicados, sabia falar bonito, recitar versos, era rica, e ainda por cima, tocava cítara. Luzia contrastava com o ambiente e com as pessoas de Santa Fé, era como uma personagem deslocada de seu cenário habitual.

Ao conhecê-la, Winter ficara todo alvoroçado como um colecionador de borboletas que descobre um espécime raro no lugar mais inesperado do mundo. Ao contrário, porém, do que sentiria um colecionador, não desejou apanhar aquela borboleta em sua rede: ficou, antes, encantado pela idéia de seguir-lhe o vôo, de observá-la de longe, viva e alegre. Que mistérios haveria dentro daquela cabeça bonita? (VERISSIMO, 2002, p.36).

O que mais chamava a atenção do Dr. Winter eram os olhos de Luzia. O médico não conseguia definir-lhes a cor; parecia que mudavam de cor conforme o dia. Às vezes eram esverdeados, outras vezes estavam cinzentos, mas tinham “uma fixidez e um lustro de vidro e pareciam completamente vazios de emoção”, por isso, Winter julgou-a incapaz de amor por alguém, pois olhava pessoas e objetos com a mesma indiferença. O médico gostaria de saber o que se passava nos pensamentos daquela estranha mulher. Aos poucos descobriria, mas o que pressentia dava-lhe um frio horror.

Só mais adiante é que Carl Winter pôde concretizar em sua mente a imagem da neta do pernambucano com maior clareza, e a musa da tragédia deu lugar à teiniaguá:

A vasta sala de visitas estava muito clara de sol e Carl notou que o reflexo tricolor da bandeirola duma das janelas tingia a face e o pescoço de Luzia. Uma estigmatizada – fantasiou ele. Achou-a perversamente linda. Estava ela sentada no sofá ao lado do noivo, vestida de crinolina verde, de saia muito rodada com aplicações de renda; tinha cravado nos cabelos dum castanho profundo grande pente em forma de leque, no centro do qual faiscava um brilhante. Winter pensou imediatamente na bela e jovem bruxa moura que o diabo, segundo a lenda que corria pela Província, transformara numa lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante. Como era mesmo o nome do animal? Ah! Teiniaguá. A sua Musa da Tragédia havia agora virado teiniaguá. (VERISSIMO, 2002, p.57).

A combinação de elementos: a luz refletindo no rosto da moça, a roupa de coloração verde e a pedra brilhante na cabeça, levou Carl Winter a associar Luzia à Teiniaguá, personagem da lenda que corria pela região missioneira.

Segundo Flávio Loureiro Chaves (1972, p.81), Simões Lopes Neto conheceu a lenda que há muito tempo fazia parte do folclore rio-grandense, a princesa moura transformada em lagartixa para partilhar os segredos do demônio, cuja cabeça consistia numa pedra fulgurante que cegava e destruía os homens que dela se aproximassem. Em *A Salamanca do Jarau*, Simões Lopes transpôs a fonte popular em linguagem literária e Erico Verissimo recolheu-a para construir a personagem de Luzia Silva, que deveria aparecer como reverso do eixo moral característico das descendentes de Ana Terra.

Regina Zilbermam (2004, p.91) confirma esta hipótese em estudo que compara o texto de Simões Lopes Neto com o de Erico Verissimo, e diz que o escritor de *O Continente*,

ao intitular “A Teiniaguá” o episódio em que se narram as desventuras da segunda geração dos Cambará, apropriou-se dos fatores constituintes da lenda sulina. Seu modelo, porém, não proveio da tradição popular, mas do texto elaborado por Simões Lopes, pois corroborou as alterações incorporadas ao relato folclórico, a começar pelo emprego, no título, da forma feminina.

Assim, em oposição às características de integridade moral e preservação da vida, próprias das mulheres descendentes de Ana Terra, Luzia representa a força de destruição, a própria imagem da morte. Nas palavras de Flávio Loureiro Chaves (1972, p.81), Luzia se revela “uma fêmea devoradora onde se misturam o sexo e a violência, que atrai o macho como a Teiniaguá lendária e o aniquila, pois sua força é força de destruição.”.

Da mesma forma que a feiticeira moura seduz o sacristão da lenda de Simões Lopes Neto, Luzia enfeitiça Bolívar na narrativa de Erico. Bolívar sucumbe à atração exercida pela estrangeira, que seduz e conquista quem dela se aproxima. Além do mais, seria através de Luzia/teiniaguá, que Bolívar conquistaria riqueza, a mesma pretensão do sacristão da lenda ao capturar a lagartixa, prendendo-a dentro de uma guampa.

É, contudo, no dia do noivado entre Luzia e Bolívar, acontecimento simultâneo ao enforcamento do negro Severino, que o Dr. Winter comprovaria o verdadeiro caráter da teiniaguá, testemunhando o prazer que lhe proporcionava o sofrimento alheio:

O carrasco experimentou o nó corredio e depois colocou a corda em torno do pescoço do escravo. Havia agora na praça um silêncio de cemitério. De repente um galo cantou atrás da igreja. O Dr. Winter voltou a cabeça para Luzia. E foi no semblante da teiniaguá que ele viu o resto da cena macabra. Primeiro o rosto dela se contorceu num puxão nervoso, como se ela tivesse sentido uma súbita dor aguda. Depois se fixou numa expressão de profundo interesse que aos poucos se foi transformando numa máscara de gozo que pareceu chegar quase ao orgasmo. (VERISSIMO, 2002, p.71-72).

O médico diagnostica, perplexo, a doença mental de Luzia durante o enforcamento do negro. Tempos depois, teria a confirmação do sadismo de Luzia, quando da morte de Aginaldo Silva, o avô da moça:

Winter olhava para Luzia e via que ela estava gozando naquele momento. Tinha a respiração ofegante e um brilho meio embaciado nos olhos claros. Agora, à luz das velas, Winter via-lhes melhor a cor: eram verdes, não havia a menor dúvida, dum tom que o mar assume em certos dias de sol fraco. (VERISSIMO, 2002, p.84).

Outros acontecimentos também comprovam a personalidade doentia de Luzia, a relação entre o sadismo e o prazer sexual: os depoimentos de Bibiana sobre os castigos corporais que Luzia infligia em Bolívar, a ocasião em que o casal viaja para Porto Alegre e Bolívar presencia a satisfação da mulher ao contemplar os cadáveres, vítimas da epidemia de cólera-morbo.

Dessa forma, à medida que avança a ação da narrativa, aumentam os sinais da doença mental de Luzia, e a isso vêm somar-se as dores provocadas por um tumor maligno no estômago, diagnosticado pelo Dr. Winter. O médico aliviava com remédios as dores de sua

paciente e via, sem nada poder fazer para salvá-la, que Luzia definhava aos poucos. Nem ao menos podia confortá-la com palavras, pois conhecia seu caráter e ela não as aceitaria. Luzia sentia prazer com o próprio sofrimento, numa atitude masoquista, como revela o seguinte trecho:

De resto ela gostava de falar da morte que se aproximava; era com gozo que, numa antecipação, descrevia-se a si mesma metida numa mortalha negra, dentro dum esquite, ladeada por quatro círios. Era sorrindo que antevia o velório, descrevia as pessoas que chegavam e mencionava as coisas que iriam dizer ou pensar da defunta. Em pensamentos acompanhava o próprio enterro até o cemitério, via quando desciam o caixão ao fundo da cova, ouvia o ruído covo da terra a cair na tampa do esquite. Winter estava presente quando um dia ela repetiu essa estúpida história diante do filho com tanta riqueza de detalhes mórbidos, que o rapaz rompeu a chorar e acabou fugindo da sala. (VERISSIMO, 2002, p.217).

Nos últimos tempos, Luzia estava emagrecida e pálida. A voz veludosa de viola de antes, agora estava cansada e gasta. Mas mesmo agonizante, a teiniaguá não perdia o seu feitiço, como revela Carl Winter na seguinte passagem:

Já não sabia mais ao certo o que sentia por aquela mulher. Logo que a conhecera, desejara-a fisicamente numa forma mórbida que o assustava um pouco. Depois fugira dela com certo horror. Agora o que sentia era pena mesclada de curiosidade. Sempre que a via pensava naquele tumor que lhe crescia no estômago com o viço maligno numa flor que se alimenta de carne. Era-lhe inconcebível a idéia de desejar carnalmente uma mulher em tais condições, pois isso seria quase uma inclinação necrófila... (VERISSIMO, 2002, p.220).

O sentimento que Carl Winter nutria por Luzia, desde que a conhecera, era confuso e perturbador. Sentia uma atração irresistível que o impelia a olhar para a moça. Ele próprio reconhecia que se sentia atraído fisicamente por Luzia, mas era “um desejo sem ternura, um desejo frio e perverso”. Mais uma vez a teiniaguá exercia seu poder de sedução e nem mesmo o Dr. Winter escapava desse feitiço:

Tinha uma voz grave e musical, uma voz – achava Winter – cujo registro correspondia ao da viola. Era quente, úmida, profunda, veludosa – tão excitante que parecia vir-lhe do sexo e não da boca – refletiu ainda o médico. (VERISSIMO, 2002, p.58).

Mesmo sendo o médico da família, não foi o Dr. Winter que acompanhou o parto de Luzia. Realizou-o, para alívio do médico, uma parteira da região, desobrigando Winter a ver sua musa da tragédia numa “conjuntura tragigrotesca”. Em uma carta enviada a Koseritz, Carl parece revelar, por um momento, o sentimento secreto que nutria por Luzia:

Vi-a poucas horas depois que a criança nasceu. Estava mais bela do que nunca e seu rosto parecia irradiar luz e bondade. Sim, bondade, Carl. Depois de tudo que tenho te contado dela, isso parece absurdo. Mas estou te dizendo exatamente o que senti. Nesta hora, mein lieber Baron, eu a amei. Ameia-a com ternura pela primeira vez, e esse amor durou precisamente o tempo que passei naquele quarto que cheirava a incenso. (VERISSIMO, 2002, p.115).

Numa mistura de atração física e amor proibido, afinal Luzia era esposa de Bolívar, Carl Winter prefere não se comprometer. Se algum sentimento mais forte ele nutria pela teiniaguá, prefere guardá-lo para si. No entanto, em algumas ocasiões esse desejo reprimido acaba por revelar-se de forma intensa. No enterro de Bolívar, por exemplo, Winter sente uma atração demoníaca por Luzia, que narra numa carta a Koseritz, para em seguida rasgá-la, julgando ser uma confissão muito forte:

Naquele momento, meu caro, tive um vislumbre da besta que dorme dentro de cada um de nós, e o que senti me assustou, e até agora no momento em que te escrevo ainda me perturba. É que me surpreendi a desejar violenta e carnalmente Luzia Cambará, ali no cemitério, naquele momento mesmo em que ela contemplava pela última vez o rosto do marido defunto. E de mistura com esse desejo eu senti náusea, como se meu sexo se tivesse transferido para a boca do estômago. (VERISSIMO, 2002, p.152).

De certa forma, Carl Winter e Luzia Silva apresentam algumas características semelhantes na narrativa, o que também pode justificar a atração que o médico sentia pela neta do pernambucano. Os dois são forasteiros, cuja verdadeira origem é desconhecida: Carl Winter aparece ao Rio Grande do Sul como refugiado político da Alemanha; quanto à Luzia, sabe-se que seu avô Aginaldo Silva confessa ao padre que a adotou de pais desconhecidos num colégio do Rio de Janeiro. Ambos são pessoas instruídas, com um nível de escolarização

superior às pessoas nascidas em Santa Fé. Tanto Carl Winter como Luzia apreciam as artes: música, teatro, museus, e igualmente sentem a falta dessas coisas em Santa Fé, queixando-se da vida que levavam ali, do isolamento, da escassez de informação, da distância entre os povoados, da falta de convívio social com pessoas do mesmo nível intelectual. Além disso, os dois envolvem-se em discussões políticas com os outros representantes da intelectualidade, o Dr. Nepomuceno e o Pe. Otero, sendo que Luzia é recriminada pelos moradores de Santa Fé, por se meter em conversas com homens e divulgar a convivência igualitária entre os sexos. Ambos são ateus e manifestam seus pontos-de-vista heréticos e, por fim, os dois são artistas: Winter toca violino, Luzia toca cítara, mas enquanto a mulher elabora canções, o médico apenas reproduz melodias de autores consagrados: Mozart, Schubert, Haydn.

De acordo com Maria da Glória Bordini (1995, p.222):

Luzia Silva Cambará é a contrapartida feminina de Winter, num sentido similar quanto ao fato de ser a única mulher culta do lugar, mas divergente no que diz respeito ao comportamento social. Luzia é vista pela vila como mulher “assanhada”, porque conversa sobre política, guerra e morte sem nenhuma delicadeza feminina, seduzindo os homens que a ouvem mais por sua beleza e fluência retórica do que pelas idéias que expressa e que os chocam profundamente.

Por fim, devemos ainda mencionar as primeiras impressões a respeito de outra figura feminina relevante na narrativa, a personagem Maria Valéria, realizadas também pelo Dr. Winter. A sobrinha de Bibiana, que seria sua substituta a partir de *O Retrato*, quando mocinha, tem contato com o médico alemão, principalmente durante as festas e jantares realizados no Sobrado. Em uma dessas ocasiões, Carl Winter a observa mais demoradamente:

Tinha uma simpatia particular por aquela rapariga que toda a gente achava feia, mas na qual ele descobria um encanto secreto e meio áspero, muito mais atraente para seu gosto do que a “boniteza” comum de Alice. Sempre que a via, muito alta, tesa e esbelta, o rosto alongado, os grandes olhos negros um pouco saltados, o nariz longo e fino, a boca rasgada de expressão um tanto sardônica – ele não podia deixar de fazer uma comparação: “comprida e aguda como uma lança”. (VERISSIMO, 2002, p.305).

Winter já percebia que diante dele se encontrava uma criatura complexa, uma “personalidade de pederneira”, comparada à tia Bibiana, o que vem a se confirmar na parte

final de *O Continente*. Durante o cerco ao Sobrado, Maria Valéria enfrenta Licurgo, defendendo a vida da irmã Alice e dos sobrinhos Rodrigo e Toríbio. A partir desse fato, ela assume a missão de Bibiana na preservação da vida: manter a continuidade dos Terra Cambará.

Nesse sentido, a visão de Carl Winter já previa o papel das mulheres do Sobrado para a trama de *O Tempo e o Vento*. Ao observar Bibiana e Maria Valéria, o médico alemão percebe a personalidade forte das mulheres Terra, que defendem a família e as posses a qualquer preço, seja enfrentando uma teiniaguá ou a ira de um homem macho.

Para Flávio Loureiro Chaves (2001, p.94), enquanto os guerreiros e caudilhos se destruíam na coxilha, manchando de sangue os campos, a continuidade da existência ficava assegurada pelas personalidades verdadeiramente fortes das mulheres que defendiam o Sobrado e escutavam o passar do vento na longa espera de que a paz voltasse a se estabelecer. Na opinião do autor (1976, p.87), “é nas mulheres, sempre moralmente mais fortes do que os seus homens, que se estabelece o sustentáculo do mundo que ameaça desabar” .

Sob essa perspectiva, portanto, os homens tornam-se personagens do presente, heróis e guerreiros; as mulheres tornam-se força de preservação, cabe a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro. Assim, em *O Tempo e o Vento*, como explica Flávio Loureiro Chaves, enquanto a seqüência cronológica avançava mediante lutas fratricidas de Cambarás e Amarais, gestos heróicos de Capitão Rodrigo e Licurgo, a visão do mundo de Erico Verissimo, sua crença nos valores permanentes da vida, está expressa na saga de Ana Terra, de Bibiana, de Maria Valéria:

Há um contraste explícito entre o masculino e o feminino, entre destruição e preservação, como se aí residissem os dois pólos fundamentais da existência na *visão do mundo* configurada pelo escritor. Por estranho que pareça, a vida não se resolve nos combates e guerras que engolfam os homens, mas, por assim dizer, no interior do Sobrado, onde a resistência das mulheres assegura a continuidade dos dias e das coisas. (CHAVES, 1994, p.58).

Pode-se dizer, portanto, que é na preservação da vida, garantida pelas mulheres, e não na destruição causada pelos homens mediante as guerras, que se expressa a ideologia humanista do escritor de *O Tempo e o Vento*. A personagem Carl Winter, nesse sentido, reflete a ideologia de Erico Verissimo ao entrever as forças de destruição e preservação que se

manifestavam no Sobrado, ao perceber o papel dos homens e das mulheres na configuração da Província de São Pedro.

3.3 Admiração e rejeição

Como um europeu cidadão do século XIX, Carl Winter via o Brasil como um lugar pouco civilizado, habitado por “selvagens” e “bárbaros”, atrasado na escala do progresso se comparado com a Europa, e ainda, via o ambiente rural do Rio Grande do Sul como um espaço tosco, associado ao atraso cultural e tecnológico. Entretanto, sentia-se inexplicavelmente atraído pelo primitivismo do lugar e das gentes da Província, curioso por descobrir suas particularidades.

Cabe lembrar que essa idéia sobre a sociedade brasileira/rio-grandense não povoava, unicamente, os pensamentos de nosso ilustre doutor, ou seja, essa representação não pertencia a um indivíduo isolado, mas fazia parte de toda a mentalidade da época, estando cristalizada no imaginário da sociedade européia.

Como já mencionamos anteriormente, a Europa do século XIX julgava-se civilizada e culta, digna, portanto, de nomear e explorar os exóticos países do Novo Mundo. Para João Cláudio Arendt e Cinara Pavani (2006, p.31), com base nos estudos de Baczkó e Maffesoli, a sociedade elabora representações que não só dão múltiplos significados à realidade, como também definem a própria ação que nela se concretiza. Essas noções, por sua vez, são incorporadas ao acervo simbólico que compõe o imaginário social das coletividades e que serve como referência para a atuação dos indivíduos.

Para Bronislaw Baczkó (1986, p.311), o imaginário é responsável pelas representações coletivas de uma determinada sociedade, contribuindo para a organização da própria vida social. O imaginário tem a capacidade de regular a vida coletiva, designando identidades, estabelecendo e distribuindo papéis sociais, exprimindo mitos que orientam as crenças de um povo, e construindo códigos de comportamento. De acordo com esse autor, através do imaginário social, uma sociedade consegue organizar-se de tal modo que cada indivíduo encontra nela seu papel, sua identidade. A construção da identidade, por sua vez, está relacionada à delimitação de um território e à definição de imagens acerca dos que pertencem ao grupo ou não, dos amigos e inimigos, dos aliados e rivais.

Na definição de Michel Maffesoli (2001, p.4), o imaginário pode ser entendido como uma construção mental, uma aura ou uma atmosfera, que envolve e ultrapassa os elementos

materiais da cultura, constituindo o estado de espírito de um povo. Nesse sentido, o imaginário é sempre coletivo, pois é composto por um conjunto de imagens armazenadas pela experiência coletiva, capaz tanto de orientar a ação dos indivíduos, como determinar a produção de novas imagens.

Baseados nas definições desses autores, João Cláudio Arendt e Cinara Pavani (2006), afirmam que é dentro desse processo de representações coletivas que se elaboram também os imaginários da cidade e do campo:

Eles são responsáveis pela organização da vida social, atribuindo sentido às identidades construídas dentro de cada um desses espaços, estabelecendo limites, construindo referências, modelando comportamentos e impulsionando a ação dos indivíduos. Em outros termos, os imaginários determinam a construção de significados para os diversos espaços em que se inscrevem as ações humanas. (ARENDR; PAVANI, 2006, p.31).

Assim, para o imaginário urbano, o campo tanto pode figurar como um espaço bucólico, onde se idealiza o contato com a terra, a harmonia entre o ser humano e a natureza, num esforço de resgate de raízes telúricas e primitivas relacionadas à origem da humanidade, como também pode figurar como espaço canhestro e atrasado, estando associado ao atraso cultural e tecnológico, à subordinação mental e à vida precária.

De fato, no imaginário de Carl Winter cabem as duas representações. Num primeiro momento, insatisfeito com os acontecimentos na Alemanha, ele vem ao Brasil para recomeçar a vida, para esquecer um amor fracassado no contato com o diferente, num ambiente paradisíaco, acolhido pela natureza exuberante. A simplicidade da vida no campo deixava-o fascinado e o prendia irresistivelmente a Santa Fé, como se lê nesse trecho:

A luz da tarde era doce, e andavam por toda a paisagem uns lilases rosados positivamente fantásticos. Winter achava um grande encanto naqueles quintais quietos ao anoitecer. Um porco fossando na lama, uma galinha bicando o chão, um passarinho piando numa árvore, uma criança nua a brincar com um osso, um cão vadio dormitando num vão de porta – tudo isso eram coisas que o deixavam inexplicavelmente enternecido. (VERISSIMO, 2002, p.83).

A contemplação da natureza quase intocada, a rusticidade das coisas e o ser humano em um estado mais primitivo conduzem Carl Winter, de certa forma, a uma volta ao paraíso

perdido, onde homem e natureza formavam um amálgama indissolúvel, idéia originada com Rousseau e propagada pelo Romantismo, como já demonstramos anteriormente.

A busca pelas sociedades remotas manifesta-se explicitamente na vontade de Carl Winter em conhecer as ruínas das Missões jesuíticas. Diante dos templos abandonados, semi-destruídos e, em certas partes, já cobertos pela vegetação, o médico alemão começa a fazer considerações sobre o tempo e a História:

De certo modo o tempo histórico dependia muito do espaço geográfico. Na Europa agora a humanidade se achava em pleno século XIX. Mas em que idade estariam vivendo os habitantes de Santa Fé e da maioria das vilas, cidades e estâncias da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul? Existiam vastas regiões do globo que ainda se encontravam no terceiro dia da Criação. E o viajante que em meados do século XVIII visitasse os Sete Povos das Missões, haveria de encontrar ali uma esquisita mistura de Idade Média e Renascimento, ao passo que se se afastasse depois na direção do nascente ele como que iria recuando no tempo à medida que avançasse no espaço, até chegar ao Continente de São Pedro do Rio Grande, onde entraria numa época mais atrasada em que homens vindos do século XVIII com suas roupas, armas, utensílios, hábitos e crenças se haviam estabelecido numa terra de tribos pré-históricas, onde ficaram a viver numa idade híbrida. (VERISSIMO, 2002, p.88).

O mesmo sentimento de fascinação perante o ambiente rural, ainda não corrompido pelos centros urbanos, e alheio às transformações impostas pela industrialização, pode ser visto nesta outra passagem, que corresponde a uma carta enviada por Carl Winter a Koseritz:

Se te contarem, Carlos, que morri embriagado numa sarjeta em Santa Fé, podes acreditar na história, apenas com uma restrição: é que em Santa Fé não tem sarjetas pela simples razão de que não tem calçadas, como não tem também lampiões nas ruas, e como, em última análise, não tem nada. Talvez seja essa carência de tudo que me fascina e prende. (VERISSIMO, 2002, p.116).

Entretanto, não demora muito para o encantamento inicial diante do primitivismo de Santa Fé ceder lugar a um sentimento de repugnância. E o que antes despertava curiosidade em Carl Winter, em um segundo momento, o deixa aborrecido e entediado. A partir daí, o médico alemão passa a criticar o povo rio-grandense pela carência cultural, pelo descaso em relação ao futuro, e associa o ambiente rural do Rio Grande do Sul, representado na narrativa

pelo povoado de Santa Fé, a um espaço atrasado, ligado à subordinação mental e à vida precária.

Porém, da mesma forma com que Carl Winter rejeitava a vida no campo, alguns moradores de Santa Fé também rejeitavam o espaço urbano. Para o imaginário rural, conforme João Cláudio Arendt e Cinara Pavani (2006, p.32), o centro urbano é visto como o espaço que centraliza o comércio, as novidades tecnológicas, as decisões políticas; é sinônimo de progresso, de futuro, de emancipação mental e de vida sofisticada. Mas a cidade também pode figurar como um lugar demoníaco, de perdição, como nos tempos bíblicos da Babilônia, onde os indivíduos caem em desgraça perdendo seus valores religiosos, familiares e morais. Assim, desde os tempos remotos, as cidades estão associadas ao vício e ao pecado, e colocam-se como referência negativa para a construção da identidade por parte dos habitantes do meio rural.

E é dessa forma que os moradores de Santa Fé vêem as pessoas ou coisas vindas da cidade, como sinais de perdição e pecado. Um exemplo dessa representação, podemos observar na apresentação da personagem Luzia Silva, a contrapartida feminina de Carl Winter, também uma forasteira e representante da cultura erudita. Os seus “modos de cidade” causam pavor entre a gente do povoado, como mostra a seguinte passagem:

As mulheres reparavam nos seus vestidos, nos seus penteados, nos seus “modos de cidade”, mas, bisonhas, não tinham coragem de se aproximar da recém-chegada, tomadas duma grande timidez e duma sensação de inferioridade. Em muitas esse acanhamento se transformava em hostilidade; noutras tomava a forma de maledicência. Luzia era rica, era bonita, tocava cítara – instrumento que pouca gente ou ninguém ali na vila jamais ouvira, - sabia recitar versos, tinha bela caligrafia, e lia até livros. [...] Para alguns severos pais de família tudo aquilo que a forasteira era e tinha constituía uma extravagância ostensiva que os deixava até meio afrontados. E quando viam Luzia metida nos seus vestidos de renda, de cintura muito fina e saia rodada; quando aspiravam o perfume que emanava dela, não podiam fugir à impressão de que a neta do pernambucano era uma “mulher perdida” e portanto um exemplo perigoso para as moças do lugar. (VERISSIMO, 2002, p.17).

Bibiana, a matriarca da família Terra Cambará, diversas vezes manifesta seu repúdio às novidades vindas da cidade, mesmo que fossem coisas que trariam um maior conforto ou melhorariam as condições de vida em Santa Fé. Ela expressa essa opinião durante um almoço no Sobrado, ocasião em que estavam presentes Luzia, Bolívar e o Dr. Winter. Quando a nora

queixa-se pela falta de teatros, concertos e bailes em Santa Fé, Bibiana secamente responde: “- Há pessoas que passam muito bem sem festas.”(VERISSIMO, 2002, p.101). Quando, em seguida, o Dr. Winter fala na possibilidade de organizar uma banda de música, a neta de Ana Terra retruca: “- Temos vivido muito bem até agora sem banda de música”(p.102). A conversa entre as personagens continua a respeito dos progressos que estavam sendo implantados no Brasil, como a estrada de ferro e a iluminação a gás, inventos que trariam muito conforto às populações e que, com o tempo, beneficiariam também Santa Fé. Para indignação dos que estavam à mesa, a dona da casa intervém:

-Minha avó morava num rancho perdido no meio do campo – disse Bibiana – alumiado de noite por uma lamparina de óleo de peixe feita numa guampa. Não acho que mais luz ou menos luz possa fazer uma pessoa mais feliz ou infeliz. [...] quando Santa Fé ficar mais grande vai haver muito mais maldade, muito mais bandalheiras que agora. [...] Às vezes acho que é até melhor uma pessoa não ser instruída, não saber ler. Os livros estão cheios de porcarias e perversidades. (VERISSIMO, 2002, p.105).

De forma alguma Carl Winter concordava com a posição radical de Dona Bibiana ao repudiar os benefícios que as invenções da humanidade poderiam trazer também para os moradores da zona rural. Muito menos concordava com a manutenção do analfabetismo na Província, porém, como conhecia bem a amiga, entendia e respeitava sua opinião.

Na narrativa de *O Continente*, portanto, o Dr. Winter representa o cidadão, a pessoa instruída e viajada que não se satisfaz com a vida monótona, rústica e desprovida de eventos culturais de Santa Fé. Nesses momentos em que o médico alemão exterioriza seus pensamentos e analisa de forma crítica a sociedade rio-grandense, parece que a voz da personagem confunde-se com a voz do narrador.

Como se sabe, o narrador de *O Tempo e o Vento* é Floriano, filho de Rodrigo Terra Cambará, primeiro da estirpe Cambará que possui curso superior, com diploma de médico. Quem é Floriano senão o moço que abandona o interior do Rio Grande do Sul para estudar em Porto Alegre, viaja para capital do Brasil, o Rio de Janeiro, mora nos Estados Unidos por alguns anos e, ao voltar, rejeita o modo de vida rural e rudimentar, baseado no machismo, na violência e na inaptidão ao progresso, que apesar dos anos decorridos ainda caracterizava Santa Fé?

Cabe a ele, último descendente da família Cambará, protagonista de *O Arquipélago*, fazer a retrospectiva, analisando a história de seus ancestrais, para escrever um romance que

representasse a formação da Província de São Pedro, desde 1745 até o momento da escritura. E a primeira frase de seu livro é justamente aquela que dá início à trilogia de Erico Verissimo: “Era uma noite fria de lua nova. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado”. Assim, confirma-se a estrutura cíclica de *O Tempo e o Vento* e se comprova que a personagem Floriano é um alter-ego do próprio escritor. Dessa forma, ao adotar o ângulo do personagem/narrador, Erico Verissimo manifesta-se contra a violência e ao fazê-lo, questiona o código ético do espaço retratado.

No entanto, para escrever a trilogia sobre a formação do Rio Grande do Sul, Erico Verissimo precisou, primeiramente, superar certas resistências interiores que o faziam aderir ao cosmopolitismo, repudiando a vida campeira, da qual sua família era representante. Em seu livro de memórias, assim ele declara:

Apesar de ser descendente de campeiros, sempre detestei a vida rural, nunca passei mais de cinco dias numa estância, não sabia e não sei ainda andar a cavalo – para escândalo e vergonha de meu avô Aníbal – desconhecia e ainda desconheço o jargão gauchesco. (VERISSIMO, 1994, p.288).

No início de sua carreira como escritor, Erico Verissimo rejeitava a vida rural do Rio Grande do Sul. Causava-lhe repugnância o trabalho no campo, o contato com os animais cujo cheiro ficava impregnado nos homens somando-se ao odor dos cigarros de palha, a aspereza das relações, o machismo, as guerras, a falta de erudição. Erico sentia isso quando observava os integrantes de sua própria família.

Em certa ocasião, estando na casa do avô materno, Erico recebe a visita de seu tio Tancredo Lopes, que entra na sala com a roupa molhada de chuva, de botas embarradas e fumando seu cigarro de palha. Sentando-se no sofá, sem querer, quebra um disco de Beethoven pertencente a Erico. Esse fato deixa o escritor profundamente desgostoso e está registrado em *Solo de Clarineta*:

E naquele momento senti, mais que nunca, que jamais poderia escrever o que quer que fosse sobre a gente da campanha. Faltava aos nossos “guascas” densidade psicológica, esse tipo de conflito capaz de produzir drama. Sobre homens assim vazios – concluí então, levianamente - era impossível escrever um romance que tivesse caráter e nervo. (VERISSIMO, 1994, p.290).

A ocasião tragicômica fica registrada na memória do escritor e, passados mais de quinze anos, já com o projeto da trilogia em mente, Erico lembrava-se daquele fato e percebia que, enquanto ele vivia num mundo de ficções, “alimentado por livros, discos, revistas, pinturas e fantasias”, seu tio Tancredo Lopes, com aquelas mãos rudes e fortes, era um homem que produzia coisas concretas, criava gado, fazia tropas, plantava, colhia, enfim, tinha muito mais utilidade social. Era também um ser humano, que tinha seu código de honra, sua integridade. A partir disso, Erico Verissimo viu que era possível sim escrever um romance sobre o povo rio-grandense:

Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro” os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra, que eu tinha de lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente. Talvez o drama de nosso povo estivesse exatamente nessa ilusória aparência de falta de drama. (VERISSIMO, 2002, p.291).

Erico se deu conta então da riqueza e da profundidade do conteúdo que tinha em suas mãos, pronto para ser transformado no que seria a maior saga do povo rio-grandense: “Idiota! Como era que eu não tinha visto antes toda essa riqueza? [...] Era o meu povo. Era o meu sangue. Eram as minhas vivências, diretas ou indiretas, que por tanto tempo eu renegara.” (VERISSIMO, 1994, p.292). E, assim, tio Tancredo forneceu a Erico a chave com que ele abriu as portas do Sobrado dos Terra Cambará e as personagens foram surgindo de sua memória, de suas vivências. Durante os três anos que Erico viveu na casa de seu avô materno, ele foi aprendendo a observar e a admirar a gente da Província: “Assim, o velho Aníbal foi, sem querer nem saber, uma espécie de intérprete, de ponte entre este seu neto cidadão e a terra e a gente do Rio Grande.” (VERISSIMO, 1994, p.295).

Transformando-se, depois, em personagem de sua narrativa, colocando-se na pele do “outro”, Erico Verissimo foi capaz de compreender aquela sociedade que durante tanto tempo havia renegado, e fazendo isso, passou a aceitar a si próprio e a suas origens, ficando em paz com seu povo. Entretanto, não foi louvando as guerras e os “heróis” ou reproduzindo literariamente seus mitos que o romancista interpretou a História do Rio Grande do Sul, mas revelando o papel das mulheres que, em sua solidão e perseverança, representaram a resistência, a força de preservação. Assim, em *O Tempo e o Vento*, a celebração da saga dos

grandes estancieiros cedeu lugar a uma corrosiva visão da decadência de um mundo, destruído pela dispersão familiar, pela perda da grandeza e pela corrupção dos valores éticos.

Da mesma forma que a personagem Floriano, Carl Winter tinha sua visão do mundo baseada no pacifismo e rejeitava a violência das guerras que perseguiram os rio-grandenses como uma maldição. Ambos manifestam a mesma indignação perante o descaso dos rio-grandenses em relação às formas artísticas: literatura, música, teatro, o que configurava uma sociedade vazia de cultura. Tanto um como outro tiveram experiências que lhes permitiram conhecer outros lugares, pessoas de outras culturas, realidades diversas, e por causa disso, sentiam-se, por assim dizer, deslocados no ambiente em que viviam, “peças soltas” no mundo restrito de Santa Fé. Os dois expressam seus pensamentos de forma escrita, Carl Winter nas cartas enviadas a Koseritz; Floriano através das anotações no Caderno de pauta simples. Além disso, ambos permanecem solteiros e encerram em seus corações um amor interdito, Floriano por Sílvia, mulher de seu irmão, e Carl Winter pela Teiniaguá.

Nesse sentido, se em certos momentos a voz da personagem Carl Winter se confunde com a do narrador de *O Tempo e o Vento*, a figura do médico alemão serve, então, de porta-voz de Erico Verissimo em uma etapa em que Floriano, alter-ego do romancista, ainda não podia aparecer no enredo, já que em *O Continente*, se estava contado a história de sua trisavó Bibiana, de seu avô Licurgo. Assim, até que não chegasse o momento de se incluir Floriano na narrativa, a função de analisar criticamente a sociedade rio-grandense cabe ao Dr. Winter, já que ambos apresentam uma visão do mundo similar. Dessa forma, não é errado dizer que a personagem Carl Winter também seja um alter-ego de Erico Verissimo, representando o erudito, o viajado, o cidadão, o intelectual que apresenta um olhar diferenciado sobre a antiga Província do Rio Grande de São Pedro e sua gente, ora admirando-a ora rejeitando-a.

Se prestarmos atenção na biografia de Erico Verissimo, veremos que algumas de suas características são transferidas para a personagem Carl Winter: a erudição; o gosto pela literatura dos românticos alemães; a música de compositores como Mozart e Beethoven, que se faziam ouvir enquanto o escritor trabalhava; a experiência da viagem internacional (Erico publica a primeira parte da trilogia em 1949, após voltar dos Estados Unidos).

A declaração de Erico Verissimo a respeito da personagem pode confirmar a hipótese de Carl Winter ser, juntamente com Floriano, um alter-ego do romancista: “Quanto às suas idéias e reações ao ambiente, não seria ele o porta-voz de minha antiga relutância em aceitar o Rio Grande e o seu povo? Não representaria o estrangeiro, o exótico, o civilizado, o erudito?” (VERISSIMO, 1994, p.300).

É nesse sentido, portanto, que a personagem Carl Winter adquire uma importância tal na estrutura narrativa de *O Continente*, que nos impede de classificá-la como secundária. Sem a participação do médico alemão no enredo da trilogia, não se realizaria a configuração do painel físico e social de Santa Fé e, por conseguinte, do Rio Grande do Sul. Erico Verissimo analisou a sua terra e a sua gente, concedendo a Carl Winter a missão de comentá-las, a fim de proporcionar ao leitor uma interpretação da História do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: HISTÓRIA E LITERATURA

Como vimos, a personagem Carl Winter é representativa de um evento realmente ocorrido em nosso Estado: a imigração alemã. Isso porque, na trilogia *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo procurou representar intencionalmente a formação do Rio Grande do Sul num período de tempo de duzentos anos, compreendido entre 1745 e 1945. Tem-se, nesse caso, a inserção do histórico na obra de ficção, já que a narrativa pode ser lida como a crônica histórica da formação da sociedade gaúcha.

Na escritura desse romance histórico, o autor apropriou-se de figuras e fatos da realidade para construir enredo e personagens capazes de conferir verossimilhança à narrativa, visando convencer o leitor de que os fatos narrados tivessem realmente ocorrido, de que os seres apresentados tivessem de fato existido. No entanto, trata-se de um texto literário, em que a ficção conduz o destino das personagens, sejam elas totalmente imaginadas ou inspiradas em modelos historicamente reais.

É nesse sentido que História e Literatura não podem ser confundidas, já que a primeira opera com dados da realidade a fim de produzir conhecimentos objetivos, e a segunda, sendo produto da imaginação do escritor, não possui nenhum compromisso com o real, tampouco com o rigor científico, adquirindo plena liberdade para misturar fatos e figuras históricas com acontecimentos e personagens fictícias, estando, dessa forma, mais ligada à subjetividade.

Aristóteles, na *Poética*, já afirmava que literatos e historiadores deveriam possuir finalidades diferentes em seus respectivos trabalhos:

Não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa, diferem sim, em que um diz as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. (ARISTÓTELES, 1996, p.78).

Em outro momento, Aristóteles acrescenta que a poesia (tomada aqui no sentido de texto literário), é algo mais filosófico e mais sério que a História, pois a primeira refere principalmente o universal e a segunda o particular. Por “referir-se ao universal” entende-se a coerência, a íntima conexão dos fatos e das ações, as próprias ações ligadas entre si por

relações de verossimilhança e necessidade. A oposição entre texto literário e História, exprime-se, assim, pela oposição entre o acontecido e disperso no tempo (História) e o acontecível, ligado por conexão causal (texto literário). “Acontecido” e “acontecível” são ambos verossímeis, mas só os elementos ligados por conexão causal, são necessários. Ou seja, pelo dado da verossimilhança, haveria um ponto de contato entre História e Literatura; contudo, a última ultrapassaria a primeira, na medida em que o âmbito do acontecível excede o do acontecido.

No entanto, ao se repensar essa antiga relação, percebe-se que ambos, tanto o relato historiográfico quanto o texto literário são produzidos sob a forma de narrativa, abrindo-se caminho para novas discussões sobre seus tênues limites. Hayden White (1994), ao discutir a construção do relato histórico afirma que a História só é acessível por meio da linguagem, pois a experiência da história não pode ser dissociada do discurso sobre ela. Assim, “apenas ao serem transformados em assunto do discurso histórico que nossa informação e nosso conhecimento sobre o passado podem ser considerados históricos.”

Entretanto, segundo o autor, o discurso histórico não produz informações novas sobre o passado, ele produz interpretações sobre a informação ou o conhecimento do passado que o historiador possui, e completa:

A história é antes de mais nada um artefato verbal, produto de um tipo especial de uso da linguagem, devendo ser analisado como uma estrutura de linguagem, que como a fala metafórica, a linguagem simbólica e a representação alegórica, sempre significa mais do que literalmente diz, diz algo diferente do que parece significar, e só revela algumas coisas sobre o mundo ao preço de esconder outras tantas. (WHITE, 1994, p.26).

Nessa perspectiva, se por um lado não podemos confundir História e Literatura, visto que a possibilidade de produzir conhecimentos científicos é característica exclusiva da primeira, por outro lado, as duas são construídas como textos narrativos, pressupondo um narrador inserido num contexto social, político, econômico e cultural, recebendo a influência desse contexto e possuindo uma intencionalidade.

Essa relação aprofunda-se pelo fato de o texto literário, surgido em uma dada circunstância, implicar sempre uma referência à História. Ou seja, é produzido por um sujeito também histórico, o escritor, que contextualizado em determinada época e sociedade, é

sensível ao que ocorre a sua volta, reproduzindo suas vivências, sentimentos e impressões acerca da realidade na forma de narrativa literária.

Dessa forma, tanto a História quanto a Literatura operam com representações da realidade e não com o real propriamente dito. Indiscutível e concreto é o evento histórico tal como aconteceu num tempo e espaço determinados, mas tanto historiadores quanto literatos fazem uma leitura desse evento, representando-o através do uso da linguagem. Como lembra Sandra Pesavento (1997, p.249), “toda experiência passada nos chega sob a forma de discurso ou de imagem, ou seja, como representação de algo que já foi”.

Dado o pressuposto de que as representações da realidade realizadas pelos indivíduos sofrem influências do contexto social, político, econômico e cultural, pode-se pensar em diferentes leituras de um mesmo evento histórico, diferentes perspectivas de apreensão do real. Assim, não é impossível que ocorram divergências entre a representação criada por um historiador e a representação criada por um escritor sobre o mesmo evento.

Nesse sentido, a Literatura como forma de representação da realidade, mesmo sendo ficção, pode funcionar como um instrumento para reavaliar o texto historiográfico, convencionalmente tido como verdade, lançando-lhe novos olhares, questionando-o ou revelando aspectos por ele omitidos. Para Maria Teresa Freitas (1991, p.172), “uma obra não se reduz àquilo que a condiciona: ela se inscreve num meio e num contexto, mas esse meio ela o preenche à sua maneira; esse contexto, ela o elabora segundo modalidades que lhe são próprias.”.

A trilogia *O Tempo e o Vento* apresenta a desmistificação da História rio-grandense mostrada na decadência e falência moral do sistema patriarcal da sociedade gaúcha através das gerações, destacando o papel das mulheres e personagens secundárias como imigrantes e negros, como elementos importantes na constituição social, econômica e cultural rio-grandense. O depoimento de Erico Verissimo sobre sua intenção de escrever um romance histórico que proporcionasse uma revisão da História do Rio Grande do Sul está contido em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta* (1994, p.289): “concluí então que a verdade sobre o passado do Rio Grande do Sul devia ser mais viva e bela que sua mitologia. E quanto mais examinava a nossa História, mais convencido ficava da necessidade de desmistificá-la”.

Essa decisão, segundo Regina Zilbermam (2004), pode estar associada a um quadro histórico literário mais abrangente: desde o século XIX, o passado rio-grandense constituía assunto de ficção local, sendo a Revolução Farroupilha o episódio preferido dos escritores que o engrandeciam e elevavam-no segundo uma ótica que, para Erico Verissimo, provavelmente pareceu mitificadora e falsa. A década de 1930, na qual se deu a formação do escritor e

quando a Revolução Farroupilha completava seu centenário, foi pródiga em livros de ficção cujo pano de fundo foi fornecido pela História do Rio Grande do Sul, obras que podem ter influenciado Erico Verissimo, a exemplo de *Romance Antigo*, de Darcy Azambuja, e *Tiaraju*, de Manoelito de Ornellas, apenas para citar dois.

Podemos dizer, então, que um dos recursos utilizados por Erico Verissimo para desmistificar a História do Rio Grande do Sul foi a apropriação do evento da imigração européia ao Estado. Os imigrantes açorianos, germânicos e italianos presentes na narrativa de *O Tempo e o Vento* refletem o desenvolvimento desses grupos na formação da sociedade gaúcha. O escritor destaca o contraste entre a sociedade patriarcal e os imigrantes sobretudo pelas atividades de sustento de cada grupo: os gaúchos típicos dedicavam-se à criação de gado, já os imigrantes concentravam-se no trabalho agrícola.

Enquanto os imigrantes e seus descendentes prosperavam economicamente ampliando as plantações, diversificando as culturas agrícolas, abrindo estabelecimentos comerciais e iniciando a industrialização de produtos, o sistema quase feudal da antiga estrutura sócio-política gaúcha entrava em declínio. Aos poucos, os colonos, depois de vencerem todos os desafios impostos pela adaptação à nova terra, foram reclamando seu lugar também na sociedade rio-grandense. Penetraram na zona urbana, conquistaram espaço comercial, social e político, fizeram-se membros do Clube do Comércio e venceram resistências e preconceitos de toda sorte à medida que sua prosperidade econômica se refletia na maneira como andavam vestidos, em suas casas e automóveis.

Dentro da imigração alemã representada na narrativa, as famílias Spievogel, Schultz e Kern são exemplos da ascensão dos imigrantes na hierarquia social rio-grandense. Com essa ascensão veio também a contribuição cultural dos imigrantes para o povo gaúcho, a disseminação dos bailes de *Kerb*, da culinária, das festividades, o gosto pela música com a difusão das vitrolas, operando uma lenta e irreversível transformação na sociedade.

Nesse contexto, Erico Verissimo cria personagens que representam a grande massa de imigrantes alemães chegados ao Rio Grande do Sul, formada por camponeses e artesãos que, primeiramente dedicaram-se à agricultura, vivendo isolados em suas colônias, alheios à sociedade gaúcha e que, pouco a pouco, deixaram para trás as roças e foram ganhando espaço nas cidades. No entanto, a habilidade do escritor de interpretar o evento histórico vai além da mera incorporação de personagens representantes da imigração alemã. Através deles, Erico Verissimo revela o desprezo com que a classe patriarcal rio-grandense via os estrangeiros, aquela “alemoada do diabo” que dia após dia ameaçava seu poder econômico e político,

reproduzindo também o mal-estar que se originou devido às diferenças culturais, fatos que a historiografia na maioria das vezes omite.

Nesse sentido, a História pode fornecer dados que são utilizados pelo escritor de forma a conferir maior verossimilhança à obra literária. Esses dados podem ser eventos, datas, pessoas, lugares, que, misturados a elementos fictícios configuram um romance histórico, a exemplo de *O Tempo e o Vento*. Nesse caso, o romance toma emprestado da historiografia as representações que ela produziu sobre o passado, interpretando-as e atribuindo-lhes novos sentidos.

Como lembra Mário Maestri (2004, p.18), a produção de um romance histórico exige que o escritor realize uma investigação sistemática sobre a época que pretende abordar, pois a obediência à verossimilhança constitui respeito ao espírito e às tendências profundas da época representada. Num trabalho de cientista social, o escritor irá selecionar nos documentos, nas biografias, nos relatos de viajantes, na historiografia e nos seus conhecimentos e idéias sobre o passado, o material com o qual construirá seus enredos, personagens, paisagens e cenários.

Contudo, diferentemente do cientista social, que arrola, descreve, disseca, hierarquiza e generaliza os fatos históricos, fugindo da individualização, para alcançar o geral, o escritor seleciona e anima ficcionalmente fatos e personagens, em profunda conformidade com a experiência histórica real, para alcançar, através do individual, o mesmo universal. A Literatura, através da transfiguração essencial da realidade, serve-se de personagens que recriam, na singularidade de suas ações, as tendências gerais dos indivíduos de sua classe.

Isso não significa dizer, no entanto, que tanto mais histórico será o romance quanto mais fiel for à realidade, ou quanto mais elementos da História contiver em sua estrutura. Como aponta Flávio Loureiro Chaves (1999, p.21):

não é histórica aquela literatura que compete com a crônica pura e simples dos fatos ou inclui em sua matéria eventos e figuras decalcadas diretamente sobre a existência real. Entretanto poderá sê-lo (e com mais força de convicção) aquela que, embora totalmente fictícia, assuma como preocupação central a História e a expressão de uma visão histórica.

Além de representar o processo de imigração e colonização do Rio Grande do Sul na trilogia *O Tempo e o Vento*, dentre o grupo de imigrantes alemães Erico Verissimo escolhe um em especial, o Dr. Carl Winter, a quem dá voz e destaque na primeira parte da narrativa. Nessa personagem se concentra o ponto máximo de interpretação do evento histórico pelo

escritor, que não só se apropria da temática da imigração alemã transpondo-a ao texto literário, como é capaz de conferir-lhe uma nova versão.

Mencionamos, ao longo da dissertação, que Carl Winter não corresponde ao perfil de imigrante alemão descrito pela historiografia, ou seja, não era camponês nem artesão, não emigrara para o Brasil expulso pela miséria e pela fome, não tinha intenção de fixar raízes em solo brasileiro. Dessa forma, não representava ameaça nenhuma à classe patriarcal gaúcha, já que não concorria economicamente com ela a exemplo de seus conterrâneos, sendo poupado do desprezo por parte dos rio-grandenses, do qual os colonos eram vítimas. Carl Winter era médico, culto e inteligente, solteiro e sem filhos, o que facilitava sua aceitação no povoado de Santa Fé.

Dessa forma, Carl Winter assim como seu amigo Carl Von Koseritz integram um grupo de imigrantes que abandonaram a pátria por motivos de outra ordem, geralmente de foro íntimo, e, dotados de uma visão do mundo mais abrangente, proporcionada por uma intensa formação intelectual, mostraram-se pessoas insatisfeitas com a realidade circundante, recorrendo à viagem como forma de mudar de vida, encontrar novas realidades, tomar contato com novas culturas.

A insuportável insatisfação perante a vida, própria do período romântico, fez Carl Winter emigrar ao Brasil imiscuído nas grandes levas de colonos. No entanto, tão logo desembarcou, dispersou-se do grande grupo, preferindo viver em meio aos nativos. Tratava-se de um espírito curioso, não apegado a bens materiais, que entre o atendimento aos pacientes e as leituras, ocupava seu tempo em desvendar os meandros da alma humana, analisando profundamente o povo que o acolhia. E é exatamente essa versão da imigração, não abordada pela historiografia, que Erico Verissimo escolhe para a gênese da personagem.

Nessa perspectiva, Carl Winter transita entre o imigrante alemão e o nativo rio-grandense. Ele é um estrangeiro, mas não se identifica com seus conterrâneos das colônias e, mesmo depois de anos de convivência, não se sente completamente adaptado à população de Santa Fé. É essa posição intermediária que Erico Verissimo explorou com maestria. Sem efetiva identificação com nenhum dos dois grupos, Carl Winter é a voz imparcial capaz de analisar criticamente tanto os imigrantes alemães quanto a sociedade gaúcha. É o olhar de estrangeiro de Carl Winter que Erico Verissimo toma emprestado para manifestar sua própria visão do mundo sobre a sociedade na qual se sentia como uma “peça solta”.

Em função disso, justifica-se, na narrativa, a opinião de uma personagem instruída, viajada, sensível para captar as peculiaridades do ser humano e crítica o suficiente para interpretá-las. Daí, a observação do povo rio-grandense como uma sociedade “tosca e

carnívora”, formada por gente rude e primária, por homens machos, cuja honra maior consistia em pelear numa batalha, e por mulheres melancólicas que não tiravam o luto do corpo. Daí a crítica a um povo marcado pela violência e pela morte, onde as guerras regulavam o passado e o futuro, atravancando o progresso da região, destinando-a ao isolamento e à carência cultural.

Sendo assim, Erico Verissimo ultrapassa o dado histórico para oferecer uma visão do mundo. O olhar de estrangeiro de Carl Winter é, em última análise, o ponto-de-vista do próprio escritor, que revela seus valores humanistas ao criticar a destruição física e espiritual causada pelas guerras, ao acreditar na preservação da vida a qualquer preço. É ainda nesse processo que se faz a desmistificação da própria História do Rio Grande do Sul.

Em síntese, podemos dizer que na construção da personagem Carl Winter, Erico Verissimo apropriou-se da temática histórica da imigração alemã, desconstruindo a imagem criada pela historiografia na medida em que a personagem não corresponde ao perfil do imigrante camponês, para finalmente explorar a visão de fora, própria do estrangeiro, sobre a sociedade rio-grandense. Assim, ao inserir na narrativa a personagem Carl Winter, caracterizada como um imigrante alemão, dando-lhe voz e assumindo o seu ponto de vista, Erico Verissimo adota o “olhar do outro”. Transformando-se no outro, ele consegue o distanciamento necessário para analisar sua própria sociedade.

Segundo Flávio Loureiro Chaves (2004), valendo-se de dados historiográficos, a Literatura tem a capacidade de lançar um novo olhar sobre a História, confirmando ou não a sua versão sobre os fatos, e, dessa forma, pode ultrapassar a circunstância histórica datada para representar uma visão do mundo. Nessa perspectiva, ao analisar um romance histórico, não devemos buscar na Literatura a História, mas sim sua *historicidade*, ou seja, o texto literário não interessa à História enquanto transcrição, mas enquanto instauração de seu significado.

A historicidade refere-se à visão do mundo que o texto contém e assegura sua vigência na experiência de leitores em diferentes momentos, os quais, respondendo às sugestões emitidas pelo texto, atualizam constantemente sua consciência e seu mundo na decifração do imaginário.

Todos os dados que Erico Verissimo capta da dinâmica histórica são assimilados pela natureza fictícia da obra, importando mais o “processo” que o próprio “fato”. Na estrutura temporal de *O Tempo e o Vento*, o passado é reconstruído como uma possibilidade de esclarecer o presente. Assim, a crônica histórica torna-se secundária enquanto conteúdo, mas indispensável enquanto “arcabouço” episódico (CHAVES, 1976, p.87). O elemento que

move a História está mais na representação das personagens fictícias e menos na cronologia dos fatos.

Para Moysés Vellinho (2001), ao fazer a revisão da História passada, e, nesse processo, incluir a crítica social, o texto literário se configura na oposição dialética entre os valores da coletividade retratada e os valores que o narrador toma por autênticos, transferindo-os para a vida das personagens no mundo imaginário da ficção.

O texto literário não pode, portanto, ser considerado um simples reflexo, emanção ou produto das circunstâncias históricas, nem pode ser reduzido a um sistema de formas sem relação com o movimento histórico e social. A Literatura exerce uma função social, é uma modalidade do imaginário, que não reproduz a realidade exterior, mas a transforma, exprimindo o que nela está reprimido ou latente.

Sendo assim, muitos historiadores têm se voltado para o texto literário para buscar conhecimentos que os auxiliem a interpretar o mundo social. A História Cultural, atualmente, pressupõe uma abertura à interdisciplinaridade e à comunicabilidade entre os diferentes discursos que falam do real.

Ao voltar seu olhar para a Literatura, Sandra Pesavento (1997) afirma que o historiador traz consigo toda uma bagagem de conhecimentos específicos, impulsionando-o a traçar um contexto para o tempo da narrativa e para o tempo da escritura. Dessa forma, o historiador contextualiza o texto no tempo e no espaço, social e institucionalmente, pois quer ver na narrativa literária uma verossimilhança com o contexto ao qual se refere. Assim, ele passa a aceitar o texto literário como sintoma de uma época, como representação, ou como um discurso que se constrói a partir da experiência do vivido.

No entanto, na opinião da historiadora, a maior contribuição da Literatura para a História está na possibilidade que ela oferece para o resgate das sensibilidades. A Literatura, através de seus enredos e personagens, revela sentimentos, desejos, frustrações, valores, inerentes aos indivíduos, que escapam ao alcance do relato historiográfico.

Nesse sentido, o historiador precisa da Literatura, na intenção de recuperar outras dimensões da vida, já que não só a História, mas também a Literatura guardam a memória coletiva de um povo, a qual também traz consigo relações sociais de poder. Como argumenta Sandra Pesavento (1997, p.250):

É neste ponto que a História-conhecimento, dotada de um método científico, deve buscar outras formas para fazer inteligível o passado, recuperando-o por uma estrutura alternativa que não aquela trazida pelos

documentos oficiais ou os métodos tradicionais. É a Literatura que lhe dá a sensibilidade, a sintonia fina que permite “captar” o passado de outra forma.

Como lembram também João Cláudio Arendt e Marília Conforto (2004, p.66), por pertencer ao âmbito das artes, voltada ao entretenimento, a Literatura produz livremente discursos que, no campo político e religioso, com certeza seriam condenados. Essa liberdade de mostrar a sociedade de forma mais crítica, característica do texto literário, pode ser aproveitada pelo pesquisador na construção do conhecimento histórico. Conforme os autores: “Na Literatura, podemos ler as fissuras, as contradições, as ambivalências e a crueldade, que, muitas vezes, o texto historiográfico, como discurso ‘científico’ unifica.”.

Pode-se dizer, então, que a análise da ficção, como um espaço onde a História acontece, contribui para a construção do conhecimento histórico, já que cria a possibilidade de uma nova interpretação ou uma reavaliação do evento histórico, enriquecida por aquilo que só o ser humano, enquanto sujeito da História, pode demonstrar: desejos, frustrações, anseios, medos que regem suas ações e que são vivenciados pelas personagens imaginárias da narrativa literária.

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, são justamente as personagens, através de seus atos e sentimentos, regulados pela visão do mundo do escritor, que vão dar a dimensão exata de como os seres humanos são envolvidos pela engrenagem do tempo e dos fatos, atuando na formação da sociedade, às vezes capazes, outras não, de dominar seus próprios destinos. As cenas apresentadas da vida privada e pública da família Terra-Cambará, na região missioneira do Rio Grande do Sul, não são apenas verossímeis. Mais do que isso, na forma e no conteúdo, sintetizam as práticas sociais gerais, essenciais e necessárias de toda a sociedade gaúcha da época representada.

O romance histórico, nesse sentido, descreve, sintetiza, explica e apreende singularidades essenciais do passado, constituindo um poderoso registro do mundo que o engendrou. Contudo, não devemos ver na Literatura uma substituta da História. Ambas registram e expressam as experiências humanas, mas cada uma na sua linguagem, cada uma com seu programa, complementando-se e tornando-se aliadas na interpretação do mundo.

Por fim, ao encerrarmos esta investigação, percebemos a amplitude dos estudos que envolvem a relação entre História e Literatura, demonstrando que esta questão está longe de ser esgotada. Da mesma forma com que analisamos a personagem Carl Winter na narrativa de *O Tempo e o Vento*, poderíamos fazer com outras incontáveis personagens que povoam o

mundo da ficção, pois são elas que nos dão a dimensão exata da complexidade do ser humano, inscrito em um tempo e espaço, representativo de uma época, de uma cultura, de uma visão do mundo. O ser histórico transfigura-se em ser fictício e se imortaliza na mente das várias gerações de leitores que se sucedem, eis a magia da Literatura, a sua força de renovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8. d. Coimbra: Livraria Almeida, 2002.
- ARENDT, João Cláudio; PAVANI, Cinara Ferreira. Imaginário social e representação literária: apontamentos sobre a poesia de Augusto Mayer. In: CHAVES, Flávio; BATTISTI, Elisa. *Cultura Regional 2: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- _____; CONFORTO, Marília. Cruzamentos: a representação da História no texto literário. In: CHAVES, Flávio; BATTISTI, Elisa. *Cultura Regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2004.
- ARISTOTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1996.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Einaudi*, Lisboa, *Anthropos-Homem*, n.5, 1986.
- BELLUZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Rio de Janeiro: Ojetiva/Fundação Odebrecht, 2003.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.
- _____; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BORNHEIM, Gerd. Filosofia do Romantismo. In: GUINSBURG, J.(org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva. 2002.
- BOSCH, Pedro; CASTILLO, Alberto del. Las razas humanas. In: *Las razas humanas: orígenes, Ásia, Oceania*. Barcelona: Gallach, 1963.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- _____. *O poder simbólico*. São Paulo: DIFEL, 1989.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BRUIT, Héctor H. *O imperialismo*. 12. ed. São Paulo: Atual, 1994.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: uma História*. São Paulo: Ática, 2003.
- BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, Antonio (org.). *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

CANDIDO, Antonio. Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

_____. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. III e IV vols. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1961.

_____. *Literatura Alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____. (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p.71-85.

_____. *Erico Verissimo: Realismo e Sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. *Matéria e Invenção: Ensaio de Literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

_____. *História e Literatura*. 3. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

_____. A História vista pela literatura. In: _____; BATISTI, Elisa (orgs). *Cultura Regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educ, 2004, p.9-18.

_____. *Ponta de Estoque*. Caxias do Sul, RS: Educ, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. *Dicionário de Símbolos*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORTÊS, Paixão; LESSA, Barbosa. *Aspectos da Sociabilidade Gaúcha*. Porto Alegre: Proletra, 1985.

COSTA, Lígia Militz da. *A Poética de Aristóteles: Mimese e Verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Representação e Teoria da Literatura: dos gregos aos pós-modernos*. Cruz Alta: Unicruz, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DILL, Aidê Campello. O Ensino no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da Cultura*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

DREYS, Nicolau. *Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol I e II. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do Romantismo. In: GUINSBURG, J. (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FALCON, Francisco José Calazans. *Illuminismo*. São Paulo: Ática, 1994.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. São Paulo: Ática, 2005.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

FOUQUET, Carlos. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1974.

FREITAS, Maria Teresa de. A história na literatura: princípios de abordagem. In: *Resgate: revista de cultura*. Unicamp, Papirus, v. 1, nº 2, 1991, 171-176.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRON, Loraine Slomp. Da identidade à etnicidade. In: CHAVES, Flávio Loureiro; BATISTI, Elisa (Orgs). *Cultura Regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: Educus, 2004.

GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sérgio (Orgs.) *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva. 2002.

HARMAM, P.M. *A Revolução Científica*. São Paulo: Ática, 1995.

HOHLFELDT, Antônio. *Literatura e vida social*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

HÖRMEYER, Joseph. *O Rio Grande do Sul de 1850: descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional*. Tradução de Heinrich A. W. Bunse. Porto Alegre: EDUNI-SUL, 1986.

ISABELLE, Arsène. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1833-1834*. Tradução de Dante de Laytano. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

KAYSER, Wolfgang. *Análise e interpretação da obra literária*. 7. ed. Coimbra: Arménio Amado, Editora, 1985.

KIEFER, Bruno. O Romantismo na música. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. Capitalismo e Colonização - os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José Hildebrando (Org.) *RS: imigração e colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural Dois*. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LEWONTIN, Richard C.; LEVINS, Richard. *Evolução*. Enciclopédia Einaudi. v. 6. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: _____. *Discursos de identidades*. Campinas, SP: Mercado Aberto, 2003, p. 13-28.

MAESTRI, Mário. História e literatura: O Quatrilho, um caso de amor pela RCI. In: *História: Debates e Tendências*. v.5, nº 1, jul/2004, p.9-32.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.15, ago.2001.

MONTANARI, Máximo. Sistemas alimentares e modelos de civilização. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Máximo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

PAVIANI, Jayme. *Cultura, humanismo e globalização*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998, p.89-112.

PESAVENTO, Sandra J. Cruzamentos de leitura: José Lins do Rego e Cyro Martins sob o olhar da história. In: AGUIAR, Flávio et alii (Orgs). *Gêneros de fronteira. Cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p.249 – 254.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade (seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth)*. São Paulo: UNESP, 1998.

POZENATO, José Clemente. *Processos Culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PRANDI, Carlo. *Tradições*. Enciclopédia Einaudi. V.36 (trad. Port.) Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977.

REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROCKENBACH, Sílvio Aloysio; FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Imigração alemã: 180 anos – História e Cultura*. Porto Alegre: Corag, 2004, p.11-12.
- ROSENFELD, Anatol. *Letras Germânicas*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- _____; GUINSBURG, J. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva. 2002.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1987.
- SANTOS, Rafael José dos. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VELLINHO, Moysés. O Tempo e o Vento. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.) *Ensaio Literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2001, p.123-131.
- VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Continente vol. 1 e 2*. São Paulo: Globo, 2002.
- _____. *Solo de Clarineta*. São Paulo: Globo, 1994.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. São Paulo: Scipione, 2006.
- VICTORIA, Luiz A.P. *Dicionário básico de mitologia: Grécia, Roma, Egito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.
- VOLOBUEF, Karin. *Frestas e arestas. A prosa de ficção no romantismo na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.7, nº 13, p.21- 48, 1994.
- WEISSHEIMER, Egidio. *Imigração Alemã no Brasil*. Instituto Genealógico do Rio Grande do Sul – INGERS. Disponível em <<http://www.ingers.org.br>>. Acesso em 17 out. 2007.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ZILBERMAN, Regina. Luzia Silva Cambará – revendo a tradição do mito. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.87-101.

YOUNG, Theodore Robert. *O questionamento da História em O Tempo e o Vento*. Lajeado: FATES, 1997.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CESAR, Guilhermino. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul: 1605-1801*. Porto Alegre: Editora da universidade /UFRGS, 1969.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 1997.

HOHLFELDT, Antônio. *Érico Veríssimo*. 3. ed. Porto Alegre: Amrigs, 1994.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. 2. ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.

JOURNET, Nicolas. *A Cultura: Do universal ao particular*. Tradução: Cleodes Maria Piazza Julio Ribeiro e José Clemente Pozenato. Paris: Editions Sciences Humaines, 2002.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Coleção Os Pensadores. Trad. Sérgio Milliet. Vol.1. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: DACANAL, José Hildebrando (org.) *RS: imigração e colonização*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

MULHALL, Michael George. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. Porto Alegre: Bels, 1974.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha; HUTTER, Lucy Maffei. *A colonização em São Pedro do Rio Grande do Sul durante o Império (1824-1889)*. Porto Alegre: Garatuja/Instituto Estadual do Livro, 1975.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. 8. ed. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. *O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. Fronteiras Culturais em um mundo planetário – paradoxos da(s) identidade(s) sul-americana(s). In: *Revista do CESLA* (Centro de Estudos Latino-americanos), nº 0, Varsóvia, 2006, p.9-19.

POZENATO, José Clemente. *O Regional e o Universal na literatura Gaúcha*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. O tempo e o vento: literatura, história e desmitificação. In: *MÉTIS: história e cultura*, v. 5, n. 9, jan./jun. 2006, p.289-312.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Ensaio*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1973.

SCHREINER, Renate. *Entre ficção e realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: FATES, UNISC, 1996.

SCHUPP, Pe. Ambrósio. *Os Muckers: episódio histórico extraído da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Livraria Selbach, [19--].

TRAMONTINI, Marcos Justo. *A organização social dos imigrantes*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*. 15. ed. Porto Alegre: Globo, 1994.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.